

AUDIO VIDEO MAGAZINE

ANO 23
JANEIRO / FEVEREIRO 2020

259

EDITORIA
MAG
www.clubedoaudiovideo.com.br

ARTE EM REPRODUÇÃO ELETRÔNICA

MELHOR INTEGRADO PRODUZIDO NO BRASIL

SUNRISE LAB V8 SS



EDIÇÃO ESPECIAL
MELHORES
DO ANO
2019



EXPLÊNDIDA MUSICALIDADE

CAIXA ACÚSTICA BOENICKE W8

TCL

The Creative Life

4K UHD TV **Ai.in** P8M

SUA TV 4K COM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



controle
por comando
de voz

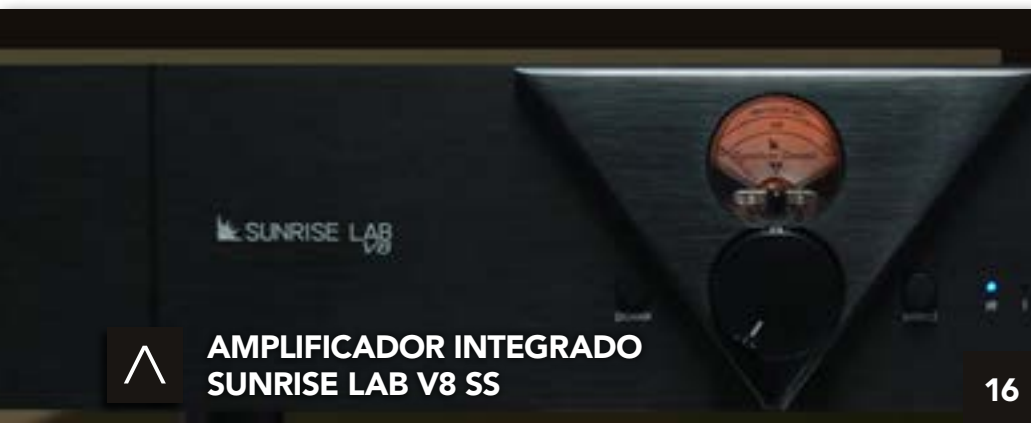


androidtv

 Google Assistant



ÍNDICE



AMPLIFICADOR INTEGRADO SUNRISE LAB V8 SS

16



EDITORIAL 4

Toda grande realização tem um começo



NOVIDADES 6

Grandes novidades das principais marcas do mercado



HI-END PELO MUNDO 12

Novidades



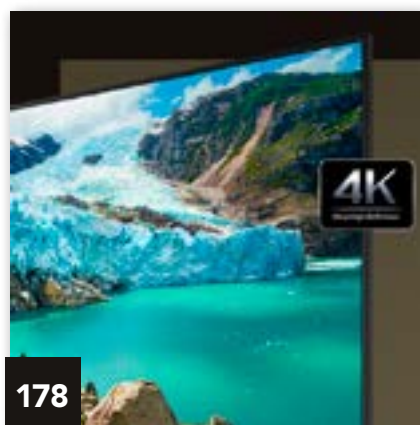
TESTES DE ÁUDIO

16

Amplificador integrado Sunrise Lab V8 SS

24

Caixa acústica Boenicke W8



MELHORES DO ANO 2019

41

Como utilizar a edição Melhores do Ano

42

Fone de ouvido

45

Cabos

67

Acessório

69

Pedestal

72

Cápsulas

84

Toca-discos

92

Prés de phono

100

Áudio

178

Vídeo



VENDAS E TROCAS 186

Excelentes oportunidades de negócios



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

TODA GRANDE REALIZAÇÃO TEM UM COMEÇO

Muitos historiadores consideram a data de 11 de novembro de 1920 como o marco das gravações feitas e vendidas para o grande público em discos de 12 polegadas. O evento que marca esta data foi a gravação do enterro simbólico do Guerreiro Desconhecido, na Abadia de Westminster, em Londres. Em um ato simbólico para marcar o Armistício da Primeira Guerra Mundial. Multidões acompanharam o cortejo e, com tamanha comoção nacional, o evento foi gravado e os engenheiros utilizaram, para o feito, quatro microfones de carbono de telefones colocados na Abadia - e depois o disco foi vendido com a narração de um lado e o hino Abide With Me do outro lado. E ainda que a gravação tivesse uma qualidade sonora sofrível, marcou o início histórico da música gravada com melhor qualidade que os antigos gramophones! Para esses historiadores, neste novo ano estamos comemorando os 100 anos do início da indústria fonográfica! Já para outros (especialmente os musicólogos) a data que realmente simboliza o nascimento da indústria fonográfica é 29 de abril de 1925, com a gravação da Orquestra da Filadélfia regida pelo maestro Leopold Stokowski, já com o sistema que se tornaria padrão mundial: o da Western Electric, que ampliou razoavelmente a banda de frequência audível, permitindo uma captação mais correta e com melhor inteligibilidade. Eu pessoalmente fico com os musicólogos, e acho que esta data marca de forma mais correta o início da busca pela alta fidelidade. Uma busca que já tem 95 anos! E que certamente avançou muito, principalmente a partir dos anos 60 (tanto na qualidade de captação e prensagem do material gravado, como na qualidade dos equipamentos de áudio, com o surgimento dos equipamentos hi-end). Duas grandes mudanças ainda ocorreram antes de chegarmos ao atual estágio da história da alta fidelidade: o Compact Disc e, mais recentemente, os sites de download de alta resolução e o streaming. E pelo andar da carruagem, o Streaming ganhou esta guerra de formatos e dominará, na próxima década, o mercado. Dados divulgados recentemente mostraram que o streaming já detém 80% do mercado nos Estados Unidos e mais de 70% na Europa e Ásia. E uma pesquisa da Associação Americana da Indústria de Gravação afirma que mais e mais usuários estão dispostos a pagar pelo serviço. O que impressiona é que este número de usuários em 2010 era de apenas 7% enquanto os downloads

digitais representavam 38% do mercado, e as mídias físicas (CD e LP) 52%. Dez anos depois, os números viraram de cabeça para baixo, com todas as mídias físicas representando míseros 9%. Outro dado que impressiona é o número de assinaturas pagas por música. Em 2010, 1,5 milhões de americanos assinavam esse serviço. Em 2019 subiu para 61 milhões! Este é o grande filão do mercado fonográfico e todos estão atentos e dispostos a seduzir novos clientes, com pacotes cada vez mais diversificados e completos ou com promoções que incluem áudio e vídeo e descontos por fidelidade na renovação das assinaturas. Já existem até pacotes para estudantes e empresas, em que a cada novo recrutamento o assinante que indicou ganha desconto no valor de sua anuidade. Deixando de lado a questão da qualidade do áudio de inúmeros desses streamings, o que importa é que esta é uma tendência irreversível e definirá os próximos passos tanto da indústria fonográfica como da indústria de áudio de alta qualidade. Particularmente, vejo com bons olhos toda esta revolução e sinto no dia a dia, na avaliação dos produtos que nos chegam para teste, que essas mudanças estão sendo muito positivas. Pois gradativamente o padrão de qualidade dos produtos ditos 'de entrada' estão melhorando absurdamente. E quem ganha somos nós consumidores!

Nesta edição Melhores do Ano, mais uma vez o leitor poderá ter uma ideia exata - diria até que uma radiografia - do atual estágio da alta fidelidade no mundo, e temos neste universo de produtos enviados para teste no ano de 2019 a constatação do que aqui escrevi: nunca produtos com preço mais acessíveis subiram tanto de patamar. Componentes com uma relação custo e performance inimagináveis para 10 anos atrás!

E, iniciando este 2020, testamos dois produtos que certamente farão história em nosso mercado. Ambos pelo grau de performance e refinamento.

Desejo a todos uma ótima leitura e que encontrem nesta gama de produtos Melhores do Ano seu próximo upgrade, seja o definitivo ou na escalada de mais um degrau na busca do sistema dos seus sonhos! ■



O melhor integrado produzido no Brasil

*A Sunrise Lab tem o prazer de
apresentar o V8 55, o amplifi-
cador nacional com a melhor
relação custo/performance já
avaliado pela AVMAG.*



Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica



SAMSUNG ELECTRONICS ANUNCIA SUAS LINHAS EXPANDIDAS DE TVS MICROLED, QLED 8K E LIFE STYLE NA CES 2020



As novas TVs atendem tanto às necessidades de entretenimento, quanto às de estilo de vida conectada, com qualidade de imagem, som e recursos inteligentes aprimorados.

A Samsung Electronics anunciou sua mais recente linha de TVs MicroLED, QLED 8K e Life Style na CES 2020. Com a introdução de novos tamanhos de tela, recursos de upscaling para 8K por meio de IA e uma tecnologia inovadora de orientação da tela, entre outras novidades, a Samsung mostrou como suas linhas para 2020 redefinem a imersão e revolucionam a integração com a casa.

“Os consumidores usam telas todos os dias, para trabalhar e fazer exercícios em casa e até fazer compras. Nosso estilo de vida continua evoluindo, e a tela da TV está acompanhando essa evolução, para fornecer aos consumidores acesso ao seus conteúdos favoritos e informações em tempo real, quando e onde quiserem”, disse Jong-hee Han, presidente da Divisão de Exibição Visual da Samsung Electronics. “Como parte de nossa visão de ‘Telas em todos os lugares’, é com grande entusiasmo que oferecemos uma experiência de exibição mais vívida e conectada para os lares, incorporando recursos habilitados para IA e tecnologia 8K aos nossos monitores.”

Pioneirismo do MicroLED no mercado de entretenimento doméstico

A Samsung lançou o MicroLED modular pronto para uso doméstico, combinando as tecnologias de tela de última geração com recursos de personalização sem precedentes. Agora, os consumidores podem ver pessoalmente a forma como as equipes de engenharia de design e inovação da Samsung reformularam a TV.

Com tamanhos de tela de 75, 88, 93 e 110 polegadas, os modelos MicroLED são perfeitos para uma variedade de lares e estilos de vida. Os novos modelos MicroLED de 88 e 150 polegadas trazem designs infinitos ultrafinos, praticamente removendo as bordas dos quatro lados, para um acabamento que combina perfeitamente com qualquer parede. E os consumidores também podem conectar vários painéis MicroLED, para criar novas combinações e adaptar sua TV ao seu espaço específico.

As telas MicroLED oferecem a melhor qualidade de imagem da categoria. Elas proporcionam maior profundidade, melhor resolução e maior clareza, além de um pico de brilho de 5.000 nits. Elas também aproveitam habilidades de upscaling baseadas em deep

learning para fornecer conteúdos da mais alta qualidade, independentemente da fonte. O resultado é que essas telas MicroLED fornecem uma sensação de imersão incomparável para a experiência de visualização em casa.



A TV de Estilo de Vida “The Sero” expande as possibilidades para as telas no mercado global

A Samsung também está ampliando seu portfólio de TVs de Estilo de Vida com um lançamento expandido da The Sero. A The Sero (“Sero” significa “vertical”, em coreano) permite que você alterne entre as orientações horizontal e vertical - como acontece com um smartphone ou tablet. Após o lançamento inicial na Coreia do Sul, no ano passado, a Samsung está pronta para expandir a disponibilidade da The Sero para diversos mercados globais em 2020.

A tecnologia de orientação de exibição da The Sero se conecta perfeitamente aos dispositivos móveis dos usuários, para exibir conteúdo de forma suave e natural, tanto nos formatos horizontais tradicionais, quanto nos formatos verticais projetados para o consumo móvel. Os consumidores poderão desfrutar de uma variedade de conteúdos - incluindo redes sociais, YouTube e outros vídeos pessoais - com a mesma orientação de tela que seu dispositivo móvel.

Voltada para os consumidores da Geração Z e os “millennials”, a The Sero apresenta um design moderno, que se destaca em qualquer espaço, e uma variedade de recursos de exibição diferentes para quando não está em uso. Vencedora do prêmio de “Melhor Inovação” da CTA na CES, a The Sero combina as funções revolucionárias dos modelos topo de linha da Samsung com uma nova abordagem para tecnologias de entretenimento doméstico, aten-

dendo às necessidades e hábitos de um número cada vez maior de pessoas que assistem a vídeos em dispositivos móveis.

“Hoje em dia, os consumidores esperam que as TVs possam se integrar totalmente ao seu estilo de vida, e a Samsung está redefinindo o papel da tela, criando novos serviços digitais e novos designs para melhorar a vida das pessoas”, disse Grace Dolan, vice-presidente de Comunicação de Marketing da Samsung Electronics America.



NOVIDADES



Expansão da linha QLED 8K com processador AI Quantum 8K e design reforçados

A TV Q950TS QLED 8K, topo de linha da Samsung, é a primeira TV 8K do setor a combinar um design ultrafino, uma qualidade de imagem 8K premium e um som surround impressionante. Além disso, a Q950TS vem com uma 'Tela Infinita' cuja proporção entre tela e corpo é de 99%, criando uma experiência de visualização sem precedentes.

Com resolução 8K, a Q950TS oferece a melhor qualidade de imagem LCD do mercado. Equipada com o processador AI Quantum 8K, ela apresenta recursos internos de upscaling para 8K por meio de IA e deep learning, que convertem automaticamente conteúdos que não são 8K para uma resolução 8K perfeita e realista. Com um recurso chamado Imagem Adaptativa, ela também pode otimizar a tela de acordo com as condições do ambiente e imagens individuais. E o processador AI Quantum - a força por trás dessa TV topo de linha - também está ajudando a potencializar a plataforma aberta para a casa inteligente da Samsung, a Tizen, permitindo que os usuários tenham a experiência completa: desde qualidade de imagem aprimorada, até maior usabilidade para outras funções domésticas conectadas.

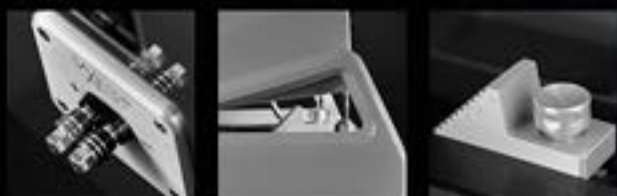
Com as melhorias na qualidade da imagem e no design da linha QLED 8K, o ecossistema 8K continua a crescer para fornecer uma reprodução perfeita de conteúdo 8K de várias plataformas, como o YouTube, por exemplo. A adoção do codec AV1 permite taxas de compactação melhores, além de suporte à tecnologia HDR10+, dimensionalidade da imagem, otimização de brilho e taxa de contraste.

E, tirando proveito da qualidade de imagem amplificada, estão os recursos de som premium da QLED 8K - Q-Symphony, OTS+ (Object Tracking Sound+) e amplificador de voz ativo. Esses recursos maximizam a imersividade do som, fornecendo áudio dimensional e dinâmico que corresponde à experiência de visualização na tela grande. E, quando sincronizados com a soundbar HQ-Q800T, vencedora do prêmio de "Melhor Inovação" da CTA, os alto-falantes da TV servem como um canal de áudio adicional e criam uma paisagem sonora mais dinâmica. ■

Para mais informações:
Samsung
www.samsung.com.br

Conecte-se à
essência da MÚSICA

SASHA™ DAW



Yvette



Sabrina



WILSON®
AUDIO

www.ferraritechnologies.com.br
Telefone: (11) 5102.2902 • info@ferraritechnologies.com.br



FERRARI
TECHNOLOGIES
Áudio, Vídeo e Acústica

NOVA LINHA DE SOUNDBARS DA LG TRAZ EXPERIÊNCIA DE ÁUDIO PREMIUM PARA OS CONSUMIDORES



SN11RG

Na CES 2020, a LG Electronics (LG) apresentou uma nova linha de soundbars que combinam áudio de qualidade premium, conexão facilitada, funcionalidades inteligentes e design elegante, que se integram perfeitamente com as deslumbrantes TVs LG.

Os novos modelos de soundbar entregam experiência de áudio fiel, cuja precisão e profundidade cativam o ouvinte. A coleção 2020 é mais um fruto da longa parceria da LG com a Meridian Audio e traz mais modelos com as tecnologias aperfeiçoadas da empresa, como Bass and Space, que melhora a reprodução de sons em baixa frequência e amplia a sonoridade, e Image Elevation, que garante uma experiência auditiva mais real ao elevar a altura percebida do instrumento principal e dos vocais. Além disso, a maior parte da linha 2020 é compatível com as tecnologias Dolby Atmos e DTS:X, para proporcionar um áudio dinâmico e completamente imersivo.

Novidade nos modelos de soundbars premium da LG, a tecnologia AI Room Calibration otimiza o som ao ajustá-lo automaticamente às características específicas de cada ambiente. Autocalibrados, esses modelos avançados reconhecem e analisam os tons para calcular corretamente as dimensões de um espaço e fazer os ajustes necessários. Ao permitir a reprodução de conteúdos com Dolby Atmos ou DTS:X, os modelos permitem que os usuários desfrutem de um som surround de tirar o fôlego, dando a impressão de que o áudio vem de diversas direções. Os soundbars premium da LG ainda contam com moderno algoritmo de processamento que converte arquivos de formatos convencionais, deixando-os com uma qualidade próxima à de sons produzidos em estúdio.

Além disso, para uma experiência de cinema em casa ainda mais real, os novos soundbars da LG oferecem Pass-Through de 4K e áudio cinematográfico com o SPK8 Wireless Rear Speaker Kit, um kit opcional compatível com a maioria dos novos modelos de soundbar da LG.

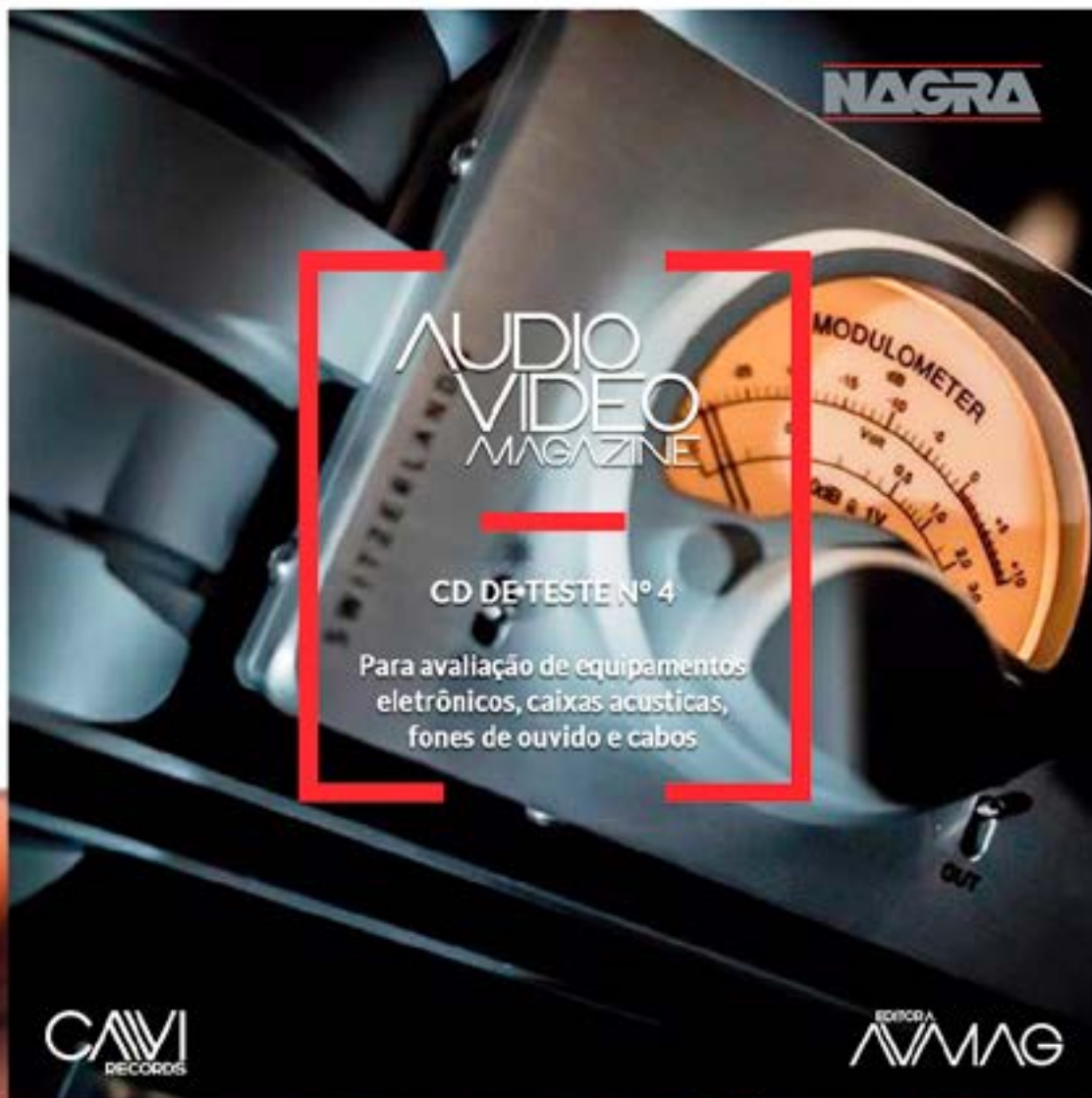
Além disso, boa parte dos soundbars da coleção 2020 já vêm com o Google Assistente, podendo ser usados pelos usuários para controlar dispositivos de smart home com mais conforto e facilidade. A conectividade ficará ainda mais fácil com a chegada de um eARC (canal de retorno de áudio aprimorado). Com isso, os usuários poderão conectar dispositivos externos a TVs compatíveis com eARC e curtir áudios de alta resolução com som tridimensional em formatos como Dolby True HD ou DTS Master Audio.

Dois dos novos soundbars da LG foram premiados com o CES Innovation Award. Os modelos premium SN9YG e SN11RG foram reconhecidos por sua excelente qualidade de som e usabilidade, enquanto o flagship SN11RG foi premiado por contar com completo sistema de 7.1.4 canais com dois alto-falantes traseiros sem fio que distribuem o som para frente e para cima, criando um efeito de 360 graus que encanta os ouvintes. Os designs elegantes desses soundbars continuarão se destacando e combinam perfeitamente com a estética minimalista e moderna das TVs de 55 e 65 polegadas da LG, criando um conjunto fluido e harmônico para qualquer ambiente.

“Nossa meta sempre foi trazer a melhor experiência de som para mais pessoas e oferecer mais opções de produtos resultantes de nossa bem-sucedida parceria com a Meridian. Com os mais recentes soundbars, conseguimos fazer isso”, disse Park Hyung-woo, head da divisão de áudio e vídeo da LG Home Entertainment Company. “Com alta performance, praticidade e muita versatilidade, os novos modelos da LG tornarão a experiência de áudio premium mais acessível para clientes em todo o mundo.” ■

Para mais informações:
LG
www.lg.com/br

USE E ABUSE



FAÇA O DOWNLOAD GRATUITO DESTA CD EM NOSSO WEBSITE,
E UTILIZE PARA SEUS EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS, CAIXAS
ACÚSTICAS, FONES DE OUVIDO E CABOS E EM FUTUROS UPGRADES.



WWW.CLUBEDOAUDIO.COM.BR/CDDTESTE4





HI-END PELO MUNDO



AMPLIFICADOR INTEGRADO LINEAR TUBE AUDIO ZOTL Z40

A empresa americana Linear Tube Audio (LTA) - com uma extensa linha de amplificadores, prês fono e DACs - pegou seu amplificador 40 e transformou no integrado Z40, que usa 4 válvulas KT77 para prover 51 W por canal em 8 Ohms (prometendo timbre de válvula e detalhamento de solid state). O Z40 traz 4 entradas RCA e 1 XLR, saídas para fones de ouvido (de alta e de baixa impedância), entrada e saída Tape, atenuador de volume de precisão e controle remoto. O aparelho, cujo design e gabinete são feitos pela Fern & Roby, tem uma etiqueta de preço de US\$ 7.650, nos EUA. ■

www.lineartubeaudio.com

NOVO DIGITAL SHARING STREAMER DA MÉTRONOME

A empresa francesa Métronome, especialista em digital, está lançando a mais recente adição à sua linha Digital Sharing: o DSS, ou Digital Sharing Streamer, primeiro transportador de streaming da empresa (sem DAC interno). O DSS trabalha com todos os formatos de arquivos digitais de áudio em PCM até 384 kHz, em DSD até 64, e em MQA, isso via ethernet, Wi-Fi, UPnP e DLNA, além de compatibilidade Roon, Airplay 1 e Airplay 2, e entradas USB. O preço do transportador streamer DSS da Métronome é de 3.490 Euros, na Europa. ■

www.metronome.audio



CÁPSULAS EXCALIBUR PLATINUM/SILVER DA TAD AUDIOVERTRIEB

A empresa alemã TAD Audiovertrieb comercializa a linha Excalibur de cápsulas MC (Moving Coil) para toca-discos de vinil, que já possuía cinco modelos (Gold, Black, Red, Green, Blue). Agora a empresa adicionou o modelo topo Platinum/Silver à linha - toda fabricada no Japão sob as especificações da TAD - que traz cantilever de boro de compliância média, diamante com perfil Microridge e uma boa saída baixa de 0.45mV que, junto ao peso de apenas 7,5 gramas, faz dela uma cápsula de grande compatibilidade. O preço da Excalibur Platinum/Silver é de 1300 Euros, na Europa. ■

www.tad-audiovertrieb.de





INTEGRADO WSLIM LITE DA WAVERSA SYSTEMS

A japonesa Waversa Systems possui uma extensa linha de amplificadores, pré de fono, DACs, streamers e NAS. Seu mais novo produto é o amplificador integrado WSlime LITE que é um all-in-one digital com design fino e tamanho reduzido, trazendo entradas digitais ethernet, USB, S/PDIF e ótica, além de Bluetooth, AirPlay e DLNA. O LITE provê 80 W por canal e possui um processamento de áudio proprietário da empresa - o Waversa Audio Processor WAP/X type 3 - que simula os harmônicos de válvulas Western Electric 300B. O preço do amplificador WSlime LITE é de US\$ 1.300 - com preço promocional de lançamento de US\$ 999. ■

www.waversasystems.com

AMPLIFICADOR INTEGRADO SOULNOTE A-1

A marca japonesa Soulnote - que possui uma linha de prês de fono, amplificadores, DACs, CD-Players e SACD-Players - está lançando o amplificador integrado A-1, intermediário da linha, que traz um circuito transistorizado discreto de alta velocidade com zero de realimentação, feito com componentes e transistores selecionados e transformador toroidal, provendo 120 W em 4 ohms, com 3 entradas RCA e 1 entrada balanceada XLR. O preço do integrado Soulnote A-1 é de 159.000 lenes, no Japão. ■

www.kcsr.co.jp/soulnote.html



CASE COMEMORATIVO DA FOCAL SYMPHONIE 40TH

A fabricante francesa de caixas acústicas Focal está comemorando seus 40 anos com o Symphonie 40th, um case com acabamento em Ébano Macassar, edição especial e totalmente limitada - focada em sua linha de fones de ouvido hi-end. O case traz um fone de ouvido topo de linha Utopia, open-back (aberto, sem isolamento acústico) para ouvir em casa acompanhado do DAC & amplificador de fones Focal Arche, e cabos especiais. O case traz também um fone Stellia, fechado com isolamento acústico, cabos especiais e um player digital portátil hi-res QPM da Questyle acompanhando. O preço do case Symphonie 40th pode chegar à US\$ 18.000. ■

www.focal.com





RANKING DE TESTES DA ÁUDIO VÍDEO MAGAZINE

Apresentamos aqui o ranking atualizado dos produtos selecionados que foram analisados por nossa metodologia nos últimos anos, ordenados pelas maiores notas totais. Todos os produtos listados continuam em linha no exterior e/ou sendo distribuídos no Brasil.

AUDIO
VIDEO
MAGAZINE

TOP 5 - AMPLIFICADORES INTEGRADOS

Hegel H590 - 97,5 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.256
Sunrise Lab V8 SS - 96 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.259
Hegel H360 - 95 pontos (Estado da Arte) - Mediagear - Ed.235
Aavik U-300 - 94 pontos (Estado da Arte) - Som Maior - Ed.220
Luxman L-590AX MKII - 93 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.229

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES

Nagra HD Preamp - 110 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
CH Precision L1 - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.239
D'Agostino Momentum - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198
Audio Research Ref 6 - 98 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.243
Luxman C-900U - 98 pontos (Estado da Arte) - Alpha Áudio e Vídeo - Ed.232

TOP 5 - AMPLIFICADORES DE POTÊNCIA

CH Precision M1 - 106 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.238
Nagra Classic Amp Mono - 104 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Goldmund Telos 2500 - 104 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.200
Audio Research 160M - 102 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed. 251
Nagra Classic Amp Estereo - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258

TOP 5 - PRÉ-AMPLIFICADORES DE PHONO

Boulder 508 - 102 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.253
Tom Evans The Groove+ - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.204
Pass Labs XP-25 - 95 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.170
Gold Note PH-10 - 93 pontos (Estado da Arte) - Living Stereo - Ed.249
Esoteric E-03 - 92 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.198

TOP 5 - FONTES DIGITAIS

MSB Select DAC - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.252
dCS Rossini - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.250
dCS Scarlatti - 100 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.183
Mark Levinson N°519 - 99 pontos (Estado da Arte) - AV Group - Ed.230
dCS Rossini - 94 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed. 226

TOP 5 - TOCA-DISCOS DE VINIL

Basis Debut - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.196
Acoustic Signature Storm MkII - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.257
Transrotor Rondino - 103 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.186
Dr Feickert Blackbird (braço: Reed 3Q) - 95 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.199
AMG Viella V12 - 95 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.189

TOP 5 - CÁPSULAS DE PHONO

Soundsmith Hyperion MKII ES - 106 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.256
MY Sonic Lab Ultra Eminent EX - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.202
Air Tight PC-1 Supreme - 105 pontos (Estado da Arte) - Alpha Audio & Vídeo - Ed.196
MC Murasakino Sumile - 103 pontos (Estado da Arte) - KW Hi-Fi - Ed. 245
vdH The Crimson SE - 99 pontos (Estado da Arte) - Rivergate - Ed.212

TOP 5 - CAIXAS ACÚSTICAS

Wilson Audio Alexandria XLF - 104 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.200
Wilson Audio Sasha DAW - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.256
Rockport Avior II - 101 pontos (Estado da Arte) - Performance AV Systems Ltda. - Ed.258
Evolution Acoustics MMThree - 100 pontos (Estado da Arte) - Logical Design - Ed.176
Kharma Exquisite Midi - 99 pontos (Estado da Arte) - Maison de La Musique - Ed.198

TOP 5 - CABOS DE CAIXA

Transparent Audio Reference XL G5 - 103,5 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.231
Crystal Cable Absolute Dream - 103 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.205
Sunrise Lab Reference Quintessence Magic Scope - 101 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.240
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257
Sax Soul Ágata - 100 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul Cables - Ed.228

TOP 5 - CABOS DE INTERCONEXÃO

Dynamique Audio Apex - 106 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.258
Transparent Opus G5 XLR - 105 pontos (Estado da Arte) - Ferrari Technologies - Ed.214
Sax Soul Ágata II - 103 pontos (Estado da Arte) - Sax Soul - Ed.251
Sunrise Lab Quintessence - 102 pontos (Estado da Arte) - Sunrise Lab - Ed.244
Dynamique Audio Halo 2 - 100 pontos (Estado da Arte) - German Audio - Ed.257



GUIA BÁSICO PARA A METODOLOGIA DE TESTES

Para a avaliação da qualidade sonora de equipamentos de áudio, a *Áudio Vídeo Magazine* utiliza-se de alguns pré-requisitos - como salas com boa acústica, correto posicionamento das caixas acústicas, instalação elétrica dedicada, gravações de alta qualidade, entre outros - além de uma série de critérios que quantificamos a fim de estabelecer uma nota e uma classificação para cada equipamento analisado. Segue uma visão geral de cada critério:

EQUILÍBRIO TONAL

Estabelece se não há deficiências no equilíbrio entre graves, médios e agudos, procurando um resultado sonoro mais próximo da referência: o som real dos instrumentos acústicos, tanto em resposta de frequência como em qualidade tímbrica e coerência. Um agudo mais brilhante do que normalmente o instrumento real é, por exemplo, pode ser sinal de qualidade inferior.

PALCO SONORO

Um bom equipamento, seguindo os pré-requisitos citados acima, provê uma ilusão de palco como se o ouvinte estivesse presente à gravação ou apresentação ao vivo. Aqui se avalia a qualidade dessa ilusão, quanto à localização dos instrumentos, foco, descongestionamento, ambiência, entre outros.

TEXTURA

Cada instrumento, e a interação harmônica entre todos que estão tocando em uma peça musical, tem uma série de detalhes e complementos sonoros ao seu timbre e suas particularidades. Uma boa analogia para perceber as texturas é pensar em uma fotografia, se os detalhes estão ou não presentes, e quão nítida ela é.

TRANSIENTES

É o tempo entre a saída e o decaimento (extinção) de um som, visto pela ótica da velocidade, precisão, ataque e intencionalidade. Um bom exemplo para se avaliar a qualidade da resposta de transientes de um sistema é ouvindo piano, por exemplo, ou percussão, onde um equipamento melhor deixará mais clara e nítida a diferença de intencionalidade do músico entre cada batida em uma percussão ou tecla de piano.

DINÂMICA

É o contraste e a variação entre o som mais baixo e suave de um acontecimento musical, e o som mais alto do mesmo acontecimento. A dinâmica pode ser percebida até em volumes mais baixos. Um bom exemplo é, ao ouvir um som de uma TV, durante um filme, perceber que o bater de uma porta ou o tiro de um canhão têm intensidades muito próximas, fora da realidade - é um som comprimido e, portanto, com pouquíssima variação dinâmica.

CORPO HARMÔNICO

É o que denomina o tamanho dos instrumentos na reprodução eletrônica, em comparação com o acontecimento musical na vida real. Um instrumento pode parecer 'pequeno' quando reproduzido por um devido equipamento, denotando pobreza harmônica, e pode até parecer muito maior que a vida real, parecendo que um vocalista ou instrumentista sejam gigantes.

ORGANICIDADE

É a capacidade de um acontecimento musical, reproduzido eletronicamente, ser percebido como real, ou o mais próximo disso - é a sensação de 'estar lá'. Um dos dois conceitos subjetivos de nossa metodologia, e o mais dependente do ouvinte ter experiência com música acústica (e não ampliada) sendo reproduzida ao vivo - como em um concerto de música clássica ou apresentação de jazz, por exemplo.

MUSICALIDADE

É o segundo conceito subjetivo, e necessita que o ouvinte tenha sensibilidade, intimidade e conhecimento de música acima da média. Seria uma forma subjetiva de se analisar a organicidade, sendo ambos conceitos que raramente têm notas divergentes.



AMPLIFICADOR INTEGRADO SUNRISE LAB V8 SS

XX Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Colocando em uma linha do tempo a trajetória desde o lançamento do V8 MkI, em 2012, percebemos claramente que o engenheiro Ulisses da Sunrise Lab trabalhou incansavelmente para a realização de aprimoramentos neste integrado para que seus clientes pudessem realizar os upgrades de uma série para outra sem trocar o equipamento.

Acho que nem o Ulisses imaginaria o sucesso que o V8 atingiu nesses 8 anos de existência. E não falo do volume de vendas (ainda que seja muito significativo para a realidade do mercado nacional de hi-end), mas sim da possibilidade de se manter o aparelho pagando apenas o valor da atualização - que custa uma fração do valor do produto.

Esta estratégia criou uma fidelidade que se tornou um 'case' de mercado e fez com que a Sunrise aplicasse este mesmo processo na sua linha de cabos. Resultado: clientes satisfeitos e crescimento de vendas ano à ano de toda a linha de produtos! Mas nada disto

seria possível se realmente o V8 não tivesse uma relação custo/performance surpreendente. E se todas as descobertas e avanços desenvolvidos pela Sunrise não fossem rapidamente repassados para as novas versões.

O Ulisses compreendeu que os avanços neste segmento hi-end são muito constantes, deixando os equipamentos que não se adequam a esta realidade defasados rapidamente. Como diria meu pai: "Não dá para deitar os louros", pois quem o fizer será literalmente atropelado pela concorrência.

Testamos o V8 original, a versão MkII, mais recentemente a MkIV e, agora, o V8 SS, que acredito (mas conhecendo o Ulisses, posso errar feio) será a versão final deste incrível integrado. Os que não conhecem o equipamento, mas leram os testes, podem perceber pela pontuação de cada versão o quanto os upgrades foram consistentes e fizeram o V8 pular de patamar. Mas parece que o Ulisses deixou para o ato final sua obra-prima!

E transcrevo aqui o texto que ele nos enviou junto com o aparelho:

“Apesar do enorme sucesso do atual, e em produção, V8 MkIV, diante de fontes mais complexas e de caixas mais refinadas, notou-se que havia espaço no mercado para uma versão aprimorada. Foram realizados estudos sistemáticos procurando os limites da atual topologia e suas reais possibilidades de evolução, sempre considerando manter a filosofia da empresa e possibilitar que a nova versão pudesse ser oferecida como upgrade da atual. Este estudo apontou para mudanças radicais na fonte de alimentação e nas etapas de ganho e buffer do pré-amplificador, na filtragem especial da entrada da rede elétrica, na limitação da resposta de frequência da etapa de amplificação e na implementação de suas fontes de alimentação. Tal conjunto de alterações resultou tecnicamente em aumento considerável na banda passante total e redução de distorção e da rotação de fase, redução do piso de ruído dinâmico e aumento do fator de amortecimento dinâmico. Nas audições críticas, notamos melhor distribuição da energia pelo palco sonoro e ampliação da sensação de força, linearidade e naturalidade de timbre. A capacidade de reprodução de sutilezas até então imperceptíveis, aparece agora com enorme clareza. Os mais de 300 Watts de potência por canal em 4 ohms são, agora, plenamente aproveitáveis, pois a saturação no final da curva de potência ficou praticamente imperceptível. Esteticamente, a única diferença visual encontra-se no VU, com uma nova grafia.”

Transcrevi na íntegra o texto enviado, pois achei que ele pode nos dar uma pista do que ouvir detalhadamente neste teste e também nos ajuda no momento em que colocarmos lado a lado o V8 SS com o V8 MkIV, que a Sunrise gentilmente nos emprestou.

Seria excelente se pudéssemos ter sempre o antecessor do modelo atual de todos os produtos enviados para a realização de nossas observações auditivas, mas isto é uma utopia. Então, quando ocorre, é motivo de comemoração! Afinal, como o Ulisses esclarece, o MkIV continua em linha.

O V8 SS é uma série especial, um pouco mais caro que o V8 MkIV, mas que o leitor verá, ao término deste teste, que o investimento vale cada centavo.

Para o teste utilizamos as seguintes caixas: Boenicke W8 (leia teste 2 nesta edição), W5SE, Rockport Avior MkII e Wilson Audio Sasha DAW. Fontes analógicas: Thorens TD 550 com braço SME Series V, cápsula Transfiguration Proteus, toca-discos Acoustic Signature Storm com braço SME Series V e cápsula Soundsmith Hyperion 2. Pré de phono: Boulder 500. Fonte digital: dCS Scarlatti. Cabos de interconexão: Quintessence da Sunrise Lab, Dynamique Audio Apex e Halo 2, Ágata da Sax Soul. Cabos de caixa: Quintessence da Sunrise Lab, e Halo 2 da Dynamique Audio. Cabos de força: Illusion e Quintessence da Sunrise Lab, Halo 2 da Dynamique Audio, e PowerLink MM2 da Transparent Audio.

Este setup foi usado em ambos os integrados V8. O que facilitou muito observar todas as diferenças, que são muito audíveis e não precisa ter ‘ouvido de ouro’, ser sintético, analítico, curva personalizada de equalização ou qualquer dessas modas que inventam a todo instante.

Basta sentar e ouvir!

Os interessados no teste do V8 MkIV por favor releiam a edição 234. Lá descrevi em detalhes todas as qualidades do integrado e deixei explícita sua evolução consistente dos modelos anteriores e o quanto sua sua relação custo/performance é difícil de bater em sua faixa de preço (principalmente agora com o dólar acima dos 4 reais).

Mas o V8 SS é de outra estirpe, amigo leitor. Comparar o SS com a versão MkIV é como roubar pirulito de criança. Você não precisa mais que duas ou três faixas para concordar com o que aqui escrevo. Se a política da Sunrise Lab não fosse a de criar uma fidelidade total com os seus clientes, o V8 SS poderia tranquilamente inaugurar uma nova série de integrados deste fabricante, com um novo painel e uma nova fase em termos de refinamento e qualidade.



Tudo soa com maior folga, melhor silêncio de fundo, mais neutro, realista e principalmente correto. Seu equilíbrio tonal é magnífico, possibilitando que os timbres sejam ricos, detalhados e uniformes. No CD Timbres, as diferenças dos microfones são retratadas com tamanha fidelidade que nos remeteu imediatamente aos amplificadores Estado da Arte acima de 95 pontos. Nesses equipamentos, quando ouvimos as faixas com instrumentos de sopros no microfone AKG, alguns desses instrumentos parecem samplers e não o instrumento real! Pois o V8 SS mostrou essas diferenças dos microfones com este grau de realismo!

As texturas são palpáveis e nos apresentam todos os detalhes de intencionalidade existentes na gravação. O soundstage nos mostra os planos com precisão milimétrica, assim como o foco, recorte e a ambiência. Nada de imagens reduzidas ou com aquela sensação de músicos empilhados um por cima do outro. A largura, altura e profundidade é de equipamentos Estado da Arte de nível superlativo.

Assim como o silêncio em volta dos solistas, que fazem como que o nosso cérebro relaxe e aprecie aquele momento com total concentração e admiração!

Os transientes são nocauteadores, tamanha a precisão e correção. Você entende cada nota, por mais complexa que aquela execução seja. Sua dinâmica está entre os melhores integrados que já testamos e com as melhores pontuações, tanto a micro, como a macrodinâmica.

Ouvimos exemplos de macrodinâmica capazes de derrubar powers infinitamente mais caros. E o V8 SS se mostrou impávido e conduziu nestes exemplos à caixa com enorme autoridade e segurança.

O corpo harmônico foi o único quesito em que o V8 MkIV 'ombrou' com o V8 SS. Aqui as diferenças foram muito pontuais, somente em duas gravações percebemos que o corpo no V8 SS era ligeiramente maior e mais realista (uma gravação de piano e cello e outra de contrabaixo acústico e cello). Nas demais gravações que usamos para análise deste quesito, ambos se comportaram de maneira idêntica.

No quesito Organicidade, a materialização física do acontecimento musical se faz de maneira muito mais verossímil no V8 SS, com os solistas ali na nossa frente ao alcance de nossas mãos! E na Musicalidade, o conforto auditivo do V8 SS é tão superior, que nos faz, mesmo depois de horas de audição, sair com fadiga zero!

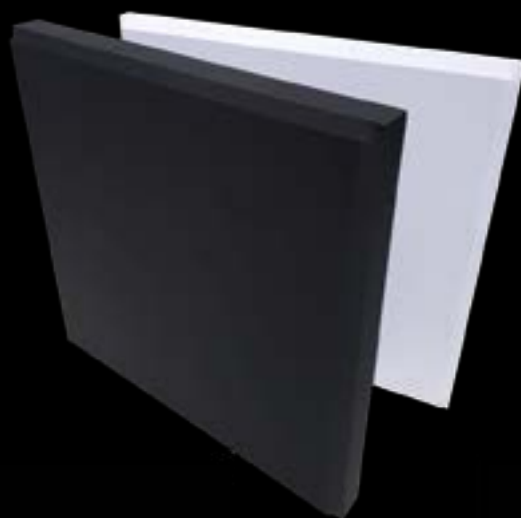
Acredito ter feito uma explanação objetiva das diferenças entre ambos os modelos. Mas preciso acrescentar outras questões que acho de enorme importância. É digno de nota a escolha do engenheiro Ulisses de manter o SS na linha evolutiva do V8. Pois, como escrevi, ele poderia tranquilamente criar uma nova geração de integrados, já que o salto dado neste SS é muito grande em relação ao MkIV.

Talvez, inconscientemente (olha eu utilizando a psicanálise para tentar avaliar a escolha, rs), ele quis dar aos seus clientes a oportunidade de fechar a trajetória deste incrível integrado, brindando-os com esta versão final SS. E se foi esta sua decisão, quem sou eu para dizer se está certo ou errado?

O que posso dizer é que se trata, desde a fundação da revista, do integrado com a melhor relação custo/performance já avaliado. E que certamente entrará para a história da alta-fidelidade nacional como o aparelho que ganhou a melhor pontuação de todos os tempos! E isto é um feito que deve ser comemorado, principalmente por todos que desejam um produto de alto nível que caiba em seus orçamentos.



Faça um upgrade seguro no seu sistema: Escute-o corretamente!



O novo painel acústico Pererí oferece funcionalidade, eficiência e requinte.

Também desenvolvemos ressonadores, difusores customizados, absorvedores, portas acústicas, racks, pedestais, entre outras peças e dispositivos para salas de audição, estúdios e home theaters.



hi-fi experience
www.hifiexperience.com.br

Este é, para mim, o maior feito deste V8 SS: possibilitar que inúmeros de nossos leitores possam sonhar em ter um integrado Estado da Arte que podem pagar!

A medida que fui realizando o teste, e observando todas as suas inúmeras qualidades e seu alto grau de compatibilidade com todas as caixas e cabos, é que me dei conta que também seria tranquilamente um consumidor para este produto. Pois, para as poucas horas de folga que tenho, colocar meus discos e relaxar esquecendo do mundo, o V8 SS é uma excelente companhia.

E, afinal, também preciso dar uma folga para o nosso Sistema de Referência, que trabalha praticamente os 365 dias do ano, às vezes em jornadas de 10 a 12 horas diárias!

Uma coisa é certa: pretendo, nos futuros Cursos de Percepção Auditiva (que iniciarei no 1º semestre), utilizar no nosso segundo

sistema de referência o V8 SS, com certeza. Agora só preciso definir que caixas utilizarei e que fonte. Como irei tirar 15 dias de férias merecidas após o término desta edição, terei tempo para pensar neste setup com enorme carinho. Pois o V8 SS não só merece os melhores pares possíveis, como pode tranquilamente se tornar o integrado definitivo de qualquer melômano e audiófilo.

O Ulisses ainda está em fase de acabamento do novo pré de phono, que pode ser disponibilizado junto com a versão MkIV e com o SS. Eu ainda não escutei esse novo pré, mas pelos relatos do próprio Ulisses e de quem já escutou, é um outro salto em relação ao atual pré de phono da Sunrise. Me comprometo, assim que estiver à disposição, contar para vocês nossas impressões.

O que sei é que o V8 SS que teremos no segundo Sistema de Referência já virá com o pré de phono. Pois assim também daremos uma folga para o Boulder 500.



DYNAUDIO



EVOKE

Evoke é para ser ouvida na sala de estar. Nas salas de cinema em sua casa. Nas salas de audição. É o Hi-Fi de qualidade para todos os ambientes.

Esta nova gama de falantes utiliza tecnologia avançada diretamente dos nossos produtos topo de linha, incluindo acabamentos, tecnologia de condução e design. Isso significa que cada um dos cinco modelos Evoke pode vibrar com você, crescer com você e ficar com você de qualquer forma que você escute.



(11) 3582-3994
contato@impel.com.br

impel.
com.br

DISTRIBUIDORA OFICIAL DYNAUDIO NO BRASIL

Gostei também do novo controle remoto, simples, porém com uma melhor ergonomia e possível de usar até mesmo com pouca iluminação na sala - e ao contrário dos que acham sua apresentação 'espartana', gosto do seu design simples e objetivo. E garanto que qualquer um que esteja interessado na performance, esquecerá imediatamente o design na hora que começar a escutar o V8 SS.

Não tem como ficar impassível diante de tanta precisão e refinamento!

E para os que ainda tenham dúvidas, lembro que este integrado custa 14 mil reais sem pré de phono e 16.500 com pré de phono MM e MC. Me digam que integrado Estado da Arte importado com 300 Watts em 4 ohms, pré de phono com entrada MM e MC, custa 4 mil dólares?

Se você colocar na ponta do lápis o que você gastaria para comprar um integrado Estado da Arte antes do V8 chegar ao mercado, seria no mínimo 12 mil dólares. Ou seja, três vezes mais!

Então, meus caros amigos, o V8 SS é um acontecimento para se comemorar e principalmente ouvir. Leve seus discos preferidos e solicite uma audição na Sunrise - você poderá tirar suas próprias conclusões e ver se suas observações batem com as nossas.

Acho que para os audiófilos sedentos por um upgrade no seu integrado, não poderia haver notícia melhor para iniciar 2020! ■

PONTOS POSITIVOS

Um integrado Estado da Arte à um custo de produto mid-fi.

PONTOS NEGATIVOS

Nada.

Entradas	3 RCA, 1 XLR
Impedância de entrada	20 k Ω (RCA), 20+20 k Ω (XLR)
Saídas	2 pares de terminais de caixas
Potência contínua	- 125 W (8 Ω) - 250 W (4 Ω)
Potência de pico	- 170 W (8 Ω) - 320 W (4 Ω)
Resposta de frequência	0.9 Hz à 350 KHz (-3 dB, 8 Ω , 25 WRMS)
Ganho da etapa de potência	26 dB
Distorção	0.1% na potência nominal
Headroom dinâmico	1.65 dB
Fator de amortecimento dinâmico	1.150
Slew Rate	88 V/us
Nível de Ruído	<-126 dB (meia potência)

AMPLIFICADOR INTEGRADO SUNRISE LAB V8 SS	
Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	12,0
Textura	12,0
Transientes	12,0
Dinâmica	11,5
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	12,0
Musicalidade	12,5
Total	96,0

VOCAL

ROCK . POP

JAZZ . BLUES

MÚSICA DE CÂMARA

SINFÔNICA

Sunrise Lab
(11) 5594.8172
Sem pré de phono - R\$ 14.000
Com pré de phono - R\$ 16.500

ESTADO DA ARTE



Um acervo maravilhoso de LPs japoneses
e CDs de Blues, Rock e Jazz.



CD's importados



LP's japoneses - corte direto



CD's japoneses

A Áudio Classic possui as melhores opções em produtos High-End
novos e usados. Seu upgrade é nosso objetivo!

Praça Alpha de Centauro, 54 - conj. 113 - 1º andar - Alphaville/SP
Centro de Apolo 2, em frente ao Alphaville Residencial 6
Tel.: 11 2117.7512 / 2117.7200 / 11 99341.5851

Preços
imperdíveis!

LPs
japoneses

100
a
200
reais

Todos os
CDs
importados

a partir
50
reais

AGORA ou
NUNCA



WWW.AUDIOCLASSIC.COM.BR
AUDIOCLASSIC@AUDIOCLASSIC.COM.BR

TESTE
2
AUDIO



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=AN8LDIZF81W](https://www.youtube.com/watch?v=AN8LDIZF81W)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://VIMEO.COM/341611722](https://vimeo.com/341611722)



CAIXA ACÚSTICA BOENICKE W8



Fernando Andrette
fernando@clubedoaudio.com.br

Quando testei a Boenicke W5SE, escrevi que estávamos ouvindo uma bookshelf que não se comportava como uma caixa de estante e, assombrado com sua performance, a coloquei naquela gaveta de 'produtos especiais' que ampliam nossa sensibilidade auditiva e nos fazem repensar uma série de 'conceitos'.

Os anos passaram e eu me tornei um admirador do engenheiro de gravação suíço Sven Boenicke, pela sua maneira de pensar o hi-end e construir seus produtos (caixas acústicas e amplificadores). Para inúmeros leitores que fizeram sua estréia na feira de hi-end de Munique, e para os nossos parceiros comerciais, cansei de indicar: visitem a sala da Boenicke e depois me passem suas impressões.

Minha esperança era de algum importador admirar-se da performance no evento e fechar a distribuição novamente para o Brasil. E, como diz o ditado "Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura", que finalmente o Fábio Storelli da German Áudio se convenceu da performance da marca e oficializou sua representação para o Brasil.

E mandou de uma só fornada três modelos: a W5 (para eu matar saudades, só que agora com o seu pedestal), a W8 e a W11. Nesta edição, falaremos da W8 e, na edição de abril, publicaremos o teste da W11.

Foi um final de ano para articulista nenhum botar defeito. Tantos produtos de nível superlativo, que me senti como uma criança em uma loja de brinquedos sem nenhuma restrição orçamentária! Sugiro aos interessados a leitura do teste da W5SE na edição 211, pois lá o leitor poderá ter uma ideia cristalina do impacto que o teste daquela diminuta bookshelf me causou e ainda me causa!

Mas, finalmente, terei a honra de ouvir em simultâneo os modelos tipo torre: W8 e W11 - e compartilhar minhas impressões com o amigo leitor.

Sven Boenicke, desde que decidi aplicar seus conhecimentos profissionais e atuar do 'outro lado do balcão', deixou bem claro que não iria construir caixas acústicas seguindo a receita de bolo tradicional - gabinetes de MDF ou materiais exóticos, drivers hi-end, ►



acabamento em laca de piano, etc, etc... Seu desejo era oferecer caixas acústicas 'únicas' para pessoas com gosto muito definido e que, como ele, tivesse a música ao vivo como sua referência maior!

Ainda que Sven recorra a máquinas CNC para o acabamento de seus gabinetes, eles são extraídos de árvores específicas e esculpidos (com a ajuda dos roteadores CNC) para dar a aparência final de cada produto. O consumidor escolhe a árvore: nogueira, carvalho, freixo ou cerejeira.

Para chegar ao produto final, o gabinete parte de duas partes sólidas da madeira, e então ela é totalmente esculpida, criando os labirintos (que lembram uma linha de transmissão, visto em um corte lateral, mas que Sven diz ser apenas o desenho para o posicionamento de cada falante). Cada lado é idêntico ao outro, como se fosse espelhado, e depois de pronto ambos lados são colados (é possível, com um olhar atento, observar no meio de cada gabinete, o encaixe perfeito de cada lado, numa obra de marcenaria artesanal).

O interessante é que cada gabinete (dependendo da escolha da madeira), terá um peso final diferente. E ao contrário da esmagadora maioria dos fabricantes de caixas hi-end, que colocam como 'sine qua non' o uso de materiais inertes e sofisticados para a construção dos seus gabinetes, a Boenicke caminha na direção contrária. Coloque o seu ouvido do lado da caixa e verá ela soar, como se o ouvinte estivesse atrás da porta do local onde ocorre o acontecimento musical.

A W8 enviada para teste foi no gabinete de nogueira. Todo ouvinte, ao ver uma Boenicke ao vivo, se espantará com o seu tamanho e sua altura. Não têm nenhum ouvinte que não reaja com admiração e dúvidas se algo tão pequeno e slim, possa realmente ter uma performance tão alta. Isso me remete à situação que passei ao receber da transportadora a W5SE e duvidar com o entregador que naquela caixa, que mais parecia uma caixa de presente com meia dúzia de vinhos, tivesse um par de W5SE. Cheguei ao ridículo de fazer a transportadora esperar eu falar com o importador e confirmar que ali se encontrava um par de bookshelves. Micos que todos passamos frente a um fato totalmente novo!

O interessante é que a reação feminina é justamente a oposta: "Nossa, que lindas!" ou "Esta eu deixaria entrar na nossa sala". Já me acostumei com ambas reações e, felizmente para a Boenicke, basta uma audição bem feita para ambos os gêneros (masculino e feminino) se certificarem que 'tamanho não é documento'!

Em todas as caixas de Sven, os woofers são dispostos na parte lateral (mesmo na W5SE) e todos os modelos utilizam um woofer Tang Band de 164 mm (6,5 polegadas). E está afixado bem próximo ao chão, bem próximo do pórtico que fica logo acima dos bornes de caixa.

Na parte frontal da W8, bem em cima, encontra-se abaixo o falante de médio, também da Tang Band, com cone de 70mm (4 polegadas), com um plugue arredondado no centro do cone de madeira. ►

O crossover para este falante de médio está protegido para não receber informações do woofer, mas sem corte determinado em sua passagem para o tweeter (este é um dos grandes mistérios que a Boenicke guarda a sete chaves e não dá muitas pistas nem em seu site e muito menos na ficha técnica dos seus produtos).

O tweeter (ou como a Boenicke denomina: defletor de alta frequência) é uma unidade da Fountek F85 com cone de alumínio de 52mm e um imã de ferrite e uma bobina de cobre com 20 mm de diâmetro. A Fountek especifica que o F85 responde de 300 Hz até acima de 20 kHz, funcionando como um falante full range (como é o caso da W5SE, que também utiliza este mesmo modelo).

Na parte traseira, a W8 possui um tweeter modelo Manacor DT-25N, com imã de neodímio e domo de tecido macio de seda de 25mm. Este tweeter tem a função de apenas trabalhar a ambiências das gravações e sua performance dependerá muito do posicionamento das caixas na sala, e principalmente da distância da parede atrás das caixas (falaremos mais adiante a respeito).

A rede de crossover usa somente capacitores Mundorf (no total são três por caixa). Dois indutores de núcleo de ar (espaçados o suficiente para que não haja interação magnética entre eles) e um único resistor de 10W. Nada de placa na montagem do crossover, sendo todos conectados ponto a ponto e depois colocados dentro do gabinete. Os terminais das caixas são os WBT-0703CU NextGen, afixados em uma pequena placa de metal.

Seu peso é de apenas 11 kg por caixa, o que facilita em muito o posicionamento e a troca de lado das caixas para definir se os woofers devem trabalhar para dentro ou para fora.

Quanto às especificações técnicas, o fabricante especifica que as W8 possuem sensibilidade variável de 84 a 88 dB SPL, dependendo da frequência, e que sua impedância é nominal 4 ohms. A W8 possui três versões: a Standard que recebemos para teste, a W8SE e a W8SE+. As diferenças estão somente na base das três versões, sendo que na Standard a base de alumínio é apenas encaixada em um orifício ao pé do gabinete, e nas versões mais sofisticadas a caixa fica suspensa por cabos e traquitanas (até neste quesito a Boenicke inovou, ao provar que suas caixas quando trabalham suspensas e sem contato com o chão, mudam de patamar de performance - enquanto outros fabricantes se contentam em utilizar bons spikes para diminuir a área de contato com o piso de suas caixas, a Boenicke, partiu para tirá-las totalmente do contato com o piso nos modelos SE e SE+ da W8).

Para o teste tivemos a companhia dos seguintes equipamentos. Prés de linha: Nagra Classic e Dan D'Agostino. Power: Nagra Classic. Integrados: Sunrise V8 SS (leia teste 1 nesta edição) e Nagra Classic Integrado. Fonte analógica: toca-discos Thorens TD 550 e Acoustic Signature Storm. Braço SME Series V e cápsulas: Soundsmith





Hyperion 2 e Transfiguration Proteus. Pré de Phono: Boulder 500. Cabos de interconexão: Dynamique Audio Apex, Halo 2 e Zenith 2, Sax Soul Ágata2 e Sunrise Lab Quintessence RCA e XLR. Cabos de Força: Dynamique Audio Halo 2, Transparent PowerLink MM2, Sax Soul Ágata 2 e Sunrise Lab Quintessence e Ilusion. Fonte digital: sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Dynamique Halo 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos digitais: Transparent Reference XL e Sunrise Lab Quintessence.

Foi uma longa espera entre o teste da W5SE e agora a retomada com a W8. E, sabendo da longa espera de amaciamento dessas caixas (o fabricante fala em 300 horas, mas pode ampliar para 400 horas tranquilamente, amigo leitor), liguei elas ao V8 SS, separei 8 discos para as primeiras impressões, certo que aquele primeiro contato acabaria em 1 hora!

Ou o fabricante andou mudando seu procedimento e fazendo um pré amaciamento, ou essas W8 são muito diferentes da W5SE. Pois os 8 discos viraram 16, que viraram 24, e as primeiras impressões se estenderam por cinco horas ininterruptas! E se não fosse pelos compromissos ainda pendentes do dia, teria tranquilamente adentrado a madrugada escutando o setup Thorens, V8 e W8!

Claro que as pontas estavam sem extensão e os graves engessados, mas a finesse da região média, que foi um dos pontos altos da W5SE, estavam ali presentes desde o primeiro acorde do primeiro disco, ainda com maior transparência, calor e beleza que na W5SE.

Fui então buscar minhas anotações pessoais da W5SE, e logo na segunda linha escrevi: “Como uma caixa tão diminuta, pode ter um corpo tão impecável e tão real?”. E uma página adiante: “Os médios me remetem a sensação que não são os músicos que aqui estão e sim, que fui transportado para a sala de gravação”.

Na W8, o corpo dos instrumentos é ainda mais realista e a sensação de ‘teletransporte’ para o local da gravação é ainda mais verossímil! Os meus críticos irão odiar o que aqui escreverei - pois se sentem desconfortáveis quando afirmo que é possível ouvir em detalhes a troca de um único cabo de um sistema bem ajustado - e possivelmente ficarão com a face ruborizada ao ouvir que caixas acústicas de alto nível podem ser separadas por dois tipos de assinatura sônica: as que trazem o acontecimento musical até nossas salas, e as que nos transportam para a sala em que a gravação ocorreu.

Minha atual caixa, a Wilson Sasha DAW, trás o acontecimento musical até a nossa Sala de Referência. A Kharma era um misto, mas ainda assim pendendo mais para trazer a gravação para a sala. A Boenicke é o oposto: nos transporta para cada sala em que a gravação foi realizada. Acho isto notável, pois não é um resultado do acaso. Isto foi pensado e planejado em detalhes, para que assim fosse.



Razão e Sensibilidade

GRADO



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

Aprecio as duas maneiras de escutar e, se pudesse, certamente teria em minha sala as duas opções. Pois com gravações sinfônicas de obras complexas com muitos instrumentos (como a Nona de Beethoven), poder ir para a sala em que a gravação foi realizada me parece a escolha certa. Pois se for uma gravação de alto nível tecnicamente, sentir como se estivesse ali naquele momento é uma sensação psicoacústica indescritível!

Fiz esta experiência com diversas versões que possuo da Nona de Beethoven, depois da W8 plenamente amaciada, e apreciei demais o conforto, o grau de inteligibilidade e a sensação espacial de que a nossa sala simplesmente não existe.

Mas, como toda regra possui uma exceção, gravações de estúdio em multicanal (típicas dos anos 70 a 90), em que até o reverb para cada canal ficava ao gosto do engenheiro, na W8 soam estranhas, pois sem a ambiência natural da sala de gravação, aquela sensação de teletransporte não existe.

Feito este primeiro contato, a W8 foi para a sala de tortura com o integrado da Nagra, que também havia chegado na mesma semana. Foram 100 horas para voltar para uma nova audição, ainda com o V8 SS e o Thorens TD 550.

Mais uma rodada de audições, com gravações de grandes salas de concerto espalhadas por toda Europa. Ainda que os extremos apresentassem, ainda, pouca extensão, foi possível observar os médios mais encaixados com os graves, possibilitando ouvir alguns discos de Jazz e Rock Progressivo. Pois já era possível sentir mais peso e corpo nos graves. Foram dois dias ouvindo primeiro só LPs e, no segundo dia, começando a escutar também CDs.

Resolvi esticar o amaciamento direto para as 300 horas, tanto do integrado da Nagra quanto da W8, e voltei ao fechamento da edição de dezembro. Quem pensa que nossa vida é só música e diversão, precisaria passar um dia em nossa sala ou na redação, vendo a loucura para cumprir prazos, devolver equipamentos, abrir os que chegam, embalar os que vão, atender a todos os e-mails diários que chegam (uma média de 20 a 30 por dia), cumprir com os compromissos de consultoria e eventos das empresas e ainda cuidar da filha, do filho, dos cachorros, etc, etc...

Quando você tem 40 anos, seu pique para enfrentar esta maratona diária é um, mas quando você já passou dos 60, meu amigo, o bicho pega e pega com voracidade. Então aquela disposição de tirar o produto da queima e colocar novamente para escutar de 50 em 50 horas, é absolutamente descartável, pois agora você precisa também ser um administrador de tempo e de bom senso. Então, a W8, depois de mais 200 horas de queima, voltou para a sala para finalmente ficar.

Tudo foi para o lugar. Os graves apareceram, encorparam e ganharam velocidade e definição. Os agudos abriram e ganharam uma

baita extensão e um decaimento muito natural e convincente. Chamo de decaimento convincente o agudo que não ceifa o pianíssimo de um prato de condução que ainda esteja soando. Ou o decaimento de um triângulo ainda soando no meio de outros instrumentos. Este decaimento suave será de fundamental importância para a qualidade da inteligibilidade e conforto auditivo. Pois se a caixa não tem este refinamento, seu cérebro não irá se enganar e sentirá falta de ambiência, de naturalidade nos agudos e de conforto auditivo para relaxar e apreciar seus discos preferidos.

Isto me remete ao tempo em que as pessoas tentavam 'domar' tweeters brilhantes com cabos de puro cobre ou CD-Players valvulados com menor extensão nas pontas. Eu ouvia, coçava a cabeça, e pensava com os meus botões: "ainda se essas medidas fossem pontuais e domassem apenas o que incomoda, mas mudam todo o equilíbrio tonal, comprometendo todo o espectro audível. Será que essas pessoas não escutam?". E cheguei à conclusão que elas não percebiam, por faltar à elas a referência de música ao vivo.

Aliás, falando em ter como referência música ao vivo não ampliada, é impressionante a quantidade de asneiras que se escreve nos fóruns, aqueles que acham que a música ao vivo não serve como parâmetro para o ajuste de seus sistemas. Fico lembrando do sujeito que um dia foi a minha casa com um CD de gravações de copos e pratos sendo jogados ao chão. Este era seu disco de referência para desenvolver suas caixas e amplificadores.

Barbaridade!

Tem a do 'expert' em acústica que tinha um CD surrado do Tamba Trio, da década de 1960, que era sua referência para avaliar salas e sistemas.

Parece que o tempo passa, mas os erros audiófilos das gerações passadas passam para as novas gerações. Como conhecer a qualidade de um bom vinho sem degustar, ou o cheiro de uma essência sem cheirar. Ou as sutis diferenças da luz em diferentes estações do ano, sem olhar? E o audiófilo quer ajustar um sistema sem ouvir como soam os instrumentos reais? Depois, quando usam o termo audiófilo de forma pejorativa, o sujeito se aborrece.

Acho que me empolguei, rs!

Voltando às W8, com 300 horas ela estará muito perto da plena estabilização. O resto será atingido com o seu posicionamento e escolha dos pares (cabos e amplificação). Em um dos testes que li da W8, o articulista cita que andando na sala o comportamento da caixa era muito parecido, estando na posição de escuta ideal ou não. Concorro. Este é um dos seus maiores méritos. E este mesmo articulista se surpreendeu ao se posicionar atrás das caixas e o equilíbrio tonal ser tão bom com ouvindo de frente para elas! Também é fato e já havia percebido essa maleabilidade na posição de escuta com as W5SE.

No entanto, para se ter esta 'versatilidade', o ouvinte vai penar um pouco para achar a posição ideal da W8 na sala de audição. Pois com os woofers virados para o centro ela tem uma performance, e para fora outra. Posicionada muito próxima às paredes, um equilíbrio tonal. Mais distante das paredes, outro equilíbrio. Ou seja, para se extrair o máximo dessas jóias sonoras, duas coisas serão necessárias: definir o posicionamento ideal das paredes e a posição dos woofers, e que elas sejam colocadas milimetricamente iguais em relação à todas as paredes. Nada de fazer no olhometro - precisa de uma fita métrica e disposição para este ajuste fino.

Porém, se o amigo fizer todo este procedimento, o prêmio será de valor inestimável, acredite!

Na nossa sala, os woofers da W8 ficaram apontados para as paredes laterais e não para o centro. Nesta posição ideal, os graves ganharam peso, corpo e maior inteligibilidade. As caixas ficaram afastadas 1,70 m da parede às suas costas, e a 3 m entre elas. Com um ângulo de apenas 20 graus para o ponto ideal de audição. Na nossa sala, assim, as W8 literalmente 'sumiram'.

Pareciam estar sempre desligadas, principalmente nas gravações de orquestra em que o que ouvíamos, não batia com o que víamos: caixas minúsculas gerando uma massa sonora de caixa muito maior! Todos que ouviram, saíram incrédulos das audições! É realmente é uma experiência difícil de assimilar, pois estamos acostumados a ouvir apresentações impactantes em caixas de tamanhos avantajados. Este grau de impacto com caixas pequenas eu só tinha visto antes com as caixas da Neat - em que as pessoas chegavam a colocar a orelha perto da caixa para se certificar de onde vinha o sinal.

Agora, quanto à Boenicke, deve haver certamente outras caixas que consigam chocar pelo seu tamanho diminuto e a grandiosidade da performance - mas no grau de refinamento que a Boenicke realiza, eu desconheço. Pois a Neat faz tudo certo, mas possui um limite de volume em que você não pode ultrapassar, com risco do cone bater. Na W8, a danada não só aceita como continua tocando com enorme folga e segurança, como se não fosse com ela. A W5SE já tinha essa característica de ousar ir muito além de seu limite físico. E a W8 ampliou esta ousadia ainda mais! Fico imaginando o que não fará a W11 (em abril iremos saber).

Além desta notável característica de nos transportar para a sala de gravação, a W8 nos brinda com um equilíbrio tonal admirável de caixa full-range, mas sem os problemas dessas caixas (que é deixar o corpo de todos os instrumentos com o mesmo tamanho e limitar o posicionamento do ouvinte entre as caixas).

Seu soundstage é o que podemos chamar literalmente de 3D, pois os planos são retratados com absoluta fidelidade, tanto em largura como profundidade. Assim como o foco e recorte.

A ambiência é um caso à parte, pois é de longe a melhor apresentação do local de gravação que já ouvimos em uma caixa acústica, independente do preço e topologia. É a referência das referências neste quesito.

As texturas, graças ao seu excelente equilíbrio tonal, estão entre as melhores que já escutamos. Sobre o grau de detalhamento e refinamento deste quesito, poderíamos escrever uma tese à respeito. Mas, para simplificar, só diria em defesa de minha opinião que as melhores caixas que possuem o melhor grau de fidelidade deste quesito são de projetistas que têm profundo conhecimento e intimidade com a música ao vivo! Isto lhes dá uma segurança para refinar o equilíbrio tonal e texturas de seus produtos que são facilmente percebidos por todos que também utilizam a música ao vivo como referência para as suas escolhas de setup.

O Sr. Boenicke possui em seu currículo como engenheiro de gravação mais de 300 obras. Isto certamente corrobora com a minha tese (talvez um dia vire um artigo na Seção Opinião).

Talvez estes fatos ajudem aqueles que estão começando sua trajetória audiófila, e ficam confusos quando escutam dos mais velhos audiófilos que a música ao vivo não tem a menor valia, a repensar sua opinião. Se o fizerem, garanto que a trajetória será menos tortuosa e muito mais prazerosa!

Uma vez li um artigo sobre as vantagens de falantes pequenos para uma melhor resposta de transientes. Não sei se foi o fundador da Rega falando de suas caixas, que utilizavam falantes de médio pequenos, ou se foi outro fabricante - só sei que foi um inglês. Não é a velocidade dos transientes da W8 que me impressionam, mas sim o tamanho desses falantes, a precisão de tempo, ritmo e velocidade com o corpo harmônico que reproduzem. Como é possível? Foi a pergunta que mais me fez, enquanto estiveram em teste.

A dinâmica é surpreendente para o seu tamanho, mas haverá um ponto de limite. E a física está aí para nos lembrar sempre. Então não abusem. Mas em volumes corretos da gravação, nada de sustos ou sobressaltos, e a micro dinâmica é simplesmente maravilhosa! Você escuta sem o mínimo esforço, esteja encoberto ou não por mais instrumentos.

O corpo já pincelei em tantos lugares deste artigo, que só vou ressaltar a capacidade desta mini torre, mostrar com enorme coerência os tamanhos de um cello e um contrabaixo acústico ou uma flauta e um flautim.

Sua materialização física do acontecimento musical se faz de forma contrária a que estamos acostumados. Não é o músico que vai até sua sala, e sim você que vai até os músicos. Então o processo é literalmente invertido. O que posso dizer é que seu cérebro sente algo fora do lugar nos primeiros minutos, mas depois tudo se encaixa ►

em tal ordem de grandeza e conforto, que passamos a admirar esta possibilidade, tanto quanto a que estamos acostumados a ter.

E em termos de musicalidade, o que dizer de uma caixa que nos brinda desde o primeiro instante com zero de fadiga auditiva e uma imersão integral no que estamos escutando? Que é o melhor dos mundos. Pois mesmo com gravações tecnicamente mais limitadas, é possível ouvir com prazer tudo sem discriminação alguma!

CONCLUSÃO

Quando termino este teste, ainda não ouvi a W11, mas agora, depois de conhecer a W5SE a W8, sei o tipo de surpresa que me espera. As caixas Boenicke não são para qualquer tipo de audiófilo.

Os que querem um som com enorme deslocamento de ar e sus-tos e sobressaltos nas variações dinâmicas, acharão as pequeninas W8 opções fora do baralho. Mas para os audiófilos acostumados a viajar o mundo e conhecer as melhores salas de espetáculos e as melhores orquestras e pequenos grupos musicais, e possuem uma sala aconchegante, e tudo que desejam é 'reviver' esses momentos inesquecíveis nessas salas, a W8 será sua nave para serem tele-transportados quando quiserem reviver essas emoções.

Creia, isto não é balela ou jogada de marketing da minha parte. É o que ocorre quando você coloca uma gravação da orquestra de Berlim ou de Munique, gravadas em suas esplêndidas salas de concerto, ou da nossa querida OSESP na Sala São Paulo, e aperta o play. Você estará literalmente lá, novamente! Sentirá tudo que ocorreu naquele momento sublime da gravação, com a vantagem de poder repetir esta sensação ad infinitum!

Se é isto que você deseja de suas caixas acústicas, sua busca terminou! ■

PONTOS POSITIVOS

Construção artesanal e som superlativo.

PONTOS NEGATIVOS

Sua baixa sensibilidade necessita de um power potente.

ESPECIFICAÇÕES	Versão	Standard
	Sensibilidade	87 dB / Watt / m
	Impedância nominal	4 Ohms
	Woofer	6.5" de curso longo sem crossover
	Midrange	4" midbass com crossover de primeira ordem, cone de madeira de bordo, plugue de fase de macieira, sem corte de alta frequência
	Tweeter frontal	3" cone de metal com crossover passa-alta de primeira ordem, com ressonador paralelo eletromecânico proprietário
	Tweeter traseiro	Domo de seda, para ambiência
	Fiação interna	Litz com dielétrico de seda, com direcionalidade otimizada
	Bornes	WBT NextGen de cobre
	Dimensões (L x A x P)	114 x 776 x 260 mm
	Peso	10.5 kg (cada)

CAIXA ACÚSTICA BOENICKE W8	
Equilíbrio Tonal	12,0
Soundstage	13,0
Textura	12,0
Transientes	11,0
Dinâmica	10,0
Corpo Harmônico	12,0
Organicidade	11,0
Musicalidade	13,0
Total	94,0
<div> <div>VOCAL</div> <div>ROCK . POP</div> <div>JAZZ . BLUES</div> <div>MÚSICA DE CÂMARA</div> <div>SINFÔNICA</div> </div>	

German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 71.900

**ESTADO
DA ARTE**



SUA CASA CONECTADA

UP GRADE

AUTOMAÇÃO

REDE

SEGURANÇA

ACÚSTICA

HOME THEATER

ÁUDIO HI-END



VIDEOCONFERÊNCIA


ENERGIA FOTOVOLTAICA


FAÇA UPGRADE NO
SEU SISTEMA COM A
HIFICLUB




ARQUITETURA: PAULO ROBERTO NASCIMENTO

  hifclubautomacao

(31) 2555 1223 

comercial@hifclub.com.br 

www.hifclub.com.br 

R. Padre José de Menezes 11 
Luxemburgo - Belo Horizonte - MG

Empresa do
Grupo Foco BH



**Se você deseja as marcas Estado da Arte
mais premiadas e cobiçadas,
não precisa mais procurar.**

NAGRA

audio research
HIGH DEFINITION

MSB
TECHNOLOGY

 **YG ACOUSTICS™**

BOENICKE
audio

neat
acoustics



Kubala-Sosna

DYNAMIQUE

german
Audio

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

NAGRA



Prêmios 2018-2019



BEST SOUND High Fidelity.pl
High End 2019



PRODUTO DO ANO
EDITOR

german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



Prêmios 2018-2019



german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



Prêmios 2018-2019



german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



Prêmios 2018-2019



german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

BOENICKE
audio



PRODUTO DO ANO
EDITOR

neat
acoustics



PRODUTO DO ANO
EDITOR

 **Kubala-Sosna**

stereophile
RECOMMENDED
COMPONENT



DYNAMIQUE
DETAIL. DYNAMICS. DYNAMIQUE...



PRODUTO DO ANO
EDITOR

german
Audio

www.germanaudio.com.br

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br



CONHEÇA OS 39 PRODUTOS QUE
SE DESTACARAM EM 2019

NESTE ANO, **DEZOITO** PRODUTOS RECEBERAM O SELO DO EDITOR.
DENTRE ESTES, **OITO** RECEBERAM O SELO DE REFERÊNCIA!



METODOLOGIA

COMO UTILIZAR A EDIÇÃO MELHORES DO ANO

Para facilitar sua consulta, amigo leitor, dividimos os produtos em acessórios, áudio e vídeo e os apresentamos de acordo com o selo recebido em ordem crescente. Esta sequência, que vai do Prata Recomendado ao Estado da Arte, é explicada mais abaixo.

Na parte superior de cada página desta seção você encontrará um ícone representando o tipo de produto testado e, logo abaixo dele, o modelo do equipamento e o articulista que realizou o teste. Ao final do texto você poderá ver o selo dado pela revista para este produto (indicando a sua categoria), o nome e o contato do importador ou distribuidor, o valor pelo qual ele é vendido e a edição da *Áudio Vídeo Magazine* na qual o teste foi publicado.

Este ano 18 produtos ganharam o selo Produto do Ano Editor, sendo que 8 destes ganharam também o selo de Referência. Estes equipamentos, além de excepcional desempenho, ainda apresentaram uma atrativa relação de custo-performance dentro da categoria a que pertencem.

Depois de escolher os produtos que mais lhe interessam consultando esta seção, localize a revista que teve o teste publicado para poder ler a análise completa e ter dicas quanto à compatibilidade e melhor utilização do equipamento.

Sempre que possível procure ouvi-lo em seu sistema, respeitando as recomendações fornecidas, antes de decidir pela compra. Caso não seja possível ter acesso ao equipamento, envie-nos um e-mail para o endereço revista@clubedoaudio.com.br para informar as características de sua sala, sua configuração atual e suas preferências musicais. Você terá uma consultoria gratuita sobre o equipamento desejado. Este serviço já ajudou milhares de leitores a ajustar seus sistemas e obter um resultado melhor sem desperdiçar tempo ou dinheiro.

Lembre-se que o resultado final também dependerá da qualidade da instalação elétrica da sua sala e da acústica. Acreditamos que a informação de qualidade será sua melhor ferramenta nessa gratificante jornada. Boa sorte!

SELOS UTILIZADOS EM NOSSA METODOLOGIA



PRATA RECOMENDADO / PRATA REFERÊNCIA

Um produto Prata já possui um sólido compromisso com a qualidade de reprodução de áudio e vídeo e muitos se enquadram na categoria Hi-Fi (alta fidelidade).



OURO RECOMENDADO / OURO REFERÊNCIA

Produtos desta categoria demonstram ótimo desempenho em um ou mais quesitos da metodologia e, a partir da categoria Ouro Referência, já são considerados Hi-End.



DIAMANTE RECOMENDADO / DIAMANTE REFERÊNCIA

Para pertencer à categoria Diamante, o produto deverá ter excelente desempenho em todos os quesitos da metodologia, sendo capaz de reproduzir adequadamente qualquer estilo musical. Produtos Diamante Referência são aqueles que melhor representam os ideais Hi-End.



ESTADO DA ARTE

Esta é uma categoria à parte e que não possui subdivisões. Produtos Estado da Arte disponibilizam o melhor que a tecnologia atual é capaz de oferecer ditando os parâmetros que serão buscados pelos demais fabricantes. Ela representa o ponto mais alto da reprodução eletrônica.



PRODUTO DO ANO EDITOR

Este selo, criado em 2002, tem por objetivo premiar os produtos que se destacaram dentro de suas respectivas categorias. O critério de escolha baseia-se no conjunto de inúmeras qualidades, como: avanço tecnológico, performance, custo-benefício e sinergia.



SELO DE REFERÊNCIA AVMAG

Esse selo, criado em 2016, apresenta nossa opinião em relação a dois produtos concorrentes com a mesma pontuação, confirmando que o produto com o Selo de Referência da revista é o produto a ser 'batido' no próximo ano.

FONE DE OUVIDO

FONE DE OUVIDO GRADO REFERENCE SERIES RS1E

Fernando Andrette



A KW Hifi, importadora de produtos para áudio hi-end, traz para o Brasil mais uma grande marca de peso e de enorme prestígio mundial, a Grado Labs. Uma empresa familiar com mais de 60 anos de tradição na fabricação artesanal de fones de ouvido e cápsulas fonográficas.

Nesta nova leva de importação feita pela KW HIFI veio o fone de ouvido Grado Reference RS1e, um produto icônico que teve início em 1996: o primeiro fone da Grado com corpo em madeira de mogno tratado. A escolha do mogno vai muito além da estética - as qualidades audíveis da madeira, em especial do mogno, ébano, e do jacarandá baiano são bastante conhecidas no meio musical, pois são utilizadas em instrumentos musicais até hoje! E mesmo com tanta tecnologia, nenhuma conseguiu produzir um material artificial que emulasse suas características sônicas de maneira convincente. Alguns clarinetes, por exemplo, utilizam o ABS (Grafotnite) como uma alternativa economicamente viável ao ébano, mas a diferença no timbre é gritante! Temos no Brasil um fabricante de acessórios hi-end que utiliza jacarandá em

seus produtos. Temos racks, tomadeiros e uma infinidade de desacopladores para toca-discos, fontes e amplificadores, feitos de madeira. Todos em algum grau alteram o equilíbrio tonal, para melhor ou para pior, e isto vai depender muito da abordagem do fabricante. No caso da Grado, a escolha foi muito bem-sucedida, pois trouxe ao conjunto RS1 um calor nos timbres e tamanho do corpo harmônico essenciais para um fone de referência.

A série Reference vem evoluindo com o passar dos anos, e a versão 'e' trouxe melhorias estéticas e funcionais muito interessantes, como o mogno mais claro que o utilizado no fone anterior, combinando melhor com as cores das roupas, etc, e um processo de cura da madeira melhorado que trouxe mais equilíbrio entre as frequências. Com isto, ganhou-se um deslocamento de ar mais natural nos graves, as transições entre as frequências ficaram mais suaves e os timbres mais reais, principalmente no médio-grave, o que ajudou muito a conseguir um equilíbrio tonal ainda mais correto.

Os drivers do tipo dinâmico de 50mm utilizam bobinas de cobre de alta pureza, com uma tolerância máxima entre eles de 0,5 dB, o que é extremamente baixo para um produto feito à mão! A impedância é de 32 Ohms a 1 kHz, e a sensibilidade de 98 dB, o que é maravilhoso para ouvir com smartphones e notebook.

O cabo que liga os drivers possui 8 filamentos de cobre puro OFC, da própria Grado. O cabo em Y tem comprimento aproximado de 2 metros e terminação P2 3,5 mm, e também é fornecido mais um cabo extra com terminação fêmea/macho de aproximadamente 4 metros e um adaptador P2/P10.

Para maior conforto, o RS1e possui espuma injetada que se molda perfeitamente ao ouvido, e o descanso de cabeça em couro flexível, muito tradicional nos headphones da marca, ajuda no conforto e no estilo também, além de ser muito durável. Os ajustadores de altura em metal permitem que o fone gire em 360 graus com muita facilidade. O fone é muito leve, aproximadamente 250 gramas, muito bom para longas audições.

Para o teste utilizamos os seguintes produtos. Fonte: CD-Player Luxman D06. Amplificadores para fones de ouvido: HIFIMAN EF2C e Micromega Myzic. Cabo de interligação: Sunrise Lab Quintessence Magic Scope RCA, e Sax Soul Zafira III. Cabo de força: Sunrise Lab Reference Magic Scope (para o Micromega).

O fone de ouvido Grado RS1e chegou novinho, e rapidamente o colocamos para amaciar por aproximadamente 60 horas. Suas primeiras horas de audição são bastante gostosas de acompanhar, a região média não soa áspera nem demasiado frontal. Os extremos, como sempre, têm pouca extensão, mas a pegada no grave está lá nos dando uma idéia do que o amaciamento ainda esconde. Após as 60 horas, o fone era outro, o equilíbrio tonal ficou ótimo! Tudo em seu devido lugar, a região média recuou, os graves agora tinham mais harmônicos e mais extensão. As vozes ainda eram o ponto alto do fone, e sua autoridade ao lidar com passagens complexas agora estava ainda maior!

Então começamos a diversão pelo disco da Dianne Reeves, *Bridges*, faixa 4. Nesta faixa o silêncio de fundo apresentado pelo Grado RS1e é simplesmente maravilhoso. A percussão se mostra delicada, mas com bastante intencionalidade, as batidas são firmes e no tempo preciso. A voz dela brota de uma escuridão de tirar o fôlego, e a cada palavra ouve-se o engolir de saliva com uma clareza e sutileza que causa espanto. Os timbres das peles batidas com feltro, do contrabaixo que anuncia o violão perfeitamente digitado, quase nos leva ao êxtase auditivo, e quando o piano entra, então somos arrebatados de vez! Toda a exuberância da música é apresentada pelo RS1e de uma maneira calma e progressiva, mostrando o quão azeitados os músicos estavam no momento da gravação. Como diz o Fernando,

“era a boa” e o Grado soube nos mostrar isso sem deixar margens para dúvida.

Seu som é quente na medida, sem soar ‘valvulado’ demais, claro, limpo e inteligível sem o risco de soar frio ou analítico principalmente em gravações comprimidas. Ele nos mostra o que há na gravação, ao mesmo tempo em que consegue fazer concessões em músicas mal gravadas - dentro de um limite, claro.

O palco sonoro é muito bom, mas não tão bom quanto o restante dos quesitos. Por exemplo: no disco do Lalo Schifrin, *Jazz Meets The Symphony*, faixa 4, os contrabaixos ficam quase na porta do quintal no canto direito, com o Grado RS1e eles ficam quase no meio da cozinha, ou seja, é muito bom, mas não é excepcional como é o caso das extensões e corpo nas altas, texturas de cima a baixo. Nestes quesitos, ele é irrepreensível. A caixa da bateria com vassourinha é soberba, os ataques são rápidos e consistentes com a energia certa. Nada passa em branco aos nossos ouvidos, ao mesmo tempo em que nada soa pirotécnico ou desproporcional, puxando nossa atenção para uma única coisa na música, mas para o todo. Este é, sem dúvida, um fone de referência!

Com tantas surpresas boas, foi inevitável não compará-lo com o meu Sennheiser HD 700, e para o meu desespero o Grado se saiu melhor. Então pensei comigo que tenho uma última cartada: música clássica! Se ele for melhor, então danou-se. Comecei por Mahler, meu compositor favorito, mas não por suas obras mais famosas, pois ainda estava apreensivo. Comecei pelo disco *Des Knaben Wunderhorn*, com a regência de George Szell, selo EMI, faixa 1. Nele o Grado soou como sempre, mais imponente, controlando melhor os graves, seu silêncio de fundo trouxe os contrabaixos e tímpano em piano com um deslocamento fantástico. Em vozes, foi um verdadeiro banho: toda a potência, variação tonal e dicção do barítono Dietrich Fischer-Dieskau foi apresentada com um realismo de cair o queixo. Novamente ficou devendo em palco sonoro. Neste quesito ele é bom, mas não tão bom como eu gostaria que fosse.

Se para jazz, MPB e música clássica ele era matador, faltava ouvir um pouco de rock para me declarar oficialmente de queixo caído. Jeff Beck, disco *Truth*, faixas 5 e 7 - escolhi justamente por ser uma gravação de 1968 com suas belezas e imperfeições... Tem até barulho de fita mastigada ou magnetizada na música. Rod Stewart está simplesmente fantástico, sua voz rouca e potente se destaca com texturas que parecem que estamos ouvindo caixas acústicas top. Um deleite só! Não poderia deixar passar um pouco de música eletrônica também, então fui de Skrillex e Deadmau5. O equilíbrio tonal e o conforto auditivo do Grado RS1e é muito bom para ouvir música eletrônica, mesmo com toda a pressão sonora, compressões e afins, o fone transborda conforto e musicalidade. O ‘senão’ fica por conta dos graves mais profundos e em excesso neste estilo musical que o Grado não se dá tão bem. Eu ►

FONE DE OUVIDO



não considero isto um problema - ao contrário, é uma característica que está presente em muitos dos fones de referência. Ele desce bem, só não desce cheio em todas as frequências. Depois dos 50, 45 Hz dá uma leve emagrecida, nada que tire o prazer de ouvir este e outros estilos musicais grave-dependentes.

CONCLUSÃO

O fone de ouvido Grado RS1e é um fone que faz jus ao legado da marca. Suas qualidades superam qualquer expectativa sem esforço. É um fone moderno feito para audiófilos modernos com as facilidades que o mundo de hoje exige sem deteriorar o que há de mais sagrado para o amante da música: a música!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=IJT6FGJVRVS](https://www.youtube.com/watch?v=IJT6FGJVRVS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SHDNIAEO9_4](https://www.youtube.com/watch?v=SHDNIAEO9_4)

AVMAG #250
 KW Hi-Fi
 (48) 3236.3385
 R\$ 4.350

NOTA: 90,5



ESTADO DA ARTE

CABO ETHERNET LAN NORDOST LEIF BLUE HEAVEN

Juan Lourenço



Já faz um bom tempo que, cada vez mais audiófilos e melômanos migram para sistemas com streamer de música. Assim como aconteceu com o disco de vinil, que foi posto de lado pela praticidade do CD - mais pela comodidade do controle remoto dos CD-Players que propriamente pelo CD - o streaming de música vem caindo no gosto da rapaziada. Embora saibamos que há falhas e perdas no processo de digitalização, e no modo como a estrutura da rede mundial de computadores trata o arquivo digital, existem mais vantagens que desvantagens, sobretudo se você não for tão purista assim. Só o fato de poder ter toda sua biblioteca à um toque de distância, é motivo mais que suficiente para se deixar seduzir pela praticidade da música em arquivo.

A medida que o computador foi ganhando espaço nos sistemas de áudio high-end, e a consolidação dos tipos de arquivos sem perda (lossless) como FLAC foi caindo no gosto dos audiófilos, a necessidade de maior capacidade de armazenamento também foi crescendo. Com isto, muitos dos donos de computadores criaram seus próprios servidores NAS para suprir a demanda por espaço para sua discoteca, agora 'ripada' para o disco rígido. Nascia aí uma nova demanda por cabos de rede de padrão audiófilo. Principalmente agora, com o streaming de música, onde as perdas de informação são sentidas com maior intensidade, seja pela própria tecnologia ainda em estágio inicial, seja pela parte física dos componentes como fiação externa das operadoras de telefonia, modem e etc.

O cabo Ethernet Nordost Blue Heaven vem para melhorar esta conexão combatida, permitindo a integração de dispositivos NAS e streaming de música, melhorando ao mesmo tempo seu desempenho sonoro. Segundo a Nordost, a tecnologia empregada no cabo Ethernet Blue Heaven elimina completamente o crosstalk. Melhora a resistência ►

CABOS

ao ruído e mantém a transferência de dados mais estável. Com isto a melhora no som é percebida assim que o espetamos no sistema!

O cabo é composto por oito condutores de núcleo sólido, 24 AWG, de cobre isolados em polímero resistente, dispostos em um design de par trançado e Conectores 8P8C/RJ45 blindados.

Para realizar os testes do cabo Nordost Blue Heaven, utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV, sistema Naim composto por Streaming ND5 XS com Power Supply XP5 XS, Naim DAC com Power Supply XDS DR, Pré Naim NAC 282 com power supply HI CAP, amplificador Naim NAP 250. Fonte: Blue Sound Node 2. Cabos de força: Transparent MM 2, Sunrise Lab Reference Magic Scope com terminação normal e com conector I8 para o Blue Sound, e Chord Sarum. Cabos de interconexão: Cabo Ethernet Wireworld Starlight, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Cabos de Caixa: Sunrise Lab Quintessence Magic Scope e Chord Sarum. Caixas acústicas: Dynaudio Focus 380, Dynaudio Emit M30. Todo o sistema Naim e as caixa Dynaudio Focus 380 foram cedidos para testes pelo nosso amigo Alan, e a ele eu agradeço muito pela gentileza e paciência (risos).

Comecei ouvindo o Blue Sound com o cabo CAT5e comum, 'made in Santa Ifigênia', para sentir o tamanho do salto quando fosse para o Blue Heaven. Não esperava grande coisa então acabei gostando da apresentação, fazendo concessões aqui e ali para não arrancar os cabelos.

Considero o cabo Ethernet o maior funil dos sistemas com NAS e streaming de música. Assim como a nossa elétrica fornecida pelas concessionárias não é ideal para aplicações audiófilas, o que é entregue pelas empresas de telefonia também não. Por isto, faz toda a diferença utilizar um cabo que consiga a integridade do sinal e, neste quesito, o Nordost se sai muito bem. Seria loucura dizer que ele recupera alguma informação, mas a sensação que ficamos é esta mesmo. É claro que ele não recupera nada, mas o pouco que sobra do sinal, ele conduz muito bem! Fico imaginando o quanto se perde nos postes e nas caixinhas de passagens dos prédios e das casas, até chegar ao modem.

Com o Blue Heaven no sistema, o som se torna mais palpável, mais próximo do real e com ótimo equilíbrio tonal. As texturas são o ponto forte do cabo, e o que mais se perde em sistemas digitais, por esta razão, a interação dele com o sistema é quase como juntar a fome com a vontade de comer. Ele traz à música via streaming um calor e organicidade que falta na maioria dos players de streaming de música de baixo custo, e que se estende até para alguns aparelhos mais sofisticados.

Esta melhora geral que o cabo provoca fica bastante evidente no Blue Sound, que é um bom player, mas sofre de 'digitalite do

miocárdio'. No disco Musica Nuda Live à Flip, da dupla Petra Magoni e Ferruccio Spinetti, faixa 1, o contrabaixo soa vigoroso, com ótima extensão nos graves e bastante harmônicos. Os detalhes de boca da Petra ficam muito bonitos, a dicção ganha uma clareza muito boa. O Nordost consegue dar velocidade aos transientes de maneira bastante natural, não soam forçado, nem aparecem em detrimento do endurecimento das altas.

Quando colocamos algo mais encardido de tocar, o disco Meu nome é Gal (O melhor de Gal Costa), de 1988, faixa 11, uma faixa que é um verdadeiro terror para sistemas digitais, pois é uma gravação antiga e cheia de efeitos de pássaros, assobios e uma flauta que teima em metalizar. Esta música é famosa por derrubar sistemas com streaming de música. O Nordost conseguiu dar dignidade ao Blue Sound, e colocar o Naim numa posição de rei soberbo e com uma naturalidade estonteante! As intencionalidades da voz, no início da música, são uma verdadeiro calvário, e quando a cantora resolve mostrar toda a potência de sua voz, o Blue Heaven acompanhou com muita facilidade, se mantendo firme, trazendo conforto auditivo e uma organicidade de dar inveja. Mas nem tudo são flores, e o que menos impressionou no cabo foi o seu palco, que não era muito largo - para ouvir orquestras e conjuntos com muitos músicos, faltava aquela lateralidade e um pouco mais de profundidade para acompanhar o restante das qualidades do cabo.

Ficou claro que o Wireworld não estava no nível do Blue Heaven, mas ainda assim resolvi fazer um teste, pois estava bastante curioso. O Blue Heaven saindo do modem direto para o player ia muito bem, mas quando resolvemos colocar o Starlight do modem para o roteador Apple AirPort Time Capsule, e dele o Blue Heaven para o Player, o salto foi enorme! A dica que dou, é que procurem ou por este roteador, ou os de outras marcas que já são considerados audiófilos, como os da iFi ou outros.

CONCLUSÃO

Para quem busca um cabo Ethernet honesto, de bom preço e com qualidades que trazem melhoras reais ao sistema, peço que ouçam este cabo Nordost Blue Heaven, pois quem está sentindo falta de pegada, de naturalidade e de textura na sua fonte de música via streaming, ele pode ser a salvação da lavoura. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RWYR20ZU8AO](https://www.youtube.com/watch?v=rwyr20zu8ao)

AVMAG #249

AV Group
 (11) 3034.2954
 R\$ 3.025 (2 m)

NOTA: 67,5



OURO REFERÊNCIA



A importadora oficial da americana Nordost no Brasil, a AV Group, nos trouxe uma série de cabos para testes, dentre eles os cabos interligação USB Blue Heaven (edição 249), Tyr de caixa e interconexão (edição 250), e Nordost Frey (edição 253).

A Nordost divide seus principais cabos em três grupos: O primeiro grupo, de entrada, denominado Leif, abriga os modelos White Lightning, Purple Flare, Blue Heaven e Red Dawn. Depois a linha Norse de alta performance, contendo os modelos Heimdall 2, Frey 2 e Tyr 2. O terceiro grupo, Reference, tem apenas uma linha de cabos Valhalla 2 e, por fim, a linha Supreme Reference, com o topo da cadeia alimentar: os todo-poderosos Odin e Odin 2.

Nesta edição, o cabo da vez é o modelo Heimdall 2, RCA e de caixa acústica. Como mostrado acima, o cabo Heimdall é o primeiro da linha Norse, e é a partir dele que a coisa começa a ficar séria, por assim dizer, pois começamos a ver algumas técnicas de produção e materiais do Valhalla e Odin sendo empregados na linha Norse, como a tecnologia Mono-Filament, que cria um dielétrico de ar virtual ao enrolar um filamento FEP flexível em uma espiral precisa ao redor de cada condutor. Sabe aquele filamento colorido que vemos ao redor dos fios, principalmente nos cabos de força? Este é o dielétrico responsável por manter o condutor longe da capa final do cabo. Se observar com cuidado, verá que mais de 70% do fio está realmente 'flutuando', pois este filamento FEP impede que, em uma torção por exemplo, o condutor encoste na camada de Teflon extrudado, reduzindo a absorção

dielétrica e controlando melhor o amortecimento mecânico, além de manter a precisão geométrica do cabo. Estas técnicas desenvolvidas primeiramente para a indústria aeroespacial e para a NASA, agora estão à serviço do áudio, da boa música.

Outra tecnologia vinda dos modelos topo de linha é o Aterramento Assimétrico, que diminui o nível de ruído. Em termos práticos, estas duas tecnologias - Mono-Filament e o Aterramento Assimétrico - podem ser observados na reprodução sonora na forma de mais silêncio de fundo, melhor foco e recorte, e conseqüentemente melhores contornos dos músicos e instrumentos no palco sonoro - Aquele foco surpreendente da linha Valhalla, micro-dinâmicas mais precisas e clareza na região média, já podem ser observados a partir do Heimdall.

Uma curiosidade sobre os cabos de caixa acústica Flat Line (formato de fita) é que esta geometria dos condutores alinhados em paralelo obtém ganhos consistentes em velocidade de transientes, macro e micro-dinâmicas, beneficiando-se diretamente da relação capacitância/indutância formada pelo paralelismo dos condutores. O pênalti nesta topologia é que a região média tende a vir para frente, tirando um pouco da profundidade de palco. Dá para equilibrar com outras técnicas, mas tais medidas podem encarecer o produto - suspeito que é por isto que desenvolveram os próprios plugs, pois é uma maneira barata de negociar melhor os ganhos e perdas na topologia, principalmente nos produtos de entrada e meio de linha. ►

CABOS

As terminações dos cabos Nordost RCA ou XLR utilizam a tecnologia proprietária da marca chamada Nordost MoonGlo®. O RCA macho possui uma 'coroa' que desliza para dentro do próprio plug ao encostar-se no RCA fêmea, fazendo o travamento total do conector. Os de caixa são os tradicionais plugs Banana e Spade.

Para o teste foram utilizados os seguintes equipamentos. Fonte Digital: CD-Player e transporte Luxman D-06, DAC Hegel HD30 Mod By Sunrise Lab. Amplificadores integrados: Sunrise Lab V8 Mk4 e Mk4 SS com pré de phono interno, e PS Audio S300. Cabos de força: Transparent Reference XL MM 2, Sunrise Lab Reference e Quintessence Magic Scope. Cabos de Interligação: Sax Soul Cables Zafira III XLR, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Cabos de caixa: Sunrise Lab Reference 2 e Quintessence Magic Scope. Caixas Acústicas: Dynaudio Excite X14, Emotiva Airmotiv T1, Neat Ultimatum XL6.

Dentre os cabos que testei, o cabo de caixa Heimdall foi um dos cabos que mais demorou a amaciar. Foi preciso pouco mais de 350 horas de amaciamento. Meu pobre player de batalha, um DVD que uso para os períodos de amaciamento entre as audições sérias no sistema de referência, ficava 7 dias ligado sem interrupções, ouvia e retornava para o pobre DVD trabalhar ainda mais uma semana, e assim foi até o amaciamento. O RCA amaciou mais rápido, e já tinha algumas horas de estrada.

Inicialmente ligamos o Heimdall de caixa ao integrado V8 com as caixas Emotiva T1. De imediato percebemos que a sinergia foi total. A velocidade estonteante do cabo Heimdall nos graves trouxe uma precisão às vigorosas arcadas do contrabaixista Bruce Henri, no disco Bruce Henri & Villa's Voz, faixa 1. Além da precisão rítmica ficar melhor, o cabo trouxe maior equilíbrio na região médio-grave, muito bem-vindo para a T1, porém esta luz a mais na região do médio-grave ofuscou um pouco o grave que descia bem, com impacto e texturas ótimas, mas nem tanto como se esperava. O foco e recorte são o ponto alto deste cabo: todos os instrumentos passam a ter uma apresentação mais 'vincada' no imaginário palco sonoro. É possível perceber, sem muito esforço, os movimentos dos músicos, a posição deles. A inteligibilidade do dedilhado nos solos fica ainda mais precisa.

Continuando nesta linha musical, colocamos Arne Domnérus, disco Live is Life, faixa 11. E novamente ouvimos uma precisão e dinamismo no solo de bateria de causar inveja. Os ataques tinham uma ótima energia, dava para perceber com clareza os harmônicos se formando em cada pele e prato da bateria. A clareza na região média e média-alta fazia com que o acontecimento musical soasse ainda mais prazeroso de ouvir, já que o clarinete ganhava um leve destaque a mais sem se embolar com o restante dos músicos. A profundidade era boa, os músicos não pareciam estar disputando espaço a cotoveladas, muito pelo contrário, tinha uma boa distância entre eles e ótimo silêncio de fundo para mostrar detalhes, como as diferentes batidas dos macetes

no vibrafone de Lars Erstrand - mesmo que em uníssono com a clarineta, dava para perceber as diferentes de dinâmica de cada instrumento separadamente com ótimo timbre e extensão para ambos!

Ao alternar os cabos de interligação disponíveis, as características se mantinham, algumas como os médios e as altas mais doces do cabo Zafira III traziam benefícios muito bons ao cabo de caixa Heimdall, ficando mais relaxado quando a música era mais intimista. Já com o Reference a melhora foi no encaixe do grave com médio-grave, proporcionando mais conforto auditivo e recuando o palco.

Como era de se esperar, o Nordost Heimdall 2 evoluiu bastante, tanto que, diferente da primeira versão, que era mais 'autoritária', a versão 2 se mostrou mais neutra, mais compatível e amigável com cabos fora da sua família.

O mesmo acontece com o RCA tocando separado de seu par. A evolução na compatibilidade com outras marcas, cedendo um pouco de sua assinatura para que outras assinaturas sônicas se misturem, mostra que o grau de refinamento do Heimdall 2 RCA aumentou por demais!

Quando juntos, RCA e caixa, aquele grave mais enxuto do cabo de caixa, dão lugar a um grave cheio e repleto de extensão. As vozes ficam mais recuadas e com corpo melhor delineado, os tamanhos dos instrumentos ficam mais próximos do ideal, mas os agudos perdem um pouco de extensão lá no final da ponta. Claramente o cabo de caixa está um degrau acima do RCA, porém com os dois juntos somando forças, a musicalidade toma conta da sala de audição e a pequena perda na extensão dos agudos passa a ser mais uma questão de gosto pessoal, porque o som fica mais quente, mais relaxado, perfeito para audições de conjuntos de até cinco integrantes, como os de música folk, grupos de jazz, blues e rock progressivo por exemplo.

CONCLUSÃO

A diferença do cabo Heimdall 2 para o seu antecessor é clara como água, e o cabo evoluiu muito e os benefícios são ouvidos sem qualquer esforço. A Nordost conseguiu maior compatibilidade, refinamento e um nível de conforto auditivo surpreendentes para este produto, tudo isto sem perder a identidade sônica da marca, agradando a gregos e troianos. Um feito e tanto!

CABO DE INTERLIGAÇÃO NORDOST NORSE HEIMDALL 2 RCA **NOTA: 88,0**

CABO DE CAIXA ACÚSTICA NORDOST NORSE HEIMDALL 2 **NOTA: 90,5**

AVMAG #254

AV Group
(11) 3034.2954
Cabo Interconexão 2m: R\$ 8.517
Cabo Caixa 2m: R\$ 11.711



ESTADO DA ARTE



Seguindo o script, após testar o cabo Tyr 2 de caixa e de interconexão, agora passamos para vocês nossas observações sobre o modelo Frey 2. Assim como o Tyr 2, o Frey 2 pertence à linha Norse, a segunda série deste conceituado fabricante de cabos da terra do Tio Sam. Sugiro para todos que estejam interessados em conhecer mais detalhes da série Norse, lerem também nossas observações do Tyr 2.

Em inúmeros fóruns, quando se trata de realizações de upgrades dentro da mesma série de cabos da Nordost, acalorados debates são travados sobre se as diferenças entre um e outro cabo logo acima, serão audíveis para justificar o investimento.

Claro que todo este questionamento é importante, afinal dinheiro não é capim, e pesa no bolso em qualquer lugar do planeta em que o vil metal é utilizado.

No entanto, o que pouco observo nesses embates é se o sistema está à altura do investimento de um cabo de nível superior (claro que

estou imaginando que estejamos falando de dúvidas de quem acredita que cabos fazem diferença), pois muitas vezes, passando os olhos no setup, fica evidente que não haverá melhoras audíveis. O que gostei muito na série Norse 2 é que os três cabos (Heimdall 2, Frey 2 e Tyr 2), atendem a um leque de sistemas que vai (dentro de nossa metodologia), dos Diamantes na fronteira com o Estado da Arte, até sistemas definitivos (de 98 pontos no caso do Tyr 2) - possibilitando a todos que possuem sistemas bem ajustados (em termos de sinergia e assinatura entre os componentes eletrônicos), um upgrade seguro e muito satisfatório em termos de upgrade nos cabos.

O cabo Frey 2 utiliza o mesmo design central da série de entrada da linha Leif, ao mesmo tempo que na série 2 introduzem tecnologias de ponta utilizados na linha Valhalla e Odin, como a tecnologia Dual Mono Filamento, comprimentos ajustados para evitar perda de transmissão de sinal, conectores MoonGlo projetados e patenteados pelo fabricante.

CABOS

A construção Dual Mono Filamento cria um dielétrico de ar virtual com um sistema de suspensão de difícil construção mas grande eficiência. Os condutores de núcleo sólido OFC são revestidos de prata e isolamento. O Frey 2 de interconexão possui as seguintes características técnicas: isolamento de propileno etileno fluorado (FEP), construção duplo filamento mono, condutores 5x 24 AWG, material de núcleo sólido de OFC 99,999999%, capacitância de 28.0pF/ft, velocidade de propagação de 85%.

Sua capa protetora possui a cor lilás, e tanto o cabo de caixa como de interconexão (RCA) enviados pela AV Group, vieram zerados. Paralelamente ao teste do Tyr 2, o Frey 2 também foi sendo amaciado para podermos realizar um aXb com total segurança que ambos estariam com as mesmas 300 horas de queima. Foram dezenas de produtos em que os cabos de interconexão e de caixa foram avaliados, então fatalmente alguns equipamentos nem serão relacionados.

Para o fechamento das notas, utilizamos nosso sistema de referência e também os produtos em teste nos últimos três meses. As caixas acústicas foram: DeVore O/96, Revel Performa3 M105, Dynaudio Evoke 10, Dynaudio Evoke 50 e Kharma Exquisite Midi. Amplificadores: Audio Research 160M, Cambridge Audio Edge e Hegel H30. Pré-amplificadores: Audio Research Ref 6, Cambridge Audio Edge e Dan D'Agostino. Prés de phono: Tom Evans Groove+ e Boulder 508. Fontes digitais: dCS Scarlatti, dCS Vivaldi e MSB Select DAC.

Em minhas anotações escrevi: o Tyr 2 precisa de muito maior tempo de amaciamento para mostrar suas virtudes que o Frey 2. Será a quantidade de fios? Pois foi isto que aconteceu. Tirar da embalagem o Tyr 2 e esperar que já saia tocando magistralmente, será uma decepção. Já o Frey 2 parece já sair da embalagem muito mais próximo do que você irá apreciar depois das 300 horas de queima. Deixarei o comparativo entre os dois cabos para o final.

A assinatura sônica de toda a série Norse 2 é muito semelhante. Cabos com uma precisão e velocidade estonteante, muito detalhados tanto na recuperação de nuances de microdinâmica, como na apresentação de arejamento e silêncio de fundo. São cabos que deixam a música fluir com enorme controle e prazer auditivo.

O equilíbrio tonal no Frey 2 se estabilizou com 180 horas de queima. Daí em diante o que mudou foi a melhora na apresentação do corpo na região do médio-grave e no corpo também nos agudos superiores. Você saberá nitidamente que o amaciamento chegou ao fim quando os planos e a abertura e profundidade do palco sonoro se estabilizarem.

A sensação é que, entre as 200 e 300 horas, o palco vai se alargando gradativamente até termos a capacidade de apreciar um foco e recorte dos planos de uma orquestra sinfônica para além do limite das caixas, e para muito além da parede às costas das caixas. Para os amantes de soundstage, tanto o Frey 2 como o Tyr 2 são excelentes!

Muitos audiófilos reclamavam que a sonoridade da linha original Norse, em muitos sistemas, soava um pouco seca em tamanho de corpo dos instrumentos e no timbre, mostrando muito mais das notas fundamentais, do que o invólucro harmônico. Nesta nova geração, essas características problemáticas não existem. Ambos possuem corpos muito corretos (tanto em CD como em LP) e não se ouve nenhum resquício de secura ou falta do invólucro.

Achei o Frey 2 até mesmo mais quente e musical, com alguns gêneros musicais, que o Tyr 2 (talvez pelo fato do piso de silêncio do Tyr 2 ser muito maior), me parecendo o cabo certo para aqueles que desejam um toque a mais de calor nas vozes e instrumentos de cordas e sopro.

A pergunta óbvia que todos que possuem bala para adquirir qualquer um dos dois, é: qual eu escolho? E a resposta que darei, é: depende do sistema que você tem, do seu gosto musical e do que você deseja. O Tyr 2 possui um silêncio de fundo que é superior ao Frey 2, e com isto o ouvinte ganha em transparência e resolução maior. Sua assinatura sônica também é mais refinada e muitas de suas qualidades já estão muito mais próximas das linhas Valhalla e Odin.

Já o Frey 2 possui uma sonoridade mais quente, com excelente transparência, mas que não possui a mesma resolução em microdinâmica e nem a mesma transparência. Na nossa metodologia, sempre lembramos que 4 pontos é uma distância considerável, não em compromissos, mas em performance. O que quero dizer com isto? Que em termos de metodologia, ambos já atendem com grande margem de segurança a todos os quesitos de forma coerente e homogênea. E que as diferenças se encontram no grau de refinamento (ou, se quiserem, de lapidação). Exemplos: em uma passagem com três saxofones montando um acorde, o Tyr 2 dará ao ouvinte a possibilidade de distinguir cada um dos saxofones, como as alturas e se o acorde foi tocado de forma precisa. O Frey 2 mostrará que estamos escutando um acorde de saxofones, mas os detalhes passarão batidos. Ou aquele triângulo no meio de um crescendo da orquestra: o Tyr 2 permite mesmo com a entrada de inúmeros instrumentos, acompanhar o decaimento do triângulo, até o silêncio. No Frey 2, haverá um esforço para tentar observar este decaimento, já que muitos outros instrumentos entraram.

Detalhes que para muitos são irrelevantes e não merecem o custo que se paga para se ouvir, e para outros são de suma importância para justificar todo o dinheiro investido. Não serei eu o juiz desta questão - a mim só cabe esclarecer a você, leitor, onde se encontram as diferenças e como elas serão ou não relevantes para a escolha de um ou outro cabo.

CONCLUSÃO

Gostei muito do Frey 2, e acho que sua relação custo/performance agradará a um número maior de usuários (tanto melômanos como

audiófilos) que tenham um sistema Estado da Arte e chegaram à conclusão que aquele sistema é o definitivo (ou, se não é, será por muito tempo utilizado), e só querem 'lapidar' com cabos as 'arestas' ainda existentes.

Muito bem construído, e de enorme compatibilidade com todos os produtos utilizados no testel, com excepcional velocidade para respostas de transientes, um equilíbrio tonal preciso e muito musical. Atende perfeitamente desde o usuário que aprecia um único gênero musical aos que (como eu) escutam de tudo.

O cabo Frey 2 de caixa possui as seguintes especificações: 22 condutores 22AWG, material de núcleo sólido OFC 99,999999% prateado, capacitância de 10,3 p.f./pé, indutância de 0,135uH/pé, propagação de 96%, terminações banhadas à ouro (spade ou plug Banana).

Comparado também com o Tyr 2, o cabo de caixa Frey 2 se portou de maneira distinta do cabo de interconexão (será questão da quantidade de fios condutores apenas?). Interessante que misturar os cabos não deu o equilíbrio teoricamente imaginado. Exemplo: usar o RCA Tyr 2 com o cabo de caixa Frey 2, na tentativa de manter certas características na performance como corpo e silêncio de fundo. Ou o inverso: RCA Frey 2 com cabo de caixa Tyr 2. Aqui se aplica a lei do elo mais fraco (como em todo sistema hi-end bem ajustado), mostrando que a distância entre os cabos de caixa Tyr 2 e Frey 2, é maior que a dos de interconexão.

Cheguei a achar que seria uma questão de um maior amaciamento ou que havia feito os cálculos errados de quanto cada um ficou em queima. Mas, revendo minhas anotações, confirmei que ambos fizeram as 300 horas em conjunto na Kharma, e que o tempo em que foram utilizados separados já estavam totalmente amaciados.

Em todas as caixas utilizadas no teste as diferenças no corpo harmônico, no tamanho de palco e no silêncio de fundo foram audíveis. Nestes quesitos as diferenças são significativas. Estou a falar nas colunas utilizadas (Kharma, Dynaudio Evoke 50 e DeVore O/96). Nas books Evoke 10 e Revel Concentra, é muito menos perceptível essa diferença.

Em termos de assinatura sônica são muito semelhantes. Excelente equilíbrio tonal, com ótima extensão nas duas pontas, velocidade e arejamento. Região média com enorme naturalidade e transparência. Texturas impecáveis e transientes matadores! Micro e macrodinâmica capazes de nos prender à cadeira, e uma materialização física palpável!

O corpo harmônico, se comparado diretamente com o Tyr 2, é audivelmente menor, e os planos na largura e profundidade também são mais concentrados entre as caixas.

Estamos, sempre é bom lembrar, falando de um aXb com um cabo acima, da mesma série, e que custa quase o dobro! Então quero deixar

claro que o Frey 2 de caixa é um excelente cabo e com uma relação custo/performance muito competitiva com os cabos concorrentes da mesma faixa de preço.

Então se você possui um sistema Estado da Arte na faixa de 95 a 98 pontos, o ideal será investir no Tyr 2 de caixa (principalmente se você deseja um Valhalla 2, mas falta crédito para tanto). Já os leitores que possuem um sistema entre 90 e 94 pontos Estado da Arte, e desejam um cabo de caixa com uma assinatura sônica correta, natural e de uma musicalidade cativante, o Frey 2 é uma excelente indicação.

Não conheci a série Norse anterior de cabos de caixas para saber o quanto evoluiu para a Norse 2. O que posso dizer, após passar cinco meses com esses cabos da Nordost, é que esta nova geração oferece um grau de performance surpreendente. E é capaz de atender a uma legião de audiófilos que sempre desejou ter em seus sistemas as séries logo acima (Valhalla e Odin), mas que pelo preço proibitivo precisam achar uma outra solução para este desejo.

Afirmo que as melhorias implementadas nesta nova geração da série Norse permitem a todos os que desejam subir mais alguns degraus, realizarem seu sonho.

O Frey 2 está na fronteira, permitindo ao usuário ter uma ideia do que a série superior pode fazer pelo seu sistema.

Altamente recomendado, ambos: de interconexão e de caixa. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K10ZDKW_87A](https://www.youtube.com/watch?v=K10ZDKW_87A)

CABO NORDOST FREY 2 DE CAIXA

NOTA: 91,0

CABO NORDOST FREY 2 DE INTERCONEXÃO

NOTA: 94,0

AVMAG #253

AV Group

(11) 3034.2954

Cabo Interconexão 1m: R\$ 9.143

Cabo Caixa 2m: R\$ 18.318



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABOS DE INTERCONEXÃO E CAIXA NORDOST TYR 2

Fernando Andrette



O novo distribuidor no Brasil da Nordost é a AV Group, desde o segundo semestre do ano passado. No começo de janeiro, eles nos enviaram uma bela maleta com todos os cabos da linha Norse da Nordost, com um cabo de interconexão RCA de 2 metros e um par de 4 m de cabos de caixa. Esta linha, abaixo da linha Valhalla 2, é constituída dos seguintes modelos: Heimdall 2, Frey 2 e Tyr 2. O consumidor encontrará nesta série também os seguintes cabos: USB, Digital Coaxial e AES/EBU e de força.

Com o envio de toda a linha Norse de caixa e interconexão, decidimos começar as nossas avaliações pelo Tyr 2, o mais próximo das linhas Valhalla 2 e Odin 2, e ir descendo. Assim o leitor terá uma ideia consistente, dentro de nossa metodologia, de onde cada um desses cabos se encaixa dentro da marca e, também, qual poderia ser um upgrade seguro para cada sistema.

Gosto muito da filosofia da Nordost de utilizar em todos os seus produtos o que eles chamam de construção progressiva. Como os cabos da linha de entrada Leif, a série Norse 2, utiliza condutores de cobre OFC banhados à prata, isolamento FEP (teflon) extrudado e uma construção ajustada mecanicamente.

Outros avanços tecnológicos que, segundo o fabricante, os levam ainda mais perto das linhas Valhalla 2 e Odin 2 em termos de performance, é o uso de uma tecnologia de mono-filamento de patente proprietária, que cria um dielétrico de ar virtual enrolando um filamento em uma espiral precisa ao redor de cada condutor, antes de colocar uma 'luva' em cada condutor. Minimizando o contato com o condutor, e reduzindo drasticamente a absorção dielétrica enquanto se amplia o amortecimento mecânico e a precisão geométrica.

Os cuidados vão além, nesta nova série, com ajustes mecânicos na construção com comprimentos mecanicamente ajustados para reduzir a microfonia interna e a ressonância de impedância de alta frequência.

Na apresentação do modelo Tyr 2 o fabricante ressalta que seus atributos sonoros são mais silêncio de fundo, maior arejamento tanto em torno dos instrumentos como na apresentação de ambiência e uma maior faixa dinâmica e, segundo a Nordost, muito mais próximo dos consagrados Valhalla 2 e Odin 2.

O isolamento do Tyr 2 de interconexão é o Etileno Propileno Fluorado (FEP), em construção com camadas mecanicamente sintonizadas e design duplo de mono-filamento. Os condutores são 7 x 24 AWG, ►

núcleo sólido de cobre OFC 99,999999% banhado à prata, com capacitância de 33.0 pF/pé, indutância de 0,045 uH/pé, e velocidade de propagação de 86%.

Para o teste nesses quatro meses utilizamos o Tyr 2 em conjunto com nossos cabos e também com o Frey 2, para termos uma ideia exata da assinatura sônica de um setup Norse 2. Em todos os produtos que estiveram em teste neste período, ou que ainda estão, temos utilizado direto tanto o cabo de interconexão Tyr 2 como o de caixa.

Tentei de todas as maneiras, amigo leitor, conseguir um Tyr versão anterior para conhecer, já que com esta linha Norse nunca havia tido contato anteriormente. Então meu único recurso foi buscar as anotações referentes ao Valhala 1 e 2, e ao Odin 2 que testei.

Muitos devem se perguntar: mas em que diabos as anotações pessoais do Andrette podem ajudá-lo? Já que foram feitas com outros sistemas e em épocas bem distintas! Minhas anotações pessoais, que utilizo para registro de minha memória auditiva, vão muito além de observar o comportamento auditivo de um produto em teste. Geralmente, nessas anotações utilizo nossas gravações ou gravações que nos acompanham desde o pontapé inicial de nossa metodologia no longínquo ano de 1999! Nessas anotações eu descrevo muito mais sensações ou detalhes que me chamaram a atenção, como por exemplo: texturas, inflexão e técnica vocal e virtuosidade dos instrumentistas, comportamento do produto em volumes bem reduzidos, ou em volumes próximos ao limite do que foi mixado. Planos, em termos de foco, recorte e profundidade e sobretudo o grau de musicalidade e o grau de imersão no acontecimento musical.

Eu já fazia este processo mental com a mais tenra idade, quando meu pai, depois do jantar, me perguntava se eu podia ajudá-lo na escolha de um componente para substituir um original em nossa fatídica reserva de mercado, em que importar um transistor, um capacitor ou uma resistência era um parto! E lá ia meu pai, na busca de uma solução menos 'nociva' para aquele equipamento em conserto. E solicitava meu par de orelhas para ajudá-lo a encontrar uma solução. Às vezes o 'caminho das pedras' já estava sedimentado, outras inúmeras vezes não.

E foi daí que desenvolvi a técnica de guardar no meu hipocampo as observações que fazia ouvindo sempre os mesmos trechos de música no equipamento de nossa casa. Não pensem que depois de alguns anos eu acertava de primeira. Pelo contrário, à medida em que minha referência de sistemas foi refinando, com as visitas aos clientes do meu pai, eu sempre queria que ele arrumasse soluções melhores. Aí, com sua paciência Zen, lá vinha ele me falar dos malefícios da reserva de mercado e toda sua dificuldade em conseguir componentes originais.

Voltando ao que interessa. Ainda que minhas anotações estivessem defasadas, foi um norte escolher os mesmos discos e faixas para

escutar o Tyr 2 de interconexão e o de caixa. Desde o primeiro momento, o que se escuta nos Tyr 2 é uma mistura de folga, com velocidade e silêncio de fundo cativantes.

Arriscaria dizer que, no cabo de caixas, essas mesmas qualidades demoram um pouco mais (terá a ver com a construção em mono filamentos em paralelo, distribuídos em uma larga fita?). Mas, quando elas surgiram, esta dupla teve um desempenho sônico exemplar!

O RCA possui um grau de compatibilidade excelente, fosse trabalhando entre o pré de phono e o pré de linha, ou entre prés e powers, ou entre DAC e pré de linha. A melhor forma de descrever o Tyr 2 é que, em poucos segundos, seu cérebro para de pensar no que está ouvindo e se concentra só na música. Sua micro-dinâmica me deu a nítida impressão de ser superior ao Valhalla 1, e muito mais próxima do Valhalla 2. E estamos falando de um cabo que custa o dobro do preço!

Seu caráter sônico é sempre incisivo, retratando o tempo e ritmo com enorme autoridade e nos brindando sempre com uma folga e silêncio de fundo que nos fazem perguntar se realmente precisamos mais em termos de performance.

Outra questão levantada, em diversos fóruns, por quem teve o Tyr 1 e realizou o upgrade, fala da melhora no corpo e peso na região do médio-grave, e a maior extensão tanto nas altas como na primeira oitava embaixo. Como não ouvi o Tyr 1, não tenho como dar minha opinião, mas posso testemunhar que no Tyr 2 esta limitação não existe. Desde as primeiras horas de amaciamento (com 15 horas) que seu equilíbrio tonal foi excelente. Agudos com grande extensão, decaimento perfeito (para se ouvir as ambiências), corpo, naturalidade no timbre e velocidade.

A região média é de uma beleza digna de cabos muito corretos e refinados, é palpável e integralmente natural para vozes e instrumentos musicais. Os graves possuem aquela solidez tão procurada nos cabos de referência, com corpo e velocidade também surpreendentes.

À medida em que o amaciamento foi se acelerando, as diferenças audíveis se concentraram no aumento da largura e profundidade do palco, e na precisão com que o foco e o recorte se delimitaram entre as caixas. Gosto muito, neste período em que o soundstage vai se firmando, de ouvir apenas obras sinfônicas ou pequenos grupos como quartetos de cordas, pois monitoro todos as mudanças no soundstage (quartetos para observar foco e recorte, e obras sinfônicas para ver a ampliação das camadas dos naipes tanto na profundidade como na largura).

O Tyr 2 vai muito além de retratar os planos dos naipes de uma orquestra, apresentando uma imagem quase holográfica e 3D dos solistas, tanto em termos de corpo como de silêncio à sua volta. Com 100 horas, o soundstage se acomodou, e não sofreu novas alterações significativas.

CABOS

Também li em alguns fóruns audiófilos que diziam ser o Tyr 1 mais analítico do que quente, com determinadas eletrônicas. Se esta limitação realmente existia, foi totalmente corrigida na versão 2. Achei o equilíbrio entre silêncio e musicalidade perfeito. E para aqueles que desejam entender como avaliamos esta questão, basta se aterem à dois quesitos de nossa metodologia: textura e micro-dinâmica. Ambos não podem sobressair um ao outro. Pois se aquele triângulo no meio da orquestra soa com o mesmo impacto que o instrumento solo acredite, meu amigo, seu sistema está realmente puxando para o analítico, e este grau de informação secundária irá, em audições mais prolongadas, cansar.

Por outro lado, se a micro-dinâmica é sempre difusa e as texturas são sempre realçadas com muita ênfase (principalmente instrumentos acústicos e sopros), com flautas sempre doces e sedosas mesmo na última oitava mais aguda, ou trompete com surdina que parece que a surdina é feita de feltro, você também terá problemas, pois ainda que encante no começo, seu cérebro irá reclamar que o instrumento real não soa assim!

Então, conseguir o equilíbrio entre esses dois quesitos mostra com eficiência o nível de qualquer componente do sistema. Um amigo meu baterista sempre diz que, para ele avaliar textura, coloca para escutar solos com uso de muita caixa com a esteira fechada. Se a textura está 'adocicada' parece que o baterista substituiu a baqueta por uma meia (claro que isto é uma piada, mas alguns sistemas mais contemplativos realmente distorcem e, vou além, também distorcem a reprodução de transientes).

Nos nossos Cursos de Percepção Auditiva, explicamos com inúmeros exemplos como todos os quesitos da metodologia interagem e como nosso cérebro codifica e interpreta essas questões.

O Tyr 2 é muito coerente, e seu silêncio de fundo não se sobrepõe à apresentação de texturas. Elevando-o ao seleto grupo de cabos que são superlativos não por destacarem algo, mas sim por apresentarem o todo com forma, equilíbrio e beleza.

Desde o primeiro Blue Haven, testado em 1998, que destaco a velocidade dos cabos Nordost. Brincava que eles pareciam ser ligados no 220V, tamanha facilidade em acompanhar variações complexas em ritmo, tempo e andamento (transientes). Esta qualidade continua presente mas, como escrevi acima, não em detrimento de nenhum outro quesito.

Ouvimos os discos do Uakti, I Ching, faixa 3, e de André Geraissati, Canto das Águas, faixa 5, grudados na poltrona e sem tempo de respirar, tamanha precisão de ambos (RCA e de caixa).

O corpo harmônico, além de preciso, graças ao seu silêncio de fundo, nas vozes cria um efeito 3D espetacular! Colocando-os à nossa

frente em nossa sala. Novamente, utilizamos estes exemplos de corpo para mostrar como nosso cérebro não se engana com reprodução eletrônica se o corpo e a materialização do acontecimento musical não for verossímil! Do que adianta uma gravação tecnicamente impecável se as vozes e instrumentos possuem o tamanho de uma pizza brotinho?

Não, meus senhores, nosso cérebro é bem astuto, e não se engana com corpos disformes. E vozes, assim como instrumentos de cordas e piano, são matadores para verificarmos a qualidade do corpo harmônico em nossos sistemas.

Com todos os quesitos equilibrados em um sistema Estado da Arte, e eis que o milagre ocorre: temos a materialização física do acontecimento musical à nossa frente e o grau de prazer auditivo (musicalidade) é proporcional à este equilíbrio.

Os Tyr 2 de interconexão e de caixa são extremamente musicais, corretos e sempre soaram com uma naturalidade cativante.

Falando sobre a construção do cabo de caixa Tyr 2, o isolamento a construção não muda em nada. O que muda é a geometria, já que estamos falando de condutores trabalhando em paralelo como em uma múltipla pista de autorama (não sei se nossos leitores com menos de 30 anos irão entender o que desejo dizer com 'pista de autorama'), com 26 condutores 22AWG, o mesmo núcleo de cobre sólido de seis noves de pureza OFC, capacitância de 10,7pF/pé, indutância de 0.13 uH/pé, propagação de 96%, e terminações banhadas à ouro ou Z-plug Banana.

Os cabos de caixa, pela sua largura, necessitam ser desenrolados corretamente, e o ideal é que, se possível, se use os próprios elevadores indicados pelo fabricante. Isto facilita não se correr risco de tropeço ou ficar pisando no mesmo.

Pela quantidade de fios, é natural que ele necessite do dobro de tempo de amaciamento (foram 220 horas). No princípio ele toca mais engessado (principalmente nas duas pontas), seu corpo é menor e seus planos são bastante tímidos em profundidade e largura da imagem. Mas, a partir de 100 horas os graves ficam sólidos na primeira oitava, e são notórios pela velocidade, energia e deslocamento de ar.

Ao ouvir a primeira gravação de órgão de tubo, me rendi aos seus encantos e passei uma semana curtindo gravações com este instrumento, e com baixo acústico e elétrico. Revisitei toda a obra de Marcus Miller, Pastorius e Mingus. Foi realmente um deleite sonoro!

Sua velocidade torna qualquer gravação com inúmeras percussões, piano solo e bateria, momentos inesquecíveis! Equilibrado tanto quanto o de interconexão, o Tyr 2 de caixa é uma solução inteligente e definitiva para qualquer sistema Estado da Arte, por uma fração do preço do Odin 2.

CONCLUSÃO

O Tyr 2, como o fabricante afirma, é um passo consistente em busca do equilíbrio que todo o audiófilo sonha em dar ao seu sistema.

Suas qualidades são tão abrangentes e sua compatibilidade tão larga que deve ser uma das opções a serem escutadas em qualquer sistema sinérgico e sem elos fracos, em que apenas falte aquele cabo para realçar todas as virtudes.

São excepcionalmente construídos (é sempre bom lembrar que a Nordost antes de se dedicar ao áudio hi-end é o maior fabricante de cabos aeroespaciais, com exigências que vão muito além do uso doméstico de um cabo). Sua assinatura sônica, além de exuberante é extremamente correta em todos os quesitos de nossa Metodologia.

Altamente recomendado, principalmente para os que já apreciam a marca, mas não podem ou não desejam gastar o que custa o Valhalla 2 ou o Odin 2. ■

AVMAG #250

AV Group

(11) 3034.2954

RCA (1m) - R\$ 15.186

Cabo de caixa (2m): 340

NOTA: 99,0



ESTADO DA ARTE



CABOS DYNAMIQUE AUDIO HALO 2

Fernando Andrette

Esta é a segunda vez na história da revista que somos procurados por uma empresa estrangeira, que bate à nossa porta pedindo para avaliar seus produtos. A primeira foi a Etalon, em 2002, e agora a Dynamique Audio. Se acreditarmos que nada nesta vida é ao acaso, certamente poderemos escrever um belo roteiro com ambas as histórias e como os contatos foram feitos.

O da Etalon, o primo do CEO arrumou uma namorada uruguaia e veio conhecer a América Latina e trouxe em sua bagagem o integrado. Nos encontramos no centro de São Paulo, ele sem falar absolutamente nada de inglês e arranhar apenas o espanhol (talvez graças a namorada). O Etalon embrulhado em jornal e uma fita crepe, saiu de uma mala surrada, direto para as minhas mãos. Não estava sequer preparado para aquela cena, absolutamente inusitada e engraçada. Sai de lá a passos largos direto para o estacionamento.

Ao olhar aquele pacote, que parecia mais com um embrulho de açougue mal feito, não poderia imaginar a beleza que se escondia

debaixo daquelas folhas de jornal. O resto, todos os nossos mais antigos e fiéis leitores já conhecem. Apresentei o integrado Etalon em nossos Cursos de Percepção Auditiva e em Hi-End Shows, na esperança de arrumar algum distribuidor. E como diz o ditado: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, finalmente o Paulo Wang acabou vindo a distribuir a marca no Brasil. E muitos amigos e leitores ainda possuem em seu sistema produtos Etalon.

Já a Dynamique Audio, com o avanço tecnológico que nos conecta ao mundo em tempo real, foi muito mais fácil. Uma mensagem de apenas 20 linhas apresentando a marca, me colocou em contato imediato com o Daniel Hassany, CEO da Dynamique Audio, e começamos aí a troca de uma dezena de e-mails até receber, para teste, um set completo de cabos da linha Halo 2, e um Apex de interconexão - top de linha- de 1m XLR.

Fundada em 2010, a Dynamique Audio é apenas uma ‘criança’ em um mercado que possui empresas centenárias (ou quase) como ►

CABOS



Luxman, Tannoy, etc. No entanto, ainda que não tenha uma década de vida, a Dynamique Audio já está presente em diversos países (leia entrevista com o Daniel na edição 257), e busca expandir seu mercado agora também para a América Latina.

Nas nossas trocas de mensagem, deixei claro ao Daniel que só faria sentido testar seus produtos se conseguisse ajudá-lo a arrumar um representante em nosso país. Pois sem esta representação seria frustrante mostrar aos nossos leitores os produtos e estes não terem como adquiri-los facilmente (expliquei a ele a burocracia e os impostos desproporcionais aplicados no país) e ele entendeu que sem um representante oficial eu não teria como publicar minhas avaliações.

Definida a estratégia, abri duas frentes de trabalho: conhecer os produtos, entender a filosofia da empresa e ler tudo que já foi publicado a respeito de seus produtos. Percebi que a Dynamique é bastante conhecida na Ásia e no Reino Unido (neste caso certamente por ser uma empresa inglesa). E que ainda que o número de reviews que tive acesso não sejam muitos, as conclusões foram unânimes em relação à performance, construção e compatibilidade.

No seu site tem uma seção chamada Filosofia da Empresa, e sugiro a todos os interessados que a leiam, pois com o fino humor britânico muito do que lá está escrito vem de encontro a tudo que acredito e que deveria ser discutido nas rodas de audiófilos.

Vou aqui apenas citar o que mais me chamou a atenção: o texto começa lembrando que além de um assunto polêmico, existem os que não acreditam em diferença alguma entre cabos bem construídos e, do outro lado, existem também aqueles (aqui ele está se referindo a fabricantes de cabos) que acham desnecessário mostrar as especificações técnicas ou a forma de construção e a qualidade da matéria-prima utilizada. E finaliza este primeiro parágrafo com a brilhante frase: “A confiança foi corroída ao longo das últimas décadas por óleo-de-coobra genuíno”. Na sequência do texto é apresentada a filosofia da empresa em tópicos como valor e escolha dos componentes utilizados em cada série. A linha Horizon 2, a primeira e mais barata, incorporam Teflon PTFE com condutores alta pureza com banho de prata, e conectores de baixa massa metálica, e não usam materiais de menor qualidade como dielétricos de silício ou PVC e condutores de cobre low-grade. O texto segue falando da importância do equilíbrio tonal, que permite ao usuário introduzir qualquer produto Dynamique sem colorir ou alterar o equilíbrio do sistema.

Fala da importância de especificações técnicas transparentes que são fornecidas com todos os seus produtos. Da qualidade da matéria-prima, da construção e da flexibilidade, apresentando como exemplo o cabo de caixa Tempest 2 que utiliza dois condutores de 10 AWG por canal, mas que ainda assim se mantém um cabo em sua aparência final mais flexível e magro que inúmeros cabos de interconexão que se tem no mercado Hi-end.

Mais à frente, propriamente, o texto apresenta a escolha dos condutores utilizados pela Dynamique com ênfase na prata pura ou em cobre OFC e OCC com banho de prata. E defende sua escolha afirmando que: “Enquanto a prata pode soar com pouco corpo e brilhante, devido a muitos fatores como a pureza do dielétrico, má qualidade da prata, geometria ineficaz, etc, cabos de prata corretos oferecem níveis inigualáveis de detalhes, dinâmica, corpo e musicalidade”. A Dynamique afirma que toda a fiação é extremamente pura e que nas linhas de entrada, com o uso do cobre, cada núcleo sólido possui pelo menos 100 microns de banho de prata. E nas linhas com prata pura, são empregados dois graus de pureza no condutor padrão, e na linha top são assegurados que a superfície de cada fio de prata seja totalmente desprovida de qualquer impureza.

A Dynamique usa preferencialmente a construção solid-core, pois em testes auditivos se chegou à conclusão que tecnicamente não há interação entre filamentos, desigualdades ou descontinuidades, o que resulta sonicamente em uma apresentação mais limpa, arejada, detalhada e livre de grãos em passagens com maior complexidade dinâmica.

Para os cabos mais sofisticados é utilizado um maior isolamento, mais espaçado que nas linhas de entrada, permitindo ainda mais ar para cercar os condutores. Tal arranjo (segundo o fabricante), reduz ressonâncias mecânicas e os condutores ficam mais desacoplados das camadas exteriores. Ainda que existam muitas alternativas, como: Polietileno (PE), Kapton, Polipropileno (PP), Peek, silício, a Dynamique não abriu mão do Teflon para o isolamento, por suas características e por seu alto grau de isolamento já provado em uso como dielétrico em aplicações militares e aeroespaciais.

No quesito geometria, a Dynamique utiliza para cada série a que sonicamente tenha melhor resultado na redução de ruído EM/RF, como: par torcido, star-quad (que rejeita o ruído de forma mais eficaz que o par trançado - segundo as observações da Dynamique) e a matriz helicoidal (proprietária da Dynamique) com uma geometria com espaçamento e alinhamento dos condutores, e fornece um amortecimento mecânico adicional.

Em termos de blindagem, a Dynamique Audio se diz inteiramente cética em utilizar blindagem metálica em cabos analógicos, pois todos os testes auditivos resultaram em uma fidelidade reduzida. E decidiram confiar na consistência das geometrias por eles empregadas como um escudo natural de todo ruído em EM/RF, e utilizar em todos os cabos a tecnologia desenvolvida por eles de filtro de ressonância. Somente nos cabos digitais é utilizada alguma forma de blindagem metálica.

Os amortecedores/filtros de ressonância, segundo o fabricante, combatem distorções microfonais através do aterramento dessas distorções entre próprio cabo e o amortecimento. Os filtros de ressonância

da Dynamique são CNC Milled, feitos uma peça de alumínio cortada em CNC, lustrado mecanicamente e anodizado e fixado ao cabo com um adesivo elastomérico que absorva ressonâncias e vibrações. Este absorvente (segundo o fabricante) não altera os parâmetros elétricos básicos do cabo, como muitos projetos de filtragem, absorvendo eficientemente o EMI, ampliando a resolução e uma maior sensação de estabilidade do soundstage.

Os conectores são todos projetados na Dynamique, para todas as suas linhas. Quanto à direcionalidade, na maioria dos cabos deste fabricante não são fornecidas nenhuma marcação de fábrica. Segundo a Dynamique, mesmo após longos períodos em uma direção, se o usuário se equivocar e mudar, em questão de horas tudo voltará à normalidade.

Alguns dos novos projetos que estão chegando ao mercado (o caso da linha Apex), no conector do RCA tem uma marcação indicando que esta extremidade deve ser conectada à ‘fonte’, para um resultado ainda mais refinado sonicamente.

Para a famosa questão do burn-in (queima/amaciamento de cabos), a Dynamique indica de 50 a 75 horas para os de interconexão, 100 a 150 horas para cabos de caixa, e 200 a 250 horas para todos os cabos estarem inteiramente amaciados.

Já no final do extenso artigo, a Dynamique toca em um dos pontos centrais das discussões audiófilas: bitola dos cabos. Quanto a bitola de um cabo favorece ou atrapalha? Para eles, cabo de bitola grossa nunca é o ideal para todas as frequências, tendendo a oferecer uma resposta mais acentuada nos graves, mas podendo desequilibrar os agudos (ele até brinca que o ideal é que mangueiras de jardim, sejam utilizadas apenas nos jardins). E que no oposto, cabos muito finos, tendem a prevalecer as altas frequências, porém em detrimento dos graves. Além disso, o uso de vários fios da mesma bitola causa um aumento de ressonâncias. A Dynamique, para fugir desta encrenca, optou em todos seus cabos por bitolas variadas de fios, associados às suas geometrias, e evitou cabos pesados, sem flexibilidade e de muita bitola total.

Pegar qualquer cabo na mão da linha Halo 2 surpreende pela leveza, flexibilidade e construção - e o oposto de uma mangueira de jardim, no caso específico dos cabos de caixa e de força. Para o teste, o setup de Halo 2 (um de cada: RCA de 1m, XLR de 1m, força de 1,5m e cabo de caixa de 3m), foram utilizados nos seguintes sistemas: o nosso de referência, pré de linha Nagra HD, powers Nagra Classic AMP, power valvulado AL-KTx2, pré de phono Boulder 500, toca-discos Acoustic Signature Storm, cápsula SoundSmith Hyperion 2 e braço SME Series V. Caixas: Wilson Audio Ivette e Sasha DAW, Rockport Avior II.

A linha Halo 2 está basicamente abaixo apenas das linhas Zenith 2 e Apex. Abaixo encontram-se: Horizon 2, Tempest 2 e Shadow 2.

CABOS

As especificações fornecidas pelo fabricante em relação ao Halo 2 são as seguintes: condutores de núcleo sólido 2x 18 AWG em prata pura (4N), 2x núcleo de prata pura (4N) de 19 AWG, 2x núcleo sólido cobre OFC (7N) banhado a prata de 20/3 AWG, 1x 16 AWG cobre OFC (7N) banhado a prata para o aterramento. Isolamento em PTFE Teflon, super espaçado. Construção: matriz helicoidal, bitola distribuída. Damping: 1 filtro de ressonância. Plugs: Ouro Dynamique.

Segundo o fabricante, a linha Halo2 já possui muitas das características sônicas das linhas Zenith 2 e Apex. Com um equilíbrio tonal muito correto e a mesma prevalência de neutralidade. Ainda que o fabricante fale em 75 horas para os cabos de interconexão e entre 100 e 250 horas para todos estarem completamente amaciados (caixa e força), a boa notícia: saem já tocando muito bem. Então não haverá sofrimento algum se o usuário quiser acompanhar a queima dia a dia. E a outra excelente notícia: seu grau de compatibilidade é espantoso.

Esqueci de inserir na lista acima, dos produtos utilizados, o integrado Hegel H590 que ainda estava conosco e ajudou (e muito) no amaciamento tanto das caixas Sasha DAW como dos cabos Halo 2.

Ainda que com o amaciamento todo o setup tenha sofrido alterações, chamaria este processo de 'acomodamento', pois as diferenças estão na lapidação da assinatura sônica e não em alterações significativas como algo faltando ou escasso, que só o burn-in irá resgatar. Sua sonoridade desde as primeiras horas é envolvente, e com enorme grau de precisão e controle. Seu equilíbrio tonal se apresenta de imediato. Tem excelente extensão desde o início, nas duas pontas, e uma região média muito transparente.

Com mais de 20 horas, a grande mudança ocorre na separação dos instrumentos, cada um ganhando seu espaço e aquele tão desejado silêncio em volta das vozes solistas. Ainda antes do burn-in solicitado pelo fabricante, já é possível notar que o acontecimento musical se dará em um amplo espaço, tanto em profundidade quanto em largura. Os amantes de um soundstage preciso irão se deliciar com a performance do setup Halo 2. Seu foco e recorte são de cabos muito acima do seu preço (coloque 'muito' nisto) e sua capacidade de sustentar crescendo dinâmicos e ainda assim não borrar o solista é estupenda!

Para quem aprecia música clássica, o conforto auditivo não poderia ser melhor. Pois esta qualidade no foco, recorte e na apresentação de ambiência, nos coloca em uma 'posição' privilegiada frente à orquestra.

Falar em neutralidade em cabos é como tentar juntar em uma só a teoria da relatividade e os avanços da física quântica. Mas, acreditem, é possível medir a 'neutralidade' de um cabo. Basta você ter ao seu dispor dois setups bem ajustados e homogêneos, com assinaturas distintas. E para o teste dos Halo 2 tinha em mãos não um, mas três setups bem distintos em termos de assinatura sônica (Nagra, nosso sistema de referência, e o power valvulado AL-KTx2 ligado no

pré-amplificador Nagra HD). Três sistemas completamente distintos, tanto em termos de performance como de folga.

Para a avaliação dessa 'neutralidade' defendida pela Dynamique Audio, ouvi apenas solistas. Violão, Violino e piano. Gravações com nenhum tipo de compressão ou equalização (nossas e de amigos músicos, como o André Mehmari, André Geraissati e Euclides Marques). Como um camaleão sonoro, os Halo 2 ganharam a sonoridade do setup, mostrando que sua interferência na condução do sinal, se houve, não foi notada.

Para aqueles que há anos buscam cabos que sejam mais neutros e não tenham a função de 'equalizar' ou corrigir nada que o sistema, sala e elétrica possuam de deficiência, este cabo existe. Ou melhor: o mais exato seria dizer 'existem', no plural, pois a linha Apex, também em teste, leva esta neutralidade um pouco mais adiante (aguardem o teste na próxima edição).

Mas, quantos sistemas que eu e você conhecemos estão já ajustados e sinérgicos o suficiente, para o uso de um setup de cabos neutros? Esta é uma pergunta de difícil resposta (quem sabe até o término da escrita deste artigo eu lembre de alguns). No entanto, saber que existem cabos com esta 'virtude' pode ser de enorme valia para todos que desejem um sistema equilibrado e neutro para desfrutar sua música sem coloração ou equalizações extras.

E vou ser execrado em praça pública, mas ousar dizer que certamente todos aqueles audiófilos e melômanos que tenham a música não amplificada ao vivo como referência para a montagem de seus sistemas, irão saudar a existência de cabos com esta qualidade. Pois, se os cabos estão presentes em todas as etapas da cadeia sonora, garantir que não sejam eles os vilões em sistemas que o maior desejo é a maior neutralidade, esta notícia é digna de comemoração. Já para os que usam cabos para 'bandeidiar' (acho que acabei de criar esse termo, rs) os Halo 2 deverão ser evitados a todo custo. Pois eles não se sujeitam a 'dar um jeitinho' no que está errado.

Muitos acreditam que a prata cause mais malefícios que benefícios aos seus sistemas. No caso do Halo 2, os que acreditam que esta afirmação seja verdadeira podem se despreocupar, pois ele ainda utiliza cobre OFC banhado à prata. Mas quanto ao Apex, certamente os detratores dos cabos de pura prata terão que ouvir para rever sua opinião e crenças!

Mas, voltando ao Halo 2, o que mais chama a atenção após toda a queima de 250 horas para todos, resumiria em duas palavras: folga e naturalidade. Os solistas dos discos que usei nos três setups, ainda que com assinaturas sônicas tão distintas, impressionaram pela folga e naturalidade.

As mudanças foram definidas pelos equipamentos como maior sensibilidade e adição de mais feltro nas teclas do piano e suavidade nas cordas de nylon do violão, ou maciez nos violinos, no setup Nagra

HD e power valvulado AL-KTx2. E maior ataque e definição, nos três instrumentos, no nosso sistema de referência (pré Dan D'Agostino e power Hegel H30), mostrando a capacidade do Halo 2 em interferir o mínimo na passagem do sinal.

Então, aqui acaba minha descrição pormenorizada deste setup de cabos da Dynamique, e começa o problema. Afinal, como descrever com exatidão os benefícios e atributos de um cabo que se ajusta como uma luva ao sistema? Felizmente, para este desafio é que contamos com a nossa Metodologia, que vai com seus 8 quesitos muito além da avaliação de equilíbrio tonal e soundstage, nos dando as ferramentas convenientes para apresentarmos a vocês mensalmente tudo que conseguimos observar dos produtos em teste.

Falamos do seu equilíbrio tonal correto e neutro, e pincelamos suas virtudes na apresentação do foco, recorte, ambiência e planos do soundstage. E agora podemos abrir nosso leque de observações e falar de outras qualidades, como transientes, textura, corpo harmônico, macro e microdinâmica (se bem que já dei toda a pista deste quesito algumas linhas acima), além de organicidade e musicalidade.

Seu senso de tempo e ritmo é preciso. O ouvinte com música em que o tempo e ritmo predomina, terá muito prazer em ouvir os Halo 2. Percussões são incrivelmente detalhadas e nos fazem ficar presos ao ritmo do começo ao fim.

Suas texturas dependerão obviamente do setup em que estiver ligado. Então posso dizer que no setup Nagra com power valvulado, as texturas eram sedutoras e quentes. No setup de referência, menos quentes, com uma maior ênfase na qualidade dos instrumentos, intencionalidade e execução. Com o sistema todo Nagra (pré e power), um equilíbrio maravilhoso entre esses dois extremos!

O corpo harmônico, ainda que não seja tão preciso como nossos cabos de referência, e em relação ao Apex também da Dynamique Audio, é muito correto e coerente. Uso, para fechar a nota desse quesito, uma gravação de um duo de contrabaixo e cello. Nos setups de nível superlativo, a diferença de corpo é tão correta que 'vemos' a diferença de corpo dos dois instrumentos como se estivéssemos assistindo à gravação a três metros dos músicos. No Halo 2 é muito proporcional e coerente a diferença, mas não chega ao grau de precisão de cabos mais refinados e caros. Você vai perceber esta sutil diferença no seu sistema para um sistema superlativo? Somente se você tiver uma enorme vivência com esses dois instrumentos tocados ao vivo, do contrário não fará diferença alguma. Mas nossa função de revisor crítico de áudio é exatamente esta: achar 'pêlo em ovo'!

Sua organicidade (materialização física do acontecimento musical) depende muito mais do sistema e da gravação. Mas em sistemas como os utilizados no teste e as gravações deste quesito, não só o músico se encontra a sua frente, como você quase interage com ele!

E, por fim, o nosso quesito subjetivo: Musicalidade. Aqui ocorre o mesmo fenômeno da avaliação da textura: no sistema mais quente e suave certamente inúmeros leitores dariam uma nota mais alta para este quesito. Nas duas outras topologias, notas diferentes. Para nós o resultado do Halo 2 será a média dos três setups utilizados, para sermos justos e democráticos.

CONCLUSÃO

Acredito que, para a maioria de vocês, o que esteja em jogo neste veredicto seja a resposta se a Dynamique Audio cumpre o que promete ao afirmar fabricar cabos em que, além de corretos, sejam o mais neutros possível dentro de cada linha.

É preciso deixar claro o que significa essa 'neutralidade': a capacidade de não alterar o sinal que passa pelos cabos, amplificando ou retirando algo, para tornar o cabo mais 'pirotécnico' ou mais 'palatável'.

A resposta é sim, meus amigos. A Dynamique conseguiu a façanha de desenvolver uma linha de cabos muito neutra, que se adapta perfeitamente ao setup em que forem ligados.

Portanto se você é um adepto de 'fios equalizadores', sua busca é na direção oposta! Mas se você acredita que seu sistema já esteja bem ajustado, sua elétrica tratada e correta (aqui, mais do que tudo, um cabo de elétrica neutro seria essencial - fica a dica para o Daniel fazer um cabo bom, barato e neutro para elétrica), e uma acústica decente, você vai gostar de conhecer os Halo 2.

Com eles em um sistema Estado da Arte correto e sinérgico, a audição de sua coleção de discos será elevada ao cubo! ■



AVMAG #257

German Audio
contato@germanaudio.com.br
Interconnect - 1m (RCA e XLR): US\$ 1.994
Caixa - 2,5 m: US\$ 3.380
Cabo de força - 1,5 m: US\$ 2.254

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE

CABOS

CABO DE INTERCONEXÃO SAX SOUL ÁGATA II

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Demorou, mas finalmente conseguimos testar o Ágata II da Sax Soul. O Jorge, em uma visita realizada no final do ano passado, já havia nos informado que uma nova versão do Ágata já estaria em produção e etapa de audição. Como sempre, as informações foram poucas, apenas confirmando que a geometria seria a mesma do Ágata, mas com diferenças pontuais.

Como o tempo voa e as contas não esperam para serem quitadas, quando o Jorge ligou falando que enviaria o Ágata II para teste, já estávamos na primeira semana de abril! Pedi apenas que o cabo viesse com a queima inicial de ao menos 100 horas, pois já conheço a fama de todos os cabos da Sax Soul, que precisam de mais de 300 horas para darem seu máximo! O Jorge fez a gentileza e enviou o cabo com 125 horas de queima, o que permitiu que, já nas primeiras impressões em uma audição entre Ágata original e Ágata II, pudéssemos observar as diferenças entre as duas versões.

O Ágata II utiliza 240 fios de cobre trançado por seção, no positivo e negativo. Mas o 'pulo do gato', segundo o fabricante, está no uso composto por ouro, paládio e prata, que é dobro de fios em relação ao Ágata original. E a utilização de mais um fio só de ouro (que não existe no Ágata).

Para os nossos leitores que não conhecem os produtos da Sax Soul, sugiro a leitura dos testes dos cabos Zafira e Ágata publicados na edição 233.

Fui, por mais de dois anos, usuário dos cabos Ágata, utilizando três em nosso sistema de referência (dois RCA no setup analógico e um XLR no setup digital). E os escolhi justamente pelas suas inúmeras qualidades como: excelente equilíbrio tonal, velocidade, corpo harmônico, soundstage, energia e folga nas passagens com macrodinâmica.

Foi o primeiro cabo nacional a entrar em nosso sistema de referência, mostrando o nível de performance alcançado pelo produto. Só ►

que, como a garotada diz: “a fila anda”. E no hi-end a fila anda em uma velocidade de carros de Fórmula 1. Depois do Ágata outros cabos também nacionais foram testados e vieram fazer parte do nosso sistema, como o Guarneri da Timeless e os Quintessence da Sunrise Lab. O que demonstra claramente o avanço e a competitividade deste mercado. Pensar que utilizaria em nosso setup principal três marcas de cabos nacionais, era inimaginável cinco anos atrás!

E acredito que a utilização destes cabos nacionais em nosso setup tenha, de alguma forma, contribuído para diminuir a resistência que muitos ainda têm em relação aos produtos Made in Brazil! Pois os tempos mudaram, e acredito que daqui para a frente iremos ouvir muitos produtos que estarão se juntando à Audiopax para criar uma indústria hi-end nacional que oferecerá: cabos, eletrônicos, caixas acústicas, condicionadores, acessórios, etc. E isso é muito positivo, afinal em tempos de crises intermináveis não depender da variação do dólar faz bem para o nosso bolso.

Vamos ao teste!

O Ágata II, visualmente, não difere do Ágata original. Mas, basta um teste a X b, para vermos que sonicamente o salto foi significativo! Antes de debulhar os quesitos da Metodologia, preciso descrever o que para mim foi o maior feito nesta nova versão: a distribuição de energia.

Antes que algum leitor ache que fiquei louco, espere. Em sistemas com 98 pontos para cima, um fenômeno auditivo muito interessante e prazeroso é como o som é organizado entre as caixas e para fora das caixas.

Esse equilíbrio se dá quando o sistema tem autoridade para reproduzir as passagens mais dinâmicas sem perder o fôlego ou deixar difuso ou comprimido o som, dificultando a inteligibilidade.

Porém, vários sistemas (muitos colocam a culpa só nas caixas, mas o sistema todo participa desta compressão), conseguem ir bem nos crescendos dinâmicos, mas no ápice do fortíssimo jogam a toalha!

Se o sistema estiver coeso e tiver a folga necessária, a distribuição desta energia e a organização dos planos, foco, recorte, arejamento, se dará de forma que o ouvinte não sinta que o som ficou momentaneamente frontalizado e tudo compactado.

O ideal para esta avaliação é obviamente música sinfônica, e com grandes variações dinâmicas. Pois bem: o Ágata sempre conseguiu com maestria trabalhar esses exemplos, porém a organização da energia sempre era concentrada entre as caixas. Diminuindo a lateralidade do acontecimento musical (para fora das caixas).

Excelentes exemplos são obras clássicas com a captação bem larga, em que os contrabaixos estão no canal direito para fora da caixa, e no canal esquerdo, os instrumentos que ficam atrás dos violinos e violas. Quando o sistema organiza e mantém a fidelidade do que foi

gravado, mixado e materializado, esses instrumentos soarão para fora das caixas, o que nos dá um enorme conforto auditivo.

Em pianíssimo, tudo será um mar de rosas, mas no fortíssimo é que ouviremos se o sistema possui ‘bainha’ ou não! O Ágata original era excelente em distribuir a energia entre as caixas, mas fora delas sua dependência da folga do sistema era maior.

No resto, nunca tive do que reclamar, tanto que adquiri três unidades para uso no sistema (se você tiver um sistema analógico bem ajustado e de bom nível, irá perceber que esta questão de lateralidade é ‘pêra doce’ para qualquer bom setup analógico. Enquanto que para o digital é sempre uma conquista. Ainda irei escrever um artigo a respeito).

E foi exatamente neste item que prestei mais atenção assim que liguei o Ágata II entre o DAC dCS Scarlati (depois no MSB Select, e depois no dCS Vivaldi), para escutar a Nona de Beethoven e ouvir como os contrabaixos soavam no canal direito.

Bingo! Soaram com a mesma folga, tamanho (corpo), e energia que ouço na versão analógica!

Também foi possível perceber que a organização do acontecimento musical, entre as caixas, era muito mais profunda, com planos mais arejados e um recorte e foco de tirar o fôlego!

Com apenas 125 horas, faltava abrir os extremos. Fiz minhas anotações iniciais e o deixei em queima por mais 100 horas. Com 225 horas os graves, na primeira oitava, ganharam uma energia e precisão que o Ágata original não possui.

A velocidade é impressionante - permitindo que solos de contrabaixo, independente da virtuosidade, sejam acompanhados sem nenhuma atenção especial do ouvinte. Tudo acontece no palco imaginário à nossa frente, com um controle e folga que nosso cérebro simplesmente deseja mais e mais.

É realmente viciante.

E quando passamos para o MSB Select, simplesmente todas as virtudes do Ágata II foram ampliadas exponencialmente, já que o Select encontra-se em um patamar muito superior ao DAC dCS Scarlati!

Mas, deixemos as observações auditivas do assombroso MSB Select para a próxima edição.

Voltando ao Ágata II: faltava, com 225 horas de queima, aquele toque final no arejamento e extensão nos agudos, que tanto aprecio no Ágata original. Eram corretos, naturais sem nenhum tipo de estridência ou dureza, mas sem aquele toque final que separam os cabos de nível superlativo dos corretos! Pus novamente em queima por mais 100 horas. E eis que se fez a luz!

O Ágata II deveria ser descrito como o cabo que permite destrinchar a música por inteiro sem a despedaçar (sem tornar o som analítico). ►

CABOS



Nada que esteja registrado se esconde, porém o todo é organizado de forma a ser uma audição sempre cativante e relaxante.

O 'truque' para este conforto auditivo, meu amigo, está na correta distribuição de energia e precisão e no perfeito equilíbrio em todos os quesitos. E ainda que você seja completamente cético em relação a cabos, este equilíbrio, quando alcançado, muda por completo sua percepção de como ouvir música em um sistema hi-end.

Como escrevi, aqui está o divisor de águas entre o correto e o superlativo. Os articulistas internacionais batizaram esses componentes de ultra-hi-end. Pessoalmente não gosto, pois amanhã com o avanço tecnológico aparecerá o 'super-ultra', depois o 'magnânimo-super-ultra'. Prefiro o termo 'superlativo', que apenas separa o excelente do que é 'ponto fora da curva'.

O Ágata II pertence a esta safra de cabos que conseguem se manter isentos de qualquer desafio, desde que seus pares façam a sua parte. Sua sonoridade é rica, detalhada, sem cair na transparência ou na pirotecnia. Só aparecendo quando necessário, se escondendo atrás da reprodução musical, para que o ouvinte só perceba sua importância na hora que o retira do sistema. É o melhor cabo de interconexão feito aqui no Brasil, neste momento.

Se você leitor tiver um sistema também de nível superlativo, bem ajustado e com uma acústica e elétrica bem feitas, dê uma chance e o escute. E ainda que o julgue caro, por ser nacional (a matéria-prima utilizada no cabo é toda importada e com preço em dólar - mas muitos julgam que por este motivo não pode ser caro) em comparação com os tops importados, ele custa um quarto do preço!

O que pode animar muitos que sonham com o cabo que traga aquela musicalidade e equilíbrio tão almejado em seus sistemas, e que finalmente possa ser comprado.

CONCLUSÃO

O Ágata original recebeu em nossa metodologia 99 pontos. Em nossos Cursos de Percepção Auditiva (aos 162 já pré-inscritos para participar do curso, aguardem que estou em fase final de fisioterapia e tenho esperança de em breve poder iniciar as primeiras turmas), sempre mostramos com exemplos que, acima de 98 pontos, em cada três a quatro pontos o salto é significativo, porém o custo é muito elevado para se conseguir esses suados pontos a mais.

No caso do Ágata II, foram quatro pontos a mais, o que significa que além de um salto consistente, sua performance em relação ao Ágata original é muito maior do que imaginávamos!

A todos os leitores que possuem o Ágata original, sugiro uma audição do Ágata II, e a todos que possuem sistemas com 98 pontos e desejam um upgrade em cabos por um quarto do valor que pagariam em qualquer cabo top importado, que também ouçam o Ágata II.

No nosso sistema ele veio para ficar (entre o DAC e o pré de linha), os leitores que se inscreveram para o nosso Curso de Percepção Auditiva poderão escutar e tirar suas conclusões.

Um cabo de nível superlativo, com uma sonoridade em que a naturalidade e o conforto auditivo se sobressaem de maneira estupenda! ■

AVMAG #251

Sax Soul
(11) 3227.1929 / 98593.1236
RCA - 1m - R\$ 24.400
XLR - 1m - R\$ 25.800
Power - 1,5m - R\$ 18.200
Jumper - 20/25 cm - R\$ 4.300

NOTA: 103,0



ESTADO DA ARTE



Antes de você ler o teste do cabo Apex, sugiro que, se você ainda não tenha feito, leia o teste do set completo dos cabos Halo 2. Lá eu falo em detalhes a história da Dynamique Audio, uma empresa inglesa que, agora em 2020, completará sua primeira década de vida, falo de sua filosofia, seus conceitos e, principalmente, ‘pincelo’ a cabeça pensante por trás de todos os produtos desta empresa, que não tenho dúvida irá dar muita dor de cabeça para a concorrência nos próximos anos.

Toda grande ideia nasce da ausência de comodismo. Quem me dizia esta frase repleta de sabedoria era minha avó materna, uma senhora de um coração gigante que criou dez filhos (9 mulheres e apenas um homem: meu pai). Ela tinha a capacidade de interpretar e dar cor ao cotidiano, como nenhum outro ser humano que tive o prazer de conhecer o faria.

Quando ouço a obra prima de Paul McCartney, *Let It Be*, lembro imediatamente de minha vó Angelina e seus sábios conselhos e confortos.

Daniel Hassany, CEO da Dynamique Audio, pela foto que me enviou para ilustrar a nossa entrevista, me pareceu surpreendente jovem para estar à frente de tamanho desafio: oferecer cabos que estão fora do padrão estabelecido pela indústria de cabos hi-end, como as referências de mercado.

A resposta para seu talento estão logo na primeira pergunta que fiz a ele: sua formação profissional? Ainda que tenha uma formação acadêmica na área de TI, sua paixão parece ser engenharia industrial com expertise em ciências de materiais, metalurgia e processos de usinagem em manual CNC, anodização e galvanização. E, para fechar esse ‘pacote’ de conhecimento: audiófilo.

É como juntar um time de ‘especialistas’ em uma só cabeça e, como também diria minha vó: “A fome com a vontade de comer”.

A Dynamique, amigo leitor, nasceu com um ‘DNA’ vitorioso, pois alia todo o conhecimento necessário para o desenvolvimento de cabos que atendam às necessidades do usuário que esteja dando seu primeiro passo em um sistema de entrada, até o audiófilo que almeja dar

CABOS

ao seu setup cabos definitivos. E aí vêm os dois grandes diferenciais: verticalização na produção, com um controle absoluto em todas as etapas, e preço final de seus produtos.

O consumidor que busque agilizar seus upgrades de cabos, avaliando as opções que se mostrem mais atraentes em termos de custo e performance, terão que colocar nesta lista os cabos da Dynamique. Tudo que escrevi acima me chamou a atenção (não poderia ser diferente), mas o que realmente acendeu aquela luz na minha cabeça foi ao ler todo material enviado pelo Daniel quando ainda estávamos trocando nossas primeiras mensagens, afirmando que o conceito central de seus projetos se baseia em dois alicerces: neutralidade e equilíbrio tonal.

Pois, por experiência própria, raríssimos foram os cabos que testei que de alguma forma não impusessem algo de sua assinatura sonora nos sistemas em que estão conectados, e os que testei que conseguem esta façanha, custam, muito, muito caro! E isto já são 'favas contadas' no meio audiófilo, de que os cabos é que dão 'o tempero' final a qualquer sistema.

Tanto que, se você perguntar o motivo de um audiófilo ter escolhido para o seu setup o cabo A e não o B, prepare-se para ouvir inúmeros adjetivos abalizando sua escolha. Sempre foi assim, desde que cabos entraram no itinerário de opções essenciais para o ajuste fino de uma configuração.

Já equilíbrio tonal, todos os fabricantes sérios almejam oferecer aos seus clientes - este tão importante quesito. Porém, também por experiência própria, e por dar total ênfase em nossa Metodologia a este quesito, bem sei o quanto este 'equilíbrio tonal' é difícil de alcançar e de ser assimilado pelos que estão começando esta jornada rumo ao 'nirvana sonoro'.

O que, lá no fundo, me 'atizou' na verdade é que a busca do Daniel Hassany bate integralmente com o que penso à respeito de alta fidelidade, ou seja: se você tiver o melhor equilíbrio tonal possível, você terá simultaneamente maior neutralidade. Ambos caminham juntos, pois fazem parte do mesmo corpo!

Mas, fazer as pessoas compreenderem que assim é, pode ser um trabalho para toda uma vida. Animado com a possibilidade de dar mais um passo na montagem deste 'quebra cabeça', e conseguir ouvir o que a Dynamique se propõe a oferecer, me coloquei à disposição para ajudá-los a fincar o pé por essas paragens.

Acho que consegui passar à você, leitor, as qualidades dos cabos Halo 2 e o grau de neutralidade por este cabo alcançado no uso para o teste de três configurações tão distintas em termos de assinatura sônica. O Daniel me explicou que, à medida que o usuário sobe de série nos cabos Dynamique, ele não terá nenhum 'plus' em termos de qualquer efeito sonoro novo. Pelo contrário: só terá ainda mais refinamento, mais naturalidade e maior neutralidade!

Minha penúltima pergunta na entrevista foi justamente sobre o Apex, seu mais novo cabo de referência. Meu questionamento era referente ao seu altíssimo grau de naturalidade e neutralidade, e ele me respondeu que neste novo cabo, com os avanços nas observações da composição de materiais, foi possível ir um passo além do que já haviam conseguido no Zenith 2 (que era o cabo de referência até então). E que a grande surpresa foi justamente tornar o Apex ainda mais neutro, natural e musical.

Então chegou a minha vez de falar a respeito deste cabo, amigo leitor, e aqui estou para mais este desafio.

O Apex de interconexão é o primeiro da nova série que em breve também contará com o de caixa e de força. O novo cabo utiliza uma mistura selecionada de metais nobres, com o fio de prata pura 5N, misturado com camadas muito puras de ouro e ródio. O resultado é um design batizado de Quad- balanceado, composto por 8 condutores de núcleo sólido por canal, com quatro condutores que variam entre 20 AWG e 24 AWG, com uma largura de banda muito mais estendida. O isolamento é um Teflon PTFE, com espaçamento super aéreo e uma nova versão da geometria de matriz helicoidal para o espaçamento ideal de cada condutor. O filtro de ressonância é também utilizado no Apex para o combate a todo tipo de ruído.

O modelo enviado para teste foi de 1 metro, com terminação XLR, com plug de fibra de carbono e cobre banhado à ródio. Felizmente, para o teste poder ser realizado, tínhamos um set completo de Halo 2 para poder apenas substituir o Halo2 XLR pelo Apex XLR. E tirar nossas conclusões.

Para poder utilizar todos os três setups que usamos no teste do Halo 2, só podíamos utilizar o Apex entre o pré de phono Boulder e os dois prés de linha: Nagra HD e Dan D'Agostino. Para utilizar o power valvulado, recorremos ao Halo 2 RCA.

Nos dois outros powers: - Hegel H30 e Nagra Classic - utilizamos o Halo 2 XLR. O ideal seria termos pelo menos mais um Apex XLR, para podermos ter maior segurança no fechamento da pontuação, mas infelizmente não houve tempo hábil para a chegada da primeira importação feita pelo distribuidor. Certamente, quando chegar, e se houver a disponibilidade de tempo, publicarei minhas observações - se houver alguma diferença muito significativa em termos de pontuação final (algo acima de 1 ponto).

Para o momento, o que mais desejava era saber o quanto a neutralidade e naturalidade crescem com o Apex em relação ao Halo 2, e se estas diferenças valem o investimento. E para fechar a nota do Apex, recorremos ao nosso principal cabo de referência, o Transparent Opus G5 XLR ligado em nosso sistema entre o pré e power Nagra, e entre nosso pré e power de referência.

O que mais nos encantou no Apex foi que realmente seu grau de neutralidade consegue ser ainda maior e mais pleno que no Halo 2. Em cada um dos três sistemas, o que prevaleceu foi unicamente a assinatura sônica do sistema. Ele não impõe nada, zero de coloração, aumento de corpo nos graves, luz nos agudos, ou ênfase maior nos médios. Parece literalmente o 'não cabo', ao possibilitar ao sistema mostrar suas qualidades e limitações.

No entanto, esta neutralidade vem acompanhada de uma folga, silêncio de fundo e uma tridimensionalidade espantosos! Possibilitando ao ouvinte perceber com enorme clareza todo o potencial e as imperfeições ainda existentes no sistema. É uma ferramenta de trabalho imprescindível para revisores críticos de áudio e para audiófilos que já descobriram que cabos não são 'equalizadores' ou tampões de problemas que já deveriam ter sido sanados (como elétrica, acústica e elos fracos).

Seu cérebro imediatamente aprova este conforto auditivo e a possibilidade de você resgatar aquelas gravações que estavam pegando pó nas prateleiras, por serem excluídas pelas suas limitações técnicas. Este nível de conforto auditivo eu só conhecia na linha G5 da Transparent - em que sua discoteca começa a ser integralmente resgatada. Diria ser este o momento mais glorioso de todo audiófilo, saber que finalmente retornou ao princípio de seu objetivo, que era trazer para dentro de casa o prazer de ouvir música ao vivo. Ou de estar ali junto com os músicos na sala de gravação. É a mesma sensação de estarmos voltando para casa depois de uma longa estadia em viagens de negócios, horas e horas em aeroportos e hotéis. Não tem como descrever este momento, de 'redescobrir' um disco tão apreciado artisticamente e que ficou anos isolado, pois a cada novo upgrade, ele (o CD), não estava à altura do investimento.

Quanto de nós não chegamos à conclusão que aquele disco era realmente inaudível, e só não o trocamos em uma loja de sebo por ter um enorme apelo emocional. E quando finalmente ajustamos nosso sistema, constatamos euforicamente que estávamos enganados. A ponto de passarmos a mostrar com orgulho aquele disco para os amigos! Como um troféu merecidamente conquistado pelo nosso esforço, conhecimento e determinação.

O que precisava ser corrigido era o sistema e não uma centena de discos que foram 'abandonados' enquanto peregrinávamos na busca de nosso 'santo graal sonoro'. Afinal, compramos um sistema hi-end para ampliar nosso prazer em ouvir nossos discos, e não o contrário.

Pena que tantos esquecem este propósito!

O Apex é um cabo que irá colocar em 'xeque' se o seu sistema ainda continua falhando no propósito inicial. Pois lhe dará um diagnóstico preciso da lição de casa que você esqueceu de colocar em prática antes de continuar na busca insana por um ou outro quesito da

Metodologia. Culpar o Apex, não irá ajudar em nada, pois se você o escutar em um sistema correto em termos de Equilíbrio Tonal, sinérgico e sem elos fracos, as audições serão simplesmente gloriosas! Capaz de lhe levantar os pelos dos braços e vir aquele nó na garganta. Exagero?

Pegue um audiófilo que investiu um caminhão de dinheiro e nunca conseguiu chegar lá, e deixe-o escutar seus discos que mais lhe tocam o coração, em condições corretas, e você verá se o que estou descrevendo é um exagero.

O audiófilo, assim como o melômano, é um ser sensível (caso contrário não amaria a música). E cada um sabe aonde o calo aperta. E o quanto lhes custou os apuros e dinheiro investido em todas as tentativas e erros de anos e anos. Ninguém, por mais milionário que seja, acerta neste hobby de primeira. Pelo contrário, o risco de achar que o melhor é o mais caro, pode levá-lo a cometer verdadeiras 'atrocidades' sonoras.

Um exemplo é o Apex, um cabo de nível superlativo que custa 1/3 ou menos do que os melhores cabos consagrados pela mercado hi-end. Mas, como escrevi no teste do Halo 2, a Dynamique tem um problema: como seus cabos não colorem, não equalizam e não tapam buracos, somente em sistemas corretos poderão mostrar todos os seus benefícios. Então, neste quesito, sua compatibilidade depende muito mais do sistema do que de todas as suas virtudes.

Felizmente muitos começam a entender a questão do Elo Fraco, a necessidade de fazer elétrica e acústica, e escolher um sistema que tenha uma assinatura sônica coerente. Estes já estarão aptos a ouvir os produtos deste jovem fabricante inglês de cabos. E como conheço um pouco da cabeça de audiófilos mais 'rodados', muitos irão querer 'testar' esta neutralidade dos cabos da Dynamique - para avaliar na calada da noite - testar o grau de acerto de seus sistemas, ainda que não falem nem para sua cara metade que estão colocando seu sistema à prova! Se constatarem o que aqui escrevo, certamente ficarão com os cabos. Se não funcionar, então os Dynamiques 'não são tudo isto' que o Andrette escreveu. Ossos do ofício!

Minha única função é compartilhar com todos que nos leem nossas observações dos produtos que chegam para teste mensalmente. O que cada um de vocês fará com essas informações, já não cabe a mim julgar ou se quer manter alguma expectativa. A única coisa que sei é que se estamos há quase 25 anos no mercado, então para alguma utilidade servimos (nem que seja apenas para 'sentar a pua').

O Apex possui uma outra característica que a mim encantou muito: sua capacidade de apresentar o acontecimento musical essencialmente pela 'ótica' do sistema. O que desejo dizer com isto? Que existem setups que trazem o acontecimento musical até nós. E como sabemos que isto ocorre? Quando nosso cérebro sabe que o espaço

físico que uma orquestra sinfônica necessita para atuar é muito maior que a nossa sala e, no entanto, parece que os naipes (ainda que menores que a dimensão real) e os solistas vêm até nós.

E, ao contrário, existem sistemas e principalmente caixas acústicas que realizam o efeito inverso: nos levam até o acontecimento musical. Neste caso, para alguns, o conforto auditivo aumenta (é o meu caso), e para outros o acontecimento musical vir até sua sala “é o mais prazeroso” (isto é mera questão de gosto e encontra-se na esfera das poucas coisas realmente subjetivas da audiofilia).

O Apex, junto com o Opus G5, foram até hoje os únicos cabos que conseguiram realizar com total maestria essas duas possibilidades. E a razão de tamanho feito está justamente nesta não intromissão no caminho do sinal, deixando o setup realizar por completo sua assinatura sônica.

Outros cabos também conseguem realizar com enorme qualidade esse efeito psicoacústico, mas não ao ponto de ser completo. Sendo muito mais dependentes da qualidade da gravação e de estarem mais alinhados com a assinatura sônica do sistema. Ou seja, são mais dependentes do setup todo.

Em termos de todos os outros quesitos da nossa Metodologia, o Apex - assim como o Halo 2 - foi o que cada sistema tinha a oferecer. Exemplos: texturas mais quentes e sedosas: pré Nagra HD com o power valvulado com KT150. Mais intencionalidade que sedosidade: nosso Sistema de Referência. O melhor dos dois mundos em termos de textura: o conjunto Nagra. Maior impetuosidade na escala dinâmica nas macros: nosso Sistema de Referência e os Nagras. Menor escala, mas com uma micro impressionante: pré Nagra com o power valvulado ou o Hegel.

Como um camaleão, o Apex se molda ao sistema sem nenhum tipo de ajuste ou esforço por parte dele. Tenha o setup uma excelente apresentação de soundstage, e o Apex lhe proporcionará um recorte, ambiência e planos em 3D magistrais! Ele apenas apresenta o que o setup tem de melhor, sem acrescentar nada.

CONCLUSÃO

Poder constatar que existe um fabricante que tenha desenvolvido toda uma linha de cabos que prima por buscar a melhor relação de neutralidade e naturalidade, é um privilégio. Pois eu, sinceramente, achava que este grau de possibilidade ainda estava distante (não por falta de tecnologia, matéria-prima, etc, mas pelo simples fato dos fabricantes desejarem atender um mercado que utiliza cabos para corrigir seus sistemas ou dar uma turbinada neles).

A Dynamique está trilhando outra estrada. Certamente apostando que, em algum momento, mais e mais audiófilos e melômanos compreenderão que cabos não são ‘band-aids sonoros’. Bato nesta tecla desde a primeira edição da revista. Já fui imensamente criticado por

defender este ponto de vista e perdi inúmeros leitores e anunciantes! Ganhei críticos virulentos e pouco éticos. Mas consegui, com nossa linha editorial, cursos, discos e eventos, mostrar à muitos dos nossos leitores que ajustar um setup corretamente exige muito conhecimento e memória auditiva apurada.

Sem estes cuidados e dedicação, não se chega a lugar nenhum. Uns entendem esta lógica aos primeiros erros, outros levam uma vida.

Mesmo que não seja a hora de você ouvir um cabo Dynamique no seu sistema, colocá-lo em seu radar para futuras audições (nem que seja apenas para avaliar o grau de Equilíbrio Tonal e naturalidade do mesmo), pode ajudá-lo a corrigir sua rotas - se assim você achar conveniente.

No caso específico do Apex, este se destina exclusivamente a sistemas de nível superlativo em que o audiófilo deseje conhecer ‘integralmente’ o potencial máximo do seu sistema. E dou-lhe um conselho, amigo leitor, caso o seu sistema não tenha ‘uma unha’ de desajuste, prepare-se, pois o senhor não estará imune às mesmas reações emocionais que descrevi algumas linhas acima. Seu poder de convencimento é simplesmente absoluto! ■

AVMAG #258
German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 32.500

NOTA: 106,0



ESTADO DA ARTE

DISPOSITIVO ELETRÔNICO DE ATERRAMENTO SUNRISE LAB MAGICSCOPE GROUND LINK - SÉRIE REFERENCE E QUINTESSENCE

Fernando Andrette



Testar acessórios para dispositivos de rede elétrica é tão trabalhoso quanto testar cabos e acessórios anti-vibração. Demandam paciência, tempo e muita disposição em seguir à risca um padrão para não se ter falsas impressões. Desde o primeiro protótipo dos Ground Links das duas séries, até o produto acabado final, foram 8 meses. Cheio de idas e vindas, e para quem conhece o engenheiro Ulisses da Sunrise, sabe bem o seu grau de perfeccionismo em sempre, antes de lançar um novo produto, trabalhar em todas as frentes possíveis e imagináveis.

Então esperar que ele lhe envie um produto finalizado e pronto para ir para teste, é basicamente impossível. Gosto de sua maneira de explorar desafios e seu vasto conhecimento, que o permite olhar além do horizonte dos métodos e conceitos estabelecidos pela engenharia.

Sua ausência de 'pré-conceitos' o leva a sempre buscar soluções muitas vezes esquecidas por outros projetistas, por acharem que aquela abordagem é perda de tempo. E os resultados começam a surgir em uma leva de novos produtos, eletrônicos e de acessórios.

Como acompanho bem de perto seu dia a dia, posso garantir que nos próximos meses haverão inúmeras novidades em eletrônicos, cabos e acessórios. Como diria meu pai: "O homem está inspirado", deixe-o produzir!

Nossa Sala de Referência sempre esteve aberta a todos os interessados em nos mostrar seus produtos, ideias e realizar comparativos entre protótipos ou futuros upgrades. Quando planejei a sala, já levei em consideração que a mesma tivesse condutas sobressalentes para

testes de cabos para elétrica, fusíveis de seccionadoras, tomadas, materiais acústicos modulares e, claro, condições de teste de qualquer produto eletrônico.

Costumo brincar que temos um 'Hubble' para a avaliação de qualquer componente que entre nesta sala. Para tanto, preciso que o interessado em saber nossa opinião tenha paciência e disponha de boa vontade de fazer modificações se assim acharmos interessante.

O Ulisses gosta de trabalhar sendo desafiado, então ele confia em nossas observações e aceita que o levemos a tentar extrair sempre mais de todos os protótipos que por aqui passaram. Não foi diferente quando ele nos apresentou o primeiro protótipo do seu dispositivo eletrônico, o Ground Link, para melhora no aterramento.

Claro que você deve estar imaginando: "não basta um bom aterramento, é preciso usar dispositivos eletrônicos nele?". Eu falo, desde o tempo em que a Magis nos enviou para testes seus acessórios para aterramento, que as melhorias são significativas. Principalmente a melhora do silêncio de fundo.

Parece que esses dispositivos possuem a capacidade de melhorar esta essencial qualidade em qualquer sistema hi-end. E muitos que sequer acreditam que cabos fazem diferença, certamente desdenharão da necessidade de você melhorar, com dispositivos eletrônicos, seu aterramento. Mas, para os que não possuem resistência a experimentação, proponho que façam em seus sistemas esta experiência. É muito simples, e se o aterramento for decente, as melhoras são todas audíveis.

ACESSÓRIO

Então vamos lá: o que é o Ground Link? É um dispositivo eletrônico para uso em aterramentos dedicados para sistemas de áudio e vídeo. Seu princípio de funcionamento segue a linha de amortecimento controlado do fluxo do sinal elétrico, que trafega do sistema de áudio e vídeo ao ponto de aterramento.

Através do uso de componentes eletrônicos em associação complexa, o Ground Link cria uma barreira eficiente contra as frequências espúrias contidas no sinal elétrico, mesmo em aterramentos sujos ou pouco eficientes (explicação do fabricante).

Ao adicionar o Ground Link na linha de aterramento do sistema, os ganhos tanto na imagem como no áudio são todos perceptíveis (observações minhas após 8 meses de testes). Os céticos deveriam começar o teste pelo vídeo, que é muito mais fácil de observar. A sensação de profundidade na imagem, a qualidade dos tons de preto e a granulação na imagem, melhoram incrivelmente! As cores ficam mais bem definidas e naturais, principalmente o tom de pele ou o branco (claro que estamos falando de sistemas com o mínimo de ajuste no padrão de imagem, e não o que vem de fábrica. Estou pedindo para o nosso colaborador de vídeo Jean Roitman testar o produto e dar sua opinião, que publicaremos na edição de Outubro ou Novembro.

Voltando à minha área, no áudio melhora-se a definição do grave, ganha-se corpo em todo o espectro audível, profundidade na imagem, e uma maior inteligibilidade, graças ao silêncio de fundo, e um conforto auditivo maior. O fabricante alerta que os terminais de aterramento em que for colocado não excedam 4,5 Volts (RMS ou DC) por um período superior a 2 minutos. E não deve ser colocado no aterramento da casa e sim no aterramento dedicado ao sistema de áudio e vídeo.

Seu encapsulamento é feito em resina resistente à chama, envolto em um gabinete de dimensões reduzidas, podendo ser colocado em pequenos espaços. Ligar é muito fácil, pois ele já vem com terminais para bananas 4 mm, forquilha ou fio desencapado. O preço do Reference é de R\$650.

Já a versão Quintessence eu indicaria para sistemas Estado da Arte, tanto de áudio como de vídeo. Funciona seguindo os mesmos princípios da versão Reference, porém utiliza componentes e alinhamentos mais complexos e sofisticados. A imagem bem ajustada de sistemas com projetores ou televisores 4K ou 8K ganham uma naturalidade e profundidade na imagem que eliminam a fadiga visual, mesmo após longas horas. Os movimentos ganham maior uniformidade e nitidez, mesmo em imagens muito escuras (queria estar com um desses na batalha entre os mortos e os vivos no episódio do Game Of Thrones, rs). No áudio o que ele tem de diferencial em relação ao Reference a profundidade e a sensação de tridimensionalidade do acontecimento musical.

O silêncio entre os instrumentos também é maior, e a microdinâmica muito mais detalhada que o Ground Link Reference. Para sistemas

Estado da Arte, é certamente um investimento obrigatório! Pois os benefícios são muitos.

O fabricante recomenda que a diferença de potencial aplicada em seus terminais não exceda 5,5 Volts (RMS ou DC) por um período superior a 5 minutos. Também só pode ser colocado no aterramento dedicado ao sistema, e não no aterramento de toda a casa. Seu gabinete de alumínio tem as seguintes dimensões: 25 x 25 x 80 mm (incluindo terminais banhados a ouro que permitem conexão com bananas 4 mm, forquilha e fio desencapado. O preço do Ground Link Quintessence é de R\$ 1.600.

O número de equipamentos eletrônicos que se beneficiaram com os Ground Links foi enorme. Mas o equipamento que mais se beneficiou com a utilização deste acessório foi o aterramento do braço do toca-discos para o aterramento do pré de phono. Parece que você está literalmente trocando o cabo entre o toca-discos e o pré de phono ou de cápsula, principalmente com o modelo Quintessence.

O analógico necessita de menor ruído de fundo - é uma melhora da água para o vinho!

No nosso sistema de referência, quando ligado no aterramento dedicado que vai até a régua de tomadas, o Reference ainda que tenha feito sua parte, aumentando o silêncio de fundo, não causou o mesmo impacto de quando ligamos o Quintessence. Brinquei com o Ulisses e o Juan que estavam presentes ao término do teste, que parecia que tínhamos pintado várias bolinhas em uma bexiga semi cheia, e depois enchemos a bexiga ao limite, fazendo com que os pontos se distanciassem sem perder a uniformidade.

Tudo se amplia, aumentando o silêncio entre os instrumentos, ganhando melhor foco, recorte, arejamento e planos e mais planos. O invólucro harmônico de cada instrumento ganha naturalidade, aumentando o conforto auditivo, e a holografia e materialização física (organidade) ficam absolutamente palpáveis.

Segundo relato do Ulisses, todos os clientes que testaram o dispositivo ficaram (nenhuma devolução). Melhor resposta a um lançamento impossível! Acredito que este acessório será um sucesso retumbante!

Se você deseja esta 'lapidação' no seu sistema de áudio e vídeo, não deixe de conhecer o Ground Link. E depois nos conte suas observações.

Altamente recomendado para produtos Ouro e Diamante (Ground Link Reference), e sistemas Estado da Arte (Ground Link Quintessence). ■

AVMAG #255

Sunrise Lab

(11) 5594.8172

Ground Link Reference - R\$ 650

Ground Link Quintessence - R\$ 1.600

PEDESTAL DE CAIXA MAGIS AUDIO

Fernando Andrette



Nos anos 2000, a Airon esteve bastante ativa produzindo uma enorme gama de pedestais e racks que atendiam praticamente a demanda de mercado daquele período. Para se ter uma ideia da hegemonia da Airon neste segmento, basta dar uma olhada nas coberturas dos Hi-End Shows de 2000 a 2008, em que praticamente 80% dos expositores usavam Airon.

Depois a Airon foi descontinuando sua linha de pedestais e racks e o mercado ficou com uma enorme carência neste segmento. O mercado passou a depender dos modelos importados, muito mais caros

e que fizeram com que muitos consumidores optassem por mandar fazer seus racks com marceneiros, e os mais 'jeitosos' buscaram soluções feitas com as próprias mãos. Ainda que timidamente, a indústria nacional volta a investir neste segmento, e tanto a Magis Audio como a Timeless parecem ter fincado o pé para conquistar definitivamente o consumidor e mostrar que, no caso específico destes acessórios, tão essenciais, o mercado está bem servido!

Aqui nestas páginas já testamos os racks desses dois fabricantes e podemos afirmar que atendem perfeitamente às necessidades da grande maioria dos nossos leitores. Porém, faltava a ambos apresentarem seus pedestais de caixas acústicas (um mercado ainda maior e mais carente de opções).

A Magis topou o desafio e acaba de lançar seu primeiro pedestal, seguindo a mesma filosofia e design de seu rack. Com 65 cm de altura (com spikes e pucks), 25,5 cm de largura e 33 cm de profundidade, o pedestal deles atende a 80% das bookshelves existentes no mercado.

O esmero no desenvolvimento deste pedestal impressiona aos olhos e aos ouvidos. Pesando 30 Kg cada, possui 3 plataformas estruturais de aço alto carbono de 1/4 de polegada de espessura (cada plataforma), 4 colunas de alumínio padrão naval, extrudadas com uma geometria complexa em seu interior e anodizadas em cor prata acetinada. E totalmente preenchidas em material anti-ressonante.

As plataformas possuem tratamento anti-corrosão, pintadas em dupla camada de tinta epoxi, e todos os cortes são executados em máquinas de corte laser CNC.

A base em chapa dupla tem a função de agregar maior massa e rigidez. E entre as duas placas é utilizada uma folha de 8 mm de elastômero, para diminuir ao máximo as ressonâncias.

A placa superior, onde a caixa fica apoiada, possui um orifício central para diminuir ressonâncias e permitir o uso de books com duto inferior. O cliente pode escolher esta base com ou sem este orifício central.

Foram feitos diversos protótipos antes de se chegar ao nível ideal de ressonâncias e vibrações próximo ao zero absoluto. Assim, o modelo lançado é totalmente amorfo a ressonâncias e vibrações espúrias. Ao toque dos dedos ou batidas com objetos metálicos, não apresenta nenhum tipo de propagação de vibração ou efeito de sino, por menor que seja!

Para se chegar a este grau de performance, foi feito um minucioso estudo de geometria nas colunas, preenchendo-as com material especial para que as caixas estejam livres de ressonâncias irradiadas do seu próprio gabinete para os pedestais.

PEDESTAL

A Magis informa que o cliente poderá optar por diferentes alturas para cada tipo de book ou necessidades acústicas das salas.

As fotos não fazem jus ao acabamento, assim como minhas observações com as books que utilizamos também não traduzirão por completo a performance deste pedestal da Magis! A sensação que tivemos com todas as books utilizadas no teste é que as caixas melhoraram em todos os quesitos da metodologia!

Foram elas: Revel Performa3 M106, Dynaudio Evoke 10, Dynaudio 25 Anos e Emotiva B1. Books de preços distintos, assinaturas sônicas bem diferentes, mas que no pedestal da Magis cresceram em performance, como se tivessem sido literalmente 'melhoradas'.

Para o comparativo, utilizei nosso pedestal de referência da Audio Concept, que já está em nossa sala de teste há mais de 7 anos!

O sistema foi o mesmo para as quatro caixas, assim como todos os cabos. Fonte digital dCS Scarlatti, Pré Dan D'Agostino e power Hegel H30. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Nordost Tyr 2 (RCA) e Sunrise Lab Quintessence (XLR).

Para o teste, passamos todos os discos da metodologia primeiro com as books no nosso pedestal de referência e, em seguida, no pedestal da Magis. Comecei pela book com que convivo há mais tempo e foi meu monitor de estúdio em todas as nossas gravações da Cavi Records: a Dynaudio 25 Anos. O que mais aprecio nesta book, ainda hoje, é sua capacidade de exprimir o acontecimento musical, sem florer ou dar contornos inexistentes, tornando os extremos mais 'palatáveis' sonicamente. Como todo excelente monitor, ela nos apresenta o que foi captado, mixado e masterizado.

No nosso pedestal de referência, a 25 Anos sempre se mostrou muito bem equilibrada tonalmente e com excelente corpo (ainda hoje me surpreendo com o corpo harmônico desta book) e um foco, recorte e planos irrepreensíveis.

O que mais chamou a atenção quando passamos a 25 Anos para o pedestal da Magis foi que o silêncio de fundo ficou mais evidente e audível, fazendo com que os sons brotassem do silêncio como fogos de artifício em um intenso fundo negro!

Com este quadro sonoro, as micro variações ganharam maior destaque e as texturas maior definição. Os extremos também foram bastante favorecidos com um decaimento ainda mais natural e maior corpo.

Muitos acreditam que pedestais com grande massa e amorfos tendem a secar o médio-grave, mas não foi isto que aconteceu com nenhuma das books utilizadas no teste. Nada de secar ou mudar o equilíbrio tonal (independente do cabo de caixa utilizado), e com a vantagem de deixar todas as books fluírem, melhorando acentuadamente o grau de inteligibilidade do acontecimento musical.

Mas as caixas que mais foram favorecidas com este pedestal foram as mais baratas: Emotiva B1 e Dynaudio Evoke 10. Ambas ganharam maior autoridade, energia no deslocamento das baixas frequências e no arejamento na região alta.

A B1, se tivesse sido testada com o pedestal da Magis, ganharia tranquilamente mais 2 pontos (um em soundstage e um em corpo harmônico). E a Evoke 10 ganharia um ponto (meio em soundstage e meio em micro-dinâmica).

Segundo o fabricante, existe um outro dispositivo que acaba de ser desenvolvido para o pedestal, batizado de desacoplador, e que tem por objetivo fazer com que a própria ressonância de gabinete da caixa seja reduzida (por questão de agenda não conseguimos escutar ainda este acessório, mas prometo que voltaremos neste assunto assim que possível).

A sensação que nos passa é que o pedestal da Magis consegue ser a base ideal para que as caixas trabalhem dentro de sua máxima performance, pois o som se torna mais fluido ou mais descongestionado. Para se ter a prova desta sensação, utilizamos diversas faixas em que a complexidade em variações dinâmicas e de inteligibilidade (com diversos instrumentos tocando em uníssono) fossem difíceis de observar auditivamente.

Ouvíamos sempre antes no nosso pedestal de referência, e depois no Magis. Quando aquela mesma faixa era reproduzida no pedestal da Magis, era nítido que o ar entre os instrumentos era ampliado, assim como o silêncio de fundo possibilitava escutar aqueles sons mesmo em pianíssimo (micro-dinâmica), possibilitando um conforto auditivo inexistente em nosso pedestal de referência.

Para as pessoas a quem mostrei esses exemplos, todas traduziram como: "dar uma limpada no som".

Para tirar uma dúvida que acabou surgindo, fui buscar meus desacopladores de pedestal que tenho há mais de 15 anos, e que certamente muitos dos nossos leitores mais antigos também tem: umas chapinhas fabricadas pela Lando, em que você apoiava a caixa na esfera e um fino spike faz o trabalho de desacoplar a caixa da base do pedestal. Queria ver qual seria o comportamento dessas 4 books, desacopladas da base de madeira do Audio Concept.

Para minha surpresa, com exceção da 25 Anos, as outras três caixas sustentadas pelo desacoplador da Lando, perderam corpo tanto na primeira oitava da caixa, como no médio-grave. E os desacopladores Lando no pedestal da Magis não repetiram este comportamento em nenhuma das caixas. Será uma questão da base de metal versus a base de madeira? Será o tratamento existente nas 4 colunas da Magis, versus as três colunas de metal da Audio Concept?

São questões sem resposta, mas que valem a pena serem comparilhadas com o amigo leitor, pois sobre essas questões de vibrações espúrias é muito difícil de chegar a um consenso.

Tivesse no momento mais uma dúzia de books, certamente as teria utilizado no teste. Mas, ainda que tivéssemos apenas quatro books, suas construções são tão distintas quanto suas performances, que acredito ter dado uma ideia do potencial deste pedestal da Magis.

Feito para durar a um ataque nuclear, trata-se do mais bem construído pedestal já produzido no Brasil! Pensado em cada detalhe, dá gosto observar seu design, acabamento e sobretudo sua performance, que no caso das quatro books, elevou de patamar sua performance. Tudo que qualquer audiófilo deseja ao investir em um acessório tão imprescindível para sua bookshelf.

Como sempre escrevo, a partir de determinado patamar o hi-end passa a ser ajustado nos detalhes. E qualquer book hi-end necessitará de um pedestal no mínimo à altura de sua performance. E poder ter este acessório feito aqui, é uma notícia bastante animadora.

Se você acredita que sua bookshelf pode render um 'sumo' a mais e o elo fraco é justamente o pedestal, arrisco dizer que valerá a pena você ouvir sua caixa de referência com este parceiro. Certamente você poderá tirar inúmeras conclusões e a chance deste pedestal ser a solução é alta!

Lembre-se, no entanto, de antes de tirar conclusões precipitadas, pesquisar o que o fabricante de sua bookshelf indica em termos de altura ideal, distância entre as caixas e toe-in, é fundamental. Pois nenhum pedestal, se estiver com a especificação de altura, fora do exigido pelo fabricante, irá resolver seu problema.

Dou esse recado pois inúmeros de nossos leitores muitas vezes enviam mensagens reclamando que não conseguem um bom plano, foco, recorte. Ou a altura dos músicos é sempre baixa, e o problema está justamente no desconhecimento do consumidor em relação ao que o fabricante solicita para uma performance correta.

Outras vezes os leitores reclamam do equilíbrio tonal, que escutam a passagem do médio-alto para o agudo nas suas caixas, e esquecem de pesquisar o que o fabricante fala a respeito do posicionamento das caixas em relação ao ponto ideal de audição.

Neste hobby, quanto mais você sobe, mais os detalhes serão essenciais e, no caso específico de bookshelves em que a esmagadora maioria são caixas de duas vias, o posicionamento milimetricamente correto fará toda a diferença entre o céu e o inferno.

Quase metade de minhas consultorias é tudo apenas uma questão de ajuste fino do sistema ou algum upgrade pontual. Aqueles sistemas em que estava tudo errado no setup, elétrica e acústica, são cada vez mais escassos (felizmente), então ajudá-lo a 'andar com as próprias orelhas' é nosso grande objetivo.

E alertá-lo de que é preciso ler manuais, ter paciência no tempo de amaciamento, e aprender com o erro dos amigos audiófilos - são os primeiros passos para uma vida audiófila plena e satisfatória.

E escolher o pedestal correto para sua book é primordial para qualquer pretensão de se extrair o máximo de seu investimento.

O pedestal da Magis certamente pode ser esta solução muito segura e eficaz!



AVMAG #254
Magis Audio
(11) 98105.8930
R\$ 4.850



ESTADO DA ARTE

CÁPSULAS

CÁPSULA GRADO PRESTIGE GOLD2

Juan Lourenço



A Grado Labs recentemente atualizou sua linha de cápsulas Prestige, que agora passa a se chamar Prestige Series 2, introduzindo avanços significativos adquiridos no desenvolvimento da Lineage Series. Com esta nova atualização, feita em 2017, a Grado Labs mantém as concorrentes na alça de mira.

Todos os seis modelos da linha Prestige continuam intocados, inclusive no nome e acabamento externo que continua igual ao da geração anterior. São elas: Black2, Green2, Blue2 e Red2, depois vem a Silver2 e, por fim, a Gold2, topo da linha Prestige. Todas possuem o mesmo corpo, mudando apenas o acabamento em latão anodizado em prata, para as quatro primeiras, e em latão anodizado dourado para as duas últimas. Visualmente o que diferencia cada modelo é um pino postiço localizado em cada lateral do corpo da cápsula com a cor correspondente a cada uma das seis opções.

Da mais básica e barata, até a cápsula topo de linha da série - mais barata que sua concorrente mais próxima - a linha Prestige atende perfeitamente aos desejos do melômano iniciante até o experiente, que já rodou bastante e agora quer apenas sentar e ouvir seus discos com qualidade, sem preocupações, possibilitando upgrades seguros e consistentes dentro da própria linha.

Nesta edição queremos passar ao amigo leitor nossas impressões sobre a Prestige Gold2, uma cápsula recheada de qualidades, que nos surpreendeu por demais.

A Prestige Gold2 é uma cápsula MI (Moving Iron), possui resposta de frequência de 10 Hz a 60 kHz, Separação de canais (em 1 KHz) 35 dB, carga de entrada de 47 kOhms, saída de 5 mV (a 1 KHz), indutância de 45 mH, resistência de 475 Ohms, peso de 5,5 gramas, e tracking force recomendado de 1,5 gramas.

Em seu site a Grado nos dá algumas informações sobre os processos de fabricação. Todas as suas cápsulas são montadas manualmente por sua equipe no Brooklyn, em Nova York, com alguns construtores com mais de 25 anos de experiência. Com o recente desenvolvimento da série Lineage, a empresa foi capaz de reduzir a tecnologia e trazer uma nova técnica para a Silver2 e Gold2. Esta série atualizada oferece excelente equilíbrio tonal, dinâmica e realismo, para uma reprodução mais gratificante de vocais e instrumentos. As técnicas de enrolamento de bobina, usando fio de cobre de altíssima pureza, que foram afiadas durante o desenvolvimento da série Lineage, permitiram que os circuitos elétricos alcançassem nível uníssono entre as quatro bobinas em cada cartucho fonográfico. Isso permite um equilíbrio preciso entre canais, formando uma imagem estéreo precisa.

Como em todas as cápsulas fonográficas da Grado, a Gold2 é alimentada por um sistema de ímã duplo que otimiza o equilíbrio entre os canais estéreo. Todas as partes do circuito magnético interno são mantidas com tolerâncias extremamente altas, criando a imagem estéreo desejada. O design patentado Flux-Bridger da Grado permite que a Silver2 e a Gold2 tenham um dos sistemas de geração de massa ►

móvel mais eficientes, criando um excelente equilíbrio em toda a faixa de frequência.

O desenvolvimento da Epoch, da série Lineage, proporcionou uma experiência profunda com o uso de um alojamento externo como dispositivo de amortecimento. Isso levou à criação de um processo que desestressa o chassi e dissipa energia indesejada além de atenuar frequências ressonantes, permitindo que o sinal desejado viaje livremente até o pré de phono.

Tanto a Silver2 quanto a Gold2 usam um cantilever OTL de quatro peças, com um diamante elíptico feito pela Grado. Um gerador polar usinado é acrescentado para obter menor distorção e maior transparência possível. Os componentes da cápsula Gold2 são selecionados manualmente a partir da produção da Silver2, que atendem às especificações de teste mais exigentes. Aproximadamente 5% da produção geralmente exibem essas especificações e se tornam algumas Gold2.

A tecnologia OTL, ou Linha de Transmissão Otimizada, fornece uma transferência ideal de sinal da superfície do LP para a bobina do sistema. Essa tecnologia rejeita ressonâncias indesejadas e reduz a distorção, preservando as frequências fundamentais e harmônicas de cada nota musical contidas na música. Isso também ajuda a reduzir ao mínimo o ruído gerado pela bobina. Além disto a agulha pode ser reposta quando assim terminar sua vida útil, e por menos da metade do valor total da cápsula.

O design da agulha OTL da Grado torna os registros contidos nos sulcos dos discos mais silenciosos. Trocando em miúdos, este sistema copia melhor as ranhuras do disco com pouco ruído, causado por discos levemente empenados, ou toca-discos sem clamp, melhorando a altura, largura e profundidade do palco sonoro e apresentando mais detalhes do que os obtidos anteriormente. Tudo isto aliado ao formato elíptico do diamante, se traduz em um nível de conforto auditivo e precisão percebida apenas em cápsulas MC ou MM de categoria Estado da Arte em diante.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV Special Signature com pré de phono interno. Fonte: Toca-discos de vinil Technics SP-10 MkII Broadcast com braço Linn Basik LVX. Caixas acústicas: Emotiva Airmotiv T1 e Neat Ultimatum XL6. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence Magic Scope, Sunrise Lab Premium Magic Scope, Transparent Reference MM2. Cabos de Interconexão: Sunrise Lab Premium RCA, Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA. Cabo de Caixa: Sunrise Lab Reference Magic Scope e Quintessence Magic Scope.

Antes de iniciar os testes, demos uma boa ouvida na nossa cápsula de referência naquele momento. Após a audição, colocamos a Grado Gold2, ajustamos o tracking force para o peso recomendado de 1.5g -

o que se mostrou bastante eficaz. Assim que a mesma baixou no disco ficamos perplexos com o nível de silêncio da cápsula ao trilhar o disco: é tão ausente de ruídos e fadiga auditiva que já passei a olhar a nossa cápsula de referência como se observa uma ex-namorada, enxergando apenas os defeitos (risos).

Passado o susto, no bom sentido, nos concentramos na audição das primeiras horas da Gold2 ao som do disco Black Light Syndrome do trio Bozzio Levin Stevens, e como era de se esperar nestes primeiros minutos de audição a cápsula mostrou uma textura muito rica na região média e média-grave, porém os extremos bastante abafados. Aqui vai um conselho ao amigo(a) leitor(a) que se interessar pela linha Prestige: nas primeiras horas de uso as altas frequências praticamente não existem! Eu sei que isto pode pegar alguém de surpresa e levar a tirar conclusões precipitadas quanto a qualidade do produto, mas fiquem tranqüilos, isto é bastante comum em quase todas as cápsulas do mundo O que agrava esta questão na Gold2 e Silver2, também, é que nesta nova atualização ficou claro que a cápsula possui um dispositivo dissipador que atenua as frequências ruins, por conta disto este dielétrico maciço precisa se acomodar e isto leva mais tempo que o normal, fazendo com que os agudos sofram menos alterações em decorrência do amaciamento por um período de tempo maior. Ou seja, ela vai soar abafada por muito mais tempo em comparação com outras cápsulas de outros fabricantes. O que não significa que as altas não irão desabrochar, basta ter um pouco mais de paciência. Em compensação, por causa deste sistema de dissipação, a cápsula produz uma inteligibilidade do acontecimento musical jamais percebida por nossa referência já muito amaciada.

Cápsulas modernas de qualidade demoram mais tempo para amaciar, pois seus componentes internos possuem tolerâncias mais altas, e com a Gold2 é a mesma coisa - seu período de amaciamento durou 35 horas. Os extremos só assentaram após 30 horas, e antes disto é um verdadeiro estica e puxa. Os graves ganharam uma ótima extensão com velocidade e deslocamento de ar impressionantes. Parecia que estava ouvindo uma cápsula de mais de mil e quinhentos dólares! Graças ao seu equilíbrio superior entre fases, as passagens complexas do solo de bateria se mostraram limpas, sem embolamentos ou atropelos entre as frequências. A naturalidade da bateria e a posição de cada parte dela era facilmente acompanhada sem que com isto nosso cérebro precisasse colocar toda atenção no acontecimento uma coisa por vez, um pouco no solo, um pouco na guitarra e mais um pouco nos planos. Não! Com a Grado Gold2 passamos a ouvir tudo em uma só porção. Tudo muito bem encaixado, recortado, com uma profundidade e organicidade maravilhosa.

Depois passamos a ouvir Jeff Beck, álbum Truth, todas as faixas, pois com a Gold2 é impossível ouvir apenas uma faixa, ela traz uma energia aliada ao conforto auditivo que, para ouvir rock em geral, é ►

CÁPSULAS

uma verdadeira delícia! Nada vem pra frente, ou endurece nos solos, cada músico fica em seu lugar, colocando entre eles bastante ar e silêncio.

A única coisa nela que desagrada é que os agudos não possuem o mesmo nível na extensão do que das outras partes que compõem o espectro audível. Eles não são deficientes, não falta extensão, pois se fosse este o caso não teriam o corpo bem delineado e arrojado que tem nos pratos e nem nos mostraria um riz corpulento cheio de componentes harmônicos, mas falta um pouco de extensão sim, e neste quesito a nossa referência se sai um tantinho melhor.

Foi aí que resolvi colocar Mahler, Symphony No.1, com Georg Solti conduzindo a London Symphony Orchestra, selo Decca. Neste disco pude experimentar graves cavernosos com a Gold2, um descongestionamento de todo o acontecimento e variações dinâmicas simplesmente impressionantes. A cápsula tira tudo dos sulcos, nada passa despercebido e, mesmo nas passagens cheias de variações complexas de dinâmicas, e uma infinidade de instrumentos a tocar ao mesmo tempo, sentimos uma folga no acontecimento que podemos procurar pelos diferentes timbres e nuances de boa parte dos instrumentos, como os trombones, trompas e trompetes, até as flautas ficam audíveis no meio daquele turbilhão sonoro.

CONCLUSÃO

Para cápsulas MM de baixo custo (neste caso esta é MI, Moving Iron, o que dá praticamente no mesmo) tocarem jazz, blues, rock progressivo e pequenos conjuntos já se tornou 'mamão com açúcar'. Agora, conseguir tocar uma pedreira como esse Mahler, e como são quase todas as gravações de música clássica, isto é novidade para mim. Pelo preço que ela custa, pelo menos 200 reais mais barato que sua maior concorrente, que não entrega tamanho conforto auditivo, não consigo pensar em uma cápsula que tenha este nível de compromisso. ■

AVMAG #255
KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
R\$ 1.620

NOTA: 79,75



DIAMANTE REFERÊNCIA



Sax Soul Cables

Extraia todo o potencial do seu sistema.



Entre em contato: (11) 98593-1236 | www.saxsoul.com.br



Puxando pela memória, não consigo lembrar em que ano testei uma cápsula Grado da linha Reference e qual modelo. Só consigo lembrar que foi em um toca-discos Rega Planar 3 com braço RB300 e era o começo do Clube do Áudio. Em 1998, talvez.

Agora que voltou ao Brasil, pelas mãos do Fernando Kawabe, já testamos o fone de ouvido Reference Series RS1E e agora apresentamos a cápsula Statement Master 2, a top dessa linha, logo abaixo da linha Reference. Nos Estados Unidos é uma cápsula de 1000 dólares, em uma faixa de preço que existem dezenas de boas opções. Então, se destacar nesta faixa é tarefa das mais difíceis.

A história da Grado Labs, que leva o nome de seu fundador Joe Grado, nasceu em 1953, no Brooklin, em Nova York. Joe Grado é o criador da cápsula de bobina móvel (MC) estéreo. Morreu em 2015, mas desde 1990 a empresa foi dirigida pelo seu sobrinho, John Grado e, em 2013, o filho de Joe, Jonathan, tornou-se o vice-presidente de marketing da empresa.

Mas a atual Grado se tornou mundialmente conhecida pelos excepcionais fones de ouvido, que também usam madeira - as cápsulas das linhas top da Grado também sempre foram reconhecidas por serem de madeira. A linha de cápsulas da Grado é bastante extensa, começando com a série Platinum (na faixa de 350 dólares lá fora), Sonata (600 dólares), Master 2 (1.000 dólares lá), Reference 2 (1.500 dólares) e Statement 2 (3.500 dólares).

A Statement série 2, que espero em breve poder testar, é considerada por muitos articulistas como a melhor cápsula da Grado de todos os tempos, concorrendo com cápsulas custando até três vezes este preço. Como estou pior que São Tomé, quero ouvir para crer, rs.

A Statement Master 2 também possui um corpo de madeira com a implementação de uma bobina fixa mas que, como todos as cápsulas deste fabricante, utiliza um pequeno pedaço de ferro (em vez de imã) entre as bobinas - desenvolvido por John Grado em 1953 e que ficou conhecido como Moving Iron (MI), em oposição ao Moving Magnet (MM) e também diferente do Moving Coil (MC).

CÁPSULAS

Um amigo meu sempre apelidou as cápsulas da Grado de bobina híbrida. Pois como tem uma saída baixa (1,0 mv) em relação as MM, as Grado são cápsulas que precisam de um ganho de pelo menos 56 dB, se comportando muito mais como uma cápsula MC.

Então, ao decidir pela compra de uma cápsula deste fabricante se atenha ao detalhe de verificar se o seu pré de phono estará apto a ela.

O fabricante fala em 40 horas de amaciamento. O André Maltese, que mais uma vez fez a gentileza de montar a cápsula no meu braço SME V, com sua enorme experiência, me disse ser interessante no mínimo o dobro deste tempo para a cápsula realmente estabilizar.

O pré de phono foi o Golden Note, com seus inúmeros recursos de regulação (quanto mais escuto este pré, mais maravilhado fico com seu custo, performance e versatilidade). Acostumado nos últimos anos com cápsulas MC de referência, como a Benz LP-S, a Air Tight PC-1 Supreme e a Transfiguration Protheus, minha curiosidade foi grande em ouvir a Grado.

O teste com a cápsula Grado Reference é tão antigo que sequer achei nos meus cadernos de anotações. E olha que procurei, por quase uma tarde, na tentativa de achar alguma dica de como as primeiras cápsulas deste fabricante com corpo de madeira soaram em meu sistema (a Grado passou a usar corpo de madeira, no início dos anos 90, justamente no lançamento da linha Reference).

Depois de três horas de instalação e ajuste fino da cápsula, sentamos eu e o André Maltese para a primeira audição. Ficamos ali escutando disco após disco, com uma região média impressionante, com timbres naturais e um convite para aquela primeira audição se estender pela noite adentro.

O André foi embora e, antes de deitar, passei alguns LPs da metodologia apenas para fazer minhas primeiras anotações. A Grado encanta pela capacidade de organizar a música entre as caixas, fazendo com que a música flua sem congestionamento ou baixa inteligibilidade.

E ainda que, nas primeiras 40 horas, falte as pontas, a naturalidade e a musicalidade nos remetem a querer apreciar, pois as virtudes já se mostram maiores que as ausências. É o tipo de cápsula que você não consegue ficar apontando as limitações, pois as qualidades saltam à nossa frente.

Corpo harmônico, além de correto, é muito preciso. Contrabaixos acústicos possuem tamanho real de contrabaixo, cantores possuem altura (se estão em pé), quartetos de cordas você consegue ouvir com prazer e 'ver' o tamanho dos instrumentos, e à medida que o amaciamento passou de 40 horas, as pontas foram aparecendo, sutilmente à princípio, e depois com maior rapidez.

Os graves são muito bons, com fundação, energia, deslocamento de ar, que empurrado pelo corpo harmônico correto, torna tudo muito

prazeroso e verossímil. Nosso cérebro gosta do que está a ouvir, pois reconhece o conforto auditivo e a sensação do acontecimento musical estar realmente ali à nossa frente.

Os agudos, ainda que não sejam a referência das referências, não têm nada de errado. Boa velocidade, bom corpo, boa extensão. E se não são excelentes, é sempre preciso lembrar que estamos falando de uma cápsula de 1.000 dólares lá fora! E, provavelmente, as cápsulas concorrentes que tenham maior refinamento nos agudos percam em outras qualidades que a Grado têm de sobra.

Não adianta, meu amigo, nesta faixa de preço é uma questão de escolhas. Não têm jeito. Pessoalmente, prefiro mil vezes abrir mão de uma ultra extensão em cima, por um corpo e naturalidade em todo o resto do espectro audível, pois minha coleção de 6.000 LPs está recheada de gravações que tecnicamente são bem limitadas - principalmente as prensagens nacionais, em que o uso de equalização correu solto como fumo em baile funk!

É uma cápsula tão musical que, para determinados gêneros é uma das cápsulas que eu mais indicaria. Exemplos: MPB, vozes em geral (independente do estilo musical), pequenos grupos de câmara, pianos solo e música étnica. Pois a região média desta cápsula é de uma precisão e naturalidade estonteantes!

Com 80 horas, a Grado não sofreu mais nenhuma alteração, aí decidi brincar com os cabos de interconexão entre o Golden Note e nosso pré de linha. Utilizei as seguintes opções: QED Reference, Timeless Guarneri, Sunrise Lab Quintessence, Nordost Tyr 2 e Sax Soul Ágata 1.

Para o meu gosto pessoal, e para dar ainda mais ênfase à naturalidade da região média, minhas escolhas recaíram no Timeless e no Tyr 2. O Timeless reforçou a microdinâmica e os transientes, deixando o andamento e ritmo mais presentes, e o Tyr 2 reforçou as passagens do forte para o fortíssimo na macrodinâmica, e deixando as texturas ainda mais evidentes na apresentação musical.

Engana-se quem acha que uma cápsula de 1.000 dólares não mereça todos esses cuidados. Pois se o produto tem um enorme potencial, devemos explorar suas qualidades ao máximo. Ainda faria um outro teste antes de começar a fechar a nota da Grado: ouvi três diferentes cabos de força no Golden Note para ver se era possível extrair do conjunto um sumo a mais. Tirei o cabo Transparent Powerlink MM2 e coloquei o cabo original do Golden Note, e ainda utilizei o Reference SE da Sunrise Lab.

Com o cabo original do Golden Note, os agudos além de ficarem mais escuros, perderam também um pouco de corpo. Os médios ficaram todos mais frontalizados como se a música fosse bidimensional. E os graves perderam também extensão e definição.

Com o PowerLink MM2 tudo voltou ao normal, mas óbvio que não é um cabo ideal para este setup (pré de phono / cápsula). Então, a

melhor solução foi, para este setup, o Reference SE da Sunrise, mais compatível em termos de preço com o conjunto.

O importante, como disse, é que esta Grado possui 'garrafas para vender', podendo crescer de performance à medida que o usuário realiza upgrades em seu sistema. Sendo um investimento para um longo período e não apenas uma temporada.

CONCLUSÃO

Quando comecei a compreender a assinatura sônica desta cápsula da Grado, fiquei com a sensação inicial que seria a cápsula ideal para os melômanos. Que sempre buscam uma solução mais barata com a melhor musicalidade possível!

Mas, à medida que o teste avançou e a cápsula estabilizou, vi que estava cometendo um erro de avaliação.

Esta cápsula é tão indicada para melômanos quanto para audiófilos, que desejam no seu setup analógico o máximo de prazer auditivo sem ficar analisando se falta um pouquinho disto ou daquilo. São para todos que estão famintos por achar uma solução que toque tanto seus discos surrados, como os bem conservados. Gravações tecnicamente impecáveis, como também as sofríveis.

E que nos mostre a melhor qualidade do vinil: seu corpo harmônico. Capaz de encher uma sala com o sax de John Coltrane, nos fazer pular na cadeira com os naipes da big band de Duke Ellington e nos levar a prender a respiração com o dueto entre Louis Armstrong e Ella Fitzgerald. E eu lhe garanto que isto a Grado Statement Master 2 faz com os pés nas costas!

Se esta é a cápsula que você tanto deseja, sua busca finalmente encontrou o caminho! ■



AVMAG #252
KW HiFi
(48) 3236.3385
R\$ 6.240

NOTA: 85,0



ESTADO DA ARTE

Não é mágica, é Ciência!



Peça uma demonstração dos
produtos da Magis Audio, e
descubra o salto que o seu
sistema de áudio e vídeo
pode dar.



MAGIS AUDIO

Magis Audio, just listen

Telefone: (11) 98105.8930
duvidas@magisaudio.com
www.magisaudio.com

CÁPSULAS

CÁPSULA SOUNDSMITH HYPERION MKII ES

Fernando Andrette



Às vezes somos levados a um novo caminho, por uma série de eventos inesperados. E meio que atordoados, a princípio sequer imaginamos o que ocorrerá. Assim posso descrever meu contato com a linha de cápsulas da SoundSmith e, em particular, com a nova Hyperion MkII.

Tudo começou quando a minha referência em cápsulas, a Air Tight PC-1 Supreme, foi para o estaleiro, após quase 5 anos de uso diário, e precisou praticamente serem refeitos a agulha e o cantilever. Para você que está pensando em se aventurar a montar um sistema analógico, lembre-se que cápsulas se desgastam e necessitam de manutenção de tempos em tempos. Claro que a maioria de vocês não submeterá seu sistema analógico a 4 a 5 horas diárias de uso (como eu).

Mas mesmo que você utilize apenas nos finais de semana, ou por uma ou duas horas diárias, um dia ele irá abrir o bico e pedir retifica na certa. Afinal estamos falando de atrito mecânico, e por melhor que seja o material utilizado, sempre haverá desgaste.

Pois bem, nesses 11 meses que aguardei o retorno da minha cápsula, me aventurei em ouvir muitas outras cápsulas, e este processo forçado me levou a conhecer excelentes opções, como por exemplo a Transfiguration Proteus (também japonesa), com uma relação custo/performance impressionante (custa literalmente a metade do preço da PC-1 Supreme), ouvi e testei também a Grado Statement 2 (outra cápsula muito correta e musical, ainda mais barata que a Proteus) e a Quintet Black da Ortofon, excelente custo/benefício para quem deseja uma cápsula de entrada, mas com atributos de cápsula ►

definitiva para sistemas analógicos Diamante Referência com um pé no Estado da Arte.

O interessante é que, cada vez que me aventurava a escutar uma nova cápsula, lá vinha o nosso colaborador André Maltese instalar a dita cuja e sempre ele me dizia: “Você precisa escutar a nova Hyperion MkII ou alguma cápsula intermediária da Soundsmith. E me contava a história de como conheceu Peter Ledermann e ficaram amigos.

Quem conhece o Maltese sabe de sua paixão por analógico e seu vastíssimo conhecimento (com muita propriedade) de cápsulas, braços, toca-discos, prês de fono, etc. Você pode passar dias e dias conversando com ele, e aprender uma enormidade de ‘causos’ e histórias deste mercado analógico. O cara é uma enciclopédia, capaz de dizer até o ano de fabricação de uma determinada série de cápsulas que foram vendidas apenas 100 unidades.

Mas, seu conhecimento vai mais longe, ao nos mostrar o ‘caminho das pedras’, o que casa bem com o que, e o que desanda. Pois bem, depois de contar-me toda a história do fundador da Soundsmith, Peter Ledermann e como o conheceu e o ajudou a arrumar um distribuidor no Brasil, e começou a descrever do que é feito o cantilever de suas cápsulas, uma luz de interesse acendeu na minha cabeça. Peter ainda hoje realiza a retificação de inúmeras cápsulas de vários fabricantes. Como diria o ex-presidente americano Barack Obama: “Ele é o cara”. Com tamanha expertise e a possibilidade de ver o que todos os grandes fabricantes de cápsulas faziam, para diferenciar seus produtos ele resolveu fabricar suas próprias cápsulas.

Esses anos todos de retificação o ajudaram principalmente a saber o que ele não deveria fazer, para poder conquistar seu lugar ao sol como fabricante de cápsulas. Então começou por estudar o que poderia ter de diferencial em relação à concorrência, e descobriu dois caminhos que o diferenciariam de todos: o sistema que ele batizou de DEMS (Dynamic Energy Management System) e seu cantilever feito de espinho de cactus - sim meu amigo, você entendeu perfeitamente: cactus, aquela planta exótica que você encontra em regiões áridas e que aparecem nos filmes de Hollywood nos anos 60 para descrever paisagens na divisa com o México.

O sistema DEMS consiste no estudo de direcionar as forças vibratórias do atrito da agulha com os sulcos, para longe da agulha, sem reflexões e que sejam dispersadas adequadamente pelo braço do toca-discos. A ausência dessas reflexões permite que a agulha permaneça em um contato muito maior com a parede dos sulcos dos discos. Resultado: aumento de todos os detalhes do micro ao macro, e redução drástica do ruído de fundo dos discos que tanto nos incomodam entre uma faixa e outra ou nas passagens em pianíssimo.

Mas, o sistema DEMS vai ainda mais adiante, ao repensar a construção da cápsula saindo do convencional design quadrado, que a

maioria dos fabricantes utiliza. Peter percebeu que esta construção interna quadrada influi nas reflexões vibratórias, causando inúmeros problemas que voltam para a agulha, fazendo-a vibrar ainda mais.

Ele nos dá o exemplo de cantar em um campo aberto em comparação a cantar no chuveiro. As reflexões do cantar no chuveiro se misturam, causando ondas vibratórias impossíveis de serem isoladas depois de iniciadas. Para contornar este problema, suas cápsulas não utilizam construções internas quadradas, sendo visualmente mais largas lateralmente.

Peter, de tanto retificar cápsulas consideradas ‘superlativas’, percebeu que pequenas mudanças resolveriam problemas óbvios. Decidiu, ao produzir suas cápsulas, que desafiaria todas as convenções de construção das mesmas, mudando e estudando tudo que fosse possível. E, de tanto retificar cantilevers de tubos, feitos de inúmeros materiais rígidos, percebeu que se conseguisse aliar as suas descobertas do sistema DEMS a um novo material rígido o suficiente para suportar o atrito mecânico da agulha com o disco, mas que fosse maleável o suficiente para diminuir as reflexões, ele daria um salto gigantesco. E foi aí que surgiu o cantilever de espinho de cactus.

Depois de pesquisar uma infinidade de materiais que tivessem alta rigidez e, ainda assim, fossem maleáveis, sua resposta não veio da mistura de metais, e sim da natureza. Peter fez alguns protótipos com cactus e descobriu que este possuía as condições ideais para trabalhar com o sistema DEMS.

Mas, faltava ainda um último passo para suas ideias fugirem do convencional. Ele queria avançar também no desenvolvimento de suas bobinas, e defende com enorme veemência e muita argumentação sua escolha pelo que ele chama de Bobina Fixa Soundsmith. Em um artigo em seu site, Peter defende sua ideia de bobina fixa com muitos números e diferenças sônicas e de medições. Darei uma breve pincelada nos principais argumentos, caso contrário este teste terá 20 páginas, rs.

Segundo Peter, as vantagens mais relevantes são: até 1600% menos massa interna do ‘gerador’ em movimento, que resulta em uma recuperação de microdetalhes muito maior. Energia armazenada muito menor, diminuindo drasticamente as energias refletidas. Frequência ressonante natural muito mais alta - ressonância de amplitude mais baixa. Suspensão muito mais robusta, permitindo a eliminação de desvio de azimute, com capacidade de ser reconstruída inúmeras vezes (outra vantagem do uso de cactus) e probabilidade de ‘sobreviver’ a um acidente sem distorcer a suspensão interna.

Outras vantagens citadas pelo fabricante: seu design diferenciado, com seis lados totalmente blindados, permitem uma proteção de Faraday à bobina e uma rejeição de ruídos e zumbidos muito superior à qualquer projeto de cápsulas MC, MI ou MM.

CÁPSULAS



À esquerda uma armadura de bobina móvel relativamente pequena e nos padrões dos melhores fabricantes. À direita, o maior modulador de fluxo da Sounsmith, diminuindo drasticamente a inércia

O seu sistema Fixed Coil reduziu drasticamente a massa que deve ser movida entre a agulha e o cantilever (veja foto acima).

Peter esclarece que sua tecnologia de bobina fixa permite pelo menos 5 vezes menos massa móvel interna. E as leis da física traduzem isso em um desempenho 10 vezes melhor devido à menor energia armazenada no movimento angular. Pois quanto mais massa, mais energia armazenada e mais tempo leva para movê-la, e a energia refletida volta para a agulha - o que consequentemente causa a vibração da agulha, trazendo perda de detalhe, barulho de sulco, menor inteligibilidade e menor prazer em ouvir a música.

Outra questão essencial dessa vibração que volta para agulha, é que a mesma começa a pular dentro dos sulcos (como um carro não apropriado para isso andando em off road). Consequentemente, o que ouvimos não é mais o sinal resultante do sulco do disco. É o resultado audível da vibração das ranhuras e do contato impreciso da agulha com as paredes do sulco. E Peter descreve esta situação como: "Tentar entender uma história com o livro faltando páginas".

Por isso, ele insiste: "Se você diminuir a massa do gerador, duas coisas acontecem: menos esforço é necessário para movê-lo e menos energia refletindo de volta ao cantilever e a agulha, resultando em muito menor vibração da agulha no sulco, aumentando drasticamente o contato da agulha com as ranhuras do sulco".

Eu realmente aconselho a leitura completa do artigo, pois além de muito bem fundamentado, dará uma ideia clara da seriedade e do conhecimento de Peter Lederman à respeito do assunto. Além de ser uma sumidade, ele tem o cuidado de escrever também para o leigo que está apenas iniciando neste maravilhoso universo analógico.

O que certamente todos que chegaram a esta altura do teste devem estar se perguntando é: todo este diferencial é audível? Já chegarei lá.

Para o teste, que foi feito em duas etapas, utilizamos os seguintes equipamentos. Toca-discos: AVM 5.3, e Storm da Acoustic Signature. Braços: original do AVM, e SME Series V. Pré de fono: Boulder 500. Eletrônica: prés de linha Nagra HD e Dan D'Agostino Momentum, power Hegel H30 e Nagra Classic Amp. Caixas Acústicas: Wilson Audio Yvette e Sasha DAW, e Kharma Exquisite Midi. Cabos de interconexão: Dynamique Audio Halo 2 e Apex (RCA e XLR), Sunrise Lab Quintessence, Transparent Opus G5, e Sax Soul Ágata 2. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2, Dynamique Audio Halo 2, e Sunrise Lab Quintessence.

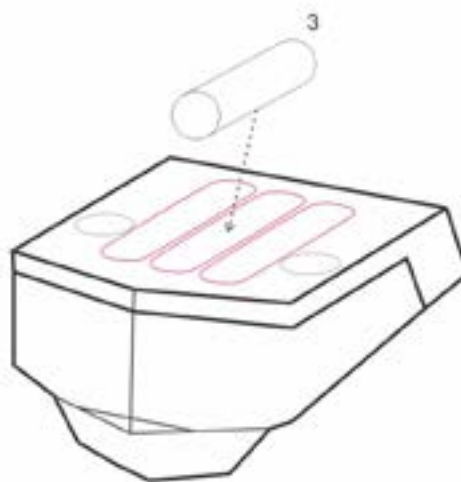
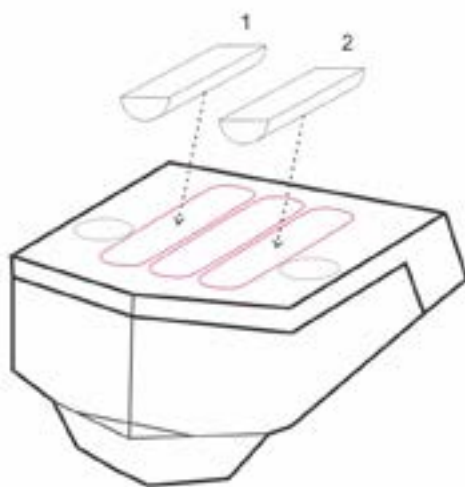
O fabricante solicita 50 horas de queima. Diria que com 40 horas já se terá uma ideia exata da exuberância desta cápsula, e que as 10 horas restantes são apenas de 'acomodação' dos dois extremos e do soundstage. E que com apenas 20 horas, o consumidor que escolher esta cápsula como referência já terá uma ideia cristalina do 'Efeito Soundsmith' em seu sistema.

Sou tão conservador com cápsulas como sou com pré-amplificadores. Costumo ficar muitos anos com a mesma cápsula, quando esta atende à dois critérios básicos: servir como cápsula de referência para testes e me atender como melômano. E como são critérios distintos, poucas cápsulas realmente conseguiram me atender nesses dois quesitos.

Sempre me perguntaram a razão de já não ter optado pelo uso de dois braços. A resposta é simples: manter dois braços SME Series V e duas cápsulas de alto nível, e um pré de fono com duas entradas simultâneas, custa caro - e com o dólar nas alturas, mais caro ainda.

Então, prefiro manter tudo como está e buscar a cápsula que atenda à esses dois requisitos da melhor maneira possível. A Benz LP-S atendia mais ao meu lado de melômano com sua doce musicalidade, mas rapidamente foi superada em termos de performance por cápsulas mais sofisticadas. Foi aí que, ao testar a PC-1 Supreme, descobri o 'canto do cisne' irresistível, e sucumbi aos seus encantos.

O que sempre gostei na PC-1 Supreme foi seu grau de precisão e capacidade de extrair, mesmo em gravações tecnicamente mais limitadas, a essência, sem tornar a audição cansativa ou desinteressante. Seu poder de sedução nos prende do começo ao fim, não nos deixando desviar do acontecimento musical nem por um segundo. ►



Hastes não condutivas de Alumina para isolar o terra da cápsula para o braço sem alterar a transferência de energia entre eles.

É uma cápsula que exige dos seus pares completa abnegação em transportar tudo que ela consegue extrair dos sulcos, não aceitando nenhum desvio deste propósito. Com isso, cabos, pré de fono e todo o resto têm que estar na mesma direção. Quando se consegue este compromisso, estamos no paraíso sonoro. E, neste aspecto, consegui por muitos anos manter meu setup analógico ajustado para atender a todos os seus caprichos.

Mas, e quando tenho que testar cabos de braço, prés de fono, cabos de interconexão, etc, que não estejam à sua altura de exigência, como faço? Pois bem, meu amigo, eu não fazia. Dava para os nossos colaboradores testarem, pois não teria como aplicar nossa Metodologia usando a Air Tight PC-1 Supreme. Eu a apelidei de 'implacável', tanto com os parceiros, como com os discos de longa data, já marcados por décadas.

A Hyperion MkII parece ser muito mais zen na forma de tratar seus pares e discos. Dizer que é melhor ou pior que as cápsulas que passaram de 100 pontos em nossa Metodologia, não será o mais relevante para apresentar seus diferenciais. Eles estão na soma de detalhes, e na sua abordagem diferenciada de construção e conceitos, que a fazem tão diferente e única.

O Maltese estava absolutamente correto ao descrever a Hyperion MkII como a cápsula que exprime a música em sua totalidade, sem esforço ou algum truque na manga. Ela parece tão segura de si na sua capacidade de extrair das gravações o sumo do sumo, que mesmo que seus pares não acompanhem, o prazer de continuar ouvindo é tão intenso que você não irá parar de escutar, por achar que algo em termos de sinergia precisa ser melhorado.

Claro que todos irão querer saber o seu teto, sua capacidade de nos brindar com o maior prazer auditivo possível. Mas você irá convi-

ver com as limitações sem ansiedade ou frustração. Isto é um exemplo claro de duas coisas: sua folga inigualável e sua compatibilidade com pares de menor calibre, como cabos e eletrônica.

Suas virtudes são tantas que prefiro me concentrar em detalhar as mais explícitas, aquelas que nos criam impressões sonoras para sempre em nossa memória auditiva. A primeira, e a mais evidente, é sua reconstrução dos detalhes. São tantos e em tão grande abundância, que nos primeiros dias a sensação é que você foi presenteado com remasterizações exclusivas de todos os seus discos. Nenhum disco que ouvi nesses dois meses de convivência tocou sem apresentar algum detalhe que eu jamais havia escutado em setup analógico algum!

Sabe o que isso significa, amigo leitor? Espanto, espanto e mais espanto! Da incredulidade passamos rapidamente para aquela empolgação de termos sido surpreendidos com aquele presente inusitado, que sempre desejamos ter, mas não sabíamos se existia de fato!

À medida que o amaciamento avançou (para mais de 30 horas), o segundo round é perceber o quanto de degraus a mais existe entre um crescendo do forte para o fortíssimo. É impressionante como a Hyperion MkII se comporta na resposta dinâmica, seja na micro, como na macro. A lei do mínimo esforço sempre, como se o que estivesse a nos mostrar fosse o acontecimento musical mais singelo e simples de reproduzir, como um alaúde, ou um triângulo!

Coloque o que você quiser, como The Firebird, de Stravinsky, na gravação da Telarc, ou a apresentação do pianista Vladimir Horowitz no Carnegie Hall, com o programa que incluiu Schubert, Chopin, Scriabin e Liszt, E com toda a variação dinâmica dessas obras, pode ouvir a Hyperion MkII soar impávida e solene, sem perder jamais a composição ou folga.

CÁPSULAS

Claro que as cápsulas acima de 100 pontos por nós já testadas, todas possuem atributos suficientes para figurar entre as melhores das melhores. Cada uma com sua assinatura sônica conquistou seu lugar no pódio mais alto, justamente pela capacidade de dar um enorme prazer auditivo. Isto obviamente explica a razão de termos um leque de excelentes marcas e modelos hoje à disposição de melômanos e audiófilos. Algumas muito mais exigentes com o setup de braço, cabos e pré de fono, e outras como a Hyperion MkII, mais maleáveis.

Esta maleabilidade ficou evidente ao usarmos, no teste, braços tão distintos como o do AVM e o SME Series V (meu braço de referência há quase 8 anos). Em ambos, a Hyperion MkII se mostrou inteiramente à vontade, sem ter perda alguma de suas maiores virtudes: folga e detalhe. Claro que, no braço SME V, suas qualidades foram ainda mais realçadas e refinadas, mas um braço mais simples não tirou nada de seu 'DNA'.

Uma outra característica que nos chamou muito a atenção, foi sua capacidade de trilhar tanto discos mais novos como os mais rodados, de 80 gramas e 90 gramas. De 33RPM ou 45RPM. Em qualquer situação, sua capacidade de extrair a essência existente no disco, realmente impressiona.

Não falo apenas de extrair mais informações, como ruídos de boca, chaves de instrumentos de sopro, microvariações dinâmicas, etc. Falo daquelas passagens que eram difíceis de entender que instrumento estava dobrando uma oitava acima, das frases sussurradas que não conseguíamos entender, do trastejar de notas que pareciam mais um esbarrão ou um vibrato sutil, ou uma micro mudança tonal realizada na digitação - tudo está lá, ao nosso alcance, nos dando a oportunidade de perceber o grau de virtuosidade dos nossos músicos preferidos e o grau de dificuldade técnica daquela obra.

Para quem nunca ouviu um setup com essas características, pode achar tudo isto bastante irrelevante. Mas não é. Acreditem.

As grandes interpretações se diferenciam das comuns exatamente pelos detalhes, e são estes detalhes que expressam gostarmos de uma determinada interpretação e não de uma outra que é, às vezes, até mais bem arranjada e executada. São os detalhes que podem nos levar às lágrimas ao ouvir determinada obra, ou nos fazer prender a respiração em júbilo àquele momento imortalizado.

Tenho certeza que todos nós, que somos apaixonados por música, temos dezenas de exemplos para mostrar aos amigos, filhos, esposas, namoradas, daquela obra que arrepiava os pelos dos braços e nos faz querer repetir aquele momento tão único por toda nossa existência.

A Hyperion MkII é deste naipe, senhores. Capaz de nos levar da lágrima à euforia em uma simples mudança de narrativa musical. Ela não me parece muito distante da minha referência, que também tanto

admiro, mas tenho que admitir que o 1 ponto que as separa em nossa Metodologia está exatamente em todos esses detalhes que acabei de descrever.

Um ponto em nossa Metodologia é irrelevante, e parece algo frio quando escrito em palavras. Mas, no caso específico desta cápsula, este 1 ponto é o resultado do esforço de seu projetista, que ousou pensar 'fora da caixa' e mostrar ao mundo que se pode criar e realizar diferentemente, que pode-se questionar as razões que fazem todos seguirem uma receita que funciona, para se lançar no abismo de incertezas.

Claro que Peter não jogou tudo para o alto e começou do zero. Sua perspicácia em aprender com os erros e acertos dos outros é que o levou a ter a capacidade de ampliar suas ideias e buscar soluções para os problemas. Este 1 ponto a mais, que coloca a Hyperion MkII como a cápsula de maior nota já dada nesta revista, pode parecer irrisório no segmento Estado da Arte, mas diz muito em termos de esforço e o comparo aos recordes que, de quatro em quatro anos, são alcançados nas Olimpíadas. Lá falamos em termos de décimos de segundos, muitas vezes, e aqui estamos falando de 1 ponto apenas!

Mas, assim como os superatletas que conseguem tamanho feito e se tornam lendas dos esportes, diria que Peter Ledermann figurará certamente entre os projetistas de cápsulas mais audaciosos e determinados que o mercado de áudio hi-end já produziu. Sua maneira de pensar e produzir irá representar, para as futuras gerações de melômanos e audiófilos, como um divisor de águas.

Da minha parte, só posso afirmar que nossa nova cápsula de referência passa a ser a Hyperion MkII. Espero, em breve, também poder testar as cápsulas abaixo da Hyperion e compartilhar com vocês nossas impressões.

Pelo que tenho lido lá fora, o DNA da Hyperion está presente em toda a linha, desde o modelo de entrada, às mais sofisticadas. Se o seu desejo é colocar em seu setup analógico uma cápsula com esta conjunção de qualidades, não perca tempo: ouça a Hyperion MkII, uma cápsula que irá ditar os novos rumos das cápsulas de nível Estado da Arte! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:

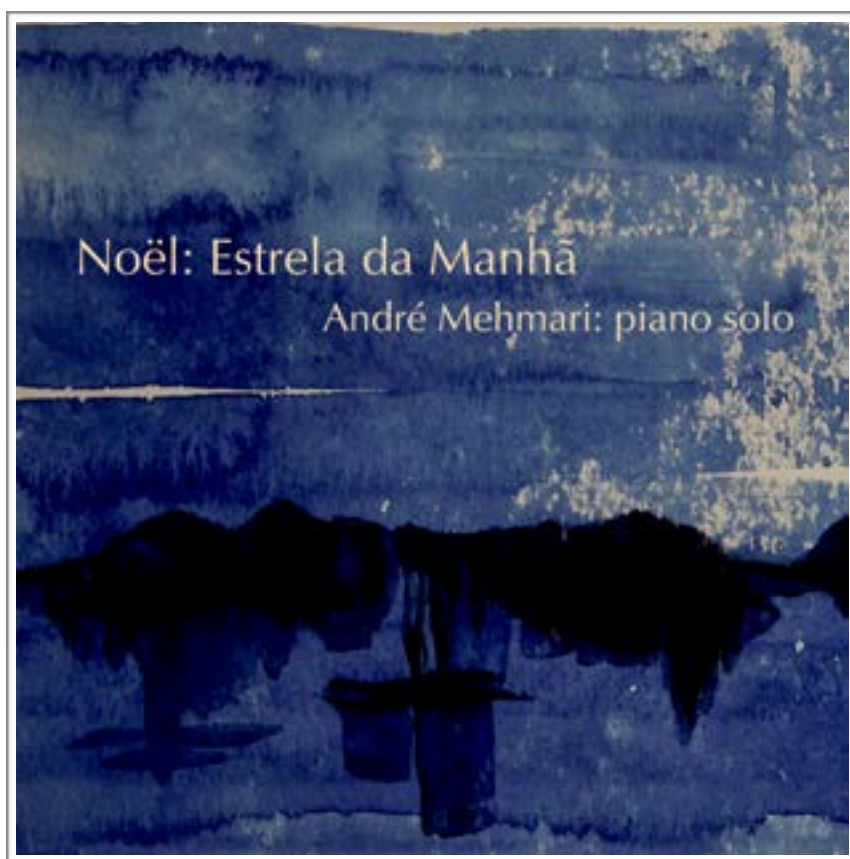
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=F65MODZN4GK](https://www.youtube.com/watch?v=F65MODZN4GK)

AVMAG #256
Performance AV Systems Ltda
(11) 5103.0033
US\$ 11.000

NOTA: 106,0



ESTADO DA ARTE



Novo album piano solo
Dedicado à obra de
Noel Rosa

Já disponível nas
plataformas digitais.

Arquivos originais em
24/96 disponíveis
para venda exclusiva
através do site.

Lançamento
Janeiro 2020

“Foi na noite do dia 19 de outubro de 2019 que este álbum foi integralmente gravado, num só fôlego. Minha vontade foi mesmo criar um som intimista, noturno, aconchegante e lento. Abri o songbook Noel Rosa e comecei a gravar algumas canções, na ordem (alfabética) em que se apresentam. O repertório parecia já saber o que me pedir como pianista. Assim, neste álbum, apresento as músicas na ordem em que as gravei. O que ouvimos aqui é o lume daquela irrepetível noite que me antecipava uma aurora de sonhos e galáxias que dançam ao som de Noel Rosa.”

André Mehmari

Música Brasileira de excelência produzida hoje.

Conheça os lançamentos do selo Estúdio Monteverdi

<http://www.andremehmari.com.br/loja-shop>



TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS AVM ROTATION R 5.3

Fernando Andrette



Dois mercados crescem a olhos nus, com crise ou sem crise: o de caixas acústicas e de toca-discos (alguém vai espernear e gritar: “e o de fones de ouvido?”), mas este na verdade é impulsionado mais pelos fones mid-fi e low-end, então não atendem ao escopo desta matéria).

E em um mercado com imensa demanda, sempre cabe mais um fabricante, seja para sentar na janelinha e na Primeira Classe, ou na fila do meio na Classe Econômica. A AVM é um renomado fabricante de áudio alemão que acaba de dar seu primeiro passo no segmento de toca-discos, com dois lançamentos: o R 2.3, mais simples e para os iniciantes no mundo analógico, e o R 5.3, com aspirações de se tornar um best-buy no mercado intermediário, mais acima do mercado.

O diretor executivo da AVM, Udo Besser, deixou claro que o R 5.3 foi um presente de aniversário para o seu filho, ao completar 18 anos de vida. “Quería dar a ele algo significativo, e daí nasceu a ideia de um toca-discos, afinal esta nova geração está redescobrimo a magia do vinil”. Udo ressalta que foi um desafio e tanto levar adiante esta ideia, pois era preciso iniciar um projeto do zero sem perder a identidade de todos os produtos da AVM, que primam por um excelente acabamento e um grau de confiabilidade muito alto dos usuários.

O desenvolvimento do primeiro protótipo saiu do papel em 2013 e, no final, acabou sendo o projeto mais caro até o momento da empresa. Afinado o projeto, ambos os modelos foram terceirizados para um fabricante europeu especializado somente em toca-discos, mas Udo faz questão de acrescentar que todo o projeto foi desenvolvido internamente. E Udo quis que tudo fosse feito a seu modo. O R 5.3, que recebemos para teste, utiliza um sistema de acionamento por correia conhecido como ‘Elipso Centic Belt Drive’.

A base, de proporções interessantes, tem 470 x 390 mm, e foi toda construída em um painel de fibra de alta densidade e inerte ao toque dos dedos, e bastante sólido. A parte de cima e da frente do toca disco possuem uma lâmina de alumínio escovado colado no painel, o que dá o ‘caráter’ de padrão AVM. Os pés de amortecimento são parafusados para manter a ressonância muito baixa e bem próxima de zero. O prato pesando 5 kg é todo de acrílico, apoiado em um prato interno de metal que gira dentro do alojamento principal do rolamento montado no chassi, sendo que a correia que gira sobre dois pinos só tem contato com o prato interno nas laterais dele, para diminuir as vibrações geradas no motor. Realmente, depois da velocidade estabilizada, o silêncio ►

do giro do prato de acrílico é bastante suave e silencioso. A velocidade é selecionada por meio de três pequenos interruptores na frente, do lado direito. O motor servo DC tem a velocidade controlada eletronicamente, não sendo possível ajuste fino (algo que na minha opinião, em um futuro upgrade, deveria ser revisto, pois nos concorrentes em sua faixa de preço, a maioria disponibiliza este recurso). Mas a 'menina dos olhos' deste toca-discos, sem dúvida, é seu braço de 10 polegadas em alumínio cromado. Não tem quem resista a olhar detalhadamente sua construção e seu acabamento.

Udo disse que optar pelo alumínio cromado teve um custo alto, mas valeu apenas todo esforço. O braço já vem instalado no toca-discos e aceita cápsulas de 5 a 8 gramas. O braço permite o ajuste de azimuth, VTA e bias (este último através de um pequeno ajuste de polias e pesos) e, claro, o antiskating. Ajustado o braço, o usuário só precisa escolher o cabo RCA que irá usar em seu pré de phono e o AVM Rotation R 5.3 está pronto para mostrar todos os seus atributos.

Me chamou a atenção, nos dois testes que li deste toca-discos, que os articulistas usaram apenas uma cápsula para escrever suas avaliações. Sempre achei que em testes de toca-discos mais sofisticados, o uso de apenas uma cápsula (ainda que seja a de referência do articulista), os resultados podem ser limitados. E quando falamos de um toca-discos e braço absolutamente 'virgem' fazendo sua estreia mundial, o ideal seria usar o maior número possível de cápsulas com gramaturas e materiais distintos, para se ampliar o leque de observações. E como tínhamos à mão no momento três excelentes cápsulas, usamos e abusamos do nosso colaborador André Maltese (ainda tenho esperança que ele arrume um tempinho para compartilhar conosco sua vasta experiência no universo analógico), para instalar três cápsulas neste AVM. Começamos com a Transfiguration Protheus, depois trocamos para a Ortofon Quintet Black e, pôr fim, a SoundSmith Hyperion 2, que se encontra em teste e publicaremos em breve nossas observações. O veredicto obviamente será a média das três cápsulas utilizadas, já que o teste foi feito com o mesmo cabo RCA e o mesmo pré de fono (Boulder 500).

A eletrônica utilizada na maior parte do tempo foi: Hegel H30 e power Edge da Cambridge Audio.

Pré amplificador Dan D'Agostino Momentum. Caixas: Dynaudio Evoke 50, Kharma Exquisite Midi, Yvette e Sasha DAW, ambas da Wilson Audio.

O R 5.3 possui um 'agrado' às novas gerações, que foi instalar um led azul que ilumina o prato em duas intensidades: mais forte e mais suave. Mas os adeptos de pouca luz sobre o acontecimento musical (como é meu caso), podem desligar este 'efeito especial'. Em tarde de céu de brigadeiro, com um azul tão intenso e sem nuvem alguma, coloquei o primeiro disco para ouvir com a cápsula Proteus: Duke

Ellington, *Blues In Orbit*, um disco que cresci ouvindo nos mais distintos setups analógicos que o leitor possa imaginar. Sei até aonde estão os plocs inevitáveis com tantas décadas de uso, e ainda me surpreendo, quando em um bom conjunto de braço/cápsula e pré de phono, como este LP soa tão bem. O naipe de metais e os solos de Jimmy Hamilton no sax tenor e no clarinete, Ray Nance no trompete e no violino, ainda fazem os pelos dos braços levantarem. E estamos falando de uma gravação feita em uma única noite em 2 de dezembro de 1959! Uma gravação que faz inúmeros sistemas digitais de alguns milhares de dólares corarem de vergonha com um corpo harmônico esquelético e sem energia, enquanto no analógico os solistas enchem a sala e nos colocam ali a 3 metros dos músicos como se tivéssemos o privilégio de sermos teleportados para aquela noite de dezembro de 1959! Esta magia é que faz com que o vinil, apesar de todos os avanços tecnológicos, mantenha seu posto supremo e encanto à tantos ainda hoje. E, pelo visto, esta supremacia se manterá por algumas décadas!

O AVM R 5.3, ainda que zerado (é preciso lembrar aos não familiarizados, que dentro do braço temos cabos que conectam a cápsula ao pré de phono e que este cabo, ainda que de alguns centímetros e muito fino, também precisa de pelo menos umas 20 horas de amaciamento). E, ainda assim, a apresentação do *Blues in Orbit* foi muito convincente. Baixo ruído de fundo, graves muito bem recortados e definidos, com excelente energia, ótimo arejamento nas altas, mostrando com enorme precisão a ambiência da sala de gravação e os rebatimentos laterais dos solistas.

E uma região média exuberante, e com recorte e foco corretíssimos. O segundo LP que ouvimos, para anotar nossas primeiras impressões, foi Peter Gabriel, *Shaking the Tree*. Esta uma gravação típica multicanal em que, se o setup não for de alto nível, se torna rapidamente cansativo escutá-la. É preciso um equilíbrio tonal preciso, e que a extensão nos extremos seja a melhor possível em termos de decaimento.

Novamente o resultado foi muito satisfatório, tanto em termos de inteligibilidade como de conforto auditivo. O braço do R 5.3 é, sem dúvida, um acerto e tanto em termos de correção, trilhagem e inércia. Sabemos que, em um braço que não possua essas qualidades, a energia gerada pela cápsula vai se acumulando e voltando em forma de atrito para a própria agulha, fazendo-a tremer e perder a precisão no trilhamento dos sulcos, resultando em um som sujo nas baixas frequências com menor recorte e definição e agudos com uma coloração tonal indesejável.

Ainda ouvimos mais dois LPs antes de fechar o primeiro dia com a cápsula Protheus: *Friday Night In San Francisco* com o trio Al Di Meola, John McLaughlin e Paco de Lucia (nas versões 33 e 45 RPM). Este é um disco que não faz refêns: ou passa no teste ou enfia a viola no saco e volta para fazer novamente o dever de casa. Meu amigo, já escutei cada barbaridade na apresentação da faixa 1 do lado A - ►

TOCA-DISCOS

Mediterranean Sundance/Rio Ancho - tão torta tonalmente que os violões soam como se tivesse com corda de aço e não de nylon, para vocês terem ideia da barbaridade que um sistema sem equilíbrio tonal pode ocasionar. Então este disco é matador para avaliação de praticamente todos os itens de nossa metodologia, mas sobretudo para equilíbrio tonal, transientes, corpo harmônico e micro e macrodinâmicas.

Em um sistema digno desta apresentação magistral, o ouvinte terá a chance de estar ali a frente de dois dos mais virtuosos violonistas de todos os tempos, a 4 metros deles. E não conseguir sequer desviar os olhos, tamanho o impacto auditivo/emocional. Interessante que, dependendo do setup analógico, soa mais contundente a versão 45 RPM e, em outros conjuntos braço/cápsula, a versão 33 RPM. Sinceramente não sei ao que se deve esta diferença, já que ambas as prensagens foram extraídas da mesma master (segundo o fabricante). Mas a compatibilidade com diversos braços/cápsulas é maior com a versão 33 RPM. Então, se você for se aventurar a comprar este disco, minha indicação é a 33 RPM, mais barata e mais fácil de conseguir. Só não indico a prensagem nacional de 90 gramas, simplesmente sofrível! Não vale a pena, aí fique com o CD (também sofrível, mas sem os riscos e má conservação dos LPs vendidos em nossos sebos).

E o último LP que escutei neste primeiro contato com o R 5.3 foi o *Jeff Beck's Guitar Shop*. Adoro este disco. Quando meu filho, na sua adolescência, trazia algum amigo de escola em casa, e estes jamais tinha escutado LP em sua vida, este era o meu favorito para apresentar o mundo analógico a eles. Suas expressões valeriam um curta metragem, com palavrões típicos de adolescentes explodindo em suas bocas com um misto de riso e completo êxtase! Este disco é um primor para avaliação de todos os quesitos da metodologia. Gostaria, se tivesse a oportunidade de dar um pitaco na mixagem, de um pouco mais de respiro entre os instrumentos, com isso o disco ganharia mais profundidade. Mas em termos de captação é um desbunde. A bateria do Terry Bozzio, como diriam os jovens; "É animal!". O bumbo é um coice no nosso peito e a massa sonora na amplificação da guitarra do Jeff é um 'muro de Berlim'!

O R 5.3 passou com méritos neste primeiro encontro, mostrando ser um toca-discos com qualidades suficientes para ganhar um 'lugar ao sol' neste competitivo universo de toca-discos hi-end.

Deixamos o cabo do braço amaciando por 20 horas, e as mudanças da primeira audição para a queima foram muito pontuais. Mudanças apenas na extensão dos agudos e uma melhora na média-alta, que encaixou melhor com os agudos. Claro que, para fazer essas observações, ouvimos sempre os mesmos 4 LPs, com o mesmo setup, mesmo volume, etc. E o mesmo procedimento na troca das cápsulas.

Aqui faço um parêntese. Se tivéssemos testado o R 5.3 com apenas uma cápsula, certamente teríamos um teste incompleto. Pois minha experiência diz que um bom braço escolhe a dedo as cápsulas que irão casar bem com ele. Um ótimo braço abre esse leque, e permite que as cápsulas se sintam à vontade para apresentar sua assinatura sônica.

E o braço do R 5.3 me pareceu um excelente braço, pois permitiu que as três cápsulas utilizadas tivessem as condições ideais para mostrar suas virtudes e limitações. Se eu tivesse escolhido apenas uma cápsula para este teste, certamente minhas impressões seriam do conjunto cápsula/braço (pendendo muito mais para a assinatura sônica da cápsula). Dou ênfase a este fato, pois características descritas pelos articulistas dos dois testes que li não bateram com as características que ouvi em duas das três cápsulas utilizadas.

Por coincidência, um dos testes em que o articulista descreve um grave com pouca definição, ele utilizou também uma Ortofon, só que de uma série superior à que utilizei. E mesmo assim, quando instalada a Quintet Black (por ser um modelo inferior à Cadenza que ele usou) não senti os graves embolados ou sujos (*Jeff Beck's Guitar Shop* é matador para avaliar os graves).

Voltando às nossas observações, depois da queima de 20 horas ampliamos o leque de LPs para cantores e cantoras, música clássica, étnica, trios de jazz e quartetos de cordas. Vou citar apenas os que mais se destacaram, por abranger vários quesitos de nossa metodologia: Shakti *A Handful Of Beauty*, o LP *Dizrhythmia Too* de um quarteto de jazz de músicos de estúdio de Nova York, Patricia Barber *Companion*, Bill Evans *Trio Exploration*, e Frank Sinatra *September Of My Years* - todos discos 'de cabeceira', que conheço como a palma das minhas mãos.

Todos, independente da cápsula utilizada, soaram corretamente, e com enorme fidelidade na captação, mixagem, masterização e prensagem (no caso do analógico a prensagem simplesmente pode destruir todo um trabalho bem feito). Mostrando o alto grau de precisão e compatibilidade do braço.

Acostumado há tantos anos com a minha referência, o SME Series V, que tem uma pegada e peso maior, estranhei um pouco, mas não pensem que este braço do R 5.3 de alumínio cromado seja tão delicado como um braço unipivot, pois não é isso. Apenas por ser mais leve que minha referência, levei alguns dias para acostumar. Depois nem pensei mais nesta questão. Uma coisa que gostei muito e achei muito bem sacada, é a colocação de um pequeno imã no apoio do braço, que toda vez em descanso, fica bem apoiado e preso pelo magnetismo. Gostei muito deste recurso - isto certamente foi pensado para evitar que o braço, que já vem preso a base do toca-discos, fique balançando e possa ser danificado nos transportes marítimos, aéreos e terrestres.

Com a troca da Protheus para a Quintet, passamos para um patamar abaixo em termos de performance geral, mas me surpreenderam positivamente todas as qualidades da Quintet. Muito musical, transparente na medida certa, ótimo equilíbrio tonal, texturas e transientes. Em relação à Protheus, perde em termos de macrodinâmica, corpo harmônico e soundstage, mas estamos falando de mais que três vezes o preço. É uma cápsula que entrou no meu radar de cápsulas com uma relação custo/performance muito alta. E pode ser uma opção definitiva para a grande maioria dos nossos leitores que querem uma cápsula hi-end para toca-discos de nível intermediário (Diamante Referência, início do Estado da Arte).

Faltava ouvirmos a Hyperion 2, que acabara de chegar zerada, sem nenhum uso. O fabricante pede no mínimo 50 horas. Então ela foi utilizada no teste muito mais para termos uma ideia do patamar em que ela já sai antes de todo o amaciamento, e para saber do grau de compatibilidade com o AVM.

Bem meu amigo, o teste será publicado em outubro ou novembro (pois recebemos uma dezena de produtos tops para serem avaliados nas próximas três edições), então não quero adiantar muita coisa a respeito da Hyperion 2, apenas que se trata de uma cápsula 'ponto fora da curva', literalmente. Capaz de brigar no topo do podium, ou então como diria um grande amigo: "Muita calma nessa hora". Sua passagem pelo braço do AVM por 14 horas, consolidou o que esse toca-discos tem de melhor: o braço.

A Hyperion 2 tem como conceito de marketing o seguinte slogan: "Detalhes, detalhes e mais detalhes". E foi exatamente isto que ocorreu. Nos mesmos LPs 'brotou' do silêncio uma quantidade de detalhes que jamais ouvi em nenhum setup meu de referência! Uma capacidade e controle de energia que levou duas vezes a baixar o nível de volume de todos os LPs utilizados no teste, até encontrar o volume ideal, com um conforto auditivo maravilhoso.

Ora, senhores, se o braço do R 5.3 fosse o elo mais fraco, essas virtudes não seriam ouvidas com tanta clareza e redundância. Não imagino o quanto mais de surpresas surgirão com braços mais sofisticados (contarei no teste da Hyperion 2), mas que não fez feio o braço de alumínio cromado, não fez.

CONCLUSÃO

Para um primeiro produto, e com base em um impulso emocional (de presentear o filho), diria que Udo e a AVM estão de parabéns! O produto possui um excelente acabamento, foi meticulosamente pensado no sentido de atingir um público que deseja um bom toca-discos, que seja fácil de instalar e manter e não tenha pretensões de upgrades futuros.

Faz um 'mimo' aos mais jovens com a iluminação no prato, e possui a confiabilidade que os usuários da marca estão acostumados a

receber. Tem melhoria que podem ser feitas? Sim, mas podem vir em futuros pacotes ou em novas versões. Mas se também não forem feitas, não impedem o produto como está de ter uma trajetória de sucesso. Eu reveria o cabo RCA que vem nele (ele atende, em um primeiro momento, mas não é a melhor opção para quem tem uma boa cápsula e um bom pré de phono), mudaria o fornecedor da correia (concordo com o articulista de um dos testes que a achou abaixo do produto), e veria a possibilidade do ajuste fino de rotação para uma versão futura. Pois com a variação de voltagem nas grandes cidades, por mais que o motor DC seja de alto padrão, as variações ainda que imperceptíveis podem estar presentes.

Para mim o ponto alto do R 5.3 é, sem dúvida, o braço, com sua construção linda aos olhos e de muito boa compatibilidade com cartuchos tão distintos como os três utilizados no teste. Ele realmente nos pareceu bem neutro (o mais difícil e importante do desafio de se construir um bom braço), permitindo que as cápsulas tenham 'liberdade' para mostrarem suas habilidades sonoras.

Se você busca um toca-discos bem acabado, bonito e prático em termos de instalação e compatibilidade, conheça o AVM R 5.3 - ele merece uma audição. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/AVMAUDIO/VIDEOS
325522361594326/](https://www.facebook.com/avmaudio/videos/325522361594326/)

AVMAG #255
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 15.900

NOTA: 88,0



ESTADO DA ARTE

TOCA-DISCOS

TOCA-DISCOS ACOUSTIC SIGNATURE STORM MKII

Fernando Andrette



PRODUTO DO ANO
EDITOR

SELO DE
REFERÊNCIA
MAG

Sempre tive um enorme interesse em ouvir e testar os toca-discos da empresa alemã Acoustic Signature, pois dos três grandes fabricantes germânicos de toca-discos, tive para meu uso pessoal Clearaudio e Transrotor.

Parece coincidência, mas estava justamente lendo o teste do Invictus deste fabricante, quando recebi a cápsula Soundsmith Hyperion 2 e, junto, o distribuidor enviou-me, para conhecer, o Storm MkII e o braço também deste fabricante, o TA-1000.

O amigo e colaborador André Maltese já havia me falado muito bem deste fabricante de toca-discos e enfatizado sua construção e robustez! Na hierarquia deste fabricante, o Storm MkII se coloca no meio, sendo o toca-discos que já recebe todos os benefícios dos modelos superiores a ele, e com a versatilidade de upgrades na fonte, motor, base para um segundo braço, etc.

Ou seja, pode perfeitamente ser o toca-discos definitivo de qualquer audiófilo que deseje parar de investir no analógico, mas não abre mão de todas as benesses que um toca-discos Estado da Arte oferece. Sua construção é impecável, e seus 28 kg de aço nos dão a segurança de que foi feito para durar por um século!

Dos 28 kg, entre sua base para apenas um braço (pois com uma segunda base se acrescenta mais 5 kg ao peso total), 11 kg são do prato em alumínio. O prato possui oito cilindros de cor dourada que

são inseridos estrategicamente para amortecer ressonâncias que venham tanto do conjunto braço/cápsula, como do motor. Estes cilindros ressonantes foram 'batizados' com o sugestivo nome de Silencer.

O prato também é revestido por baixo por um material de amortecimento de uso exclusivo do fabricante. O motor, externo, é alimentado pela fonte de alimentação Beta-DIG, da própria Acoustic Signature. A empresa defende que o motor precise ter força e energia inercial suficiente para atingir a velocidade adequada do prato, mas depois da velocidade estabilizada ele não pode influenciar na rotação. Portanto, o fabricante solicita, em seu manual, que o usuário antes de passar a rotação para ouvir um disco de 45 RPM, ligue em 33 RPM e deixe a rotação se estabilizar. Depois, com um toque, em apenas 4 segundos a rotação já estará estabilizada para 45 RPM.

O prato é conectado ao motor por uma excelente correia e é possível o usuário fazer os ajustes de rotação, depois de tudo devidamente instalado (braço, cápsula, distância do motor em relação ao prato, etc).

Desde que foi instalado (dois meses já se passaram), nunca houve a necessidade de reajuste fino algum. A fonte de alimentação separada é conectada primeiro ao console que fica à frente do toca disco com os botões de liga/desliga e velocidade, e depois do console um outro fio se conecta ao motor. Quando ligado, a velocidade aumenta gradativamente e uma luz vermelha fica piscando. Quando a velocidade correta foi estabilizada, a luz vermelha fica acesa direto.

A base em que vai afixado o braço é de fácil instalação e o fabricante fornece os gabaritos corretos para diversos braços, como: Rega, SME, e os TA (fabricados por eles). No entanto, é preciso que o usuário tenha espaço para trabalhar e força, para encaixar a base do braço no toca-discos. Munido da paciência necessária, entre o encaixe da base do braço e a instalação da cápsula e ajustes, se você tiver a prática necessária, levará de duas a três horas. Se você não tiver nenhuma vivência com instalação de braços e cápsulas, esqueça e contrate alguém 'do ramo'. Pois para se ter a performance deste toca-discos, à altura do investimento feito, vale chamar um especialista. Você não correrá nenhum risco de danificar a cápsula, e terá a garantia de extrair do setup todo o seu potencial.

E que potencial meu amigo!

Para o teste utilizamos o braço SME Series V, cápsula Soundsmith Hyperion 2, cabos de braço Quintessence da Sunrise Lab (plugues DIN>XLR), pré de phono Boulder 500 e cabo XLR Ágata 2 da Sax Soul entre o Boulder e o prés Nagra HD e Dan D'Agostino. O restante do sistema: integrado Hegel H590, power Hegel H30 e Nagra Classic Amp (em estéreo e mono bloco). Caixas: Rockport Avior II e Wilson Audio Sasha DAW. Cabos de caixa: Dynamique Audio Halo 2 e Quintessence da Sunrise Lab.

A diversidade de ideias e buscas por soluções que aprimorem a performance no hi-end são uma constante. Cada fabricante tem uma resposta diferente para o mesmo problema. E a forma com que cada um aborda e apresenta soluções, faz com que o audiófilo iniciante fique absolutamente 'tonto' com tanta informação antagônica.

Tenho muito cuidado com o leitor que está iniciando sua trajetória, pois ele é bombardeado tão intensamente que muitos desistem no primeiro obstáculo. No mundo do analógico, então, as informações são ainda mais descabidas. Pois o jovem raciocina que somente os mais antigos audiófilos, que conviveram por décadas com o analógico, possam ajudar, e muitas vezes esses 'anciões' audiófilos também abandonaram o analógico com a chegada do disquinho prateado. Então seu feedback em relação ao analógico também está defasado em 40 anos! Suas referências são todas 'vintage', e ele cultua ainda em sua mente os toca-discos dos anos 60 e 70, como se o analógico não tivesse também mudado de século.

Como diz a garotada: "a fila anda", e também obviamente andou para o analógico (e como andou). Por outro lado, com a volta do modismo pelos LPs, essas três últimas gerações recebem uma enorme quantidade de informação fake. Como a de que um toca-discos de 900 reais, comprado no mercado livre, irá tocar com sua limitada agulha de cerâmica todos seus LPs. É mentira meu jovem! Este toca-discos de plástico de má qualidade geral irá destruir seus LPs! E seu som será tão ruim como ouvir MP3!

Então fuja desse engodo. Junte seu suado dinheiro e compre um toca-discos decente, que tenha o mínimo necessário de qualidade como: braço que aceite upgrades de cápsulas, que possa ser ajustado decentemente e tenha solidez de construção, um toca-discos que tenha estabilidade na rotação, estabilidade e robustez mecânica, e um pré de phono silencioso e bem aterrado.

Então imagine, na parte de cima, o melômano e audiófilo que busca realizar um upgrade no seu setup analógico, a quantidade de informação desencontrada que ele recebe.

"O melhor é belt-drive!", "Negativo, o direct-drive é melhor!"

"Pratos de metal têm problema de ressonâncias que voltam para a cápsula, o ideal são pratos de vidro ou acrílico!"

"Motores junto à base não prestam, precisam ser fora da base!"

"Braços unipivot não possuem melhor trilhagem de forma alguma!"

"O ideal são braços de 12 polegadas e não de 9 ou 10 polegadas!"

"Braços precisam de rigidez e serem maciços! Negativo, quanto mais leves e de preferência de madeira, melhor!"

Quem já não ouviu pelo menos algumas dessas frases? Quem já não travou calorosas discussões, defendendo seu ponto de vista? Eu não sei se sou mais prático por ser um articulista e estar neste meio há tanto tempo, ou se é a idade que me permitiu olhar todas essas discussões com um 'enorme distanciamento'! Antes de mais nada, eu me pergunto: se alguma dessas 'teorias' são realmente corretas, e por qual razão a vencedora não prevalece? E a resposta é simples, meu caro Watson! Todas são escolhas.

Pois se prestarmos a devida atenção, existem em todas essas 'verdades' projetos bons e ruins. Toca-discos que funcionam perfeitamente bem e que recebem enorme aceitação do público alvo e outros que são descartados e vistos como bizarrices.

Mas antes que algum engraçadinho queira sair pela tangente, afirmando que não existe então o certo e o errado - não caiam nesta! Pois existem sim parâmetros muito bem firmados e que possibilitaram o avanço do analógico nos últimos 20 anos como nunca antes ocorrerá!

O que precisa ficar claro é que um toca-discos de alto nível como este em teste, é que o fabricante buscou soluções para diversos problemas que são inerentes à reprodução eletrônica de contato mecânico. E são vários problemas, como: vibração, realimentação física do atrito da agulha com a parede do sulco, estabilidade de rotação, ressonância de motor, braço e agulha, ressonância das baixas frequências emitidas pelas caixas acústicas, etc. Problemas reais que, se não forem sanados, colocam por terra abaixo qualquer 'boa intenção'.

Já testei toca discos que tentam contornar os problemas de vibração desacoplando prato e motor, com molas, suspensão a ar, até o

TOCA-DISCOS

uso de materiais exóticos e ligas exóticas nos pratos e base, para minimizar os problemas gerados por motor e braço/cápsula. E todo o problema não só é audível, como pode tornar uma audição medonha (principalmente em sistemas mais bem ajustados).

Dos toca-discos mais recentes (últimos 5 anos), a solução proposta pela Acoustic Signature para o Storm MkII, me pareceu deveras interessante. Pois ela se baseou em fazer com que o prato seja o ponto crucial a ser trabalhado. Afinal, este é a ponte entre base/motor e braço/cápsula. E conseguir isolar corretamente para que nenhum desses elementos interaja com as ressonâncias do outro, é no mínimo sensato e inteligente! Pois os 8 cilindros inseridos no prato, e batizados como Silencier, acreditem, não são apenas algo com um nome pomposo. Foi uma solução comprovada que focar no prato para impedir que as ressonâncias e vibrações de motor passem para o braço e cápsula, e vice-versa.

E como podemos constatar a veracidade desta afirmação (perguntaria eu, se fosse um leitor)? Ouvindo o Storm. Não precisa de nenhum estudo avançado de física dos elementos pesados, ou qualquer coisa semelhante. Basta ouvir.

O que o Storm trouxe de benefícios para o conjunto braço/cápsula em termos de silêncio de fundo, foi algo impressionante. Este silêncio de fundo só havíamos escutado no toca-discos da Basis (que ainda hoje é o primeiro do nosso Top Five), também com o braço SME Series V e a cápsula Air Tight PCM-1 Supreme.

E, segundo, a estabilidade inercial do conjunto prato e motor. Quando giramos um prato com o motor desligado, ele girará por um tempo, nos melhora projetos, por um bom tempo! E se encostarmos a orelha bem próximo do prato, podemos ver se ele, pelo contato metal/metal cria algum ruído de fundo. E depois de ouvirmos, basta ligar o motor e ver se algum ruído é adicionado ao prato, pela correia ou pelo eixo do motor ou o pino central que liga a base do toca-discos ao prato.

Meu amigo o Storm é impressionantemente silencioso mecanicamente. Se você colocou a distância correta entre o motor e o prato, e a correia está com a tensão correta (nem muito esticada ou frouxa), zero de ruído! É um dos conjuntos base, motor e prato mais impressionantes que tive o prazer de testar. E estamos falando em um toca-discos intermediário, deste fabricante! Fico imaginando como se comportam e o grau de performance nos modelos mais top! Eu me daria por satisfeito em parar por aqui, pois com todas as suas possibilidades de upgrades em fontes, base para um segundo braço, ele me atende perfeitamente como articulista e melômano!

Como relatei, o Storm está em uso diário há mais de dois meses (para ser preciso, enquanto fecho este teste, já são 9 semanas e meia), e jamais tivemos que reajustar a velocidade nem em 33 ou 45 RPM.

Sua precisão é cirúrgica, e a sensação de que foi feito para durar uma eternidade é cada vez mais consistente. Seu motor impressiona tanto quanto a fonte e o toca-discos pelo acabamento, o silêncio e a precisão. Subir de patamar só mesmo se o audiófilo ou melômano quiser desfrutar dos toca-discos deste fabricante em que o conceito de precisão e silêncio são levados ainda mais ao extremo. Caso contrário, garanto que o custo e performance deste modelo sejam difíceis de superar.

CONCLUSÃO

Decidir pelo upgrade final em um setup analógico, nos dias de hoje, não é uma tarefa fácil. Principalmente na faixa de preço do Storm. São centenas de opções de excelentes fabricantes. Esta é a faixa mais concorrida no mercado, e o analógico possui um outro componente muito importante, que se chama design.

Os mais velhos, possivelmente, serão mais conservadores em termos de design, preferindo opções mais tradicionais. Já os que abrem mão do design, não verão nenhum problema em partir para um toca-discos como o Storm MkII, desde que atendam a todas as suas exigências de custo e performance.

Este é um toca-discos diferenciado, com uma série de soluções muito interessantes. Não são muitos os toca-discos nesta faixa de preço que sejam tão versáteis em termos de upgrade. E este é, na minha opinião, um grande diferencial! Mas se nos concentrarmos na questão performance apenas, o leque de opções de concorrentes será ainda mais reduzido. Pois suas qualidades são muito evidentes para serem descartadas. Acredito mesmo que, para se atingir o mesmo nível de performance do Storm MkII, seja preciso se gastar um pouco mais em produtos concorrentes.

De uma construção impressionante e com soluções tão práticas para os velhos problemas de todo toca-discos, o Storm MkII é simplesmente uma proposta tentadora!

Obs: A nota final do Storm MkII foi a média entre os braços TA-1000 e o SME Series V, com a cápsula Hyperion MkII. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YOSQBFGV-DI](https://www.youtube.com/watch?v=YOSQBFGV-DI)

AVMAG #257
 Performance AV Systems Ltda
 (11) 5103.0033
 Toca-discos: € 11.000
 Braço TA-1000: € 3.800

NOTA: 103,5

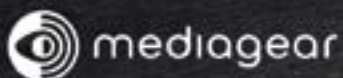


ESTADO DA ARTE

PEQUENA **NOTÁVEL**



Studio, a nova linha
premium Monitor Audio.



mediagear.com.br

PRÉS DE PHONO

PRÉ DE PHONO GOLD NOTE PH-10

Fernando Andrette



Ainda que esteja em recuperação da mão direita e em início de fisioterapia (serão ainda alguns meses até a recuperação plena dos movimentos dos dedos e da força na mão), tinha que colocar minhas observações no notebook, mesmo 'catando milho'.

Meu primeiro contato com essa marca italiana de produtos hi-end ocorreu quando assisti um vídeo da feira de Milão, e conheci o belíssimo toca-discos Mediterrâneo, com sua bela mistura de madeira e metal. Descobri ali que todo o toca-discos era totalmente produzido pela própria Gold Note (inclusive seu engenhoso braço e cápsulas). Nos dias de hoje, em que a concorrência exige corte de custos, levando a produção para a Ásia, a Gold Note encontra-se na contramão desta tendência, fabricando produtos que não custam seis dígitos (como muitos dos produtos suíços e alemães).

Com a publicação em uma das edições recentes do hi-end pelo mundo de um produto da Gold Note, o distribuidor oficial para o Brasil, a Living Stereo, nos procurou oferecendo o PH-10 para teste. Claro que não iríamos recusar a oferta.

Com dimensões bem modestas (200 x 80 x 260 mm) e pesando apenas 4 kg, o PH 10 não dá muitas pistas, ao primeiro contato, de toda a sua enorme versatilidade e qualidade de áudio. Seu gabinete, com aberturas laterais, possui um design sóbrio, muito bem construído e muito prático nos ajustes todos que oferece. Seu painel frontal apresenta o selo/logomarca no canto esquerdo no alto, sua tela fica ainda do lado esquerdo, acabando quase ao centro do painel - e o único botão que comanda todas as funções encontra-se no lado direito. Nada de chaves DIP, em que o usuário necessita de uma lupa e um palito de dente para ajuste de carga e ganho, que existem em todos os pré de phono mais baratos do mercado.

Os engenheiros da Gold Note foram ousados e substituíram estes comutadores DIP por um seletor frontal, que apertando por cinco segundos coloca o pré em funcionamento, apertando de novo você seleciona nove opções de ajuste (10 Ohms a 47K Ohms) e quatro ajustes de ganho, além de três diferentes curvas de equalização mais utilizadas pela maioria dos bons prés de phono, mais a curva da

Decca-London e American-Columbia, para o usuário 'brincar' se tiver discos dessas gravadoras em sua coleção (eu tenho centenas e usei com enorme prazer).

O fabricante disponibiliza o produto em três cores: preto, prata ou dourado. O modelo enviado foi na cor preta. Impressionei-me com a quantidade de conexões, como: dois conjuntos de entradas phono (podendo se conectar dois toca-discos ou dois braços de um só toca-discos), saídas balanceadas e RCA, tomada IEC, dois aterramentos independentes, conexão para uma fonte externa dual mono PSU-10 e uma entrada USB para futuras atualizações. Ligado à tomada, basta seguir os seguintes procedimentos para colocar o PH-10 em uso: pressione o botão por 3 a 5 segundos, ele sai de stand-by e sua tela acende. Para selecionar a opção desejada, basta pressionar o botão novamente e na tela irá aparecer, no canto do display, o que você estará ajustando. Aí você pressiona novamente e mexe para a direita ou esquerda até encontrar o ajuste desejado.

O legal é que você pode fazer tudo isso com o disco tocando, sem risco, pois ele entra em 'mute' até o novo ajuste escolhido estar pronto. O RIAA eu indico manter no modo universal, principalmente se você não tiver gravações da Decca ou Columbia. Agora caso você disponha de discos dessas duas gravadoras, valerá a pena ouvir e comparar. No meu caso, senti sempre uma melhora tanto no equilíbrio tonal, quanto no soundstage adequando a curva de equalização correta a cada disco, mas dependerá do nível de sua cápsula e braço para você observar ou não melhoras.

Para o teste utilizamos a cápsula Sumile, braço SME Series V, toca-discos Air Tight e os seguintes cabos: Sunrise Lab Quintessence (XLR e RCA), Sax Soul Ágata (XLR e RCA), Timeless Guarneri (RCA) e Ortofon Reference Black. Pré de linha: Audio Research REF 6 e Dan D'Agostino Momentum. Power: Hegel H30 e Audio Research VSi-75SE. Cabos de força no PH-10: original de fábrica, Transparent PowerLink MM2, Timeless, e Reference SE Sunrise Labs.

O PH-10 veio praticamente lacrado (a caixa não estava, mas o aparelho não tinha funcionado nem por dez horas). Fizemos nossa primeira audição para as primeiras impressões por cerca de seis horas e gostamos muito de tudo que ouvimos. Ainda que nesta primeira audição ele tenha se comportado de maneira bastante restrita nos dois extremos, e com um palco bastante frontalizado, os timbres e a sensação de conforto auditivo se mostraram muito convincentes, mostrando ao ouvinte que ele irá proporcionar audições muito prazerosas.

Muitos prés de phono, antes de todo o amaciamento, costumam ter um caráter muito embotado (ou fechado), com pouco corpo nas baixas e uma sensação que a queima irá durar uma eternidade! Não é o caso do PH-10. A cada dia as melhoras, além de audíveis, foram se tornando empolgantes, pois com apenas cinco dias de audição (de 5 a 6 horas por dia), a transformação foi surpreendente.

Muitos dos nossos novos leitores nos questionam como observamos essas mudanças no comportamento do produto no processo de queima. É simples: nesta fase utilizamos sempre os mesmos discos, o mesmo volume, o mesmo setup de cabos e de equipamentos e, sempre que possível: no mesmo horário. Com a experiência adquirida realizando audições há mais de cinquenta anos, eu já nem anoto todas as diferenças encontradas a cada mudança no período de queima, me concentrando apenas naquelas mudanças significativas, que indicam a evolução do produto. E cápsulas, prés de phono, caixas acústicas e cabos são os produtos mais 'esquisitos' em termos de performance nessas primeiras 200 horas. Pois não existe uma metodologia que explique tamanha variação de um produto para outro produto similar. Com um agravante no caso de cápsulas e prés de phono: você tem obrigatoriamente que acompanhar minuto a minuto desta queima. Então, não preciso nem dizer o quanto gostei do PH-10 com a evolução de apenas uma semana.

Com 60 horas os graves já tinham aquele colchão de sustentação, peso e velocidade - ainda que o corpo parecesse um pouco tímido em relação ao nosso pré de referência. Mas, as audições de rock, blues e música eletrônica já se tornaram mais agradáveis de se ouvir! Pequenos grupos instrumentais acústicos e vozes à capela já soaram agradabilíssimos desde os primeiros cinco dias, mas grandes orquestras e música com maior variação complexa, ainda se sentiam intimidadas com a falta de alargamento do palco e a ausência de respiro no extremo alto. Aí o buraco foi mais embaixo, e foi preciso 180 horas para os agudos surgirem como em um radiante nascer do sol em uma praia do nosso lindo Nordeste. Mas, quando surgiram, mostraram a razão deste pré de phono ter recebido tantos testes tão positivos.

Seu caráter sônico prima por ser bastante realista, não querendo mostrar mais do que a gravação captou. E ainda que não tenha uma sonoridade neutra, ele possui a virtude de sempre optar por uma assinatura muito musical.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, com excelente apresentação de toda a região média de cima/embaixo, com excelente corpo. E os extremos, ainda que não tenham o mesmo grau de refinamento da região média, possuem decaimento suave e arejamento correto. Seu soundstage foi o último quesito a estabilizar em todo o período de queima, levando 200 horas para recuar e apresentar planos mais corretos e aprimorar o foco e recorte.

Como todo produto hi-end de bom nível, a escolha certa do setup de cápsula/braço e cabos fará toda a diferença no grau de refinamento do PH-10, sendo bastante crítico tanto na escolha do cabo de força como de interconexão. Com o ganho em 6 dB, e o cabo RCA entre ele e o pré de linha, obtivemos excelente silêncio de fundo em prensagens e discos mais bem conservados. E com os cabos XLR tivemos que diminuir o ganho em 3 dB para extrair este mesmo silêncio de fundo. ►

PRÉS DE PHONO



Suas texturas, pelas suas características sônicas, se ajustam à assinatura do cabo de interconexão. Os melhores resultados para este quesito conseguimos com os cabos RCA da Timeless e da Ortofon. Para gravações acústicas esses dois cabos se mostraram matadores, com uma naturalidade e intencionalidade espantosas!

Ouvi todas as minhas gravações da Decca (todos os discos da Ella Fitzgerald) com a curva DECCA e esses dois cabos. O som, além de orgânico, tinha um invólucro harmônico tão rico e tão bem resolvido que só com os discos da Decca fiquei praticamente uma semana repassando um por um.

O mesmo se passou com as gravações da Columbia (desde Duke Ellington a diversas obras clássicas). Interessante que aqui o cabo Ortofon Black casou melhor que o Timeless, principalmente na apresentação dos transientes e corpo harmônico. É maravilhoso quando temos a disposição um arsenal de equipamentos a mão, cabos e um produto versátil que nos possibilita um ajuste tão preciso.

Este é o maior diferencial do Gold Note, pois em sua faixa de preço tamanha versatilidade não existe. Ele foi pensado para atender tanto o audiófilo quanto o melômano que possui uma eclética discoteca e sonha em possuir um pré que extraia dessas gravações até o âmago - e não custe um caminhão de doletas!

Visitando um fórum internacional só de produtos analógicos, alguns usuários do PH-10 já fizeram o upgrade de colocar a fonte externa, afirmando que o produto salta de performance. Eles citam justamente melhoras nos extremos, silêncio de fundo, maior recuo do palco e, consequentemente, uma apresentação de micro-dinâmica irreprensível!

Gostaria muito de ter tido a oportunidade de ter escutado o PH-10 com sua fonte externa, pois o produto parece mesmo estar totalmente apto a render ainda mais.

CONCLUSÃO

De todos os prés de phono que ouvimos e testamos nos últimos seis anos, abaixo de 10 mil reais, o PH-10 é o que mais nos encantou, pois ele possui uma quantidade de recursos, versatilidade e facilidade de uso, que são inconcebíveis para esta faixa de preço. Tantos recursos assim estamos acostumados a ver em produtos custando o dobro do PH-10.

Junte-se a isso a possibilidade de aprimorar ainda mais sua performance e teremos um produto que atende a um enorme leque de usuários que clamam por um pré de phono completo e que seja um upgrade definitivo em seus sistemas analógicos.

Se você se encontra naquela situação que investiu todos os seus recursos no conjunto braço/cápsula e toca-discos, e não consegue uma solução financeiramente viável para o pré de phono, meu amigo ouça este Gold Note. Ele possui um coração de leão em um corpinho de filhote de gato.

Altamente recomendado e provavelmente Produto do Ano, digno de Selo do Editor! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=VBODV2JTLQE](https://www.youtube.com/watch?v=VBODV2JTLQE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G8SCL2SE5YY](https://www.youtube.com/watch?v=G8SCL2SE5YY)

AVMAG #249

Living Stereo
 (11) 2592.0036 / (11) 99982.8456
 lima.geremias@uol.com.br
 R\$ 9.000

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE



Assim como meus prés de linha, dá para contar nos dedos das mãos os meus prés de phono também, nesses últimos 25 anos! Prefiro comprar o melhor pré de phono dentro do meu orçamento, que atenda as minhas necessidades para testes, e investir em cápsulas, toca-discos e braços. Meus últimos cinco prés de phono me serviram por longos períodos - foram eles: da Jeff Rowland, da ASR, os prés internos dos prés de linha da Accuphase e da dartZeel, e o Tom Evans, com o qual fiquei por quase sete anos! Como ele atendia praticamente a todas as minhas necessidades como articulista, e gostava imensamente de sua sonoridade e compatibilidade com tantas cápsulas distintas, foi ficando, ficando, até que, com a minha última decisão de realizar um upgrade consistente no sistema analógico, vendi meu toca-disco Air Tight, o pré Tom Evans e, provavelmente, também realizei um upgrade em minha cápsula PC-1 Supreme, que está no estaleiro e só volta no final do próximo mês. O sistema analógico é de suma importância, tanto para o meu trabalho de articulista como para minhas audições pessoais, já que 70% dos meus LPs não tenho versão em CD, e me são muito 'caros' emocionalmente, pois muitos estão na família desde os anos 60!

Um upgrade seguro em meu sistema analógico consiste em buscar soluções em diversas frentes. São elas: compatibilidade total com as diferentes prensagens, de 90, 100 e 180 gramas! Discos em condições de uso por décadas e alguns no limite! Diversos gêneros musicais e gravações tecnicamente do 'sofrível' ao 'impecável', em 33RPM e 45RPM! Então o sistema não pode ser analítico ao extremo, mas também não pode ser meloso, pois é antes de tudo uma ferramenta de trabalho. Então as pesquisas levam meses (às vezes até mais de um ano), aí começo a montar o quebra cabeça em minha mente, volto

a ler os testes dos produtos que estão em meu radar mental e, se conheço alguém que tem o produto, e confio em seu ouvido, peço informações e, se possível me desloco para ouvir o produto.

Quando falo: "ouvido em que confio", estou falando de gosto semelhante ao meu e não que seja um par de orelhas pior que o meu, que fique bem claro! Gosto deste trabalho de garimpo, e o faço com prazer nas horas vagas e sem pressa nenhuma. E no momento que bato o martelo, começo a anunciar os meus produtos, para poder realizar o upgrade, pois sem vender, não tenho como realizar o salto. Para continuar os testes, sempre recorro a um amigo, que possa emprestar o produto de que me desfiz até que o definitivo chegue. Pois se não tiver esta 'solidariedade' não consigo fazer o upgrade.

Para este teste, contei com a ajuda do Martin Ferrari, que disponibilizou o Basis Debut 4 e, para a instalação no meu braço SME Series V (este não venderei), das cápsulas: Grado Statement Master 2, Clearaudio Stradivarius Mk2 (emprestada gentilmente pelo André Maltese) e a Transfiguration Protheus. Antes que me perguntem qual será meu novo toca-discos, peço que aguardem até agosto/setembro que aí eu conto!

Agora, voltemos ao pré de phono. Escutei uma única vez o pré de phono da Boulder, o 1008, e lembro que a impressão foi a melhor possível. Pois senti que sua assinatura sônica ia na direção do que mais busco em termos de pré de phono: o equilíbrio entre transparência e musicalidade.

Ouvi quatro gravações com qualidades técnicas bem distintas, e o Boulder teve autoridade para conduzir as gravações com um grau de neutralidade (quando o sistema não impõe sua assinatura), mostrando

PRÉS DE PHONO

todas as diferenças técnicas de cada disco, sem nos fazer perder o interesse na música. Muitos audiófilos e melômanos recorrem à topologia de tubo (válvula), para galgar esse compromisso de extrair musicalidade de gravações tecnicamente inferiores, com certo sucesso. Mas se você ganha por um lado, é muito fácil você perder de outro (quando as gravações já são tecnicamente boas e a sonoridade começa a ficar melosa acima do ponto). O que mais eu gostava no Tom Evans era sua capacidade de dar vida mesmo a gravações sem graça, como que jogando luz onde precisava. Com isso o ouvinte nunca perde o fio da meada, seja em passagens sutis, seja em complexas resoluções de macrodinâmica. Mas, com cápsulas também 'acesas', o casamento para acontecer tinha que passar pela escolha de cabos de puro cobre, menos acesos, etc! Como sempre falo, não existe o sistema ideal, 100%! Sempre haverá que se fazer concessões, independente do patamar em que o setup esteja.

E se não for a eletrônica, será a sala ou elétrica, os vizinhos, cachorro, etc! Ou seja, são desafios para toda uma existência. Então, ou você se mune de paciência oriental, ou irá perder o prazer neste hobby facilmente! No Boulder 1008 descobri uma característica que não havia percebido com tanta intensidade em nenhum outro pré de phono - um grau de neutralidade capaz de dar ao ouvinte exatamente o que foi captado, masterizado, mixado e prensado no LP. Mas sem ser analítico ao ponto de você jogar fora os discos tecnicamente sofríveis, pois a música era ainda assim interessante.

Fiquei com essa sensação por anos e, como o produto estava totalmente fora do meu alcance financeiramente, tirei do meu radar mental. Ouvir então o 2008, nem pensar, ainda que muitos articulistas com 'bala na agulha' o tenham como referência em seus sistemas e o coloquem como o melhor pré de phono existente na atualidade. Claro que sempre haverá controvérsias, pois os que possuem o Audio Research dirão que o trono é dele, os que escolheram o CH Precision reivindicarão este direito, transformando rapidamente esta questão na 'Guerra dos Tronos' de prés de phono top de linha, sem fim, rs. Então refaço minha frase, colocando o 2008 no top five dos prés de fonos de referência, e não desagrado a nenhum dos felizardos que adquiriram qualquer um desses prés de phono. O 1008 já foi recentemente substituído pelo 1108, e deve vir na sequência um upgrade também no 2008 (creio eu). Mas, quando toda a 'filosofia' Boulder parecia apenas favorecer os audiófilos mais abastados, eis que a empresa dá uma guinada e lança um pré de phono batizado de 508, para mais mortais! Quando soube da novidade, há alguns anos, novamente meu radar ligou e comecei a colecionar todo tipo de informação e testes que apareceram internacionalmente.

Segundo o fabricante, ao escrever o primeiro teaser a respeito do 508, o apresentou da seguinte maneira: "Onde o 2008 foi puro sucesso, o 508 é pura eficiência. Como o menor Boulder em mais de

duas décadas, o 508 possui uma enorme quantidade de desempenho em um único chassi, que pesa apenas 5 kg! Esculpido em um bloco de metal na mesma máquina CNC em que são feitos todos os outros produtos da Boulder."

Seu design minimalista e seu acabamento é de encher os olhos! Todas as entradas e saídas são XLR (vem com um adaptador, caso na saída para o pré de linha seja necessário a conversão para RCA). No lado direito do painel frontal você tem a chave de liga/desliga e uma chave de acionar o Mute. No painel traseiro, uma pequena chave para a escolha de MM e MC e a entrada e saída XLR, e o terra, e do lado esquerdo entrada IEC e o porta fusível. Internamente o 508 é dotado de um filtro low-cut que remove informações de baixa frequência excessiva de registros distorcidos ou danificados (que possam danificar o woofer das caixas). E vem ajustado de fábrica para MM em 47 kOhms e 44 dB de ganho, e MC com impedância de 1000 Ohms e 70 dB de ganho.

Caso o usuário necessite de uma outra impedância para melhor casamento com sua cápsula, o importador pode fazer o ajuste. No meu caso não será preciso pois todas as cápsulas MC que tenho como referência casam perfeitamente bem com a impedância ajustada de fábrica. Nos meus sete anos de convivência com o Tom Evans, uma única cápsula MC em teste precisei refazer o ajuste de impedância (MySonic Lab), as outras sempre trabalharam perfeitamente com 1000 Ohms. Olhando o coração do aparelho, mesmo a um leigo é possível notar o esmero e o esforço na construção da placa em um gabinete tão reduzido e, ainda que a placa de circuito ocupe mais de 2/3 da área útil, os engenheiros conseguiram um espaço para a fonte de alimentação auto regulável separada do circuito para minimizar qualquer tipo de ruído e interferência na seção analógica. O fabricante sinaliza 100 horas de amaciamento, o que convenhamos é bem pouco para um pré de phono (o ASR pedia quase 500 horas!).

O Boulder - além das cápsulas já citadas, o toca-disco e o braço SME V - teve como companhia os powers Hegel H30, Cambridge Edge e Air Tight 300B. Caixas: DeVore O/96, Dynaudio Evoke 50 e Kharma Exquisite Midi. Prés de linha: Cambridge Edge e Dan D'Agostino. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2 (XLR). Cabos de força: Reference SE e Transparent PowerLink MM2.

Ainda que o fabricante solicite 100 horas de amaciamento, o 508 já sai tocando divinamente bem! Quando pegamos produtos com essa capacidade de já sair de um patamar elevado, o prazer das primeiras horas é muito especial. Ainda assim, como estávamos em fechamento de dois testes, fiz uma audição de 4 horas, preenchi duas folhas de observações e decidi que a queima do Boulder seria feita nas últimas duas horas de minha jornada diária de quase 10 horas! O que mais tinha curiosidade em saber, era se aquela característica tão evidente no 1008 de neutralidade seu irmão mais novo também herdara! Pois se

tivesse, ainda que em menor grau, já seria um consistente candidato a substituir meu Tom Evans! E essa característica ficou evidente no primeiro LP escolhido para as primeiras impressões: The Police, Ghost in the Machine, que tenho em uma prensagem americana e uma nacional. E de tão ruim a nacional, quando a mostro aos amigos, brinco que a nacional é um cover da banda e não o original. E o Boulder mostrou com precisão milimétrica todos os problemas de prensagem, extensão, equalização, etc. Com um detalhe que meu Tom Evans nunca concedeu: de conseguir perceber que a música estava ali, apesar de todos os crimes sonoros feitos na prensagem nacional!

Seria redundante descrever como tocou a prensagem importada, mas resumirei em um único adjetivo: sublime! Animado, busquei versões do mesmo trabalho, do Tutu do Miles Davis (nacional e importado), do piano de Bill Evans, de Dexter Gordon, Duke Ellington, e até da Ella e Frank Sinatra.

O Boulder 508 lhe dá uma 'radiografia' exata de todos os danos e diferenças de cada disco, mas consegue manter sua atenção na música, não fazendo o ouvinte descartar o disco, ainda que as imprecisões sejam criminosas, rs. A música se sobrepõe às deficiências técnicas. Falando com um amigo dessa característica, ele me questionou qual era o milagre? Expliquei a ele que o milagre se encontra na folga que este pré tem, no seu silêncio de fundo e principalmente na sua neutralidade.

Muitos audiófilos em sua peregrinação por upgrades, costumam ir descartando aquelas gravações que tanto gostam musicalmente, mas que tecnicamente soam sofríveis. Por muitos anos, vendedores de hi-end, afirmavam que à medida que você ia evoluindo nos sistemas, fatalmente você teria que abrir mão de muitos dos seus discos, pois o sistema mostraria todos os erros e imprecisões. Felizmente, este tempo de 'inquisição sonora' terminou. Em sistemas corretos tonalmente e com folga, você pode (desde que nos volumes corretos da gravação) ouvir todos os discos expurgados pela 'audiofilia ortodoxa', rs. Ainda que alguns 'formadores de opinião' em seus sites proclamem que em seus sistemas atuais só conseguem escutar SACD! Isso é uma balela, e de uma estupidez sem fim.

Você quer saber, amigo leitor, se o seu upgrade foi consistente, ouça as gravações expurgadas e jogadas ao pó nas prateleiras. Se o prazer em escutar voltou, e as deficiências, antes tão audíveis, diminuíram, você realmente está na direção certa. Do contrário, você acabará como centenas de audiófilos, que reduziram sua discoteca à uma dúzia de discos, ou pior: a simples trechos ou faixas! Isso é insano, pois o sistema não pode estar acima do prazer em escutar seus discos, ele não pode definir o que você deve ou não escutar! O 508 é desta nova geração de equipamentos que devolvem a você o prazer de ouvir todos os seus LPs (até os de 'Best-Of', tão caça-níqueis).

Com 50 horas, os extremos ganharam corpo e maior extensão, o que permitiu começar a ouvir gravações nacionais de música clássica. Foi um deleite colocar a versão do Adágio de Albinoni do maestro Karajan, com a orquestra de cordas ampliada, para fazer frente ao órgão de tubo. Ainda que Karajan não seja o meu preferido para música barroca, esta gravação é primorosa, mesmo a prensagem nacional. O corpo do naipe de cordas e a sustentação das notas graves do órgão de tubo, sobem pelas pernas. Tenho essa versão também em CD, e a diferença é gritante em termos de corpo harmônico. No CD parece um quarteto de cordas e não um naipe completo de cordas. Enfim, essa discussão das diferenças de tamanho dos instrumentos entre LP e CD já foi longe demais - e para quem nunca comparou, deixo minha dica que o faça, e irá entender a razão de tantos melômanos e audiófilos não abrirem mão do analógico. O que mais encanta no 508 é como ele distribui a energia ainda que cada instrumento esteja a tocar em uma dinâmica distinta. Você não perde nenhum detalhe, e o foco no todo permanece sempre no primeiro plano. Mas a maior e mais deslumbrante surpresa veio com a 100 horas pedidas pelo fabricante de queima: a fidelidade na apresentação das texturas!

Tenho duas versões em LP do Tutu, do Miles Davis. A nacional tem um agudo tão brilhante nas passagens do trompete do Miles com surdina que chega no limite do incômodo. A prensagem importada, também tem um brilho irreal nos agudos com surdina, mas não incomoda. Mas em nenhum tempo, com nenhum setup, havia percebido com tanta naturalidade e precisão detalhes da embocadura ou do ar injetado em cada nota. Achei que essa captação só estava presente na versão importada, e lá estava também na nacional.

A técnica de sustentação das notas do Miles era exuberante (mesmo já nessa fase final de sua carreira), pois ele dava o ataque da nota e a sustentação e o decaimento eram mantidos graças ao ataque inicial - o 508 nos mostra a intencionalidade e o efeito que o Miles utilizava para manter a nota limpa, mesmo no final do decaimento. Técnica ainda mais aprimorada pelo Wynton Marsalis, que leva a perfeição à limpeza e a afinação de cada nota.

O nosso colaborador Juan só veio a ouvir o Boulder 508 em nossa sala, no final do teste, com ele já amaciado (quase 200 horas). E coloquei para ele escutar o LP do Paco de Lucia, John McLaughlin e o Al Di Meola, Friday Night In San Francisco. Ele ouviu e no final, pensativo, descreveu a sensação que ele teve pela primeira vez de ouvir e compreender o grau de entrega que cada um se doou ao solo do outro, este grau de intencionalidade jamais havia notado em nenhum outro setup de nossa Sala de Referência tocando esta faixa.

Conto esse detalhe de bastidor para que o amigo tenha uma descrição do 508 por uma outra pessoa, e não apenas pelas minhas observações.

PRÉS DE PHONO

Sempre exploro que as texturas vão muito além de apresentar características de um instrumento (se ele é áspero, ardido, suave, etc), as texturas em um sistema Estado da Arte nos permite entender como cúmplices uma série de outras observações como: intencionalidade do músico, qualidade do instrumento, grau de virtuosidade e complexidade de execução! Foi-se o tempo em que descrever texturas em equipamentos de áudio se limitava a ser quente ou frio.

E o Boulder 508 consegue, ainda que tenhamos uma prensagem limitada, extrair música daquele sulco. Se isso não é mágica, eu realmente não sei o que é. Se tinha uma qualidade que admirava muito no Tom Evans era a sua resposta de transientes. Seu timing, precisão e ritmo eram simplesmente matadores.

Na mesma faixa do Al Di Meola e Paco de Lucia, cansei de apresentar em nossos cursos como era fácil acompanhar cada nota dos solos alucinantes destes dois virtuosos. Sem esforço, sem atropelos - este muito comuns em cápsulas e prés de phonos que não sejam perfeitos em resposta de transientes. O Boulder não acrescenta nada em relação ao Tom Evans neste quesito, não em termos de velocidade, ou inteligibilidade dos solos, porém vai adiante ao nos mostrar a técnica de digitação de cada um dos dois que é bem distinta, já que ambos são de escolas muito diferentes - Paco de Lucia toca com os dedos, e o Al Di Meola toca com palheta.

Essa apresentação torna a inteligibilidade maior e nos permite ver o que estamos ouvindo, o que nosso cérebro simplesmente agradece. Parece que estamos falando de sutilezas quando vistas de forma pontual, mas junte cada plus em cada um dos quesitos da metodologia, e o resultado final em termos de prazer auditivo cresce, nos levando a um novo patamar de referência (lembre-se que, após subir de patamar, quando ouvir aquela gravação que você tanto aprecia, ao voltar atrás seu cérebro imediatamente irá te cobrar). O mesmo ocorre ao compararmos a macrodinâmica no Tom Evans com o 508 - é um dos quesitos em que são muito semelhantes. É admirável a capacidade do Tom Evans em responder do piano ao fortíssimo sem nunca dobrar as pernas e nem dar saltos inexistentes.

A distribuição de energia entre as caixas também é muito semelhante. O que o 508 tem de diferente é que sua folga permite que o grau de inteligibilidade seja muito mais confortável aos ouvidos. Fazendo com que você não tenha que correr o dedo ao controle remoto para diminuir o volume (desde que haja o respeito à o volume da gravação). Exemplo? Bolero de Ravel. Como é uma obra que começa em pianíssimo, o sujeito para escutar os primeiros compassos senta o volume lá no 'meio-dia'! Depois, com o crescendo, mas ainda apenas no forte, julga que no fortíssimo o sistema irá suportar e aí tem que correr para baixar o volume na parte final da obra. Em uma boa gravação desta obra, o Boulder até irá suportar (graças à sua folga) se o volume não estiver a exceder 10% do correto, mas milagre mesmo ninguém faz. Mas

em gravações em que o volume está correto, esta folga adicional do Boulder permite esses pequenos arroubos sem endurecimento.

CONCLUSÃO

Sinceramente, não tenho a menor ideia de quantos de vocês leitores desejam ter um pré de phono neutro em seus sistemas. Pois o que mais escuto de quem defende sua escolha por manter o analógico é que o faz por ser um som mais quente, musical, etc.

E me parece que o índice de audiófilos que têm ou desejam ter um pré de phono valvulado é enorme. Então a todos esses com este perfil, o 508 ou qualquer outro modelo da Boulder talvez não seja a melhor escolha. Já a todos os que sempre desejaram um pré com todas essas características aqui citadas, acredito que ouvir este 508 será como descobrir um bilhete premiado da loteria. Pois sua performance permite resgatar toda a sua discoteca e ainda lhe dá a possibilidade de esquecer os erros e se concentrar apenas na obra musical. Se o seu desejo há muito tempo é este, sua busca acabou!

Para um sujeito como eu, que necessita de um pré de phono que atenda as minhas necessidades como articulista e atenda aos meus gostos de melômano, estou no paraíso.

E mesmo aqueles que gostam de um som mais quente e eufônico, não descarte o 508, pois com a cápsula certa e sua neutralidade pode surpreender!

Meu primeiro upgrade de 2019 está realizado! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JQAK2Z4CFEK](https://www.youtube.com/watch?v=JQAK2Z4CFEK)

AVMAG #253
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 10.500

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE



Murasakino
Musique Analogue

Cápsula MC Sumile
"Um conforto exuberante"



TD 203



3XL

ESTADO
DA ARTE



VA-ONE

THORENS®

**DeVORE
FIDELITY**

QUAD
the closest approach to the original sound

ACROLINK®

**FLUX
HIFI**

JELCO
MADE IN JAPAN



DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

fernando@kwhifi.com.br - (48) 3236.3385
(48) 98418.2801 - (11) 95442.0855

www.kwhifi.com.br

ÁUDIO

DAC DCS ROSSINI

Fernando Andrette



Foi uma grata surpresa poder por quatro semanas, desfrutar da companhia do DAC Rossini da dCS, no momento em que também chegavam para serem amaciados os monoblocos da Audio Research: os imponentes M160. Receber, ao mesmo tempo, 'iguarias' tão refinadas, em tempos ainda de 'vacas magras', é para realmente serem apreciadas em toda sua totalidade.

Como me preocupo com a enorme legião de novos leitores (que não para de crescer a cada mês), sugiro que leiam também o Teste do CD-Player Rossini, publicado na edição Melhores do Ano 2016 (edição 226).

A linha Rossini agora é composta do CD-Player, do DAC/Clock, e de um Transporte oferecendo ao usuário a escolha de ficar com o CD-Player ou optar por Transporte e Conversor separados. No teste do CD-Player Rossini, escrevi que ele possuía o mesmo 'DNA' do top de linha da empresa, o sistema Vivaldi. Para que o amigo leitor entenda o que eu quis dizer, terei que voltar um pouco no tempo e detalhar a assinatura sônica do sistema Scarlatti em relação ao sistema Vivaldi, para que não paire dúvida em relação às minhas observações.

Utilizo, em nosso sistema de referência, produtos da dCS desde 2004. Minha primeira aquisição foi o CD-Player Puccini, depois realizei o primeiro upgrade com a aquisição de seu clock externo. Tive por um curto período os Paganinis, para depois saltar para o sistema Scarlatti, no qual estou até hoje (já são quase 7 anos... como o tempo voa!). Diria, sem pestanejar, que o Scarlatti foi por muito tempo a obra prima da dCS, até que seus engenheiros subiram mais alguns degraus com seu DAC Ring proprietário, e criaram o sistema Vivaldi.

Convivendo por tantos anos com os produtos dCS, e sabendo das diferenças significativas, mas, ainda pontuais, entre o Paganini e o Scarlatti, cheguei a duvidar o que os reviews internacionais citavam em um teste AxB entre Scarlatti e Vivaldi. Achei sinceramente que, talvez, houvesse um pouco de 'empolgação' pela beleza do design e do acabamento estonteantes do Vivaldi, e que a beleza estivesse 'contaminando' as observações auditivas!

Ledo engano. Ao ficar uma semana com o sistema Vivaldi em nossa sala de testes (gentileza de um amigo/leitor que estava em processo de acabamento em sua sala dedicada), vi e ouvi que as diferenças entre a nossa referência digital e o Vivaldi eram significativas! Mas, o que mais me encantou foi exatamente o grau de naturalidade e folga com que o Vivaldi resolve todas as macro-dinâmicas.

Gravações em que o meu Scarlatti quase dobra os joelhos e joga a toalha, o Vivaldi resolve com um sorriso no rosto. Com tamanho conforto auditivo, você pode literalmente escutar (se seu sistema permitir) as gravações no limite de volume em que foram mixadas. E esta possibilidade, depois do vigésimo disco, se torna simplesmente um vício em que você não quer mais abrir mão.

Resignado, após uma semana em que escutei mais de 300 discos, entreguei o equipamento a quem de direito pertencia e passei quase uma semana só escutando analógico, para não me frustrar com a vertiginosa queda que seria voltar ao meu Scarlatti.

Assim, como dizem que o que não se vê o coração não sente, as obrigações em testar os produtos que chegam a toda semana, me fizeram ligar meu sistema digital de referência e voltar a vida normal. ►

Mas, sempre com aquela ideia fixa na cabeça: “a dCS não poderia utilizar um pouco de todos os filtros personalizados, algoritmos de mapeamento personalizados selecionáveis, e suas constantes atualizações de software e firmware, e criar um sistema mais acessível? Então imagine minha alegria quando recebi para teste o CD-Player Rossini!

Ainda que, na época, estivesse atolado de testes e com o fechamento da edição melhores do ano, abri o Rossini assim que a transportadora chegou e liguei-o imediatamente. Parecia uma criança ao abrir na noite de natal seu presente desejado por 11 meses! Minhas observações estão lá para quem deseja ler.

Gostei muito do Rossini, percebi a mesma folga que tanto admirei no sistema Vivaldi, porém (sempre um, porém), a energia distribuída com enorme autoridade nas passagens macro dinâmicas não estava lá! Perdendo até para o Scarlatti neste quesito. Fiquei por semanas pensando a respeito, e minha conclusão é que o pacote só poderia ser entregue em um sistema Rossini e não em um CD-Player.

Como gosto de acompanhar tudo que a imprensa internacional solta, li que o clock externo do CD-Player Rossini fez maravilhas justamente aonde achei que o CD Rossini ficou aquém do Scarlatti. Melhor silêncio de fundo, maior micro-dinâmica e mais degraus entre o forte e o fortíssimo. Uma luz novamente se acendeu em minha mente: e se...

E, finalmente, parte dessas elucubrações foram desvendadas, agora que tive a oportunidade de receber o DAC Rossini para teste. Com a última atualização, 2.0, do meu sistema Scarlatti, no modo dual AES/EBU pude usufruir no DAC Rossini de pegar o sinal PCM e transformar em DSD. E também pude utilizar o DAC Rossini ligado ao transporte Scarlatti e o clock Scarlatti, e comparar com o DAC Scarlatti por quatro semanas, e tirar todas as dúvidas e obter as respostas que aguardo a tanto tempo.

Mas, antes, vamos a uma descrição do que o DAC Rossini permite. O Rossini possui seis filtros PCM dCS, um filtro MQA e quatro filtros DSD - tudo projetado pela própria dCS. O filtro dCS M1 MQA, segundo o fabricante, atende integralmente todos os 16 coeficientes de filtro MQA possíveis, sem ter adaptação para compensar limitações ou erros do conversor D/A.

Ainda segundo os engenheiros da dCS, há dois aspectos na implementação MQA do dCS que são diferentes dos outros fabricantes. Se a codificação do MQA estiver ativada, todo o áudio passa pelo filtro MQA. No Rossini todos os outros dispositivos dCS (o DAC ou o streamer) determinam se uma música codificada com MQA está sendo reproduzida antes de aplicar o filtro.

Os engenheiros depois de longos testes auditivos, optaram por dar ao usuário do Rossini a possibilidade de selecionar filtros tradicionais da dCS quando ouvindo material MQA, dando ao usuário flexibilidade na escolha de qual filtro usar.

Os controles e todos os recursos do Rossini (incluindo a seleção de filtros) pode ser feito através de aplicativos dCS iOS, e este aplicativo permite que o usuário reproduza músicas de um servidor UPnP/DLNA, do Tidal ou mesmo de um pendrive conectado diretamente ao Rossini. E, para os que desejam total flexibilização, também é possível a reprodução via AirPlay e de Spotify.

As saídas analógicas do Rossini podem ser configuradas em 2V ou 6V. Eu sempre usei 6V em todos os meus dCS.

Para o teste ouvimos o transporte Scarlatti ligado em dual AES/EBU com os cabos digitais Transparent Audio Reference XL, e em uma entrada AES/EBU ligado pelo nosso cabo de referência Crystal Cable Absolute Dream.

O Heber me fez a s honras de apresentar o DAC Rossini no showroom da Ferrari tocando streaming, e foi uma das poucas vezes que comprei a ideia de até em um futuro (espero longínquo), ouvir música nesta plataforma. Claro que a praticidade é um gol de placa, afinal ter toda sua discoteca à mão, a um toque, tem um ar mágico. Mas eu sou de uma geração analógica que, a cada 20 minutos, sempre teve que se levantar para trocar o disco ou virá-lo de lado. Então levantar para trocar de CD, após uma hora de audição (ou quase isto), me parece extremamente bom para a saúde!

Os DACs melhoraram muito, certamente. A qualidade do download de alta resolução que podemos comprar também é uma mão na roda, e o Rossini se mostrou pronto a esta nova era com todo tipo de entrada digital, para atender a todas estas novas plataformas.

No entanto, meu amigo, se você ouvir um CD em Dual AES/EBU neste Rossini, o senhor entenderá onde se encontra a mais bela resolução possível de uma mídia que parece estar também em extinção! A possibilidade de você extrair o sumo do sumo de seus CDs favoritos nesta máquina é de nos fazer soltar aquele suspiro de integral satisfação e reconhecimento daquilo que os discos PCM 16/44 escondiam em suas entranhas. Falo de maior espacialidade entre os instrumentos, holografia 3D, silêncio de fundo e, principalmente, naturalidade dos timbres e vozes, e musicalidade.

É como viajar para o futuro mantendo-se no presente, apenas sua audição e seu cérebro viajam, para descobrir que todos seus CDs tinham algo a ser ouvido, tinham respostas a muitas passagens que soavam opacas ou com baixa inteligibilidade. A beleza e magia do Vivaldi se fazem presentes no DAC Rossini muito mais que no CD-Player Rossini, dando a possibilidade do consumidor ter muitas das características do Vivaldi em um pacote mais realista e condizente com nossa realidade.

DAC Scarlatti x DAC Rossini

Com a atualização 2.0 também do meu DAC, a comparação ficou muito mais honesta e verossímil em termos de observações.

ÁUDIO



A sensação, depois de uma semana inteira debruçado neste comparativo, deixou claro que a evolução alcançada pela dCS refinou a assinatura sônica desta nova geração a tal ponto que determinados quesitos ficam difíceis de serem comparados. Ainda que estejamos escutando pequenos grupos com sutis variações dinâmicas, no DAC Rossini a música sempre soa de forma mais organizada entre as caixas, com mais planos, mais silêncio entre os instrumentos e entre as notas, possibilitando um grau de imersão e inteligibilidade muito maiores.

O DAC Scarlatti, ainda (na minha opinião) só ganha no item microdinâmica. E mesmo assim em gravações de muita excelência técnica. O Scarlatti parece sempre à postos, para não vacilar quando for preciso. Nunca relaxa totalmente. Já o Rossini é o oposto: está sempre tranquilo, só colocando as garras de fora quando exigido.

Para quem sempre reclamou do 'som digital', esta 'fórmula' de inteligibilidade com total folga e naturalidade, põe por terra esta questão em definitivo.

Outra grande diferença entre os DACs foi o corpo harmônico, e a qualidade do foco e recorte dos instrumentos solistas. Neste quesito encontra-se a prova da grande evolução desta nova geração, em mostrar os instrumentos (quando corretamente captados) em seu tamanho real, com total precisão de espaço. A música se materializa à nossa frente, sem esforço e sem a sensação de reprodução eletrônica.

Outro grande avanço é que podemos, na calada da noite, escutar nossos discos em volumes realmente reduzidos sem perder o prazer e o perfeito equilíbrio tonal. Tudo estará exatamente no lugar, esteja em volume moderado ou no volume próximo da gravação.

E, por fim, a musicalidade do DAC Rossini é mais envolvente, quente, sedutora que no DAC Scarlatti, nos fazendo imediatamente lembrar do sistema Vivaldi.

CONCLUSÃO

O avanço no digital é cada vez maior e mais preciso. Lamento apenas que, justamente agora em que o digital atinge sua maturidade, as mídias físicas estejam a desaparecer. Me desculpem todos os que defendem as mídias virtuais, mas a comparação ainda não é possível - a diferença ainda é totalmente audível em um sistema digital deste nível.

E para os que desejam um sistema Estado de Arte deste nível, subjugar ou abandonar a mídia física será um erro tão grande quanto ter vendido sua coleção de LPs a preço de banana!

O DAC Rossini pertence a esta seleta geração de digitais que atingiram um grau de refinamento que permite a todos os apaixonados por música desfrutarem de seus discos com um prazer inimaginável cinco anos atrás!

Se este é seu objetivo, amigo leitor, de chegar ao nirvana sonoro, e redescobrir todos os seus CDs, sem nenhuma exceção, ouça o sistema digital com o DAC Rossini em sua sala e descubra o que significa a plenitude em inteligibilidade e a ausência total de fadiga auditiva!

E para aqueles que já estão na nova onda de streamer, um produto que atende a todos os seus anseios com enorme competência e qualidade sonora. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=B6X0RNBA_ZS](https://www.youtube.com/watch?v=B6X0RNBA_ZS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=7ZKCAQ90ZMW](https://www.youtube.com/watch?v=7ZKCAQ90ZMW)

AVMAG #250
 Ferrari Technologies
 (11) 5102.2902
 US\$ 57.000

NOTA: 100,0



ESTADO DA ARTE

SISTEMA DIGITAL MSB SELECT DAC

Fernando Andrette



Muitas vezes achamos que receber um produto de alto nível será uma das experiências mais prazerosas que um articulista pode desejar. Mas, o que ocorre se o produto em questão reposiciona todo seu padrão de referência que você tinha até aquele momento? Como enquadrar esta experiência sensorial auditiva dentro dos parâmetros de escrita utilizados mensalmente para descrever aos nossos leitores o que observamos? Felizmente, esses produtos são raríssimos, pois do contrário faltariam palavras e adjetivos muito rapidamente.

Não é fácil sair da zona de conforto e ser arremessado à uma situação que exige um reposicionamento e uma releitura de todos os signos e fórmulas utilizados para se comunicar. E nem mesmo uma metodologia consistente lhe traz segurança, ou serve de base para descrever com precisão as observações e sensações que aquele determinado produto proporcionou.

Diz um ditado popular que “Deus dá o frio conforme o cobertor”. Se for fato, oxalá esses meus 30 anos de articulista ajudem a tentar, nas próximas linhas, descrever o que o MSB Select tem de tão diferente em relação a todos os DACs por nós testados nos 23 anos da revista.

Eu tive, no início do século, um DAC da MSB que me serviu por três anos, em substituição ao meu velho Pink Triangle, que foi minha

referência digital por quase uma década. Voltar no tempo fatalmente impele a lembrar o quanto o digital no final do século passado e início deste século ainda era torto! Sei que isso fere a todos que abraçaram o Compact Disc desde seu lançamento, mas desculpem-me os que assim pensam, pois o CD-Player nasceu torto e permaneceu torto por quase duas décadas e meia. E bastava um comparativo honesto e bem feito com um setup analógico para se mostrar todos os problemas que o CD carregava no seu âmago!

Corpo pequeno de todos os instrumentos, agudos incorretos, duros e com baixíssima extensão, naipes que pareciam ser constituídos de apenas dois instrumentos e graves que soavam sempre idênticos. Aqui estou falando dos primórdios, nos anos 80.

Nos anos 90, finalmente, os fabricantes de equipamentos hi-end se deram conta dos inúmeros problemas, e várias frentes foram abertas na tentativa de correção, afinal o estrago já estava feito e os discos de vinil, haviam evaporados das lojas de discos.

Na virada do século vieram os primeiros acertos, com timbres mais naturais, naipes de melhor corpo e graves com maior precisão, velocidade e corpo. Muitos fabricantes se destacaram neste esforço coletivo e citar a lista de contribuições se estenderia por mais de uma página, então não irei perder tempo com esta lista, pois posso deixar alguma

ÁUDIO

empresa fora dela, o que seria deselegante. Mas estes fabricantes que conseguiram avanços consistentes são os que hoje ainda permanecem no mercado e se destacam ou no pelotão da frente ou no que vem logo abaixo.

Agora que praticamente estamos no final da segunda década do século XXI, vivemos mais um momento de transição entre a mídia física (CD e SACD) para a mídia virtual e, novamente, nos debatemos em que situação extraímos o melhor do que ouvimos. Interessante que o debate sempre foca no atual versus o novo. E, como sempre tendemos a achar que o novo sempre será melhor que o atual. Mesmo que no hi-end esta aposta se mostre sempre muito duvidosa. Já escrevi a respeito desta questão (streamer versus mídia física) na seção Opinião no mês passado, e volto aqui ao assunto.

O Streamer não levará duas décadas para se ajustar e atingir o nível que a mídia física atingiu - acho que no máximo em cinco anos estará substituindo com louvor a mídia física. Mas no momento a diferença ainda é grande e audível.

Antes que o querido amigo Christian Pruks berre, lá de Campos do Jordão, comigo, devo dizer que estamos falando de uma comparação entre mídia física versus streaming em um setup Estado da Arte.

Pois em setups Diamante (dentro de nossa metodologia) o streamer já bate tranquilamente a mídia física em termos de performance, além da praticidade. E quando comparamos as duas mídias em equipamentos como os dCS Scarlatti, Rossini e Vivaldi, ou este MSB Select, as diferenças ficam tão evidentes que abrir mão de suas CDtecas para ter tudo nas nuvens, é como comprar uma Ferrari para andar em ruas de paralelepípedo!

Nos últimos quatro meses tive a oportunidade de fazer este teste nestes quatro modelos aqui citados, e ainda que o Select e o Vivaldi sejam de um outro universo paralelo, o Scarlatti e o Rossini mostram com todas as letras as limitações do Streaming.

Vamos a elas: um palco sempre menor e nunca com a mesma sensação 3D. Corpo dos instrumentos sempre menores que na mídia física, transientes com menor precisão cirúrgica, naipes que parecem sempre terem menos instrumentos e um silêncio de fundo que torna a reprodução sempre mais para o analítico que o musical, sempre!

Para o teste, comparamos dois CDs de cada um dos quesitos da metodologia, e em nenhum o streaming sequer (nesses quatro setups) chegou perto. Mas então a pergunta que se faz é: como não percebemos essas limitações e nos empolgamos tanto com o streamer?



Tudo é uma questão de ter Referência: se não temos algo mais preciso e correto para comparar, nos acostumamos rapidamente com o que parece correto. E, claro, o apelo mais sedutor de todos: praticidade. Ter tudo à mão na tela do tablet à um toque, depois de um dia estressante, é uma vantagem e tanto. A forma com que se vendeu o CD-Player também foi semelhante: nada de ter que levantar 4 vezes para ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven! Tudo à mão a um simples toque! Os futuristas de plantão já cantam vitória nos dizendo que a mídia física está com seus dias contados!

E os realistas como eu, sabem que não será assim. O CD-Player, assim como o vinil, permanecerá por muitos anos, mas será um nicho específico, como é hoje o vinil. Então, meus amigos, haverá fabricantes de CD-Players e transportes por pelo menos mais duas décadas, podem apostar!

E haverá fabricantes como Meridian, dCS, MSB, CH Precision, Soulution, Nagra, Audio Research e mais três dúzias de fabricantes de hi-end que disponibilizarão produtos para os que não abandonaram mídia física.

Para o teste do Select DAC da MSB, disponibilizamos de apenas três semanas, pois o produto nos foi gentilmente cedido pelo feliz leitor que, gentilmente, nos emprestou por este período, já que ele estaria viajando a negócios nessas três semanas. E, claro, graças à ajuda do Fábio Storelli da German Audio, que se deslocou dos Estados Unidos (onde ele mora atualmente), para instalar e dar todo o apoio técnico e logístico para o teste.

Ainda que o tempo tenha sido suficiente, tenho que expor minha opinião de que não considere o teste feito de uma maneira completa. Já que o leitor que adquiriu essa oitava maravilha só comprou, no momento, o DAC com o clock e a fonte. Deixando provavelmente o Transporte e a fonte separada do Transporte para outro momento.

Então, o teste foi feito com o transporte Scarlatti da dCS acoplado ao clock da MSB. Os cabos digitais foram o AES/EBU Reference XL da Transparent, assim como o cabo de clock entre o Scarlatti e o MSB. Cabos de força, todos Transparent PowerLink MM2, e cabo de interconexão do DAC para o nosso pré de linha, Sax Soul Ágata 2 e Transparent Opus G5. Todo o resto do sistema foi nosso setup de referência.

O Select é o DAC top de linha da MSB, e é completo. Ele é constituído de três fontes de alimentação, DAC/Clock e Transporte. O usuário pode optar por comprar apenas o Clock, sem pré-amplificação, com uma fonte apenas, três versões de clock, e escolha de entradas e saídas de acordo com sua necessidade. O incrível é que a substituição de módulos ou qualquer upgrade podem ser feito pelo próprio usuário! Já que não precisa abrir o equipamento: tudo é feito pelas costas do DAC, em módulos que se encaixam perfeitamente, e não requer habilidade ou tão pouco experiência.

As peças são todas usinadas em um único bloco e o MSB é de longe o digital mais bonito que já vi em termos de design, sendo uma peça realmente digna do século XXI!

O MSB não faz upsampler, ele toca o sinal nativo e para isso seus engenheiros desenvolveram oito DACs híbridos para a reprodução de PCM e DSD nativo. O display é amplo, com boa visibilidade, mesmo a 10 metros de distância.

O botão que seleciona entrada e volume é colocado na base de cima, na parte frontal, fácil de manusear, e é um dos acionamentos mais suaves que testei. Os detalhes deste Select foram levados ao requinte do perfeccionismo. Para reduzir o nível de ruído, a fonte de energia foi separada uma somente para o DAC e outra para todo o processamento analógico. Esta preocupação se traduz no silêncio de fundo que este DAC proporciona, que descreveremos mais adiante. Por ser totalmente modular, a MSB garante que o Select não será nunca obsoleto, pois os avanços tecnológicos alcançados serão apresentados em novos módulos, possibilitando ao consumidor sempre realizar todos os mais recentes upgrades, por uma fração do preço do equipamento.

Para os amantes de streaming, a MSB desenvolveu o Pro USB, que oferece isolamento elétrico completo. Segundo o fabricante, as especificações são: até 32-bit/768 kHz, decodificação MQA, até 8x DSD e transmissão sem perda até 1KM.

O Pro USB é um adaptador USB para ProlSL, que permite ao seu computador ou servidor, ligado ao Select via USB, seja sincronizado com o clock interno do Select.

Outra característica divulgada com bastante ênfase pelo fabricante é a tecnologia MSB Renderer, que utiliza um hardware interno que executa um processador A5 de baixíssimo ruído para reprodução de áudio padrão hi-end. Com as seguintes especificações: até 32-bit/768 kHz, decodificação MQA, Roon, até 4x DSD, protocolo UPnP e protocolo DLNA.

Para os audiófilos que desejam abrir mão do uso de um pré-amplificador de linha, o Select oferece um atenuador que fornece uma saída constante de baixa impedância sem nenhum circuito ativo (sem transistores, buffers ou amplificadores operacionais). Isso permite (segundo o fabricante) uma notável qualidade de áudio.

A usinagem, toda feita em CNC, utiliza uma placa de 39 kg, é feita na própria fábrica da MSB. São oito horas de usinagem, sendo 85% do alumínio removido, resultando em um produto acabado de 7,7 kg.

O fabricante especifica pelo menos 200 horas de queima. Mas diria que ainda que haja melhoras significativas em todo o espectro audível após este amaciamento, vale a pena uma audição mesmo com o Select frio, para o usuário ter uma vaga ideia do pedigree do conversor. Fizemos uma primeira impressão, para nossas anotações iniciais de

ÁUDIO

praxe, que duraram para lá do habitual: 8 horas ininterruptas. Ainda que você diga a si mesmo: “Ok, estou tendo a oportunidade de testar um equipamento de nível superlativo” e se prepare para aquele histórico momento, o impacto irá te surpreender! Não tem jeito, não há como se salvar de surpresas, pois trata-se de um produto que está reescrevendo a história do áudio digital com letras maiúsculas.

Então haverá um choque, e ele será catastrófico para as suas pretensões de voltar, depois, para o seu setup de referência digital, como se tudo não tivesse passado de uma inesquecível férias de verão! Este é o lado amargo da vida de articulista, o choque de realidades entre o que você pode ter e o que existe de melhor no mercado.

Já havia vivido este choque recentemente, com o teste do CH Precision, e agora ainda mal recuperado do primeiro ‘tsunami’, eis que uma onda ainda mais forte me pegou novamente. A primeira questão que nos vem à mente, assim que colocamos o primeiro disco é: “onde está aquele grau de complexidade que o seu setup quase dobrava as pernas para reproduzir no fortíssimo?”. Ou: “como este sax alto estava aí tão evidente e eu nunca tinha escutado?”. E, pior: “então a cantora não balbuciou algo inaudível, na verdade ela deu foi um rápido suspiro!!!!”. Assim começa esta odisséia sonora do nosso mundo real, para um mundo totalmente desconhecido em matéria de detalhes, complexidade e maneira de resolver problemas e de desfazer nós.

Bem vindo ao mundo do Select DAC!

Quando digo nos Cursos de Percepção Auditiva que, quanto mais no topo, mais os detalhes se tornam cruciais, sempre existe aquele que imagina ser possível burlar esta verdade economizando no cabo ou no power ou, até, acreditando que o equipamento irá vencer as limitações acústicas e elétricas do sistema. Meu amigo, neste patamar não existe nenhum tipo de concessão. Ou tudo está correto, ou nada soará como deve e pode.

À medida que o Select foi amaciando, novas virtudes se juntaram às da primeira audição. A naturalidade dos instrumentos vai muito além da qualidade tímbrica e de fabricação - você observa desde a escolha do microfone (se foi certa ou errada), o posicionamento do microfone em relação ao instrumento, a técnica do músico e seu grau de virtuosidade (ou não) e, o mais legal: a qualidade estético/musical do engenheiro de gravação no momento da mixagem e masterização! Pois o silêncio de fundo é tão impressionante que até as informações mais submersas e sutis, que se escondem na esmagadora maioria dos setups digitais, no Select emergem. Isso proporciona ao ouvinte um prazer em compreender as virtudes dos músicos, como se fôssemos testemunhas oculares do acontecido.

Mas, o pulo do gato não está no silêncio, e sim no equilíbrio entre realismo, naturalidade e silêncio. Tenho falado repetidamente da questão dos equipamentos que possuem folga para nos permitir ouvir

passagens com grandes variações dinâmicas com total conforto e inteligibilidade. Inúmeros produtos atingiram esta façanha tão desejada há tanto tempo. O MSB vai um degrau acima, ao permitir todo este conforto com uma capacidade de distribuir esta energia dinâmica por toda a sala de forma tridimensional. Lembrou-me muito as audições na Sala São Paulo em apresentações com grande variação dinâmica, como o último movimento da Nona Sinfonia de Beethoven com coral e orquestra, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz. O Select faz uma distribuição 3D dessas obras, com enorme maestria e precisão, deixando o ouvinte num misto de espanto e surpresa absoluto. Pois esta experiência certamente ele nunca vivenciou em sua sala!

Ouvindo a Sinfonia Fantástica, o quarto e quinto movimentos, minha sala cresceu de tamanho, com os planos se alargando tanto em profundidade como em largura. Deixando os solistas com maior folga e silêncio à sua volta e um grau de inteligibilidade e corpo dos naipes, jamais antes escutado!

Pensei que este efeito fosse apenas com uma ou outra gravação mais bem produzida. Ledo engano, pois à medida que o amaciamento foi se aproximando das 200 horas, este efeito ‘fermento’ foi se tornando ainda mais prazeroso, mesmo em gravações tecnicamente mais comprimidas. E mesmo aquelas bidimensionais, em que os músicos parecem estar enfileirados para cantar o Hino Nacional, o silêncio em volta do solista se tornou evidente.

Este grau de preciosismo tem seu lado subjetivo (o emocional) e um mais evidente ainda: o objetivo.

Pois qualquer um que tenha seus discos de cabeceira, ao fazer um upgrade, percebe exatamente onde estão as melhorias e se elas são significativas para validar a escolha.

E, no Select, este lado objetivo é tão significativo e consistente que, a cada subida de degrau, ao olhar para trás a pergunta fatal é: como voltar atrás depois de viver esta experiência sonora? Tentando esquecer este dilema, coloquei na minha cabeça que o certo era viver essas três semanas intensamente e, depois, me adaptar novamente à realidade. E assim o fiz.

As noites se tornaram curtas e os dias foram utilizados da forma mais objetiva, tentando aliar revista, filhos, casa, cachorros, compromissos e as audições noturnas regadas aos melhores discos e às melhores performances possíveis.

Separei as três melhores gravações da Nona de Beethoven que posuo, as duas do Concerto para Violino e Orquestra de Tchaikovsky, e assim por diante. E deixei para ouvir todos os 100 discos da metodologia, apenas na última semana. Afinal, não poderia perder de forma alguma a possibilidade de ouvir meus discos de cabeceira, que me são tão caros, em um setup como o Select.



As lágrimas me vieram à face diversas vezes, os pelos do braços se arrepiaram dezenas e mais dezenas de vezes, e aquele suspiro de júbilo e incredulidade também! Em um determinado momento, já com data e horário para entregar este Select ao seu dono de direito, me perguntei como definir este tão espetacular DAC?

Ouvindo pela segunda vez Dindi, com André Mehmari, no disco lançado por nós na Cavi Records, me veio a resposta: Assombroso! Muitos podem achar que este termo tenha uma conotação pejorativa, pois talvez o associem com algo assustador ou horripilante. Mas, a sensação a cada audição feita neste Select foi de estarmos escutando algo impressionante, que foge do lugar comum, da zona de conforto, do habitual, ainda que seja correto e prazeroso.

Não se fica imune a um produto com tantas virtudes e todas em seu devido lugar e proporção. Nada se sobressai, nada faz sombra a outra parte também importante e, conseqüentemente, quem se beneficia é o ouvinte que vivencia de forma integral uma experiência auditiva de reprodução inigualável! Que, se não é fidedigna à experiência de uma audição ao vivo, tem o benefício de poder ser repetida infinitas vezes sem os ruídos de pessoas falando, celulares tocando, etc, etc... E está muito mais próxima de estarmos a metros dos músicos na sala de gravação como jamais estivemos.

Então, classificar esta experiência auditiva é uma das tarefas mais difíceis para qualquer articulista. Pois, por mais que tentemos, faltará algo que possa ser expresso de forma objetiva.

CONCLUSÃO

Ainda que não tenhamos feito este teste com um setup completo MSB, as diferenças entre nosso sistema de referência e o Select com sua fonte, foram enormes. Ter a possibilidade de algum dia repetir este teste com os quatro módulos é praticamente impossível.

Então, para ser justo tanto com a Metodologia, quanto com você leitor, deixo aqui registrado que potencialmente a nota do setup Select com seu Transporte e suas duas fontes separadas possa tranquilamente ampliar sua pontuação atual para mais três a quatro pontos. E o fechamento da nota para este teste, com o nosso transporte dCS Scarlatti, é uma nota parcial.

Para quem tem posses, e objetiva ter a referência das referências, ouvir o Select da MSB é uma das experiências mais gratificantes que se pode realizar, pois a forma com que ele reproduz a música nos faz ter a certeza que toda a nossa busca por anos a fio realmente encontrou seu porto seguro! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XZZULNXXVLO](https://www.youtube.com/watch?v=XZZULNXXVLO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=CDQCLQVKU-I](https://www.youtube.com/watch?v=CDQCLQVKU-I)

AVMAG #252

German Audio
contato@germanaudio.com.br
Preço nos EUA: US\$105.000
Preço no Brasil: sob consulta
(acompanha fonte e o clock Femto33)

NOTA: 106,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

PRÉ-AMPLIFICADOR NAGRA HD PREAMP

Fernando Andrette

PRODUTO DO ANO
EDITORSELO DE
REFERÊNCIA
MAG

Parece irônico que um revisor crítico de áudio, que sempre defendeu o desenvolvimento da percepção auditiva para aprendermos a andar com as 'próprias pernas', tenha tido a maior experiência sonora de sua vida graças a esta busca infindável pela ampliação de nossa capacidade de ouvir corretamente.

Só posso traduzir este momento como um 'prêmio' após tantos anos de dedicação e paixão. E após assimilar esta experiência tão enriquecedora, fico a me perguntar se eu conseguiria reconhecer a magnitude deste produto se não tivesse me preparado suficientemente e por toda uma vida.

A vida nos ensina, de tantas maneiras, as lições que precisamos, que acredito cada vez mais que o acaso é apenas uma desculpa para o que não conseguimos compreender em sua plenitude. E me sinto verdadeiramente realizado por ter tido a chance e a 'percepção' necessária para entender que conhecer este pré-amplificador da Nagra seria um divisor absoluto entre ele e todos os prés de linha aqui avaliados até este momento.

Para os que necessitam de uma razão para algo ser tão diferenciado em relação aos seus semelhantes, acomodem-se em suas poltronas, liguem seu sistema e coloquem uma música de fundo que ajude a criar um clima acolhedor e inebriante. Pois este teste será realmente longo. Afinal é preciso 'compreender' o que faz do Nagra HD Preamp um produto tão exuberante e único!

Vamos lá!

Com mais de 60 anos de vida, a Nagra é a empresa de áudio suíça mais antiga em atividade. A filosofia da empresa sempre foi dar extrema atenção aos detalhes e ter domínio total das técnicas de fabricação. Com este conceito presente desde sua fundação, inúmeros produtos Nagra feitos há muitas décadas, ainda estão a funcionar perfeitamente e trazem aos seus donos a mesma alegria que fizeram no primeiro dia de uso.

Seus gravadores de rolo (que já deram dois Oscars para a empresa, por seu uso na indústria cinematográfica) são a prova de que esses suíços sabem exatamente o que estão a desenvolver. Mas foi apenas em 1997 que a Nagra deu seu primeiro passo na direção do mercado de áudio hi-end, com o lançamento do pré-amplificador PL-P, um pré valvulado classe A, e seu pré de phono.

Estava estabelecido o pontapé inicial da Nagra no mercado hi-end, para também traçar o mesmo sucesso que alcançaram no segmento de pró áudio. Consumidores satisfeitos e ávidos por acompanhar as novas evoluções e descobertas tecnológicas da empresa: um grau de fidelidade que poucas empresas do segmento atingiram.

Vinte anos depois do PL-P, a Nagra lança o HD Preamp, também valvulado, porém sem ser uma evolução do PL-P. Partindo do zero, o novo pré de referência possui um novo design e várias tecnologias de patentes pendentes (falaremos mais adiantes dessas patentes).

O SOM DO SILÊNCIO

Desde o primeiro momento, os engenheiros da Nagra decidiram que este seria o pré de linha mais silencioso do mercado e estabeleceram um novo parâmetro de referência. O silêncio de um circuito eletrônico é o principal critério de avaliação do ouvinte, seja consciente ou inconscientemente. Nosso sistema auditivo sempre estabelece o ruído de fundo como principal obstáculo para o que estamos a ouvir. Quanto menor o limiar de ruído, maior o espaço em que a gama dinâmica pode se expressar, e nosso cérebro define este 'espaço' como aberto, limpo, natural, arejado, etc. (olha novamente a importância da ampliação de nossa percepção auditiva).

Essas qualidades 'traduzimos' como um som mais realista, agradável e isento de fadiga auditiva! Depois de se fixarem neste objetivo, a equipe responsável por este novo projeto conseguiu a façanha de estabelecer para o pré HD um piso de ruído de menos 160 dB em toda a largura de banda, algo totalmente inimaginável, para um amplificador valvulado - sendo pelo menos 60 dB a menos que qualquer outro pré valvulado e pelo menos 30 dB a menos que qualquer pré estado sólido!

Tornando-se, neste quesito, o pré ideal e dos sonhos de qualquer audiófilo pela complexidade do feito e a forma com que atingiram tal feito. Todo fabricante de produtos hi-end de padrão superlativo busca soluções de encurtar ao máximo o caminho do sinal, a fim de preservar a fidelidade entre o que entra e o que entrega na próxima etapa. E existem inúmeras maneiras de se conseguir este objetivo. A Nagra optou por uma topologia de circuito mono sem nenhum tipo de gabarito negativo em qualquer lugar ao longo do caminho do sinal.

Um estágio duplo triodo cuida da amplificação, enquanto a fase de saída de amplificação de tensão é passivamente feita com um transformador de áudio toroidal patenteado e projetado pela própria Nagra, e fabricado por eles. Tornando o grau de verticalidade de produção altíssimo.

Eles são acoplados através de uma bancada de capacitores de filme medida e selecionada após longas sessões de audição. O sinal de áudio do pré HD Preamp não passa por qualquer tipo de potenciômetro. Em vez disso, o ganho total é ajustado aos transformadores especiais cuja a relação de tensão é controlada digitalmente (outra patente já requerida pela Nagra), através de um microprocessador. A variação é de -80 dB a 0 dB em uma base de degraus de 0,5 dB.

A saída do HD Preamp fica 'flutuando' através do transformador de áudio, portanto, sem nenhum loop de aterramento.

O primeiro prêmio veio já no lançamento na CES de 2018, outorgado ao engenhoso controle de volume, pela sua brilhante e criativa evolução tecnológica. No texto publicado pela CES em conjunto com a Nagra, a empresa explica: "A amplificação de tensão é feita passivamente com transformadores de áudio toroidais blindados, cuja

taxa de tensão é variável e controlada digitalmente. A variação da taxa de tensão é feita comutando os vários enrolamentos dos transformadores. Vários relés são utilizados para este fim, enquanto o circuito alternativo de controle de volume ignora os transformadores e os enrolamentos que estão sendo comutados, impedindo qualquer tipo de ruído de comutação. Com esta técnica simples, porém revolucionária, o sinal de áudio permanece intacto a conversão de tensão-corrente ocorre através do transformador. A transferência de energia fica muito próxima do ideal. Sendo totalmente diferente de qualquer controle de volume baseado em resistor, pelo fato que, nessas tecnologias, parte do sinal é transformada em calor pela resistência atenuante".

Além desta engenhosa solução, a Nagra disponibilizou dois controles de volume motorizados (um para cada canal) que seguem os passos um do outro. Assim que tocar em qualquer um dos volumes, o outro corresponderá ao que você está movendo. Para ajuste fino do balanço entre os canais, você pode desbloquear temporariamente um controle para compensar o outro, e, em seguida, o outro voltará a acompanhar o deslocamento.

DESCRIÇÃO DOS CHASSIS

O HD Preamp utiliza dois chassis separados, um totalmente dedicado ao circuito de áudio e o outro batizado de HD PSU, a nova fonte.

A linha Classic, para sanar problemas de vibrações externas, disponibiliza suas bases VFS (leia mais detalhes no teste do amplificador Classic. Porém, com o peso do novo pré HD e sua fonte e com seus gabinetes com maior área de placas de alumínio, os engenheiros precisaram rever o conceito e chegaram à conclusão que o ideal para a linha HD seria um conceito 'flutuante', em que os componentes dentro dos gabinetes estivessem desacoplados do solo. Da teoria à prática, chegou-se a um gabinete com quatro hastes inseridas em quatro pilares metálicos pesados e rígidos. Com pés ajustáveis em cada canto do chassi, as hastes são mecanicamente isoladas do pilar com material de amortecimento, de modo que não tem nenhum contato direto metal/metal entre as hastes e os quatro pilares. Uma solução engenhosa e de resultados práticos muito convincentes. Já os pilares são fixados a uma base de VFS para uma referência mecânica estável. Os pés de cada chassi são macios, para permitir que os dois fiquem empilhados.

Ambos gabinetes são feitos de alumínio usinado, e a frente e as costas em painéis de alumínio mais grossos (14 mm). Internamente foi colocado um outro chassi de lâminas mais finas, tornando o gabinete ultra rígido. Os pés de ambos gabinetes são feitos de sorbothane e a densidade e espessura só foram definidos após longas sessões de escuta. Os parafusos existentes nos gabinetes foram desenhados e colocados em pontos estratégicos para distribuir inteligentemente para as cargas mecânicas, para que nenhum pico de ressonância apareça em nenhuma frequência audível (afinal estamos falando de um pré valvulado).

ÁUDIO

Tanto a altura quanto a horizontalidade de cada chassi são ajustados girando cada pé em torno da coluna.

No painel frontal do chassi do pré HD temos, à esquerda, o interruptor de intensidade de luz do modulômetro - é o nome do VU de todos os produtos Nagra - sendo que, para cima, o usuário terá maior intensidade de luz, e para baixo menor intensidade. A Nagra disponibiliza 7 níveis de intensidade. O modulômetro indica o nível de entrada ou saída em dB (referência 0dB= 1V). Depois temos o interruptor de seleção de monitoramento entre o nível de entrada e de saída. Seguindo, o controle de volume esquerdo e direito. Sincronização dos dois controles de volume, interruptor de Mute com um LED para lembrar o usuário que o mesmo está acionado. Outro LED de lembrete que o pré está em aquecimento de 2 minutos e meio para a estabilização dos circuitos e das válvulas (este processo é inerente toda vez que o pré é desligado), e a chave de escolha entre as entradas RCA ou XLR. Depois o seletor de liga/desliga e as opções de entradas.

No painel traseiro temos as saídas XLR e RCA, e bypass XLR, tomada IEC, ponto externo de aterramento, e 3 entradas RCA e 2 entradas XLR. Além de entradas RS-232 (para uso de automação), e os terminais dos dois cabos que necessitam ser conectados à fonte de alimentação HD PSU.

Esta longa descrição foi necessária para que o amigo leitor tenha uma ideia do esmero e o requinte de todas as etapas no desenvolvimento deste novo pré de linha. Seu acabamento é deslumbrante e, para se entender a razão de existir uma legião de audiófilos em todos os continentes apaixonados pelo 'efeito Nagra', somente tendo a oportunidade de um contato tátil/auditivo para 'assimilarmos' essa enorme veneração!

Sem esse contato com o produto Nagra, qualquer tentativa de descrever suas qualidades será o mesmo que explicar o sabor do Cupuaçu para quem nunca sequer viu uma foto desta fruta tão peculiar da região norte deste Brasil.

Gostei da introdução do revisor crítico de áudio da Hi-Fi News, que se defendeu das possíveis críticas ao preço do Nagra HD Preamp ao lembrar aos seus leitores que os jornalistas do mercado automotivo não precisam iniciar sua avaliação pedindo desculpas aos leitores pelo preço da nova Ferrari que estão avaliando. No entanto, nós revisores críticos de áudio temos que 'pisar em ovos' ao descrever as qualidades de um produto de nível superlativo, como se fossemos 'culpados' pelos seus valores. Como se este mesmo fenômeno não acontecesse no mercado de joias, relógios, canetas, vinhos, etc.

Com a idade, acabei com essas 'milongas', afinal compra quem quer e quem pode. E quem não pode, como eu, agradece a oportunidade de poder conviver com ele por três semanas. Este pré de linha deixará muitas 'cicatrices', tanto na memória de curto como na de

longo prazo. Posso afirmar que nada mais será como antes, principalmente ao se avaliar outros pré-amplificadores também considerados Estado da Arte, depois deste Nagra. Pois, para ser extremamente honesto com vocês leitores, colocar o Nagra HD Preamp no mesmo nível que os melhores que já tive a oportunidade de testar, ouvir e ter, é uma enorme injustiça para com ele. Pois até o simples fato de definir sua sonoridade é um enorme desafio. É o pré-amplificador valvulado que menos soa como válvula, e ao mesmo tempo passa ao 'largo' de soar como um pré estado sólido. Seria preciso criar uma nova classe para poder tentar explicar sua assinatura sônica e todos os seus predicados sonoros.

Com todos os anos dedicados a ouvir equipamentos e compartilhar minhas observações com vocês, meu conhecimento, falta-me palavras que o descrevam de forma simples, objetiva e direta. Então terei que seguir um caminho mais tortuoso para conseguir levar até vocês minhas observações. E deste mosaico de imagens sonoras, espero humildemente que algumas sejam entendidas.

Todos sabem da minha enorme admiração e respeito por pré-amplificadores (de linha e de phono). São, na minha opinião, os produtos que exigem uma expertise e um conhecimento acima do comum dos projetistas mais capacitados. São tantos desafios e obstáculos que até a escolha de que caminho seguir é torturante, pois é preciso levantar todos os prós e contras, muito antes de definir nicho de mercado e preço final do produto.

Imagine pegar um sinal na entrada ínfimo, amplificá-lo sem perda da fidelidade do que entrou e entregar este sinal ao próximo estágio de amplificação sem adulterar nada. E sabendo que existem grandes vilões no meio do sinal chamados potenciômetro, resistores - ou seja lá que topologia o projetista tenha escolhido para monitorar o volume - que irão influir diretamente no sinal, alterando de forma sutil ou não todo o sinal até aquele ponto.

Já vi e ouvi tantas soluções distintas e criativas que até já havia aceitado resignadamente que as opções dos melhores prés eram o que tínhamos de melhor para o momento. Algumas bastantes engenhosas, como do pré da CH Precision, o do Dan D'Agostino (pré que é minha referência atual), dos prés top de linha da japonesa Accuphase (que também utilizei como referência) e, com certeza, pelo menos mais uma dezena de prés Estado da Arte que buscaram as melhores soluções para tão tortuoso problema.

Conseguiram contornar o problema? Claro que sim, alguns de forma muito correta e por vencer este desafio se tornaram referências em sua categoria.

Um ditado popular sempre nos lembra que nossa referência de branco é perfeita até que apareça o branco ainda mais alvo! Ou adoramos os lençóis de nossa cama de 200 fios até dormirmos com os de



400 fios! O ser humano é mesmo um ser inquieto e ávido por descobrir novas maneiras de avançar naquilo que já está consagrado e bem definido.

Pois o pré da Nagra HD é este salto, que coloca tudo que achávamos perfeito de pernas para o ar e não nos permite voltar à 'normalidade' após conhecê-lo. O choque foi tão visceral, que para poder voltar à minha rotina de melômano, me poupei de ouvir alguns discos 'de cabeceira' nele, pois sabia que os ouvir depois no meu sistema seria impossível. E não falo de detalhes de maior transparência ou de conforto auditivo. E sim de realismo e naturalidade. Este é o ponto crucial que separa todos os grandes prés do Nagra HD: seu grau de realismo e naturalidade. Todas as outras qualidades estão intrínsecas, neste duplo alicerce. Como em uma sólida construção, todo o resto se ergue nesta plataforma. Seja o equilíbrio tonal, as texturas, soundstage, transientes, dinâmica, etc. Se queres realmente alcançar o nirvana sonoro, depois de ouvir este pré em condições ideais, você irá perceber as diferenças entre a física de Newton e de Einstein.

Para nós que aqui estamos neste planeta, a Lei da Gravidade, além de correta, pode ser sentida todos os dias de nossa existência. Mas quando ampliamos este microuniverso que sentimos e vivemos para a imensidão do cosmos, precisamos nos ater às leis da Teoria da Relatividade restrita, para entender e explicar os fenômenos cósmicos que nos cercam.

E aí compreendemos que a Terra, o nosso minúsculo e lindo planeta, é parte destas leis mais abrangentes de tempo e espaço. Desculpe

ter ido tão longe, caro leitor, mas para entender o Nagra HD é preciso também entender que todos os 8 quesitos da Metodologia ele 'executa' melhor que todos os outros prés semelhantes e concorrentes, por ele ter como base algo que seus concorrentes ainda não alcançaram: realismo e naturalidade!

Seu grau de realismo e naturalidade é tão superior, que os quesitos inerentes a este contexto - para a avaliação auditiva - se fazem de forma tão confortável e com tanta folga, que parece que os outros se esforçam para conseguir realizar o seu trabalho corretamente, enquanto o Nagra o faz com os pés nas costas!

Achava eu que a soma dos oito quesitos de nossa Metodologia é que determinava o grau de realismo e naturalidade de um equipamento Estado da Arte. E descobro, aos sessenta e um anos de idade, que é justamente o contrário. Os cuidados em todos os detalhes e em todas as fases de desenvolvimento e a percepção de que se pode ir além do que já foi feito, é o que solidifica este novo patamar. Elevando o grau de reprodução eletrônica à um novo estágio.

Os audiófilos já escutaram tantas vezes que o produto 'n' venceu a fronteira final tantas vezes que, como a história do Menino e o Lobo, ninguém mais acreditou quando o menino, à plenos pulmões, gritou que agora era o lobo de verdade!

Somos bombardeados por um arsenal de marketing tão impiedoso que deixamos até de prestar atenção ao que as empresas nos oferecem como a última e mais incrível novidade.

ÁUDIO

Estamos anestesiados por tanta informação falsa e verdadeira que esquecemos de dar crédito a informações que nos indicam que determinado produto realmente é distinto de todos os seus concorrentes.

Acompanho a linha HD da Nagra desde seu lançamento, e ainda que os testes e apresentações nos Hi-End Shows pelo mundo sejam muito elogiosos, e as salas da Nagra tenham ganho muitos prêmios de melhor sistema do evento, nada disto foi o que me chamou mais a atenção. E sim o que vinha nas entrelinhas das matérias, que de forma unânime relatavam ser esta linha HD detentora de uma assinatura só-nica “distinta” de outros grandes produtos.

Quando você é um articulista de áudio, rapidamente você entende o que outros articulistas deixam transparecer em seus textos, quando um produto os agradou muito. Não falo dos adjetivos explícitos, mas de termos ou analogias que são bastante contundentes, principalmente se o articulista for um cara ‘rodado’ e que já recebeu os melhores produtos em sua sala de audição.

Vou mostrar alguns exemplos. Ken Kessler, que escreveu o teste do pré HD para a revista inglesa Hi-Fi News, dá várias ‘pistas’ aos seus leitores do quanto gostou deste pré. Ele começa sua avaliação compartilhando sua admiração desde o primeiro instante com o produto, e narra este momento da seguinte maneira: “Mesmo para um veterano como eu, a sensação de ocasião era palpável. Demorou, oh, três segundos para perceber que eu estava na presença de algo especial”. Mais adiante, ele abre um novo parágrafo com o subtítulo “Efeito Bola de Neve”, para descrever o efeito que saiu de sua caixa de referência, e escreveu: “Fiquei perplexo, pois aqui havia um pré-amplificador com um som tão quente como se Harvey Rosenberg tivesse descido do céu - quando o material exigiu, havia uma exuberância que devia ser o resultado desses E88CCs” - as válvulas do estágio de amplificação do pré da Nagra.

‘Veteranos’ na avaliação de produtos de áudio, que já ouviram de tudo, costumam ser bastantes

comedidos com produtos bons e ótimos, e precisa ser algo como um ‘ponto fora da curva’ para os levarem a sair de suas ‘tocas’ e compartilhar sua descoberta como seus leitores. Se você se interessar, leia também outros testes da linha HD e verá que este encantamento é bastante evidente.

O que significa isto? Como o leitor que está do outro lado da linha, recebe essas informações? Eu realmente não sei, pois com o aumento exponencial do nosso público, toda esta nova legião de leitores provavelmente deva olhar tudo que aqui foi escrito a respeito deste pré-amplificador como se estivesse folheando um artigo de ficção científica. Mas, para os nossos leitores que acompanham a revista há muitos anos, acredito que o desejo de ouvir este produto tenha crescido, pois ainda que seja fora da minha e sua realidade, meu amigo, ter a chance

de desfrutar por algumas horas da companhia deste pré-amplificador fatalmente mudará por completo sua maneira de ‘perceber’ o que significa um produto Estado da Arte de nível superlativo.

As consequências são imediatas, pois se for um audiófilo ou melômano que tenha a cultura de música ao vivo não amplificada, ele reconhecerá imediatamente características muito consistentes de uma apresentação muito mais próxima do real, como ele nunca antes ouviu em sistema algum (mesmo que ele tenha um mega sistema até semelhante em preço ao Nagra). E esta apresentação se torna única, por causa do que já escrevi acima: maior realismo e naturalidade!

Os desdobramentos são todos audíveis, mas o mais impressionante é o tamanho do soundstage deste pré. As caixas não somem da nossa sala, por estarem bem posicionadas e serem excelentes em reproduzir planos nas três dimensões (altura, largura e profundidade), mas sim pelo fato deste pré ter uma capacidade de expandir a ambiência e os planos como nenhum outro pré consegue nesta proporção. E não se iludam que ele faça isto com algum truque de turbinar o tamanho (corpo) dos instrumentos. Pelo contrário, o corpo harmônico também é o mais realista de todos os prés que ouvimos ou testamos.

Então como se dá este fenômeno de um palco tão realista? O incrível silêncio de fundo, meu amigo. Volte alguns parágrafos e leia o que descrevo sobre a obsessão dos engenheiros de conseguirem o menor ruído possível de fundo, para justamente ‘libertar’ o sinal de qualquer tipo de amarra.

Mas, prossigamos nas vantagens desse baixo ruído: a recuperação de microdinâmica é a mais impressionante que podemos ouvir. Não teve um único disco da Metodologia que não nos surpreendeu pelo detalhamento e pela capacidade de resgatar o que parecia inaudível! Só que este descobrimento ‘arqueológico sonoro’ não se dá às custas de uma perda de naturalidade ou musicalidade, pois tudo cresce na mesma proporção (soundstage, microdinâmica, foco, recorte, ambiência).

Imagine novamente pintarmos oito pontos referentes à metodologia em uma bexiga. Milimetricamente distantes um ponto do outro, usando cores distintas para maior visualização desses pontos (bexiga branca, equilíbrio tonal amarelo, soundstage vermelho, textura azul, transientes verdes, dinâmica vermelho, corpo harmônico preto, organicidade lilás, e musicalidade cinza) em um sistema Diamante de entrada, conseguimos com um pouco de esforço separar os pontos, entre eles, para 3 cm. Em um sistema Diamante de Referência, com um pouco mais de esforço, ampliamos a distância entre os pontos para 4 cm. Em um sistema Estado da Arte, fazendo quase que um esforço hercúleo, passamos a ter estes pontos a 6 cm de distância entre eles! E neste Nagra, apenas ligado a excelentes pares Estado da arte (como foi o nosso caso): 10 cm!

Quanto chegaríamos em um sistema Nagra todo HD? Também gostaria de ter esta resposta meu amigo, mas certamente não a saberei nunca!

Usei a analogia com a bexiga e os pontos, para você ter uma ideia, de como este pré não escolhe características que sejam mais agradáveis ou ao gosto dos engenheiros da Nagra.

Na equipe de engenheiros da Nagra, temos músicos, produtores musicais e engenheiros de gravação e masterização, além de uma parceria de anos com os organizadores do festival de Jazz de Montreux, que lhes permite acesso a todas as masters das apresentações anuais.

E isto certamente explica muito a assinatura sônica de todos os novos produtos da Nagra (linha HD e Classic) que são muito semelhantes (leia o teste do power da linha Classic).

Não se optou por assinatura sônica que agrade audiófilos ou que seja ao gosto da equipe de engenheiros da Nagra.

Não, pelo contrário. Como o projeto foi pensado de dentro para fora e do zero, a única referência como já disse foi: realismo e naturalidade como escutamos em um acontecimento musical ao vivo!

Desculpe ser chato e bater pela terceira vez nesta tecla, mas este foi o mote, a essência da ideia, que da teoria, ganhou forma e podemos apreciar seja por algumas horas em um show room, um hi end show ou na casa de um amigo audiófilo “abonado”.

O Fabio Storelli (CEO da German Audio), me pediu para trazer alguns clientes seus para ouvir o pré da Nagra, ligado aos powers Nagra da linha Classic, junto as nossas novas caixas de referência a Sasha DAW e as fontes digitais dCS Scarlatti e analógica Boulder 500, toca disco Storm e cápsula Hyperion 2 da Soundsmith. Clientes com bastante rodagem em equipamentos tops hi end e uma grande cultura musical de música ao vivo não amplificada. Independente do gosto pessoal de cada um, e suas preferências por marcas de produtos, todos (unanimemente), compreenderam o que é este ‘Efeito Nagra’ de naturalidade e realismo.

Aquela sensação de conforto e folga auditiva tão intenso, que não há preferência por parte do pré Nagra HD por estilos musicais ou variações dinâmicas.

Sejam um duo de violões ou uma obra sinfônica de alta complexidade e variação dinâmica e o tratamento é sempre o mesmo. Total controle e nunca se perde a compostura e o conforto auditivo, nunca! Você não vai a Sala São Paulo assistir a Sagração da Primavera temendo que nos fortíssimos a orquestra não dê conta e o som endureça ou se torne agressivo.

Final salas de concerto bem construídas acusticamente, foram projetadas para suportar qualquer pressão sonora gerada nela por instrumentos acústicos.

Pois o pré da Nagra HD Preamp, também foi preparado para esses desafios de variações dinâmicas.

Deem uma gravação bem-feita, no volume correto da gravação e os powers e as caixas suportarem, não haverá nenhum sobressalto ou decepção. Nenhum ranger de dentes ou lágrimas de sangue.

E senhores o Nagra HD não foi testado com seus melhores powers os também HD com o dobro de potência do Classic. Então ficarei pelo resto dos meus dias imaginando como soariam a Abertura 1812 ou a Sinfonia Fantástica, nas caixas Alexx da Wilson Audio (me daria por satisfeito com esta, não precisaria ser a Alexandria XLF) e os monoblocos HD.

Como diria meu pai; “Imaginar não se paga nada”!

Para os que duvidam da capacidade na reprodução de dinâmica desta linha Nagra HD, sugiro que ouçam em um bom fone de ouvidos os vídeos feitos pela Nagra e dispostos em seu site da última feira de Munique 2019. Lá você terá um ‘leve’ gostinho do que estou tentando descrever e relatar que ocorreu em nossa sala de referências com um sistema, bem mais modesto que o utilizado em Munique! Um dos quesitos mais críticos de nossa metodologia para qualquer pré-amplificador em teste, é o equilíbrio tonal nas altas. Dificilmente testamos um pré que tivesse excelente extensão, com decaimento correto, que em muitas gravações o agudo na última oitava de determinados instrumentos como: violino, trumpet, flautin, vibrafone e piano, não tragam um certo desconforto de endurecimento ou sensação de frontalidade nesta última oitava.

Já escrevi a este respeito centenas de vezes nesses 23 anos. Em inúmeras seções e nos próprios testes. O que os fabricantes de prés fazem para contornar este problema de tão difícil solução?

Diminuem a extensão e aceleram o decaimento, para contornar ou atenuar o problema.

E o audiófilo o que faz? Tenta amenizar ou esconder debaixo do tapete o problema, com cabos, fonte ou tweeters que não tenham muita ‘luz’ nesta região, ou em um ato de radicalização: expurgam em definitivo os discos que teimam em mostrar o problema. A questão é que todos esses ‘acertos’ além de paliativos, são feios.

E a ouvidos ‘bem treinados’ imediatamente detectam a ‘gambiarra’ e tornam as audições menos prazerosas. Mesmo pré-amplificadores Estado da Arte renomados e aclamados em uma ou outra gravação (principalmente de piano solo), dão suas escorregadas.

Nas três semanas, eu coloquei uma centena (literalmente) de gravações de todos os instrumentos que citei, e o Nagra HD para o nosso espanto, passou em 100% das gravações com louvor!

Aí alguém grita: Perai, perai! É um pré valvulado!

Prés valvulados contornam este problema mais facilmente, pois por topologia, tem menos extensão!

ÁUDIO

Desculpe meu amigo, volte algumas páginas atrás e leia o que escrevi, sobre a dificuldade de determinar a assinatura sônica do Nagra HD, pois ele não soa como valvulado e muito menos estado sólido. E para nos deixar ainda mais sem chão: possuem a maior extensão e o decaimento mais natural (olha aí de novo), que qualquer pré que já tivemos ou testamos.

E não é um pouco mais de extensão, é muito mais extenso. E seu decaimento é absurdamente lento e de uma precisão cirúrgica! Você escuta os decaimentos dos instrumentos na sala, até a volta do silêncio absoluto. Dando-nos a oportunidade de apreciar o acontecimento musical literalmente na íntegra, tanto em termos de performance como de ideia. Possibilitando uma nova perspectiva também na nossa forma de ouvir e compreender o que escutamos.

Senhores vejam quantas palavras recorri para explicar o que este pré-amplificador possui de diferenciado e como ele forçará a concorrência a se mexer e sair de suas zonas de conforto.

Trata-se de uma revolução que não será nada silenciosa e os próximos atos serão muito interessantes de conhecer. Pois como na fórmula 1 e na corrida aeroespacial, a dinâmica do hi end é bastante semelhante. Nada se mantém por muito tempo sem a concorrência a morder o calcanhar do que se encontra na frente. No entanto, arrisco dizer que a Nagra está alguns passos de vantagem por dois motivos: seu grau de verticalização em seus projetos, que permitem uma autonomia e uma menor dependência de fornecedores e seu staff de projetistas, o que lhes dá uma referência do que buscar, que poucos possuem (de cabeça, na Suíça, somente o fabricante de caixas acústicas Boenickie possui este expertise e também atua nas duas frentes (engenheiro de desenvolvimento de produtos e de gravação).

Se vocês acham pouco ter esta capacidade de se referenciar pela música ao vivo, para o desenvolvimento de produtos hi-end, sugiro que ouçam com mais atenção a assinatura sônica desses fabricantes com as dos fabricantes que vocês mais apreciam. Independentemente de suas conclusões você perceberá que os equipamentos 'desenvolvidos por esta 'linha mestre', são muito mais condescendentes com as gravações tecnicamente inferiores e as gravações primorosas soam com um grau de musicalidade sublime!

A diferença, dos fabricantes de áudio hi-end que seguem este 'norte' é abissal em relação aos que apenas se esforçam em aprimorar suas topologias já existentes.

Pois saber como um instrumento ao vivo soa, e transportar essa referência para a reprodução eletrônica é um feito e tanto, almejado por muitos fabricantes, desde que a alta fidelidade nasceu! E atingir este grau de fidelidade que a Nagra conseguiu para seus novos produtos é um feito ainda não alcançado por nenhum outro fabricante de equipamentos eletrônicos Estado da Arte.

Não neste nível de refinamento e musicalidade!

Se puderes por uma hora, ouvir este pré-amplificador, não deixe de fazê-lo meu amigo.

Garanto que todas as suas convicções audiófilas, que você tanto preza, ruirão como castelos de areia! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=6LAJUXJTHAY](https://www.youtube.com/watch?v=6LAJUXJTHAY)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LTVD37CQND4](https://www.youtube.com/watch?v=LTVD37CQND4)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UWD3RBFbulw](https://www.youtube.com/watch?v=UWD3RBFbulw)

AVMAG #257
 German Audio
contato@germanaudio.com.br
 US\$ 98.000

NOTA: 110,0



ESTADO DA ARTE



A linha Edge, da fabricante inglesa Cambridge Audio, foi apresentada ao mundo no Hi-End Show de Munique em 2018, sendo composta por três aparelhos: o Pré DAC e streaming de música Edge NQ, o amplificador estéreo Edge W e o amplificador integrado Edge A.

O amplificador estéreo Edge W foi avaliado na edição 254 da AVMag, e agora é a vez do amplificador integrado Edge A, no mesmo frasco do power, mas com outras fragrâncias bem mais interessantes.

O amplificador chegou lacrado, e sua embalagem é um verdadeiro bunker de guerra! A primeira camada externa é de papelão duplo de parede grossa. Ao desencaixar as presilhas plásticas que prendem tudo no lugar, descobrimos uma segunda caixa de papelão também de parede dupla. Perfis rígidos curvos ficam nas laterais para proteger a preciosa carga de impactos laterais. Mas isto não é tudo: o Edge A é envolto em um fosso de borracha expandida esculpido à sua imagem e semelhança, onde ele repousa protegido. Além disso, os dissipadores e o tampo são protegidos com um anel de silicone espesso e também por uma capa de tactel, fechada por um zíper e selada com um lacre.

Todos estes mimos em sua embalagem não são um exagero, já que o monstinho, no bom sentido, pesa 24 quilos! E, como é um produto de classe mundial, precisa mesmo cercar-se de todo cuidado. Ao des-trinchar a embalagem do Edge A, pude constatar uma coisa que talvez poucos dessem valor: sua embalagem se equipara à embalagens dos aparelhos mais luxuosos do mercado, e quando digo isto não levo em consideração os aparelhos que utilizam caixa de madeira, pregos e cintas de aço. Refiro-me as jóias raras de verdade, não devendo nada

em qualidade de embalagem aos dCS Vivaldi, por exemplo. Na verdade a embalagem é até melhor.

Passada a euforia com a embalagem, volto a observar o aparelho em si e novamente sou surpreendido com o que os engenheiros e designers da Cambridge fizeram. O Edge A trabalha em Classe XA que, segundo a fabricante, desloca o ponto de cruzamento para fora da faixa audível, conferindo ao Edge A níveis de silêncio de fundo e de distorção harmônica de alto nível. Outra peculiaridade da topologia é a eliminação de capacitores na etapa de amplificação. Com isto os Edges não sofrem com variações de assinatura sônica por lote do componente, nem com a deterioração dos mesmos ao longo dos anos de trabalho.

O amplificador é uma usina de força com dois transformadores toroidais simetricamente alinhados que, segundo a Cambridge, cancelam a interferência eletromagnética entre eles. Sua potência é de 100 W em 8 Ohms e 200 W em 4 Ohms.

No painel frontal, apenas o botão liga/desliga, o grande knob de volume e seleção de entradas. O anel interno do botão seleciona entradas e o anel externo gerencia o volume. Mais uma entrada para fone de ouvido (recomenda-se impedância entre 12 e 600 Ohms) e só, nenhum botão a mais.

A grafia do painel frontal é feita em baixo relevo com uma perfeição e elegância jamais vistos em qualquer outro aparelho da marca - não contém um errinho sequer, e nem no power Edge W nem no Edge A pude perceber qualquer rebarba nas bordas de cada letra, é um nível de acabamento surpreendente.

ÁUDIO

Da escolha do tom cinza matte dos painéis frontal, traseiro e do tampo superior, aos discretos dissipadores laterais em preto que desaparecem ao olhar o aparelho de frente, ao chassi feito em aço reforçado capaz de suportar seus 24 kg de peso total, tudo foi pensado com extremo cuidado, elevando a forma e função a um novo patamar em sua categoria.

Na parte traseira as entradas são bem sinalizadas, com a escrita tanto de cabeça pra cima como para baixo. Não tenho certeza se isto ajuda, mas está lá e com certeza pode ser considerado um mimo super bem-vindo.

O Edge A possui uma entrada USB 2.0 que suporta PCM de até 32-bit / 384 kHz e DSD256. Não é possível reproduzir faixas em MQA, mas com o aplicativo da Tidal pode reproduzir arquivos MQA até 24-bit / 96 kHz. Possui entrada Bluetooth 4.1 aptX HD (antena fornecida), duas entradas óticas Toslink 24-bit / 96 kHz, e uma entrada coaxial digital S/PDIF 32-bit / 192 kHz.

Na parte analógica temos uma entrada balanceada XLR e duas RCA, saídas pre-out XLR e RCA. Entrada RS232 para automação, entrada HDMI-ARC para retorno do áudio da TV, e minijacks Link-In/Out de 12 Volts.

Na parte traseira existe uma chave comutadora que merece uma atenção especial. O aparelho vem 'setado' para desligar automaticamente caso fique por um período de tempo sem sinal vindo da fonte. Para quem está amaciando o aparelho é um verdadeiro tormento! Então, para não passar raiva, não se esqueça de mudar a posição da chave.

O momento 'ahhhh!' Fica por conta de dois pontos que, na minha opinião, a engenharia deixou passar despercebidos. O primeiro é a localização do terminal de caixa direito, que fica logo acima do plug IEC fêmea. Isto não é um grande problema, é mais um incômodo, pois se precisar utilizar um cabo de caixa acústica com terminação spade, será obrigado a utilizar o cabo de cima para baixo e não de baixo para cima, como é comumente utilizado. Para quem tem TOC será um tormento: ou deixa um lado para cima e outro para baixo, ou deixa os dois cabos para cima despontando na carcaça do aparelho. O engraçado é que tomaram cuidado para que a antena Bluetooth não ficasse aparecendo, mas aí o cabo de caixa - se for spade - fatalmente aparecerá.

A segunda pisada na bola é a falta de uma porta Ethernet. Decidir-se pelo Bluetooth e não pela Ethernet LAN é subestimar o poder de percepção auditiva e o nível de exigência a qual o futuro comprador do Edge A está acostumado. Está bem... o Bluetooth cumpre o papel de conectar os aplicativos de música, mas sabemos que o streaming de música via cabo de rede é infinitamente melhor que o Bluetooth. A saída então seria adquirir o NQ, último membro da família Edge: com

ele é possível ter um streaming de música mais compatível com a qualidade que se espera do integrado.

O controle remoto é feito em alumínio usinado, pesado e robusto, e nem ele escapou do um mimo: a sacolinha é feita de plástico siliconado, dá até dó de utilizar, peguei um uma embalagem comum ensaquei controle e deixei o 'toque de seda' quietinho na caixa.

COMO TOCA

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos ligados ao amplificador integrado Cambridge Edge A. Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30, Notebook Samsung com JRiver. Cabos de força: Transparent MM2, Sunrise Reference e Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Quintessence Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sax Soul Zafira III XLR, Sax Soul Ágata USB, e Curious USB. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Caixas acústicas: Dynaudio Emit M30, Neat Ultimatum XL6.

O amplificador Edge A é um aparelho pesado, ele não pode ficar em qualquer prateleira pois seus quase 25 kg empenam a maioria dos racks comuns existentes no mercado. Sem contar que ele precisa de bastante espaço para ventilação, já que o calor emanado dele é de um típico classe A. Dito isto, vamos ao que interessa de verdade: como toca.

Aquela máxima de que a primeira impressão é a que fica não vale para o Edge A. Seus primeiros sons são literalmente horríveis. Som abafado, sujo, fanho e embotado. A cara é de decepção. Então deixei tocando por 30 horas e, ao fazer uma nova audição, a frustração continuava lá - havia melhorado um pelo apenas. Mais 50 horas e, aí sim, comecei a ver uma luz no final do túnel. O som ganhou corpo, os extremos começaram a se soltar e os médios a recuar e ganhar textura. Se o(a) amigo(a) tem mais de uma fonte, sugiro deixar todos amaciando juntos, pois a cada nova entrada utilizada volta-se para a era da escureidão: o som é muito parecido com o do início das primeiras audições, seja digital ou analógica - precisa paciência para amaciar tudo.

Após o amaciamento, iniciei as audições com o disco Hadouk Trio - *Air Hadouk*, faixas 11 e 12, justamente para entender melhor a extensão nos decaimentos que antes eram pequenos e de pouca duração. Diria que foi um milagre! Os decaimentos agora tinham uma ótima extensão e timbres bastante corretos. Não havia fadiga na faixa 12, onde o percussionista ou baterista não sabe deixar os pratos quietos nem por um segundo! Tem pelo menos dois ou três pratos soando ao mesmo tempo. Antes do primeiro silenciar, outros dois pratos estão iniciando em seguida.

Com isto pude perceber como o Edge A lida com as altas frequências. Seu silêncio de fundo nesta região não nos deixa sentir fadiga mesmo em condições tão adversas como nesta faixa.

A textura dos outros instrumentos são as melhores possíveis, as camadas e silêncio em volta de todos os instrumentos musicais nos dão uma noção minimalista da intencionalidade de cada músico. O palco é largo tem boa profundidade e um foco muito bom. O Hammond não ficava indo e voltando ou só aparecia nas passagens de maior dinâmica - que seria um sinal claro de falta de foco. Nem tudo são flores, claro que não. O palco é largo, mas não tem tanta profundidade como se espera de um aparelho deste quilate, é um pouco mais apertadinho do que deveria. A região médio-grave carece um pouco de calor para que as texturas das regiões média e grave sejam mais confortáveis, tudo fica bem justo sem sobras. Não podemos esquecer que esta é mais uma característica da sonoridade Cambridge do que um defeito. Portanto é preciso levar isto em consideração no momento da audição.

Utilizando o Edge A pelo computador as surpresas são muitas. Seu DAC interno é bastante refinado e responde bem a troca de cabos. O Ágata USB casou maravilhosamente bem com ele, já que um grande atrativo deste cabo é justamente sua região média e alta mais doce e as texturas mais eufônicas. O Curious deixou o som mais cirúrgico com uma pegada incrível, mas perdeu um pouco da beleza nas vozes femininas. O mesmo acontece quando retira o Zafira III XLR: o som ganha umas coisas e perdem outras, é uma questão de gosto do freguês.

Rodei arquivos ISO pesados 'ripados' de vinil, e outros nativos DSD256 com um pé nas costas. Em nenhum momento houve 'travadinhas' por excesso de tráfego de informação.

Com o Bluetooth HD tudo roda liso sem problemas, e com qualidade razoável. Achei que precisaria baixar o APP da Cambridge, mas na verdade não precisa, não. Basta emparelhar o SmartPhone e já pode usar.

O DAC interno do Edge A é um melhor que o DAC do CD-Player Luxman D06, porém com o Luxman ganha-se timbres mais confortáveis, suavidade onde precisa ser suave, mostrando que, para um casamento perfeito entre fonte digital e o Edge A, é preciso um cabo de interligação bastante equilibrado que não seja puxado para a 'digitalite'. Se escolher um cabo quente, irá deixá-lo letárgico, se for para um cabo mais analítico, as audições serão cansativas. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio certo para não 'matar' as qualidades do transporte que fará par com ele.

Ouvi com o Edge A vários fones de ouvido: Klipsch Mode 40, Sennheiser HD700 e 800, além de um Parrot. As diferenças de impedância e estilo de fones abertos e fechados não fizeram com que a parte dedicada do amplificador se intimidasse nem um pouco. Os fechados tocaram maravilhosamente bem e com bastante sobra de energia e equilibrados, já os Sennheiser foram mais exigentes. Mas, ao final, foram domados e apresentaram uma largura de palco bastante interessante, velocidade e corpo nas altas dignas dos ótimos amplificadores de fone.

CONCLUSÃO

O amplificador integrado Cambridge Edge A quebra diversos tabus dentro da própria marca, pisa em terrenos nunca antes explorados e abre uma porta que dá vista para um horizonte totalmente novo aos amantes da marca que, ao percorrer o caminho em direção ao topo do pinheiro, em algum momento precisaram abandoná-la e alçar novos voos. Hoje não mais! O Edge A é um upgrade seguro e um passo mais que consistente em direção à perfeição, se colocando entre gigantes e fazendo que todos o olhem com seriedade e respeito. ■

NOTA ADICIONAL

Amigo (a) leitor (a) deve ter percebido que na avaliação do aparelho amplificador integrado Cambridge Edge não mencionei sobre a tensão do aparelho pois, no mesmo existe uma chave seletora 120 / 240V. Porém no manual diz que esta chave não pode ser modificada, apenas a equipe técnica da Cambridge Audio poderá fazer qualquer intervenção na mesma. Questionei o fabricante por meio de seu importador quanto a questão das localidades em que se usa a tensão 220 V (muitas por sinal), o importador enviou minha pergunta à fábrica que só respondeu agora.

Pois bem, segundo o fabricante TODOS os aparelhos Cambridge Edge possuem tensão de 127 V 60 Hz (no caso do Brasil), não havendo NENHUM modelo disponível com tensão em 220 V 60 Hz. Então, a chave seletora no painel traseiro dos produtos Edge não podem ser modificadas para 220 V, apenas pela fabricante Cambridge Audio.

Fica aqui o meu muito obrigado a equipe da Mediagear pela atenção dispensada.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SOTJ3FQY8QE](https://www.youtube.com/watch?v=SOTJ3FQY8QE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=LOBNRV6ZPMI](https://www.youtube.com/watch?v=LOBNRV6ZPMI)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
CAMBRIDGE EDGE A
(UTILIZANDO DAC INTERNO)**

NOTA: 86,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
CAMBRIDGE EDGE A
(UTILIZANDO DAC EXTERNO)**

NOTA: 88,5

AVMAG #257
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 36.475



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

AMPLIFICADOR INTEGRADO HEGEL H590

Fernando Andrette



Muitos dos nossos leitores já haviam perdido a esperança de que testaríamos o integrado top de linha da Hegel ainda neste ano. Eu também, pois foi um ano tão maluco, de tantas idas e vindas, que as duas vezes que o importador conseguiu ter um em estoque, o mercado foi mais rápido em comprá-lo do que eu em pedi-lo para teste.

Então, quando a transportadora chegou trazendo os Edges da Cambridge Audio, as Evokes da Dynaudio e o H590, tratei de colocar ele imediatamente em amaciamento, imaginando que ele não ficaria muito tempo conosco. Felizmente estava enganado, pois já se encontra em nossa sala de testes há dois meses e meio, tempo suficiente para uma queima de 300 horas e um mês inteiro de testes com diversos parceiros em termos de caixa e eletrônica.

Como consumidor de Hegel (já que tenho em nosso sistema de referência um power H30) e por ter testado diversos produtos deste fabricante, já me familiarizei com o 'jeito' que todo Hegel tem em fazer sua apresentação inicial: sempre discreto, sem pressa, como se os dias fossem mais longos do que realmente são. Mas sempre já se impondo e mostrando à qualquer caixa acústica que, em suas mãos, terão que sempre apresentar a melhor performance possível.

A Hegel nunca tinha dado um passo nesta direção, de apresentar um integrado acima do H360 - agora já foi lançado o H390 - e de certa forma esta estratégia parece ter sido muito assertiva, pois colocou a empresa ainda mais em evidência no mercado de integrados acima de 12 mil dólares! Um segmento que conta com marcas de peso, como Gryphon, Vitus, darTZeel, Mark Levinson, Krell, etc. Então só podemos elogiar o trabalho da empresa norueguesa em querer uma fatia deste mercado mais acima.

Lendo os testes que começaram a pipocar a partir de novembro de 2018, quando o H590 chegou ao mercado, os elogios são eloquentes e efusivos, exceto com a sua aparência, que para muitos dos articulistas precisava ser revista, já que os concorrentes nesta faixa do mercado cuidam muito bem da aparência e design de seus integrados. Acho pertinente, mas sou da opinião que mais vale o que ouvimos do que o que vemos, em se tratando de equipamentos de áudio. Então, como consumidor, o que irá realmente me fazer levar um produto será o conjunto performance/custo, sempre!

Agora, se neste pacote vier junto um acabamento e design impecáveis, isto para mim é um bônus! E em termos de performance e versatilidade o H590 é impecável! Mas, dos seus atributos sonoros e tecnologia, falarei mais adiante.

O Hegel foi ligado as seguintes caixas: Wilson Audio Yvette, Dynaudio Evoke 50, Wilson Audio Sasha DAW e Kharma Exquisite Midi. Cabos de caixa: Quintessence da Sunrise Lab, Tyr 2 da Nordost, e Halo 2 da Dynamique Audio. Fontes digitais: MSB Select DAC, e Vivaldi e Scarlatti da dCS. Cabos digitais: Transparent Reference Coaxial, Sunrise Lab Quintessence Coaxial. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence, Transparent PowerLink MM2, e Halo 2 da Dynamique Audio.

Segundo o fabricante, o Hegel 590 possui potência de 301 Watts em 8 Ohms. Alguém perguntou ao CEO da Hegel a razão de 301 e não 300 Watts, e a resposta foi: "Queríamos algo acima de 300 Watts para nos posicionarmos bem nesta faixa do mercado" - parece mais uma brincadeira, mas está lá na ficha técnica 301 Watts em 8 Ohms por canal. Humor é sempre bem-vindo, afinal este mercado tornou-se bastante sisudo.

Outra crítica que li é o fato do H590 não ter um pré de phono ou uma saída de fone de ouvido. Ora, a Hegel sempre defendeu que seus clientes deveriam buscar o melhor pré de phono externo possível, pois o foco da empresa sempre foi no digital e na topologia de suas ampliações. Então acho que esta crítica só seria justa se eles tivessem abandonado esta plataforma, mas não foi este o caso.

A frente continua como em todos os seus integrados: dois enormes botões com a tela de LED ao centro. E a chave de liga/desliga agora se encontra no centro, embaixo do aparelho, e não mais no canto como era no H360.

Atrás, o H590 disponibiliza três entradas RCA e duas XLR no lado analógico, e duas entradas coaxiais (uma BNC), três óticas, uma USB e uma Ethernet, no lado digital - e uma saída coaxial BNC. Aqui faço minha crítica à ausência de uma entrada digital AES/EBU.

Em relação à saída para fone de ouvido, a crítica tem algum sentido, já que a Hegel tem um circuito de amplificação de fone competente e não disponibilizar este recurso em seu integrado top, precisa ter uma excelente justificativa para não tê-lo disposto.

Todas as tecnologias patenteadas pela Hegel, como: SoundEngine, DualAmp (que separa os estágios de ganho de tensão e corrente) e o DualPower (que fornece recursos específicos à fonte de alimentação), e as mais recentes patentes no domínio digital como: SyncroDAC (sincronização em oposição ao assíncrono-upsampling), que trabalha em conjunto com a tecnologia LineDrive (que filtra as altas frequências). Todas são utilizadas e aperfeiçoadas no H590.

Na parte de amplificação, o H590 trabalha em classe AB, mas segundo o fabricante se trata de uma classe AB de alto bias (deixando o H590 em classe A por muito mais tempo que o H360).

Agora são 12 pares de transistor por canal, e um transformador totalmente remodelado para suportar sua fonte de alimentação superdimensionada. Este é o motivo do H590 ser mais alto que o H360.

No domínio digital, o H590 já utiliza o mais recente chipset AKM que disponibiliza a segunda geração de processamento MQA juntamente com PCM para 32-bit/384 kHz e DSD256 (pela entrada USB). Com esta segunda geração, o usuário pode utilizar Tidal via comando do smartphone ou tablet, com um arquivo MQA autenticado diretamente do roteador para a decodificação feita completamente dentro do H590.

Eu continuo afirmando: ainda que o streamer tenha evoluído muito nos últimos 5 anos, este 'muito' é pouco quando você tem um setup Estado da Arte para tocar sua coleção física de CDs, e um bom setup analógico. E como estamos muito bem servidos nestas duas frentes (analógico e digital), tratei de usar as duas entradas XLR para ligar, em uma, o Boulder 500 com o toca disco Storm da Acoustic Signature,

meu braço SME Series V com a cápsula Soundsmith Hyperion 2. Os cabos XLR utilizados foram: Sax Soul Ágata 2 e Sunrise Lab Quintessence do Boulder para o H590, e o Apex da Dynamique Audio e Transparent Opus G5 dos DACs (MSB, Vivaldi e Scarlatti) para o H590.

É o tipo de amplificador que já sai tocando agradável da embalagem, mas não espere dele, nas primeiras 300 horas, cenas de arroubos pirotécnicos para a admiração de 'plateias', pois não ocorrerá. Ele precisa ir se acostumando com o 'ambiente' em que foi colocado, com o par de caixas que escolheram para trabalhar em dupla e, principalmente, as fontes que irão fornecer o material sonoro.

Mas, a partir das 200 horas, quando as duas pontas começam a desabrochar, anime-se, pois o despertar do H590 é contagiante. Pois ele nunca se mostra acuado ou sem fôlego para disponibilizar a demanda que lhe for pedida. Mas o faz sem ranger de dentes ou colocar as garras de fora. Tudo com a mais alta finesse e controle integral da situação. Nenhuma caixa utilizada o colocou nas cordas, com nenhum gênero musical ou complexidade dinâmica!

Ele lembra muito o H30 em termos de autoridade e folga. Uma assinatura sônica quente, na fronteira exata entre a topologia de tubos e o estado sólido, que nos encanta por não acrescentar nada e nem tão pouco se omitir.

Uma sonoridade inebriante, que nos faz querer descobrir o limite do volume de cada gravação, e esmiuçar sem receio o 'âmago' da captação, mixagem e masterização de cada faixa de cada disco.

Para os nossos leitores que possuem o H160 ou o H360, imaginem tudo que vocês mais admiram nesses amplificadores, e elevem exponencialmente todas essas qualidades ao limite, e terão uma ideia exata do potencial deste integrado.

E aos que não são familiarizados com o 'DNA' da Hegel, mas tem enorme curiosidade em conhecer, imaginem a maior folga possível aliada à um conforto auditivo extremo e terão um vislumbre do que o H590 é capaz de fazer em termos de amplificação.

Mas não confundam esta 'maior folga' com impetuosidade ou, pior, com pirotecnia, pois o H590 desconhece esses 'truques' de tentar turbinar algo mal feito ou repleto de compressão. O que ele oferece é a medida exata do que se é possível extrair em termos de amplificação, com os defeitos e qualidades inerentes a cada disco.

Se você se contenta em colocar a qualidade artística acima da técnica, este integrado pode ser perfeito para você. Mas não se iludam, pois ao subir de patamar para o andar de cima, o H590 se tornou ainda mais seletivo com seus pares (ouço que muitos leitores desistiram do Hegel 300 e 360, por ser preciso colocar cabos corretos para se extrair todo o seu potencial - como se isto fosse um defeito e não uma qualidade).

ÁUDIO

Mas, voltando aos pares ideais, busque cabos de força, de caixa e de interconexão que possuam a mesma assinatura sônica do H590: quentes sem serem fechados nos agudos. É preciso que tenham arejamento, velocidade, corpo de cima a baixo, e o melhor equilíbrio tonal possível. Com esses cuidados, o resultado, meu amigo será exuberante!

Seu silêncio de fundo permite um resgate da micro-dinâmica que muitos sistemas de pré e power separados não possuem. Seu soundstage (palco, foco, recorte e ambiência) é infinitamente superior ao do H360, o que permitiu audições de música clássica com uma imersão ainda maior.

O que sempre me agradou no H30 é que não há nenhuma faixa do espectro audível em que ele jogue luz, ou tente inventar qualquer coisa. E no H590 neste aspecto é exatamente semelhante, pois seu silêncio de fundo não o torna mais transparente e, conseqüentemente, mais analítico e frio. Pelo contrário, as audições são sempre confortáveis pela soma de sua folga absurda e sua naturalidade, graças ao excelente equilíbrio tonal.

E este conjunto 'harmonioso' de qualidades é que proporciona texturas magníficas e um convite a se 'memorizar' todo tipo de timbre de qualquer instrumento - qualquer um! Coloquei o Bolero de Ravel, a gravação que indiquei no meu último Opinião, para escutar no Hegel H590 com as caixas Sasha DAW. A facilidade de acompanhar mesmo os solos de mais de dois instrumentos foram incríveis! Muito próximo do sistema de referência, tanto em termos de conforto auditivo, como de inteligibilidade. O que significa muito em termos de resolução para um integrado!

ANALISANDO O DAC INTERNO

O DAC interno do H590 parece ser de uma outra geração em relação ao DAC que ouvimos no H360.

Mais silêncio, timbres mais reais, melhor foco, recorte, silêncio em volta de cada instrumento, e uma sensação de materialização do acontecimento musical (Organicidade) que não havia no DAC do H360. Realmente os engenheiros da Hegel avançaram substancialmente neste novo DAC, colocando em 'xeque' muito DAC externo de grandes empresas.

Musical, preciso em termos de tempo e ritmo, equilíbrio tonal corretíssimo e excelente corpo harmônico. Em relação às nossas referências utilizadas (todos Estado da Arte, custando dez vezes mais) as diferenças estão na materialização do acontecimento musical e no soundstage - tudo soa mais entre as caixas, os planos são menores (altura, largura e profundidade) e falta aquele último grau de 3D na apresentação, deixando as orquestras muito mais bidimensionais.

Volto a 'ênfatar' que estamos falando de um comparativo com o supramundo da referência digital do mercado, então parece até desleal

essa comparação. Mas é importante passar para vocês o nível em que o digital se encontra lá no topo, e os avanços atingidos pelo H590 em relação ao H360, pois foi um salto grande!

CONCLUSÃO

Quem tiver o H300 ou o H360 são os mais sérios candidatos a realizar este upgrade, pois além de totalmente seguro, o prazer em descobrir todos os avanços existentes no H590 compensará todo o dinheiro investido, acreditem!

Engana-se quem achar que encontrará apenas mais 'músculo', pois não é apenas mais potência que faz do H590 um integrado tão especial. O conjunto de avanços e os cuidados no aprimoramento do que já era muito bem feito, levou a Hegel a pular de patamar e entrar para o hall dos fabricantes que desejam o consumidor que busca o sistema definitivo, e que está disposto a investir neste sonho.

Tirando algumas 'brechas' de quem ainda é novo neste segmento mais top, como o design, em matéria de sonoridade o H590 não fica devendo absolutamente nada aos que já estão há anos trabalhando este audiôfilo mais exigente.

Se você almeja um integrado definitivo e seu foco é puramente na performance e custo, meu amigo, escute com enorme atenção o H590. Pois, como diria o mineirinho: "É um baita de um amplificador integrado, sô", com recursos de sobra que atendem a todas as novas demandas digitais e uma autoridade integral com qualquer par de caixas disponível no mercado.

Se é esta solução que você busca para ouvir sua coleção de discos, coloque-o no seu radar de possíveis upgrades futuros e definitivos. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=PWYXB3NWPZ4](https://www.youtube.com/watch?v=PWYXB3NWPZ4)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YOGYCMRWBY](https://www.youtube.com/watch?v=YOGYCMRWBY)

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
HEGEL H590 - NOTA COMO DAC**

NOTA: 93,0

**AMPLIFICADOR INTEGRADO
HEGEL H590**

NOTA: 97,5

AVMAG #256
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 78.764



ESTADO DA ARTE



When Swiss Precision Meets Exquisite Refinement

CH Precision C1 Reference Digital to Analog Controller



A Ferrari Technologies orgulhosamente apresenta a mais nova referência mundial em eletrônica Hi-end. A Suíça **CH Precision**, mais uma marca *State of the Art* representada no Brasil.

“O C1 é, de longe, o melhor DAC ou componente que eu já experimentei no meu sistema. Não tem absolutamente “voz”. Um de seus atributos mais impressionantes é o ruído de fundo extremamente baixo. Em excelentes gravações, os instrumentos surgem ao vivo sem silvos ou anomalias. É absolutamente silencioso! O C1 “pega” qualquer coisa que você jogue nele. Eu ouvia música horas e horas e gostava de cada segundo. Isso me permitiu penetrar mais fundo nas nuances. É tão silencioso que a textura instrumental se tornou uma delícia. O C1 também se destaca em todos os outros parâmetros que você pode imaginar: separação de canais, dinâmica, recuperação de detalhes e apresentação geral.”

Ran Perry



ÁUDIO

AMPLIFICADOR AL-KTX2

Fernando Andrette



Outro dia um leitor me fez a seguinte pergunta: “A indústria de áudio hi-end nacional tem alguma chance de se reerguer?”. Interessante que, na pergunta, o leitor coloca a questão como se algum dia tivéssemos tido uma indústria de áudio hi-end em nosso território. Muitos confundem a reserva de mercado imposta goela abaixo como um momento auspicioso da Zona Franca de Manaus, produzindo equipamentos capazes de concorrer lado a lado com os importados hi-end.

E sabemos que esta reserva foi uma enorme falácia, pois bastou 4 anos de fim de reserva de mercado, para as empresas de áudio que tiveram 100% do mercado em suas mãos por duas décadas, se desintegrarem.

Tentando responder à pergunta do leitor no contexto atual: sim, acredito que empresas nacionais de hi-end ainda irão florescer por aqui. E este processo, ainda que lento e bastante tortuoso, já se estabeleceu e continuará gerando frutos daqui em diante. Porém de forma pontual e atendendo a nichos específicos como: cabos, amplificadores, racks, condicionadores, materiais acústicos etc. Ou seja, o que já vemos no dia a dia de quem acompanha a revista, mas agora com maior volume de oferta e de empresas concorrendo entre si.

Junta-se à este pequeno grupo o engenheiro eletrônico André Luiz de Lima, que mora em Lins, no interior de São Paulo, e que atua na área há mais de 30 anos e é um apaixonado por válvulas que decidiu aplicar todo o seu conhecimento no desenvolvimento de novos produtos.

Conheci o André graças a uma ligação sua, em que se disponibilizou a escrever artigos técnicos para a revista e também oferecer em seus artigos kits de equipamentos para quem tem o hobby de montar seus amplificadores. Também se disponibilizou a fazer manutenção de aparelhos importados valvulados e ajudar os leitores no que fosse possível.

Entre esta primeira ligação e sua vinda a nossa sala de testes, com 4 produtos seus debaixo do braço, se passaram muitos meses (diria que quase 1 ano, se não me falha a memória). Na sua cabeça, ele iria apenas mostrar produtos dos quais poderiam ser disponibilizados os diagramas na revista, para os leitores comprarem os componentes e montarem.

Mas, ao ouvi-los, percebi duas coisas: eram todos bastante complexos e exigiriam dos interessados muito mais que boa vontade ou alguma afinidade com ferro de solda. E que soavam muito bem pelo que custam.

Aí propus que os quatro produtos ficassem para teste e que pudéssemos apresentá-los a vocês.

Então, nos próximos meses iremos publicar o restante, começando pelo AL-KTx2, que se mostrou o mais profícuo pelo seu custo e performance. Depois, testaremos a versão deste mesmo produto só que com as válvulas KT-88 e, posteriormente um pré-amplificador (que de tão barato e eficiente, acabei pegando para nosso uso, pensando já nos Cursos de Percepção Auditiva que em breve voltarei a ministrar) e, por último, um single ended de 15 Watts por canal.

Animado com toda esta reviravolta em sua ideia inicial, o André não só aceitou minha proposta como já está desenvolvendo uma versão deste estéreo em monoblocos balanceados, como também de um novo pré para fazer par com estes monoblocos.

Como dizia meu pai: “Pessoas talentosas precisam de dois tipos de estímulos: reconhecimento e divulgação”. E a revista existe exatamente para dar este suporte a quem tem talento, garra e deseja ver seus produtos divulgados.

Não vou entrar em detalhes da topologia deste amplificador, pois além de muito técnico são dezenas de páginas descrevendo cada estágio de sua topologia. Para os apaixonados por especificações técnicas e de topologia, sugiro que entrem em contato direto com o André Luiz de Lima.

Em resumo o AL-KTx2 é um amplificador ultralinear push-pull hi-end, com estágios de saída em classe AB, que utiliza por canal um par de KT150 - válvulas que parecem ter caído no gosto da indústria hi-end e que todos os principais fabricantes estão usando (no Brasil, se não estou enganado, o André é o primeiro a utilizar).

Segundo o fabricante a potência é de 160 Watts com baixíssima distorção e uma banda larga. O que levou o André a optar pela KT150 foi seu elevado rendimento com um custo de montagem baixo, o que lhe permitiu desenvolver um amplificador estéreo de valor realmente muito competitivo com os importados.

O AL-KTx2 consiste de cinco estágios, sendo o primeiro o de pré-amplificação que utiliza um tríodo do tipo 12AU7, com uma realimentação negativa em torno de 19 dB. O segundo estágio é um inversor de fase em configuração de seguidor de cátodo, que também utiliza um tríodo do tipo 12AU7. O acoplamento entre os dois estágios é direto (com nível DC). O terceiro estágio é apenas de amplificação, sendo composto por dois tríodos do tipo 12AU7 (um utilizado para cada fase do sinal: 0 e 180 graus).

O quarto estágio é um seguidor de cátodo com acoplamento em nível DC, com intuito de baixar a impedância de saída e adequá-la às KT150. O quinto e último estágio, o de potência do tipo KT150 operando em push-pull ultralinear, uma vez que suas grades g2 (screen) estão ligadas a taps em 40% do transformador de saída através de resistores limitadores de corrente de 470 Ohms.

Esta configuração cria uma realimentação negativa do sinal, pelo qual as válvulas passam a representar um comportamento entre tríodos e pñtodos. E a sua impedância interna, bem como sua distorção de sinal, é reduzida para praticamente o valor de um tríodo.

A polarização deste estágio é feita por tensão negativa na grade de controle, através dos trimpots P1 e P2, em vez do tradicional resistor de catodo. As fontes de alta tensão dos estágios 1, 2, 3 e 4 são estabilizadas. Na placa do circuito impresso do amplificador, um circuito monitor de bias (com LED), foi implantado para facilitar o ajuste e monitoramento da corrente de polarização (bias) das quatro KT150.

Os transformadores utilizados em todos os projetos são fabricados um a um pelo próprio André. E o que me chamou mais a atenção foi o grau de detalhamento no desenho de todas as suas placas e na limpeza visual de seus circuitos (vejam fotos). O cara é um perfeccionista nos mínimos detalhes de placas e circuitos! Seus transformadores também impressionam pelo acabamento esmerado!

Agora conhecendo um pouco mais o André, diria que ele é um misto de engenheiro ortodoxo (no bom sentido) que está começando a entender como funciona a cabeça e o universo audiófilo, pois seus produtos carecem de pequenos detalhes, mas que dizem muito para o mercado hi-end.

Vamos a esses detalhes: melhorar tomada IEC, os terminais de caixas, fusível, chaves de controle e, claro, o acabamento geral, como placa da frente, grade para proteção das válvulas (principalmente em casa que ainda tem crianças em idade pré-escolar). Fazendo esta lição de casa sem onerar demasiadamente o preço, seus produtos estão prontos para entrar no mercado e agradar uma imensa legião de apaixonados por válvulas. Pois o André realmente entende e conhece o que está fazendo!

Enquanto escrevia este teste, o André me enviou desenhos e fotos do novo monobloco e do novo pré, e fiquei surpreso como ele entendeu as dicas e já colocou em prática tudo que citei que deveria ser aprimorado.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: nosso sistema de referência, pré Nagra HD, pré do próprio André (desculpe não citar o modelo, mas ele não tem ainda). Caixas: Wilson Audio Ivette e Sasha DAW, Kharma Exquisite Midi, e Rockport Avior II. Cabos de caixa: Dynamique Audio Halo 2, e Quintessence da Sunrise Lab. Cabos de interconexão: Dynamique Halo 2 (RCA), Sunrise Lab Quintessence (RCA), e Nordost Tyr 2 (RCA). Cabos de força: Dynamique Halo 2, Sunrise Lab Quintessence, e Transparent PowerLink MM2.

O amplificador veio para nossa sala de testes com menos de 50 horas de amaciamento. Então fizemos nossa primeira audição junto com o André e sua esposa, e à noite fiz todas as anotações de nossa primeira impressão. O AL-KTx2, possui uma assinatura sônica bastante incisiva nos médios e nas altas (foi a conclusão que anotei em minhas considerações finais deste primeiro contato).

Como estava amaciando a Sasha DAW para o teste, deixei alternando entre o power valvulado e o integrado Hegel H590. Sempre ligado ao cabo de caixa e de força Halo 2 (pois também precisavam de amaciamento). Com 150 horas o AL-KTx2 voltou para teste e aí ficou.

Sua mudança foi evidente de caráter e de pujança. Ganhou corpo, os graves se tornaram presentes e as duas pontas abriram, apresentando maior extensão e bom decaimento. Mas aquela ‘magia’ e calor sedutor dos médios são realmente sua ‘impressão sonora’. Instrumentos acústicos soam encantadores neste power e o calor e naturalidade

ÁUDIO

que tanto admirei nos monoblocos M160 da ARC, também estão aqui presentes. Arriscaria dizer que este encanto seja inerente às KT150 (li em muitos fóruns internacionais esta mesma conclusão).

Toda região é palpável e de enorme luxúria! Vozes possuem aquela naturalidade e calor que nos fazem esquecer das horas passando. Com 250 horas o AL-KTx2 se estabilizou integralmente e começamos a passar todos os discos da metodologia.

Seu equilíbrio tonal é muito correto (principalmente para seu preço), com excelente extensão nas altas e muito bom decaimento. Os graves, ainda que não tenham grande impetuosidade, são autoritários o suficiente para conduzir com mão de ferro todas as caixas utilizadas no teste.

Seu soundstage, possui mais largura e altura que profundidade. Porém esta falta de maior profundidade é bem compensada com o ótimo foco e recorte. No quesito textura encontramos o ponto alto do AL-KTx2 (leia a seção Opinião da edição 257 em que falo de discos para avaliação de texturas), no novo CD do multi-instrumentista André Mehmari, as cordas soaram de maneira realista e com uma riqueza na paleta de cores impressionante! Os amantes deste quesito de nossa Metodologia certamente ficarão surpresos como um power nesta faixa de preço nos brinda com texturas tão maravilhosas.

Os transientes, além de precisos, possuem o tempo certo em andamento e ritmo. E a dinâmica também é muito boa, tanto na micro, quanto na macro. Achei, à princípio que a micro se sairia melhor, mas depois do amaciamento o AL-KTx2 se mostrou bastante 'à vontade' nas passagens mais complexas do forte para o fortíssimo. O que também é surpreendente para uma topologia a válvula, nesta sua faixa de preço!

A apresentação do corpo harmônico é bastante convincente e a coerência entre o tamanho real dos instrumentos muito boa. Ouvindo uma big band, foi excelente o corpo do flautim em relação à flauta transversal, e dos trombones em relação aos trompetes. Muitos de nossos novos leitores nos perguntam se o quesito corpo harmônico em nossa Metodologia não se trata de um 'preciosismo' de nossa parte? Minha resposta é que, no estágio em que os produtos Estado da Arte superlativos atingiram, o corpo harmônico faz cada vez mais sentido, pois nosso cérebro para ser 'enganado' e 'sentir' aquela reprodução eletrônica de música como um acontecimento real, precisa que a apresentação dos instrumentos seja o mais próximo possível da realidade. Do contrário, ele não relaxa e não embarca nesta 'viagem sonora'. Principalmente os audiófilos e melômanos que têm como referência a música não amplificada ao vivo.

Aos que acham besteira ou perda de tempo ter a música ao vivo como referência, na busca de seu setup ideal, podem se contentar com um contrabaixo acústico do tamanho de um cello (se não soar mais para um violão), ou um piano de cauda soar como um piano de

armário. O cérebro deles não tem a menor referência de como soa um contrabaixo tocado com arco, na primeira oitava, a dois metros de distância. Ou a sensação da pressão sonora de um sax barítono a essa mesma distância.

Se ao menos tivessem o CD Timbres, começariam a ter uma ideia do que estou falando. Então, o corpo harmônico não só ganhou notoriedade para todos que buscam reproduzir corretamente em seu sistema os oito quesitos de nossa Metodologia, como é 'peça' essencial para aqueles que querem a materialização do acontecimento musical à sua frente. E o AL-KTx2 passa neste quesito com méritos!

A organicidade ('ver' o que se escuta) não dependerá exclusivamente de um só componente. Mas com seus devidos pares e em gravações soberbas, foi possível sentir o 'gostinho' de estar com os músicos em nossa sala de testes.

E no quesito musicalidade (a soma de todos os 7 quesitos, mais o gosto subjetivo de cada ouvinte) o AL-KTx2 se saiu muito bem.

CONCLUSÃO

Escrevam e me cobrem: o André Luiz de Lima veio para ficar neste mercado. E afirmo essa opinião por dois motivos: talento e conhecimento. E se ele mantiver esta estratégia de desenvolver produtos com este nível de performance a baixo custo, aí não tem erro! Pois a legião de novos leitores que sonham em montar seus sistemas com orçamentos baixos é enorme!

Agora posso finalmente revelar o preço deste amplificador estéreo: R\$ 15.000. Menos de 4 mil dólares, por um amplificador capaz de trabalhar com uma infinidade de caixas, bem construído e com excelente performance. E sabem o preço de seu pré-amplificador, que acabei por adquirir para uso em testes e cursos? Menos de 1000 dólares!

Sua intenção é oferecer amplificadores, DACs, prés de linha e de phono, sempre com esta filosofia: o melhor custo e performance possível.

A todos os interessados, fiquem à vontade o conheçam e desfrutem de seus projetos. Garanto que muitos de vocês finalmente farão o upgrade de suas vidas!

Só posso desejar todo o sucesso do mundo para o André Luiz de Lima. ■

AVMAG #257

André Luiz de Lima
(14) 99134.0330
andrelimarodrigues@gmail.com
R\$ 15.000

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA

AMPLIFICADOR AIR TIGHT ATM-300 ANNIVERSARY

Fernando Andrette



Minha paixão pelos produtos deste fabricante japonês é antiga. Remonta ao tempo em que trabalhava na Audio News, ia pelo menos uma vez por mês almoçar na Liberdade e, depois do almoço, ia ver as mais recentes edições da StereoSound japonesa para conhecer as novidades. Ainda que não entendesse nada do que estava escrito, ver as propagandas e os produtos em teste era suficiente para voltar para casa imaginando como deveriam soar aqueles produtos!

Ainda vivíamos a triste reserva de mercado, então só nos restava sonhar realmente. Por mais otimista que fosse (e sempre fui), jamais poderia imaginar que poucos anos depois estaria eu testando grande parte daqueles equipamentos, que saíam todos os meses nos reluzentes anúncios da StereoSound, como também iria ter, em meu sistema de referência por dois anos, um par de monoblocos ATM-3 da Air Tight!

O mundo realmente dá muitas voltas, e me sinto um felizardo de poder, nesses 23 anos da revista, ter testado mais de 1.200 produtos (sem contar os produtos em que o teste foi abortado), possibilitando levar a você leitor nossas observações, mês a mês. Porém, o mais legal é um mês estar testando um amplificador de estado sólido de 500 Watts, e no mês seguinte ouvir um amplificador de apenas 9 Watts por canal, como este ATM-300 série especial do aniversário de 30 anos da Air Tight. Este era um sonho antigo, ouvir este amplificador

já com 15 anos em linha em série especial comemorativa da empresa. Para não me alongar na história deste fabricante, sugiro a leitura dos testes do ATM-1S (edição 190) e do ATM-3 (edição 193).

A Air Tight sempre primou pelo desenvolvimento de produtos que fossem belos não só em sua sonoridade como também em sua aparência. Levando este esmero de construção aos menores detalhes, como por exemplo: a cabeça dos parafusos existentes em seus gabinetes não ficam expostas e visíveis. Parece um detalhe exagerado, mas quando você escuta um Air Tight em um setup correto, você entenderá e apreciará esse 'pacote' de preciosismo.

Ainda que o ATM-300 Anniversary possua 9 Watts por canal, e possa empurrar algumas caixas com 91/92 dB de sensibilidade, achei que seria necessário buscar uma caixa de maior sensibilidade, então recorremos ao Fernando Kawabe, que gentilmente nos cedeu, para teste também, as DeVore Orangutan 0/96 (o teste sairá na edição de julho próximo), o que nos permitiu um teste mais adequado para os 9 Watts do amplificador.

Minha relação com amplificadores de baixa potência se resume à audição de um amplificador da - também japonesa - Triode, de 10 Watts. E, claro, minhas audições em companhia do meu pai nos anos 60 de alguns Single Ended empurrando as lendárias caixas da Western Electric - que, confesso, não me encantavam tanto (talvez venha deste ►

ÁUDIO

período minha dificuldade em ouvir cornetas, pois sempre me vem à memória auditiva, aquele som anasalado na região média-alta). Mas sempre me encantou a sonoridade dos amplificadores valvulados com as também lendárias válvulas WE300B, por dois motivos: sua assinatura sônica sempre natural e sua musicalidade.

A audição mais sublime que escutei da Ella Fitzgerald foi em uma topologia 300B nos anos 60. Foi ali que Ella me conquistou para sempre, tornando-se, de longe, a Cantora que mais escuto em minhas horas de lazer.

Segundo o fabricante, foi graças ao esforço da Takatsuki Electric que a Air Tight desenvolveu esta edição de aniversário, pois conseguiram 'ressuscitar' a lendária WE300B, e isto levou a Air Tight a fazer uma edição especial do seu power estéreo ATM-300.

Este amplificador da Air Tight adotou um sistema de feedback incomum e, segundo eles, contrário à tendência geral, que os levou a optar pelo zero feedback (nenhuma realimentação). Mas esta opção teve um preço: exigiu dos engenheiros uma revisão completa de todos os componentes, a começar pelos transformadores, capacitores e resistores, para assegurar o menor ruído de fundo e menor distorção. Na parte de gabinete, o mesmo primor de sempre, com chassis pesado para evitar qualquer tipo de ressonância e sub chassis cortado a laser feito de cobre puro e espesso.

As válvulas utilizadas são duas 300B, uma 5U4GB, duas 12BH7A e duas 12AU7A (ECC82). A distorção é de 1% (1 kHz / 1 W / 8 Ohms), a resposta de frequência de 25 Hz a 40 kHz (-1 dB / 1 W) e o peso de 24 Kg.

Ainda que recentemente a Air Tight tenha lançado uma nova versão, o ATM-300R, muitos fãs dos amplificadores 300B ainda preferem esta edição de aniversário, lançada em 2016. Nos fóruns internacionais, a discussão em torno de qual é melhor parece que se baseia nos detalhes e na subjetividade de cada um.

Como não escutei o ATM-300R, não posso opinar, mas fica aqui meu conselho a todos os interessados, porque a briga nos fóruns sobre qual soa melhor é grande e calorosa!

Na frente do painel do ATM-300 temos o interruptor de pressão de liga/desliga, e três pequenos botões, sendo dois de atenuação separados para o canal direito e esquerdo, e um terceiro botão para o ajuste de bias, com as posições: Operate, L e R, para o ajuste fino das 300B.

O Air Tight teve como companhia o pré da Audio Research REF 6 e o nosso pré de referência da Dan D'Agostino. Fontes digitais: sistema dCS Scarlatti, MSB Select DAC e, por uma semana, o DAC e o clock dCS Vivaldi (teste em breve). Caixas acústicas: Kharm Exquisite Midi e DeVore Orangutan 0/96. Cabos de força: Reference Sunrise Lab

e Transparent PowerLink MM2. Cabos de interconexão: Transparent Opus G5, Sax Soul Ágata 2 e Sunrise Lab Quintessence.

Como estou sem toca-discos e sem pré de phono, utilizamos apenas CDs para o teste. O Air Tight veio imaculado, e abrir sua caixa lacrada e montar o amplificador (trabalho gentilmente feito pelo Fernando Kawabe, já que continuo proibido de fazer força com o braço direito), me remeteu a uma viagem no tempo. Montado e devidamente ajustado, as primeiras audições foram feitas apenas para anotações, já que a DeVore também estava com menos de 20 horas de amaciamento (e ela necessita de, no mínimo, 500 horas).

Ouvir um amplificador, de baixa potência, necessita de alguns cuidados - e não estou falando de volume e sim de postura do ouvinte, que necessita entender que se trata de uma outra viagem sonora, repleta de introspecção, e não de arroubos pirotécnicos.

Então, se você é um grave dependente ou amante de volumes que façam a banha de sua calça deslocar com a pressão sonora, esqueça e nem perca seu tempo, pois irá se decepcionar. E nada pior que a decepção de um audiófilo, pois ele sairá daquela audição soltando os cachorros pelo resto de sua existência.

Gostei muito da observação feita pelo articulista Art Dudley ao revisar este amplificador, na nova versão. Ele escreveu: "Crítica um amplificador 300B por seu baixo poder é como criticar um haiku por sua narrativa limitada". Ou ainda: "Reclamarem por não ter uma cena de perseguição de carros no filme O Sétimo Selo, de Ingmar Bergman".

Então, meu caro amigo, sua forma de encarar um 300B é que irá determinar se será uma audição repleta ou não de prazer. O aviso foi dado.

Às vezes, quando nos propomos a sair do nosso espaço habitual, podemos nos deparar com experiências gratificantes, e ouvir um 300B pode ser uma delas. Pois quem opta por este amplificador abriu mão de uma série de quesitos que, para muitos audiófilos, são essenciais - sua busca se encontra em uma outra direção.

Meu pai dizia que, onde muitos focam o todo, alguns prestam a atenção nos detalhes. E todo bom amplificador 300B é feito para os detalhes. Se você ainda é capaz de entrar em um bosque e apreciar, sem pressa alguma, as cores, formas, texturas e cheiros, e se comover com esses alimentos para os sentidos e a alma, então você é um sério candidato a se apaixonar por um 300B, pois a magia que ele expressa é de nos apresentar aquela inflexão vocal que muda completamente nosso entendimento daquela passagem, ou o trinado do arco no violino em um longo pianíssimo, que nos leva a prender a respiração tamanho o controle do músico sobre o instrumento, ou apenas perceber o silêncio que, de tão perfeito, nos prepara para o próximo compasso.

Os excelentes 300B possuem uma luz própria - e não falo de cores, falo de formas e texturas. E o Air Tight vai além ao exprimir um caráter sônico intenso e emotivo. A música ganha contornos únicos, em que a transparência é excelente, mas são as texturas que prevalecem sempre, proporcionando ao ouvinte uma infinita paleta de cores.

Se fizesse uma analogia com as estações do ano, este 300B da Air Tight seria a mais bela representação da luz de outono, naquele azul intenso que só enaltece a paisagem à sua volta. Em uma luz que ao mesmo tempo que é intensa, possui uma suavidade e um calor na medida certa. Este equilíbrio tão raro e tão desejado por muitos, é perfeito nos melhores 300B, e este Air Tight faz parte desta seleta legião.

Engana-se aqueles que, preconceituosamente, acham que amplificadores valvulados de baixa potência jogam suas fichas todas em uma região média molhada e sedosa. Erro grosseiro, diria meu pai! Este 300B possui agudos maravilhosos, limpos e com excelente corpo, extensão e decaimento. E na outra ponta, seus graves também são encorpados, corretos e precisos.

Seu palco, em termos de profundidade e largura, se mostrou excelente, e o silêncio entre as notas possibilitou um foco e recorte milimétricos.

A apresentação de texturas é dos deuses! Diferente de tudo que já escutamos, você ficará horas apreciando a qualidade de cada instrumento de diversos quartetos de cordas (mesmo que seja o mesmo quarteto em diversas gravações ou obras), e descobrindo como soam em diferentes salas de gravação, com diferentes microfones.

Passará a ficar mais atento à qualidade dos instrumentos e à técnica dos músicos.

Passei duas semanas só ouvindo quartetos, quintetos, e obras para violino e orquestra, com diversos solistas e diferentes orquestras. A assinatura sônica deste 300B amplia as texturas como uma potente lente de aumento, possibilitando audições inebriantes.

Diria que este Air Tight vai te conquistando aos poucos - é preciso paciência para o conhecer na intimidade, nada está explícito ou exposto de uma forma grosseira. Mas, depois de estabelecida a sedução, difícil mesmo será abandoná-la!

Os transientes, ainda que totalmente corretos, não impõe aquela precisão de desfile militar dos exércitos asiáticos, preferindo mais o andamento de uma coreografia clássica de uma obra como o Quebra Nozes: correta, precisa, mas com delicadeza e sensibilidade.

Os 300B não foram feitos para ouvir rock, diria um amigo meu baterista. Tenho que concordar com ele, mas um blues bem tocado soará belamente.

A dinâmica dependerá obviamente da sensibilidade da caixa ligada a ele. Uma DeVore soou muito mais correta nas passagens de

macrodinâmica que a Kharma. Aqui, quanto maior a sensibilidade da caixa, melhor será o resultado na resposta de macro-dinâmica. Já a microdinâmica é excelente!

O corpo harmônico foi uma grande surpresa, pois eu não esperava um resultado tão bom! Corpos com os tamanhos bem corretos e bem proporcionais ao real (música ao vivo acústica, sem microfonação).

A organicidade também é muito boa, mas diria que muito mais intimista do que realista. Nada daquela materialização física à nossa frente, mas sim uma apresentação mais despojada e que nos prende pela musicalidade e não pelo realismo físico. Sua musicalidade, junto com as texturas, são o ponto mais alto deste 300B. É o tipo de apresentação para quem quer ouvir seus discos por uma outra perspectiva, livre de detalhes que nos desconcentram e atentos ao essencial.

Um amigo, também músico e amante de 300B, sempre me lembra que quando ele senta para ouvir seu sistema ele não quer se sentir no meio da orquestra (isto ele já faz todo santo dia, afinal é seu trabalho), ele quer ouvir a ideia e a execução musical, compartilhar a genialidade do compositor, do arranjador e dos músicos. Quer apenas estar ali ouvindo o que gosta sem se preocupar se poderia ser melhor a macrodinâmica daquela passagem ou se o triângulo poderia ter mais corpo e extensão! Sua viagem musical é para o âmago da concepção e não para o resultado na superfície.

Dizem que os audiófilos são todos loucos, pois pagam um preço alto para 'experimentar' em seus sistemas sensações para lá de subjetivas. Visto de fora, certamente esta é a conclusão mais óbvia. Mas, quando o audiófilo na sua essência é um melômano, toda esta busca torna-se muito mais objetiva. Separo muito bem o puro audiófilo do audiófilo/melômano. O audiófilo é apaixonado por equipamentos. Ainda que utilize a música para dar um rumo à sua busca, o equipamento está acima de sua paixão pela música. Este jamais terá algum interesse por um 300B.

O audiófilo/melômano está na contramão deste objetivo. Ele reconhece que um bom sistema pode proporcionar a ele ouvir seus discos de uma maneira que o leve à mais profunda imersão e concentração! Para este, um 300B é uma possibilidade que está dentro do seu campo de interesses.

Por isso que o segmento audiófilo abriga tantas tribos distintas e tão ecléticas! Na Ásia, o 300B é uma febre que já dura 50 anos! E essa 'febre' parece que anda a se espalhar por todos os continentes! E chega ao Brasil de maneira tímida, mas com uma legião de fãs dispostos a fazer com que os amplificadores 300B venham para ficar.

Claro que, se houver uma maior variedade de caixas de alta sensibilidade para atender esta demanda, o mercado será ainda maior.

É dar tempo, para ver o que acontece.

ÁUDIO

CONCLUSÃO

O ATM-300 Anniversary da Air Tight é um belo amplificador. Sua construção é impecável, e faz jus a comemoração de 30 anos deste fabricante japonês, que desde sua fundação nos brinda com produtos de nível superlativo.

Para quem sempre desejou possuir um 300B, mas temia pela procedência ou confiabilidade, eis uma opção que alia competência e performance como muitos poucos podem oferecer. Ligado a uma caixa de sensibilidade acima de 92dB, pode proporcionar audições inesquecíveis!

Se é isto que você tanto deseja, não perca tempo e procure fazer uma audição!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=NOZ943YMH6G](https://www.youtube.com/watch?v=NOZ943YMH6G)

AVMAG #252
 Alpha Áudio e Vídeo
 (11) 3255.2849
 R\$ 68.900

NOTA: 83,5



ESTADO DA ARTE

AMPLIFICADOR CAMBRIDGE AUDIO EDGE W

Fernando Andrette

A Cambridge Audio foi fundada pelo professor Gordon Edge em 1968. Seu primeiro produto foi o amplificador integrado P40, e seu grande diferencial em relação a concorrência foi o uso de um transformador toroidal que possibilitou ao P40 um som muito mais limpo e com menor distorção que qualquer produto concorrente. O sucesso veio imediatamente!

Gordon era um visionário que não se deixava iludir com o sucesso, e sempre buscou formas de atrair seu público-alvo. E teve a brilhante ideia de realizar, todas as sextas-feiras no final do expediente, shows com música ao vivo para mostrar como uma apresentação 'real' soa, e como a Cambridge buscava 'captar' parte desta magia em seus produtos.

Essas apresentações se tornaram históricas e eram disputadas por uma legião de admiradores e jornalistas.

O professor Edge também defendia a filosofia de que seus produtos deveriam atingir o maior número possível de consumidores, e esta visão norteou o desenvolvimento de uma série de produtos bons e baratos.

Para comemorar os 50 anos da Cambridge Audio, e homenagear seu fundador, foi colocado o seguinte desafio para os engenheiros da empresa: desenvolver uma linha comemorativa à altura do feito do professor Edge, sem restrições de preço e com os melhores componentes existentes para cada parte do caminho do sinal. E assim nasceu a série Edge, composta do amplificador de potência, um pré amplificador com streamer e um integrado. Os engenheiros designados

para o projeto definiram que o essencial era fazer com que o sinal percorresse o menor caminho possível (no power, da entrada do sinal até a entrega para as caixas, são apenas 14 etapas).

Recebemos em conjunto o power e o pré amplificador, mas assim que vimos o nível de ambos equipamentos, resolvemos desmembrar o teste, apresentando primeiro o power e, mais tarde, o pré amplificador.

O power Edge W foi construído em um belíssimo chassi de tom acinzentado, com cantos arredondados e dissipadores de calor inseridos nos lados. No painel frontal, apenas o botão de acionamento do power com um led discreto. No painel traseiro, conexões RCA e XLR, saída de looping para a ligação de outros powers Edge W em ponte, tomada IEC, chave de mudança de voltagem e terminais de caixa de excelente qualidade.

Pesando 24 kg, o audiófilo imediatamente perceberá que o Edge W foi projetado sob cuidados rigorosos. Este peso incomum para produtos deste fabricante é devido aos dois transformadores toroidais de potência. Os engenheiros definiram que seria importante o uso de um transformador para cada canal, para que o Edge W fosse absolutamente silencioso. Eles descobriram uma maneira dos transformadores não gerarem ruído colocando-os em pé e alinhados milimetricamente, para os campos magnéticos que geram ruído se anularem mutuamente.

Na parte de amplificação, o Edge W debita 100 Watts em 8 ohms e 200 Watts em 4 ohms. A topologia é a mesma utilizada também na série Azur, a classe XA. Patenteada pela marca, esta topologia XA ►



roda em classe A quando as demandas musicais do amplificador são baixas e, segundo o fabricante, a passagem para classe B quando a demanda aumenta é feita de forma mais linear e sem distorção audível dos classe AB existentes.

O fabricante fala em 200 a 300 horas de queima, antes de você ter uma ideia exata da performance deste power. Precisamos de quase 400 horas para poder iniciar nossas avaliações e, depois de totalmente amaciado, acabamos optando por trabalhar com ele em 220 V (pois ele se tornou mais silencioso e ganhamos um pouco mais de calor e corpo na região média-alta).

Para o teste, além do pré Edge, também utilizamos o pré Dan D'Agostino Reference, e as seguintes fontes digitais: dCS Scarlatti, dCS Vivaldi (DAC e clock) e MSB Select (DAC e fonte). Fonte analógica: toca-discos Basis Debut IV, braço SME Series V, cápsula Transfiguration Protheus e pré de phono Boulder 508. Caixas: DeVore O/96, Dynaudio Evoke 50, Wilson Audio Yvete e Kharmas Exquisite Midi. Cabos de interconexão: Nordost Tyr 2 (RCA), Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR), Sax Soul Ágata 2 (XLR) e Transparent Opus G5 (XLR). Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2 e Reference Mk2 da Sunrise Lab.

Ao desembalar o Edge W de uma caixa bem inteligente (sempre com a ajuda de alguém, pois com a embalagem são mais de 38 kg) nos deparamos com o produto armazenado em uma caixa de tecido de feltro com zíper. É impossível não perdermos alguns minutos olhando aquele gabinete impecável com desenhos e formas suaves, que mostram o esmero e a dedicação no desenvolvimento do produto.

Devidamente instalado, fizemos uma primeira audição de quase 6 horas para escrever as primeiras impressões e lá foi o Edge W para a primeira parte de amaciamento de 100 horas. O primeiro contato com o Edge W poderá ser frustrante, pois sua beleza cria uma enorme expectativa em relação à sua performance. Mas o power soou frio e sem alma! Como se tivesse vindo da Sibéria e estivesse ainda em estado de hibernação! Enfatizo esta avaliação pois para muitos a primeira impressão é a que fica, o que é um erro grotesco, se tratando de equipamento de áudio hi-end. Pois à medida que a queima vai sendo completada, os equipamentos mudam da água para o vinho (os corretos e bons obviamente).

Com 100 horas, nova rodada de avaliação, com os mesmos discos, mesmo setup, mesmo volume. Pouca coisa mudou - ganhamos mais extensão nos graves, mas o som ainda era frio e sem magia alguma. Como a Evoke 50 já havia terminado seu período de amaciamento, ►

ÁUDIO

inverte a ordem. Voltei o power para a queima e comecei os testes da caixa Dynaudio.

Com 200 horas, finalmente o Edge W pareceu querer acordar de sua longa hibernação. Os agudos ganharam extensão, a região média ganhou corpo e características de sua assinatura sônica como silêncio de fundo e capacidade de apresentar uma micro-dinâmica detalhada e refinada, apareceram!

Faltava, no entanto, o médio-grave ganhar peso e corpo, e os graves maior poder de articulação e energia.

Resolvi então radicalizar e deixar em queima o power Edge W por mais 100 horas, já que a Evoke 50 estava se saindo cada vez melhor em sua avaliação. Quando já estávamos nos finais da Evoke 50 e o Edge W já com 308 horas de queima, resolvemos ligar o conjunto e ver como funcionavam em conjunto (Edge pré e power, com cabos Ágata e Quintessence, com cabos de caixa Nordost Tyr 2 e fonte digital dCS Scarlatti). E finalmente o Edge W deu o ar da graça, com os graves bem recortados e focados, com excelente extensão. Mostrando todas as qualidades da caixa Evoke 50.

Porém, aquele corpo tão desejado no médio-grave ainda era tímido, fazendo com que gravações com um equilíbrio tonal puxando para o médio-alto ficassem muito frontalizadas e cansativas em volumes próximo ao ideal da gravação.

Aí tomei a atitude drástica: trocar para 220 V o Edge W, e deixar mais 100 horas em queima.

Interessante que, em 220 V, o Edge trabalhou menos quente (depois de 4 a 5 horas de queima) porém seu som nos pareceu muito mais correto (já tive e testei alguns powers que realmente trabalham melhor em 220 V, mais silenciosos e com um som mais natural, então já estou acostumado com esses 'rompantes sonoros').

Com 408 horas, a primeira coisa que fiz foi ouvir as mesmas 6 faixas que havia escutado no pré Edge e caixas Evoke 50, com o mesmo cabearamento e nas duas voltagens (110 V e 220 V) e batemos o martelo que, em nossa sala, o Edge W se sentiu mais à vontade trabalhando em 220 V. Definida a voltagem, iniciamos o teste do produto.

O Edge W foi um privilegiado em termos de configurações digitais, pois teve a companhia da nata da nata! Como diria o meu amigo Rui: "Um banquete dos deuses"!

Para se conseguir o melhor resultado possível em termos de equilíbrio tonal e corpo, sugiro ao leitor paciência com os seguintes itens: amaciamento, que deverá ser longo e paciente, escolha de voltagem (depois de amaciado completamente), cabo de força, e cabo de caixa. Esses cuidados podem fazer toda a diferença na performance final do Edge W.

Músculo não falta: enganam-se aqueles que acham que 100 Watts serão pouco. Com todas as caixas utilizadas o Edge as conduziu com enorme autoridade e firmeza.

Seu equilíbrio tonal é muito correto, mas se o leitor não acreditar que cabos fazem diferença e não buscar os que sejam mais adequados para ele, as coisas podem desandar.

Com um cabo de força original, as pontas perdem extensão, velocidade e corpo. Falta arejamento, principalmente nas altas, deixando a ambiência sempre em segundo plano, ou em gravações mais limitadas tecnicamente sem respiro nas altas. Os cabos de interconexão também são importantes. O ideal é que sejam muito equilibrados, não tendendo a serem muito transparentes, pois o Edge W não precisa de nenhuma 'ajudinha' no quesito transparência.

Seu silêncio de fundo é impressionante, ombreando com powers Estado da Arte infinitamente mais caros. Sua resolução em micro-dinâmica é espetacular, abrindo um horizonte à nossa frente, sem nenhum obstáculo.

Para os amantes de música clássica, que clamam por audições que possam acompanhar cada detalhe executado pela orquestra, o Edge W será provavelmente a opção mais barata neste quesito dos Estados da Arte de preço intermediário.

Seu soundstage também é bem amplo, tanto em abertura do palco como em profundidade. E sua apresentação de foco e recorte é irrepreensível! Os planos são muito bem delineados entre as caixas e o silêncio em volta dos instrumentos são muito bem apresentados.

Sua velocidade (transientes) também é excelente, permitindo acompanhar cada execução sem nenhum atropelo ou falta de inteligibilidade.

As texturas não possuem aquela riqueza de apresentação da intencionalidade, porém primam pela competência em nos mostrar a qualidade dos instrumentos e a virtuosidade dos músicos (para extrair mais detalhes da textura será preciso um cuidado extremo com os cabos e as fontes).

A macro-dinâmica foi bastante convincente (mesmo nas caixas com sensibilidade de 85 a 86 dB (como a Yvete e a Evoke 50), e com as caixas de sensibilidade acima de 90 dB (DeVore e Kharma) foi uma verdadeira 'pêra doce'. Controle, autoridade, escala do forte para o fortíssimo sem nenhuma sensação de dureza ou clipagem, mesmo nas gravações mais difíceis deste quesito.

O corpo harmônico, como já citei, dependerá do ajuste fino do setup e cabos, porém se você leitor deseja um corpo (principalmente um corpo nos médios-graves e graves mais próximo do real), o Edge W não o irá atender neste quesito. Pois ainda que bastante proporcional aos tamanhos reais do corpo dos instrumentos, o Edge W possui um



corpo mais homogêneo (exemplo: as diferenças de tamanho entre cello e contrabaixo acústico, neste amplificador, são menores que no nosso power de referência o Hegel H30). Mas isto é um problema? Evidente que não. Mas é um preciosismo que equipamentos Estado da Arte podem oferecer.

Mas fica a critério de cada um definir se este quesito é uma prioridade ou não. O que ocorre é que nosso cérebro, quando tem a referência da música ao vivo, se torna mais criterioso nas suas observações na reprodução eletrônica e não irá se satisfazer ou deixar se enganar que aquele acontecimento musical esteja próximo do real! O mesmo ocorre quando temos pouco espaço e optamos por caixas bookshelves: o corpo harmônico sempre será menor. Então tudo é apenas uma questão de escolha e critério.

Organicidade: graças à sua impressionante transparência, gravações com excelente qualidade como o disco Anhele do tenor José Cura, o cantor irá se materializar em sua sala, na sua frente!

CONCLUSÃO

Em uma data tão importante, os engenheiros da Cambridge não só aceitaram o desafio como conseguiram dar vida à uma série que faz jus ao legado de seu fundador.

Aos consumidores dos produtos da Cambridge, que são muitos espalhados em todos os continentes, não deixa de ser uma surpresa uma empresa que sempre objetivou atendê-los com produtos justos e com ótima performance, lançar uma linha que coloca a Cambridge em um patamar acima.

Quem irá se beneficiar são justamente os audiófilos que sempre desejaram um produto Estado da Arte a um preço mais condizente com a nova realidade mundial. Então a Cambridge Audio acertou em cheio, na minha opinião, pois consegue com méritos, cravar um pé no segmento mais disputado do mercado por fabricantes com longa história no áudio hi-end, com uma proposta de custo-performance muito competitiva.

Esperamos que esta estratégia não se limite apenas a uma data comemorativa e outras séries baseadas na linha Edge, que mantenha a Cambridge com um pé fincado neste patamar.

Aliado a um design impecável e uma construção e apresentação digna dos fabricantes suíços de áudio hi-end, a Cambridge Audio prestou uma bela homenagem ao seu fundador.

Se você busca uma solução hi-end Estado da Arte para o seu sistema definitivo, ouça a série Edge - suas qualidades são audíveis! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=TALAV0PRIYY](https://www.youtube.com/watch?v=TALAV0PRIYY)

AVMAG #254
Mediagear
(16) 3621.7699
R\$ 24.316

NOTA: 86,5



ESTADO DA ARTE ►

ÁUDIO

AMPLIFICADOR MONOBLOCO AUDIO RESEARCH 160M

Fernando Andrette



Muitos me julgam um homem que gosta mais de amplificadores de estado sólido do que de tubos incandescentes! E como diria meu pai: “depois que uma imagem gruda, é pior do que chiclete em sola de sapato!”. Não perca tempo em tentar mudar a opinião das pessoas depois que elas já estão cristalizadas, diria uma grande amiga minha. Então não usarei as linhas deste teste tentando convencer o leitor do contrário.

Mas já tive oportunidade de mostrar exatamente o quanto aprecio topologia de tubo, ao expor no último Hi-End Show nosso Sistema de Referência composto de um par de monoblocos ATM-3 da Air Tight. E pude apreciar o ar de espanto e de incredulidade, no rosto de muitos, ao ver o Fernando Andrette utilizando válvulas em seu sistema!

Ainda assim, quando tive que me desfazer dos monoblocos, voltei a ser o homem dos amplificadores de estado sólido! Deixe estar, disse a mim mesmo, pois o grande barato de ser articulista de produtos hi-end é que um dia você está testando um amplificador de 300 Watts e no outro um power single-ended de 8 Watts! E esta dinâmica e oportunidade de escutar tantos projetos tão distintos é que faz desta profissão um deleite sem fim.

Lembro que, quando meus primos mais velhos me perguntavam o que gostaria de fazer quando adulto, eu desde muito cedo já sabia que não desejava nada que fosse feito de rotina. Ia ao banco, supermercado ou escritórios de contabilidade e ficava olhando aquelas

pessoas sentadas, sempre dentro de uma rotina e aquilo me incomodava demais.

Ao crescer, entendi que meu talento estava todo direcionado para a comunicação e que poder trabalhar com algo que tivesse um desafio diário era tudo o que mais se encaixava em minhas aspirações profissionais.

A vida vai se moldando às suas habilidades, e muitas vezes quando você julga ter fechado um ciclo, definitivamente, e lá na frente ele reaparece e se encaixa como uma engrenagem na qual falta uma única peça, e bingo! Você descobre o melhor jeito de mostrar todas as suas habilidades e conhecimento.

O Fabio Storelli da German Áudio, antes de me enviar os aclamadíssimos 160M, me enviou um calhamaço de reviews, prêmios e material técnico do produto. Como todo bom descendente de italiano da gema (para quem o conhece), Storelli é uma figura adorável. De gestual intenso, frases impactantes e adjetivos expressos na medida exata de sua linha de raciocínio. Foi um bombardeio tão intenso que pensei com meus botões: vou receber o melhor power valvulado que ouvi em minha vida!

Mas como sou macaco velho e sei como cada importador atua em defesa de suas marcas, ouvi, agradei e esperei... Foram semanas entre o bombardeio verbal e de material e a entrega pela Jamef das duas imponentes caixas com os famosos monoblocos 160M.

Quando o Storelli pegou a marca, eu o questionei se ele tinha conhecimento dos inúmeros problemas que a Audio Research havia tido no passado no Brasil? Problemas com a nossa rede, que danificavam os transformadores, causando enorme dor de cabeça aos clientes.

Ele não só estava ciente como, para assegurar a marca, teve a garantia do fabricante que os produtos importados legalmente para o Brasil saíam de fábrica, com transformadores dimensionados para a nossa rede.

Velho é pior que São Tomé. E eu por lei agora já sou um idoso, e posso tomar a vacina de gripe, estacionar na vaga de idosos, ter preferência nos caixas dedicados aos mais velhos (alguma vantagem tinha que haver, hehe!). E, antes de testar os 160M, quis testar o integrado Audio Research VSi75, o pré Audio Research Ref 6 e o power estéreo Audio Research Ref75, e utilizá-los em condições extremas (como 16 horas ligados, por dia) e constatar que estavam aptos a variações de voltagem de 119 V a 132 V!

Conseguir este compromisso do fabricante foi realmente um gol de letra do Storelli!

Ainda que as embalagens sejam gigantes, os amplificadores mono são fáceis de manobrar e instalar. Precisam de uma segunda ajuda, mas são instalados sem sofrimentos físicos como: dor nas costas, agravamento de hérnia de disco, etc.

Com a minha mão direita ainda imprestável, lá foi meu filho e o Wilian, nosso funcionário, desembalar e deixar os 160M em condições para eu instalar as válvulas, fazer as ligações e colocá-los para funcionar. Como já havia instalado as KT150 no power estéreo e no integrado, foi pêra doce refazer este mesmo procedimento.

Muitos leitores apaixonados por válvula me perguntaram se as KT150 são tudo isto que o mundo vem escrevendo? Sim, tive a mesma constatação, mas deixo para a própria Audio Research responder a razão de estar, em todos os seus novos projetos, usando as KT150.

“Sonicamente gostamos muito do que essas novas válvulas fazem. São mais dinâmicas, tem uma textura mais refinada, fornecem mais informação, um palco mais correto, melhora significativa na ambiência, e autoridade na condução das caixas acústicas. Duram mais tempo, passando das 2000 horas das antigas KTs para 3000 horas (alguns outros fabricantes como a Octave e Jadis falam em torno de 4000 horas).”

Essas são as observações do fabricante. As minhas vão um pouco mais longe, pois acho que mesmo as EL34 (válvulas que adoro a timbragem e a maneira com que trabalham a dinâmica) não são páreo para as KT150. Trata-se de uma evolução consistente dos tubos há muito tempo sem um upgrade tão significativo!

Alguém no fundo da sala gritou, já com a jugular inchada: “Peraí, e as válvulas da KR?”. Sim, meu amigo, elas também entram no hall

da evolução das válvulas, mas não são comercializadas para o uso de produtos concorrentes. Estou falando de válvulas em produção em massa, para uso de quem queira! As KT150 vieram para revolucionar o mercado e dar uma chacoalhada na mesmice.

Os Reference 160M são bonitos de se ver e apreciar os detalhes. No painel frontal há quatro botões: Power, Meter Light, Tube Monitor e Ultralinear/Triode. Quando você liga o power, um LED verde ficará piscando até que as quatro válvulas estejam todas estabilizadas, e o amplificador esteja pronto para trabalhar.

Mas o que é realmente deslumbrante nos 160M é o painel frontal, com duas placas de acrílico e entre elas o medidor de energia iluminado (VU). Você tem a visão deste VU a metros de distância (é de longe o VU mais original e vistoso de todos que já vi, tive ou testei!). O terceiro botão, quando pressionado, mostra se todas as válvulas estão ajustadas, iluminando um led verde para cada válvula. Assim o usuário pode se certificar sempre se tudo está ok com as quatro KT150.

O segundo botão é para o usuário regular a intensidade de luz do VU, em três níveis de iluminação ou desligado. E o quarto botão alterna entre os modos Ultralinear (150 W por canal) ou Triode (75 W por canal). No Ultralinear o LED é verde e no Triode o LED passa para azul.

Nas costas dos 160M temos, à esquerda, a tomada IEC de 20 Amperes, fusível, uma pequena janela com um relógio que indica o tempo de uso do equipamento (ótimo para você monitorar o tempo de vida das válvulas), pequenas chaves acima desta janela do relógio para determinar a velocidade do ventilador de resfriamento (alta ou baixa - utilizei o tempo todo a baixa e não foi, em nenhuma circunstância, audível, nem na calada da noite. Já em ‘alta’ o ventilador era bem audível nas passagens em pianíssimo).

A outra chave ativa o desligamento automático (após 2 horas sem sinal), e a terceira chave alterna entre XLR ou RCA. Ao centro temos as duas opções de entrada (XLR e RCA) e mais à direita os terminais de caixa para 4, 8 ou 16 ohms. O fabricante indica de 400 a 600 horas de queima, antes de estar à plena performance.

Mas, aviso aos apressados que tiverem o gosto de escolher esses monoblocos para passar o resto de suas vidas escutando música de maneira avassaladora, que com 100 horas eles já lhes proporcionarão muitas e muitas noites acordados!

Para o teste, tivemos um arsenal de bons produtos - esses também em teste. Fontes digitais: dCS Scarlatti, dCS Vivaldi (DAC, Upsampler e Clock) e MSB Select (DAC e Fonte). Cabos digitais: Transparent Reference XL, Crystal Cables Absolute Dream. Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence, Kubala Sosna Elation e Emotion, Transparent Opus G5 e PowerLink MM2. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Quintessence (XLR e RCA), Sax Soul Ágata 2 e Transparent Opus G5. ►

ÁUDIO

Pré-amplificadores: Dan D'Agostino Momentum e Audio Research Ref 6. Caixas Acústicas: Revel Performa3 M105, DeVore Orangutan 0/96, e Kharma Exquisite Midi. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence.

Os Reference 160M são os powers valvulados mais silenciosos que já escutei na vida. Sendo muito mais silenciosos que inúmeros amplificadores top de estado sólido. Esta foi minha primeira anotação, nas primeiras impressões que observei.

Zero, com apenas 5 horas de uso, esta característica já se mostrou tão evidente que, com o passar dos dias, a cada nova subida de patamar, lá estava a constatação do quanto este silêncio de fundo contribuiria para a performance geral dos Reference 160M.

Com 50 horas de uso, outra característica se apresentou: texturas tão realistas e palpáveis que nos levou, com poucas horas ouvindo os melhores exemplos deste quesito, à constatação de ser o amplificador com as texturas mais impressionantes que já escutamos! Passei das 50 horas de queima às 110 horas só ouvindo gravações que pudessem realçar esta beleza na forma e no conteúdo de apresentar texturas. A sensação é um misto do ouvinte atento a poucos metros dos instrumentos e da perspectiva do microfone. Você chega ao requinte de 'ver' a intencionalidade, o cuidado, a técnica e a qualidade do instrumento! Tudo é explicitamente revelado, mas sem luz adicional ou nenhum tipo de coloração adicional. Você literalmente vê o que está a ouvir!

Foram 60 horas inesquecíveis, escutando quartetos de cordas, cello e piano, violino ou viola e cravo, peças só com percussões em que era possível ver a tensão das peles, o movimento ondular das peles após a batida, seus decaimentos, as sutis variações dos arcos em pianísimos nas obras de Paganini ou nos quartetos de Mozart, Beethoven ou de Schuman. Audições inesquecíveis que encheram uma dezena de páginas de meu caderno pessoal de anotações.

Sabe aquela sensação de: 'vivi para ouvir isto!' - pois foram assim as noites em que convivi com os Reference 160M!

Com 150 horas, os monoblocos dão a nítida sensação de estarem acordando nas pontas, com os graves ganhando corpo, consistência e energia. E, no outro extremo, os agudos, também se encorpam, ganham maior extensão e arejamento. Era o sinal que precisava para começar a ouvir obras sinfônicas, como a Sinfonia Fantástica de Berlioz e a Sagração da Primavera de Stravinsky.

Os 160M não se fazem de rogados, vão logo colocando suas fichas na mesa e, como um jogador habilidoso, dando as cartas e mostrando a que vieram.

As três caixas se sentiram confortáveis. Sendo que o casamento entre os monoblocos e a Kharma foi magistral! Elas se dão muito bem com qualquer topologia, mas se mostram inteiramente à vontade com pares que as direcionem com total autoridade.

Foi a deixa para dar mais um passo e escutar órgão de tubo! Que presença, que energia impressionante nas baixas frequências fundamentais em termos de sustentação, inteligibilidade e corpo! UAU! Rendido por tamanho grau de precisão e autoridade, dei-me por satisfeito e comeci a escutar os exemplos de cada quesito de nossa metodologia.

O vídeo que produzimos dará uma pálida ideia do que os 160M são capazes de aprontar - mas, com um bom fone, valerá a pena ouvir. Ele foi feito com 200 horas de amaciamento, a metade do que o fabricante indica. Mas esses monoblocos já tocam tão bem com 200 horas, que brinquei com um amigo meu que dali para a frente é só bônus! Eles irão mudar com as 400 horas de uso, sim, mas as mudanças serão pontuais, como foram no integrado e no estéreo!

O que mais mudará será o soundstage, com um palco mais largo, mais profundo, mais alto, e maior silêncio entre os instrumentos. Eis aí



novamente o mote, das primeiras impressões: seu silêncio de fundo. É tão magistral que a sensação que o ouvinte têm, e que o seu cérebro percebe, é que o som brota daquele silêncio. E com tamanha desenvoltura e naturalidade, que o grau de relaxamento do ouvinte é instantâneo!

Não precisa da música certa ou apropriada. Pode ser qualquer gênero musical (desde que minimamente bem gravado) para (mesmo o audiófilo não experiente) perceber que aquela audição será feita com realismo, naturalidade e conforto auditivo pleno! Espanta, aos menos familiarizados com este tipo de topologia, a velocidade (transientes) dos Reference 160M.

Tempo e ritmo são peculiarmente muito precisos, a ponto de, em algumas passagens, ficarmos na dúvida como ele resolveu tão bem aquela passagem tão complexa (Al di Meola tem inúmeras gravações que nos mostram como é difícil acompanhar certas passagens se os transientes não estiverem corretos e precisos).

A cada quesito avaliado, a pilha de discos ultrapassava e muito o número que costumamos utilizar, pois tínhamos o desejo de descobrir como este power resolveria cada um. Quando chegou a vez da avaliação de dinâmica, já sabíamos que na micro os Reference 160M, graças à seu magistral silêncio de fundo, não teriam a menor dificuldade, passando como trator em todos os nossos exemplos. E na macro-dinâmica, como se comportariam? Pegamos pesado, acredite, e os Reference 160M não tiveram nenhuma dificuldade em resolver nenhuma passagem.

Alguns reviews falam na falta daquele 'folego final' de um corredor de maratona nos 100 metros finais, o sprint - aquela sustentação na última oitava que nos faz pular na cadeira. Concordo que ele não tem este 'pingo' a mais que os melhores powers estado sólido têm.

Em compensação, ele consegue surpreender, fazendo deste obstáculo um trampolim para uma passagem mais harmoniosa e inteligível como, por exemplo, o gran finale da Nona de Beethoven, em que muitas vezes se escuta uma enorme energia final, mas tudo parece ter passado por um moedor de carne.

Do começo ao fim, independente do grau de variação dinâmica, o que esses monoblocos proporcionam é um grau de inteligibilidade absurdo (eis aí, novamente, o resultado de seu silêncio de fundo). E, convenhamos, sustos com macro-dinâmica em reprodução eletrônica é como piada: funciona bem só na primeira vez! Depois que já conhecemos, o que mais será desejado é que a obra que ouvimos possa ser acompanhada detalhadamente da capo ao fim.

Meu pai dizia: "deixe a pirotecnia seduzir aos jovens audiófilos, e aos experientes o refinamento e a musicalidade"! Os Reference 160M atendem ao segundo grupo e não ao primeiro. Mas, sempre haverá tempo e razão para mostrar que os equipamentos que sobrevivem na

audiófila e fazem história são aqueles que não desejam reinventar a roda e sim aprimorá-la.

CONCLUSÃO

Engana-se o que achar que os Reference 160M ganharam tantos prêmios pelo conjunto da marca, por estarem há meio século no mercado. Os 160M estão inaugurando uma nova etapa deste conceituado fabricante de áudio.

Não deitou louros, pelo contrário: utilizou de toda a sua expertise e história para avançar e apresentar um amplificador de características surpreendentes e que mantém o que melhor a topologia de válvulas oferece há anos, e apresenta evoluções onde a válvula tinha maior dificuldade de ser aprimorada. Conseguir este equilíbrio tão buscado e desejado é um mérito que entrará para a galeria de feitos deste fabricante.

Se você sempre desejou ter um amplificador valvulado por todos os seus atributos sônicos, porém sempre teve algum tipo de restrição, esqueça meu amigo. Pois os Reference 160M vieram para mudar esta regra definitivamente.

Um power com todos os atributos desejáveis por todas as qualidades desejáveis! Se você pode ir para um power neste patamar de refinamento, não perca seu tempo procurando em outras paragens!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BCFC7IYLE94](https://www.youtube.com/watch?v=BCFC7IYLE94)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=D52CVZTKYAY](https://www.youtube.com/watch?v=D52CVZTKYAY)

AVMAG #251
German Audio
contato@germanaudio.com.br
R\$ 198.000

NOTA: 102,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

NAGRA CLASSIC AMP ESTÉREO/MONO

Fernando Andrette



O teste com o Nagra Classic AMP foi feito em duas etapas: primeiro em modo estéreo e, posteriormente, em modo mono. Então, na conclusão final, haverá duas pontuações separadas, para que o leitor possa ter uma ideia exata de nossas observações em ambas as situações de uso.

Muitos leitores que assistiram os últimos vídeos da caixa Wilson Sasha DAW e do pré da Nagra HD, perceberam que ambos já haviam sido feitos com o power Nagra Classic AMP em modo mono, levando à um número grande de dúvidas - por isto, esta abertura do teste com as devidas explicações.

A série Classic, ao contrário do que muitos que acompanham a marca deduziram, não é anterior a linha HD (os amplificadores top de linha deste fabricante suíço), e sim derivada da HD. Com o conhecimento e a performance atingidos com os power HD (este sim apenas em versão mono), os engenheiros da Nagra perceberam que poderiam aplicar toda esta nova topologia em um modelo mais acessível ao mercado.

Como escrevi no teste do pré HD, a Nagra goza de enorme reputação no mundo do áudio, desde sua fundação em 1951 com seu primeiro gravador de rolo portátil para gravações de áudio externas. É, ainda hoje, uma referência em captação de áudio em ambientes abertos e são usados tanto pela indústria cinematográfica como por inúmeros ornitólogos (estudiosos de pássaros).

Minha paixão pela marca remonta aos anos 70, quando trabalhei como sonoplasta em uma peça de teatro e o diretor possuía um Nagra que levava à tiracolo para todos os lugares. Ele usava para gravar os ensaios da peça, e depois mostrar aos atores a entonação que ele desejava do personagem. Ficava eu ali sentado escutando as falas reproduzidas e impressionado com a fidelidade e a qualidade de captação, mesmo com os atores no palco e ele sentado na plateia. Impressionante a robustez mecânica e a precisão dos comandos de um gravador de rolo fabricado em 1964 e que não tinha jamais visto qualquer tipo de manutenção!

Em 1996, a Nagra desenvolveu seu primeiro produto de áudio hi-end, aplicando a expertise do áudio profissional em soluções inovadoras para este novo nicho de mercado. Ainda hoje suas oficinas de fabricação de áudio profissional e do hi-end são compartilhadas por ambas as equipes de desenvolvimento, com o objetivo de garantir uma abordagem única na busca de soluções para a marca de forma integral.

A filosofia da Nagra continua a mesma desde sua fundação: projetos voltados para a preservação da integridade total do sinal. Os seus engenheiros buscam soluções que possibilitem manter o sinal, depois de trabalhado, o mais próximo da fonte original. Para atingir esta meta, a Nagra trabalha obviamente com as soluções racionais e comprovadamente eficientes, mas incentiva seu grupo de projetistas a 'pensar fora da caixa', com projetos inovadores e muitas vezes sem nenhuma relação aparente com o projeto em desenvolvimento.

Como brotam dessas ideias muitas soluções em que os fornecedores não conseguem participar, estes componentes acabam por serem desenvolvidos dentro da própria empresa. Este exercício levou a Nagra à uma expertise de mecânica e eletrônica de alta precisão, e acabamento de todos os componentes fabricados por eles, que lhes rendeu, junto ao seu público cativo, um grau de confiabilidade e robustez que pouquíssimas empresas no mercado hi-end alcançaram!

Certamente todo este esforço explica a grande fidelização e admiração que muitos possuem pela marca. Em 2012, a divisão Nagra Audio tornou-se uma empresa independente. Os filhos e filhas de Stefan Kudelski, fundador da Nagra, é que administram a empresa, sendo o CEO Pascal Mauroux (genro de Kudelski), e Marguerite Kudelski a vice-presidente.

O amplificador Nagra Classic AMP foi projetado para trabalhar com a grande maioria das caixas acústicas existentes no mercado (seja em estéreo ou mono). Ele oferece 100 Watts RMS por canal em 8 Ohms e, quando usado em ponte, 200 Watts RMS em 8 Ohms mono (a Nagra não utiliza bridge quando trabalhando em mono, e sim em paralelo, portanto a potência não dobra em 4 Ohms como os projetos em bridge). Esta potência foi considerada pelos engenheiros da Nagra como perfeitamente adequada para atender a esmagadora maioria das caixas hi-end atuais (mais adiante explorarei este assunto).

Os engenheiros da Nagra levam muito à sério a questão do 'menos é mais'. Para eles, evitar qualquer complexidade desnecessária em seus circuitos de amplificação será sempre o primeiro passo no desenvolvimento de um novo projeto, se você objetiva a máxima transparência e fidelidade. Pois, na eletrônica, se você quiser mais potência terá que trabalhar com vários transistores, que fatalmente criam dificuldades em termos de estabilidade, fornecimento de energia, casamento entre os pares de transistores, emissão de calor e envelhecimento prematuro, etc.

Para os engenheiros envolvidos no projeto do power HD e do Classic, a abordagem central tinha que focar na questão das curvas de impedância, muitas vezes irregulares das caixas acústicas. Pois os amplificadores sofrem com essas variações abruptas de impedância, afetando a estabilidade dos circuitos. Para garantir uma condução do sinal inabalável, sob todas as circunstâncias, a fonte de alimentação deve poder reagir instantaneamente a um aumento da demanda de corrente e ainda assim manter os níveis de tensão estáveis.

A solução novamente foi encontrada 'em casa', com o desenvolvimento de uma fonte de alimentação que incorpora um sistema ativo de correção, batizado de PFC - Power Factor Correction.

Para muitos, ao olharem o Nagra Classic AMP, sempre virá à mente o MSA (lançado em 2009). No entanto, o Classic é muito mais que uma evolução do antigo modelo. Pois tem aproximadamente o dobro de potência do MSA, para justamente permitir uma fonte de alimentação maior, três vezes mais condensadores de filtragem e maior dissipação de calor.

E em relação a especificações técnicas o Classic possui: 400 VA fornecimento de energia (em vez de 200 VA do MSA), 141.000 uF de capacitores de desacoplamento (84.000 uF no MSA), maior extensão de trabalho em classe A (quase 50% a mais que o MSA).

NO CORAÇÃO DO CLASSIC AMP

O Classic AMP incluiu em sua montagem muito do que foi desenvolvido para o HD AMP. Uma placa-mãe na parte inferior do amplificador, para maior dissipação do calor, circuitos secundários de entrada, controle, filtragem de energia e correção do fator de potência PFC (uma placa por canal), número de conexões com fio reduzidos ao mínimo restrito, e os transistores da fonte, para serem precisamente refrigerados, são montados de cabeça para baixo nesta placa-mãe. O transformador principal é fixado acima da placa mãe em uma segunda placa de sustentação, mais grossa, e isolada para não haver nenhum um tipo de vibração.

O Classic AMP possui uma fonte de alimentação em duas etapas: uma tradicional com um transformador, diodos de retificação e condensadores de filtragem, seguido por um PFC - Power Factor Corrector (uma fonte de alimentação/comutação). Assim, a corrente elétrica é sempre mantida em tensão de fase, em uma curva sinusoidal perfeita (segundo o fabricante), sem picos de interferência. Do ponto de vista da rede, este tipo de fonte de alimentação é visto como uma resistência pura, mantendo a limpeza da corrente mesmo em situações extremas.

O Power Factor Corrector é construído de forma a não comutar fontes de alimentação. Ele é alimentado por um transformador toroidal de 400 VA que reduz o nível de tensão para se adequar ao estágio de potência (+/- 47V) e do qual todas as outras tensões são derivadas. ►

ÁUDIO

Este transformador funciona na frequência da rede elétrica, evitando gerar qualquer ruído residual.

A seção de filtragem também gerou inúmeros testes de audição em que toda a equipe envolvida no projeto participou (leia no teste do pré da Nagra HD a formação dos principais projetistas e sua relação com a música ao vivo). No final foram escolhidos capacitores de polipropileno. O circuito de entrada permite que a sensibilidade de tensão de entrada seja ajustada a 1 ou 2 V, e determine o modo em que a unidade funcionará (estéreo, paralelo ou duplo mono - em caso de bi-amplificação). Este circuito também inclui um mecanismo de detecção, encarregado de ligar a unidade assim que um sinal atinge os terminais de entrada e, para desarmar o modo, após espera de 15 minutos sem sinal. Este mecanismo atua assim que o modo automático é ativado através do seletor no painel frontal. No modo de espera, o consumo é reduzido para menos de 2 Watts.

A seção de amplificação ocupa praticamente o centro todo do gabinete, e utiliza um par de transistores tipo Mosfet montados um por canal. O Classic AMP está equipado com todas as salvaguardas necessárias para protegê-lo contra os principais problemas - utilizando um banco de sensores e circuitos de vigilância, irá detectar se está ocorrendo sobre-aquecimento ou sobrecarga no estágio de saída. Assim que uma anomalia é detectada, o circuito de controle desativa todas as entradas, desencadeando uma sequência que desliga os circuitos de energia.

Para total segurança, o Nagra também utiliza um circuito que garante que os relés só comecem a ser acionados alguns segundos depois da unidade ter sido ligada, para evitar que o ruído de comutação atinja os alto-falantes.

O circuito de controle encontra-se logo atrás do painel frontal, utiliza um microprocessador para lidar com todas as funções do power como: iniciar, parar, automático, silenciar e o sinal do modulômetro (o nome utilizado pela Nagra para o seu VU).

O gabinete do Nagra é feito totalmente de alumínio anodizado finalmente escovado, dentro do rigoroso padrão da marca. O dissipador, não aparente externamente, é uma complexa placa de alumínio extraída de um bloco moído de alumínio maciço de 10 kg que fica, no final do processo, com 6 kg. Sua construção desempenha um papel fundamental na estabilização dos estágios de amplificação: ao atuar como um espaço de armazenamento de energia para que os transistores possam liberar sua capacidade de pico sem temer um aumento repentino de temperatura.

O painel frontal utiliza uma placa de alumínio de 11 mm de espessura, também usinada a partir de um bloco sólido, enquanto os lados e o painel traseiro são feitos de folhas dobradas.

No painel frontal temos, da esquerda para a direita: o modulômetro que apresenta os níveis de saída de potência do amplificador e um interruptor de alternância da intensidade de iluminação do VU. Depois temos um pequeno led bicolor laranja ou vermelho que atua como 'sentinela' se os estágios de energia atingirem saturação. E, na outra ponta: do lado direito temos o seletor rotativo para ligar e desligar, ativar modos manual ou automático, e mute.

No painel traseiro temos, da direita para esquerda: tomada IEC, caixa de suporte de fusível, terminais de caixas da Cardas (versão Rhodium) e duplos terminais de caixa tipo banana, também para serem usados para acomodar o jumper de ponte paralela para uso em mono. Na seção input estão disponíveis conectores XLR e RCA, ajuste por chave de sensibilidade de 1 ou 2 V RMS, e chaves para seleção de modo estéreo, normal, ponte ou bi-amplificação (mono duplo). A seção remota permite, no modo automático, que os amplificadores estejam interligados a um sistema de automação (cabo jack de 3,5 mm).

O Classic AMP trabalha em classe AB, com passagem estendida em classe A na maior parte do tempo (no entanto a Nagra não especifica até que potência o amplificador opera em pura classe A).

O Classic AMP é muito menor do que as fotos podem mostrar. Seu tamanho é de 17,4 cm de altura, 27,7 cm de largura e 39,5 cm de profundidade, e seu peso é de apenas 18 kg. Mas não se iluda, meu amigo, pois debaixo deste 'pequeno capô' tem uma energia e uma beleza descomunal! Diria que a Nagra é uma das empresas deste mercado que mais levaram adiante a questão do "menos é mais".

Basta olhar cuidadosamente as fotos internas deste amplificador, para até um leigo observar como a sua construção é limpa, simplificada e sem excesso de componentes. Perto do nosso amplificador de referência, o Hegel H30, o Classic AMP não deve ter um décimo dos componentes utilizados pelo fabricante norueguês. Estão, literalmente, em posições diametralmente opostas de como chegar lá em termos de alta-fidelidade.

Por isso o hi-end é tão eclético, pois as diversas correntes, ainda que se 'cruzem', são muito distintas, como água e óleo. Capazes de ocupar o mesmo espaço, porém sem nunca se misturarem. Sempre adorei esta diversidade, desde muito jovem, quando passei a conviver com os sistemas dos clientes do meu pai, que soavam de forma tão diferente com as mesmas músicas.

Às vezes o que mudava era um único componente, como a caixa, ou a cápsula do toca-discos, ou o amplificador, mas a reprodução era tão diferente que me fazia questionar se não existiriam 'versões' da mesma música. São memórias dos meus 8 a 10 anos de idade, mas que ainda hoje voltam à tona quando tenho à minha frente, para uma comparação, dois produtos Estado da Arte que seguiram por caminhos distintos, para alcançar o mesmo objetivo (a maior fidelidade possível).



Recebemos o Classic AMP juntamente com o Nagra Pré HD, mas como o pré tínhamos um prazo de apenas 3 semanas antes de ser entregue ao seu dono, tratamos de amaciá-lo e, depois das 100 horas iniciais, ligamos ele diretamente em nosso Sistema de Referência - enquanto o Classic AMP iniciava seu amaciamento. Dois dias depois, chegou o segundo Classic AMP, aí deixamos ambos amaciando e passamos a ouvir o Pré HD exclusivamente ligado no Hegel H30.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Prés: Nagra HD e Dan D'Agostino Momentum. Fonte digital: dCS Scarlatti. Fonte Analógica: pré de phono Boulder 500, toca-discos Acoustic Signature Storm MkII com cápsula Soundsmith Hyperion 2. Caixas Acústicas: Wilson Audio Yvette e Sasha DAW, Boenicke W8 e Rockport Avior II. Cabos de interconexão: Dynamique Audio Halo 2 RCA e XLR, e Dynamique Apex XLR, Sunrise Lab Quintessence (XLR) e Sax Soul Ágata 2 (XLR). Cabos de caixa: Dynamique Halo 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de força: Sunrise Quintessence, Transparent PowerLink MM2 e Dynamique Halo 2.

Só conseguimos utilizar os Classic AMP na última semana de teste do Pré HD da Nagra (quando ambos já estavam com aproximadamente 280 horas de queima). Primeiro o escutamos em estéreo, substituindo o nosso power H30. Foi possível observar, em modo estéreo, um maior refinamento no invólucro harmônico, maior silêncio entre as notas, um arejamento muito maior e mais realista na apresentação de ambiências. Melhor recorte, foco e planos, mas sobretudo um Equilíbrio Tonal mais natural e verossímil.

O que o Nagra Classic AMP em estéreo perdeu para o H30 foi em relação ao deslocamento de ar e a energia na macrodinâmica mais complexa. Ainda assim, nos chamou muito a atenção o fato de que

apenas com 100 watts por canal, jamais conseguimos acender o LED laranja que indica que o amplificador está chegando no seu ponto de saturação de potência (isto com ambas as caixas da Wilson Audio e com a Rockport). Nos outros quesitos, como corpo, textura, transientes, organicidade e musicalidade, o Classic AMP se mostrou superior ao Hegel H30, não com enorme vantagem, mas tudo mais organizado e com melhor conforto auditivo.

Como sabíamos que corríamos contra o tempo, e precisava fazer todas as anotações possíveis e responder todas as dúvidas, colocamos o segundo power para ouvi-los em mono e ver o que ocorreria.

Foi um salto quântico!

Pois aquela energia a mais, que era a única coisa que faltava ao modo em estéreo, veio com tamanha volúpia e autoridade e folga que nos deixou perplexo! Ampliando ainda mais a distância para o nosso power de referência.

Interessante poder observar tão precisamente o quanto um amplificador parece estar sempre 'em alerta' para não ser pego de surpresa, enquanto o outro mantém-se sempre atento, mas 'relaxado', apenas esperando para ser exigido. Este foi o caso do Hegel e os Nagra em modo mono. A sensação é que o Hegel, como um excelente cão de guarda, não relaxa nunca, estando sempre pronto para responder a uma 'surpresa'. Já o Nagra se comporta de forma totalmente oposta, fazendo o serviço com tamanha folga e precisão, que você chega a duvidar que ele reproduziu aquela complexa variação dinâmica com o mesmo desempenho que o Hegel. Esta dúvida, no entanto, só dura alguns preciosos segundos, pois seu cérebro te informa que, além de ter conseguido uma inteligibilidade muito maior, seu esforço para acompanhar foi zero.

ÁUDIO

E quando você descobre que consegue ouvir mais, com menor esforço e ainda pode até abusar um bocadinho mais no volume (se a gravação permitir, é claro), meu amigo você está em sério apuro. Pois seu padrão de referência e exigência acabou de mudar de patamar.

Pois bem, quem ainda não leu o teste do pré da Nagra o HD, sugiro a leitura, para que possa entender o grau de sinergia entre ambos e como o pré da Nagra foi essencial para podermos fechar a nota do Classic AMP em estéreo e mono. Pois, sem ele, teríamos algumas dificuldades. Pois ao voltar ao nosso pré de referência, as observações tão nítidas como a luz do sol do meio dia, já ficaram um pouco mais 'crepusculares'.

Para os nossos novos leitores é sempre bom lembrar: nos produtos Estado da Arte, 3 pontos para cima, são como subir consistentemente um degrau acima. Agora imagine 10 pontos acima, como foi o caso do pré da Nagra em relação ao nosso pré de referência? São três degraus a mais! Então, certamente, sem a ajuda deste pré nossa tarefa em desvendar todos o potencial deste power Nagra seria muito mais árdua.

VOLTANDO AO NOSSO PRÉ DE REFERÊNCIA

Com os Classic AMP totalmente amaciados (300 horas), voltamos a ouvir primeiro em estéreo, e depois novamente em mono, comparando com o nosso power de referência. As observações feitas com o nosso pré de referência se mantiveram. Maior refinamento e naturalidade em todos os quesitos da Metodologia, exceto na macrodinâmica, em que o Hegel se mostrou mais convincente em termos de energia (não de inteligibilidade e conforto auditivo).

E quando ligado em modo mono, as diferenças também deram um salto em relação ao estéreo e ao Hegel H30.

O equilíbrio tonal é exuberante, de ponta a ponta. Imediatamente você faz uma associação com o que se escuta ao vivo, a três metros de distância.

O que mais me encanta na assinatura sônica dos produtos da Nagra que testamos, é que mesmo em gravações tecnicamente limitadas, o grau de naturalidade ainda está presente.

Escutei propositalmente uma dezena de CDs tipo 'the best of', e no meio daquele excesso de equalização e compressão, ainda é possível notar nuances que em outros sistemas não estão mais presentes. Essas coletâneas, como são extraídas de vários discos, fatalmente estão repletas de gravações muito desniveladas tecnicamente (principalmente se for a coletânea de artistas com uma longa carreira de sucesso), fazendo com que o ouvinte pule muitas das faixas mais inaudíveis. No conjunto Nagra foi possível ouvir todos esses 'caça-níqueis' na íntegra. E no conjunto Classic AMP com Dan D'Agostino, quase todos.

Não existe excesso em nenhuma frequência, nada de pirotecnia ou reforço. Tudo é tão exemplarmente harmonioso, que o ouvinte pode desfrutar com o mesmo prazer audições com o volume bem reduzido, que ainda assim ele escutará tudo com peso, corpo e presença.

Seu soundstage só posso dizer ser o mais próximo do 3D que já escutei. Os planos são precisos, colocando os naipes de uma orquestra enfileirados um após o outro como vemos em um espetáculo ao vivo. É possível escutar os naipes de percussão e os metais como trompa e trombone soando para muito além da parede atrás das caixas. Tudo com enorme arejamento, sem nunca ter a sensação de que os músicos estão amontoados dentro de um elevador.

O foco e recorte são tão corretos, que se materializam como se em cima de cada solista estivessemos iluminando. E não falo de gravações de referência audiófila, falo de gravações normais de selos comerciais como Naxos, London, EMI, etc. Tudo é ampliado, fazendo com que a sua sala de audição, como em um passe de mágica, coloque abaixo as paredes!

As texturas meu amigo, as texturas! O que dizer delas, depois de escutar esses Nagras. Ouvimos as características inatas de cada instrumento em conjunto com todas as intencionalidades, como se estivéssemos ali ao lado do músico, e ele pedindo a nossa opinião sobre a qualidade do seu instrumento e sua sonoridade. Confesso que, nos 23 anos da revista, jamais havia testado uma eletrônica capaz de nos proporcionar este grau de fidelidade na apresentação deste quesito. Pois não soa como válvula e nem tampouco como transistor. Soa como o instrumento real à sua frente.

O mesmo ocorre com a apresentação dos transientes. Sua precisão e domínio de tempo e ritmo nos leva a nos perguntar como é possível termos inúmeras gravações para a avaliação deste quesito (algumas feitas por nós) e ainda assim observar detalhes em termos de precisão e ataque nunca antes notados? "Nos Nagras, a sensação é que os músicos estão em sua melhor performance sempre!" - essa foi a definição de um amigo baterista ao ouvir dois solos que ele sempre traz como sua referência pessoal do instrumento. E tenho que concordar com ele!

Em modo estéreo, a macrodinâmica está, como já disse, um degrau abaixo do modo mono, mas nada que desabone ou comprometa. Pois se o ouvinte ficar atento, verá que ainda que não tenha aquele chute no peito ou coice, como queiram, a forma com que ele trabalha esta variação e a forma com que ele entrega esta passagem é de uma inteligibilidade impressionante! Então é uma questão também de ponderar o que é mais interessante: sentir o 'coice' ou entender o 'coice'?

Cada um tem sua preferência. Eu, na idade que me encontro, prefiro entender o 'coice', pois já passei há muito tempo de qualquer

pirotecnia auditiva. Mas fica aqui a observação para que o leitor entenda de maneira clara esta menor pressão sonora na macrodinâmica do Nagra em estéreo.

Já em mono, você sente o coice e entende o coice. Ou seja, tens em mão o melhor dos dois mundos! Se assim o quiseres é claro! O detalhe é que, na macro, o conforto e a folga auditiva são tão impressionantes que se você se não estiver acostumado com esta nova geração de powers Estado da Arte, que possuem esta qualidade, certamente estranhará um pouco. Mas depois que se acostumar e entender que esta folga é altamente benéfica para audições prolongadas e de zero fadiga auditiva, você também será fã de carteirinha, te garanto.

O corpo harmônico consegue lhe mostrar de maneira fidedigna todo o esforço que o engenheiro de gravação fez na escolha do microfone e no posicionamento deste em relação ao músico. E se o trabalho foi bem feito: você terá o músico com o seu instrumento em sua sala, no tamanho real do instrumento e até a altura certa do instrumentista. Se o cantor estava em pé, sentado em um banquinho, o corpo exato do flautim, do violino, da viola, do cello, do piano, da trompa, etc, etc. Seu cérebro, como criança em uma festa surpresa em que se pode pegar o que quiser na loja de brinquedos, irá ficar exultante. Pois nunca desfrutou de uma audição em que os corpos dos instrumentos fossem tão precisos e reais! O problema é que seu cérebro ficará totalmente viciado nessa mordomia e mimos sonoros, que será doloroso fazer o caminho de volta à realidade.

Então, meu amigo, todo cuidado é pouco ao ouvir estes powers (seja em estéreo ou mono). Junte todos os quesitos até aqui descritos de nossa Metodologia e vá para os últimos dois: Organicidade (materialização física do acontecimento musical) e Musicalidade. Acredito que todos já terão uma 'vaga' ideia do que o Classic AMP é capaz de nos proporcionar nestes dois quesitos, que muitos consideram ser a cereja do bolo! A materialização do acontecimento musical neste Nagra pode se dar de duas formas: os músicos virem à sua sala, ou você ser teletransportado para o local da gravação. Estas duas possibilidades só dependerão da caixa que estiver ligada a ele. Se for a Boenicke W8 (o teste será publicado na edição Melhores do Ano, em janeiro próximo), você será teletransportado. Se sua caixa for uma Wilson ou a Rockport, os músicos virão até sua sala! Tamanho o grau de capacidade que este power tem de materializar o acontecimento musical a nossa frente!

E a musicalidade também só dependerá dos pares em termos de fonte e pré. Queres um som mais quente e sedoso, veja suas melhores opções em termos de fonte e pré. Queres maior transparência, só definir os que possuem esta mesma assinatura. Eles se adaptam perfeitamente a qualquer uma dessas opções, ao gosto do freguês.

CONCLUSÃO

Este não é o amplificador que levará a maior pontuação na história da revista, mas certamente foi o que mais nos impressionou pelo seu desempenho, versatilidade e compatibilidade. Seja em estéreo ou em mono, sua performance está certamente entre os melhores powers de última geração Estado da Arte feitos nesta segunda década do século 21.

E ainda que seja muito caro para os padrões da nossa realidade (com o dólar acima dos 4 reais), ele em modo estéreo atenderá a 90% dos audiófilos que almejam ter um power deste conceituado fabricante suíço.

Para os que possuem como referência a música ao vivo não ampliada, não consigo pensar em muitas outras opções tão excelentes quanto este Nagra. Se é o que você tanto procura para fechar seu ciclo definitivo de upgrades em termos de powers, ouça-o. Não tem como se decepcionar com tamanho grau de performance absoluta (principalmente se houver a possibilidade de uso em mono). ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=USWAQM7--QE](https://www.youtube.com/watch?v=USWAQM7--QE)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OQTWSYDT5IA](https://www.youtube.com/watch?v=OQTWSYDT5IA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=UWD3RBFbulw](https://www.youtube.com/watch?v=UWD3RBFbulw)

NAGRA CLASSIC AMP ESTÉREO

NOTA: 100,0

NAGRA CLASSIC AMP MONO

NOTA: 104,0

AVMAG #258

German Audio
contato@germanaudio.com.br
Estéreo: R\$ 117.000
Monoblocos: R\$ 234.000



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA NEAT MOTIVE SX2

Fernando Andrette



Minha relação com este fabricante inglês de caixas acústicas é antiga. Diria que desde que chegou ao Brasil, no início de 2007, ao ouvir o primeiro modelo enviado para teste, me apaixonei tanto pela filosofia do fabricante em oferecer caixas de pequeno porte com uma 'grande' performance e, principalmente, pela assinatura sônica dos produtos.

Tanto que não titubeei ao ouvir a pequenina coluna Motive 2, apresentá-la em nosso Curso de Percepção Auditiva, ministrado no Hi-End Show no Rio de Janeiro em 2010, em uma sala de mais de 180 m² com quase 100 participantes.

A repercussão foi literalmente apoteótica! Com todos que ouviram comentando como uma coluna com menos de 80 cm de altura, de duas vias, podia ter uma performance tão sedutora e consistente?

Da série Motive, o último exemplar por mim testado foi a Motive 2 SE, na edição 176 em março de 2012. Sete anos se passaram e, eis que agora com novo distribuidor no Brasil, recebemos da German Audio a nova Motive SX2. O tamanho é o mesmo, mas muita coisa mudou nesta nova série. A primeira grande diferença é o tweeter de cúpula invertida de alumínio, substituindo a anterior que era de titânio. O novo tweeter apresenta também um enorme conjunto magnético blindado. O fabricante alega que, além de uma melhor performance em termos de extensão e timbre, este tweeter é também muito mais confiável em termos de durabilidade.

Outra grande mudança está no interior do compacto gabinete, em que foram desenvolvidos novos reforços internos, além das duas unidades de falantes trabalharem em espaços separados. O pórtico bass-reflex continua apontando para o chão, o que permite, em salas diminutas ou com pouco espaço, colocar as SX2 grudadas nas paredes. Seu falante de médios-graves de 5 polegadas é o mesmo da série anterior.

O fabricante disponibiliza a nova Motive SX nos seguintes acabamentos: Nogueira, Carvalho Natural, Carvalho Preto e Branco Acetinado.

Para um leigo que nunca escutou uma caixa Neat Motive, seu tamanho, seu design slim e seu ângulo com os falantes inclinados ligeiramente para o alto, não devem impressionar visualmente. Mas não se engane, meu amigo, pois no momento em que essas pequenas caixas começam a soar, tudo se transforma! Nunca vi ninguém ficar impassível ao ouvir as primeiras notas! Alguns imediatamente se levantam para ter certeza que aquele som vem mesmo de colunas tão diminutas!

Os engenheiros da Neat devem ter excelentes histórias para contar de consumidores desavisados que arregalaram os olhos e abriram um largo sorriso ao ouvirem seus discos de referência reproduzidos em uma Motive.

Eu tenho algumas para contar. E tenho pelo menos seis amigos músicos que possuem como sua referência absoluta as Motive 1 e 2 em casa ou em seu home studio.

Mas o que essas caixas têm de tão encantador? Se aconchegue em sua cadeira, abra um vinho ou uma cerveja estupidamente gelada, que eu já lhes conto.

Antes, como é de praxe, vamos a lista de produtos utilizados no teste. Powers e integrados: Hegel H30, Audio Research VSi75SE e Sunrise Lab V8 MkIV. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Audio Research Ref6. CD-Players: dCS Scarlatti e Luxman D-08. Analógico: pré de phono Gold Note PH-10 e Tom Evans Groove+. Toca-discos Air Tight, cápsula Sumile e braço SME Series V. Cabos de Caixa: Nordost Fyr 2, Sunrise Lab Quintessence e Transparent Audio Reference XL2. Cabos de interconexão: Nordost Fyr 2, Sunrise Lab Quintessence, Sax Soul Ágata e Transparent Opus G5.

A Motive SX2 veio lacrada, e seus 26 kgs (embaladas) foram pêra doce para desembalar, montar o pedestal (tudo feito antes do meu acidente), e posicionar as caixas para uma primeira audição. Como estava acabando a avaliação do integrado da Audio Research VSi75SE, tirei a Persona B da Paradigm e coloquei as Motive SX2 quase na mesma posição em que as Persona B se encontravam.

Já no primeiro disco observei que a abertura das Personas era muito para as Motive. Diminui de três metros entre as caixas para 2,80 m e, depois de amaciada, para 2,70 m (entre o centro de um tweeter até o centro do outro tweeter). Como toda Neat, o usuário terá que ter uma dose de paciência, tanto para achar a melhor posição na sala, como para esperar o tweeter 'desabrochar'. Isso leva de 120 a 180 horas (dependendo do volume e do gênero musical, capaz de excitarem os tweeters para eles acordarem). As primeiras 50 horas são basicamente utilizadas para a região médio-grave ganhar corpo e os graves começarem a sair do engessamento. Ou seja, a sensação de que a caixa só tem médio é real. Mas, não se desespere e nem se precipite em chamar os amigos, pois será uma saraivada de críticas e opiniões maldosas. Tome coragem e atravesse este momento solitariamente, pois lhe garanto que, no final, você ficará extremamente satisfeito com ela.

Em 100 horas o tweeter começa a sair do processo de hibernação: pratos, chimbau, última oitava de instrumentos de sopro, e violino aparecem com tamanha naturalidade que daí em diante a vontade de ouvir música renasce de forma intensa. Vozes à capela e alguns pequenos grupos de blues, com 100 horas já soam divinamente. A partir desta fase, até às 200 horas solicitadas pelo fabricante, será a lapidação final. Seja generoso e paciente, pois o resultado irá garantir uma satisfação por muitos e muitos anos.

O tweeter de titânio não tinha a extensão que o atual possui e nem tão pouco o arejamento e a velocidade. Então é preciso se armar de paciência, paciência e paciência. Com 150 horas você se perguntará como pode um falante de 5 polegadas ser tão imponente e reproduzir baixas frequências com tanta autoridade? Essa é uma pergunta que todos os consumidores de Neat Motive se fazem regularmente. Pois não dá para se acostumar com tantas surpresas boas. Afinal, o que os seus olhos veem não condiz com o que elas soam, assim fica difícil se acostumar (principalmente quando ouvimos novas gravações pela primeira vez nessas pequenas notáveis).

Quem foi paciente até 150 horas pode tranquilamente aguardar as 200 horas, antes de sair contando para todo mundo, certo? Pois bem, se você tem cara-metade, participativa e interessada em seus upgrades, faça um pré-teste. Convide-a para ouvir algumas gravações que ela admira. E fique atento a todas as suas reações! Geralmente as mulheres, por possuírem um ouvido muito sensível aos agudos, sempre se manifestam quando algo não está correto. Se ela, com 150 horas, achar que já está maravilhoso, você pode contar aos amigos, agora se ela apontar ainda algum erro, espere! Ouça sua mulher, pois em matéria de agudos elas são as especialistas!

Com 180 horas os graves estarão soltos, com excelente decaimento, velocidade e corpo (para uma coluna de suas dimensões). A região média estará mais do que amaciada, se apresentando líquida, orgânica e musical a ponto de nos tirar suspiros ao ouvir vozes e instrumentos acústicos. E os agudos faltarão uma unha para atingirem seu ponto ideal de extensão, arejamento, velocidade e decaimento.

Agora você poderá se debruçar no posicionamento da caixa, na escolha do cabeamento e nos discos que você irá utilizar para deixar suas visitas babando! Feitas para serem utilizadas em salas de até 20 m², as Motive SX2 precisam muito mais de arejamento em relação às paredes laterais do que entre elas ou à parede às suas costas. Na nossa sala de home, ficaram 2,30 m entre elas, e 1,20 m da parede às suas costas, com um leve ângulo de 15 graus para o centro do ponto ideal de audição. Nesta posição elas sumiram, deixando-nos as sós com os músicos.

Na nossa sala de testes (que possui 50 m²) tivemos que ser mais criteriosos, e as posicionamos mais próximas ainda da parede às suas costas (1 metro), com a distância entre elas subindo para 2,50 m e o ângulo de audição caindo para 10 graus.

Totalmente amaciada, seu equilíbrio tonal é excelente, com agudos muito corretos, arejados, de decaimento suave, possibilitando o ouvinte perceber o detalhe do detalhe, mesmo em gravações complexas. Região média, como já escrevi, maravilhosa em termos de timbre, calor e naturalidade. E os graves, ainda que limitados pelo tamanho físico da caixa e do falante, com ótimo corpo, velocidade e peso.

ÁUDIO

Elas não se intimidam, mas os usuários terão que ter cuidados para não abusar do volume, para a caixa não bater o cone. O fabricante fala em termos de compatibilidade com amplificadores de 30 a 100 Watts. No nosso caso, o Audio Research com 75 Watts foi o amplificador ideal (casaram como uma luva, tanto em termos de potência como de assinatura sônica).

Seu soundstage irá depender da distância entre as caixas e o ouvinte. Quanto mais perto, menor será a altura de todo o acontecimento musical, mais distante (no mínimo a mesma distância que entre as caixas) terão um palco mais alto. O mesmo ocorrerá com a largura do palco: para um resultado mais satisfatório, o ideal é pelo menos 40 a 50 cm das paredes laterais, para a caixa respirar. Em relação à profundidade, as Neat operam milagres, mesmo a 1 metro de distância da parede às costas, apresentando todos os planos de uma orquestra.

Suas texturas, quando ligadas ao integrado da Audio Research, foram sublimes - não encontro outro adjetivo para descrever a beleza da paleta de cores tanto de todos os instrumentos acústicos como de vozes. Digno de se emocionar ao percebermos o grau de intencionalidade interpretativa dos virtuosos.

Os transientes sempre foram um dos pontos altos de toda caixa Neat. Você não perde nunca o andamento e a precisão rítmica, seja de um andamento simples (4 x 4) ou algo mais complexo (7 x 8).

A microdinâmica é excelente, graças a transparência da região média e a macro, ainda que limitada pela questão física do falante e tamanho da caixa, é muito boa, com excelente escala entre o piano e o forte. E uma menor escala entre o forte e o fortíssimo.

A apresentação do corpo harmônico dos instrumentos é um daqueles mistérios difíceis de explicar, mas que a Motive SX2 tem excelente corpo para o seu tamanho, isso tem! Maior que de caixas bookshelf, porém menor que colunas de maior porte. Mas, convenhamos entre o corpo diminuto de inúmeras books, melhor um corpo mais correto, você não acha?

A materialização física dos músicos (organicidade), nas SX2 é um dos fenômenos mais incríveis, em se tratando de uma caixa tão humilde para o padrão hi-end. Foi emocionante ouvir José Cura materializado à nossa frente! Um som palpável 3D, com requintes de total intimidade entre o ouvinte e o acontecimento musical!

E, por fim, o tão desejado quesito de nossa metodologia: Musicalidade. Todas as Neats que testamos sempre soaram muito musicais, e não é difícil explicar o motivo: excelente equilíbrio tonal, texturas impressionantes, transientes cirúrgicos e uma organicidade quase que física, dão a resposta exata para uma musicalidade tão sedutora e cativante.

CONCLUSÃO

Quanto dos nossos leitores convivem com salas limitadas, porém possuem o desejo de terem uma solução que caiba neste espaço e em seu orçamento e não tenham que recorrer a uma bookshelf?

Nos 23 anos da revista diria que no mínimo metade dos leitores que possuem books desejam migrar para uma coluna de pequeno porte, que lhes permita ouvir suas músicas com maior peso e autoridade. A linha Neat Motive foi pensada para este público e, há mais de uma década atende com propriedade este consumidor.

Em qualquer teste das caixas Motive, em qualquer canto deste planeta, o articulista sempre irá ressaltar que essas caixas oferecem um resultado muito além de seu porte físico. E se você entrar em qualquer fórum internacional de áudio, irá ler testemunhos de usuários plenamente satisfeitos e fiéis à marca. Então, para todos que buscam, antes de decidir um upgrade, pesquisar todas as opções possíveis, diria que não colocar na lista as Neat Motive SX2 como uma excelente solução, será cometer um erro.

A nova linha SX foi um salto grande em relação a linha Motive anterior (diria que até mesmo em relação a Motive 2SE, ainda em linha).

Se você deseja audições com refinamento, emoção e ausência de fadiga auditiva, possui uma sala restritiva em termos de colunas maiores, mas não deseja uma bookshelf, ouça a Motive SX2. Você tem tudo para descobrir que ela pode ser sua caixa definitiva com uma relação custo/performance excelente! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=YH-PMRCXSGA](https://www.youtube.com/watch?v=YH-PMRCXSGA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=G11BZN3168Y](https://www.youtube.com/watch?v=G11BZN3168Y)

AVMAG #249
 German Audio
contato@germanaudio.com.br
 R\$ 13.900

NOTA: 79,5



DIAMANTE REFERÊNCIA



Quantas empresas no mercado hi-end chegam aos 90 anos, com tanta vitalidade e reconhecimento? Em 2014, a Luxman completou 90 anos de vida! Seu maior desafio em um mercado tão competitivo e dinâmico foi manter-se como um dos principais pilares de referência no desenvolvimento de produto com design, tecnologia e performance excepcionais. Para uma data tão significativa, seus engenheiros desenvolveram o pré-amplificador C-900U e o power amplificador M-900U.



C-900U
Control Amplifier

M-900U
Stereo Amplifier



Agende um horário e venha conhecer os produtos Estado da Arte da Luxman, em nosso showroom.

Rua Barão de Itapetininga, 37 - Loja 56 - Centro - São Paulo / SP
www.alphaav.com.br || 3255-9353 / 3255-2849



ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS REVEL PERFORMA3 M105

Fernando Andrette



Ainda que as colunas tenham evoluído muito, e estejam cada vez mais slim e compactas para os ambientes modernos das grandes cidades, ainda assim muitos consumidores, sejam audiófilos ou melômanos, necessitam de soluções ainda mais compactas no tamanho e não na performance.

E os fabricantes conceituados de caixas acústicas estão sempre a jogar um pouco mais para cima a qualidade final das caixas também batizadas de bookshelf.

A Revel, do grupo Harman, ao apresentar no início de 2012 suas books M105, buscou se posicionar no pelotão de frente dos fabricantes que buscam em seus modelos Estado da Arte (como a Revel Ultima Salon 2, testada por nós na Edição 229), inspiração para os seus modelos de entrada. E talvez esta seja a razão da Performa3 M105 ter tantos admiradores espalhados em todos os continentes, e reviews altamente elogiosos!

Meu primeiro contato se deu na AV Group (distribuidor do produto no Brasil), tocando descompromissadamente com uma eletrônica Emotiva de entrada. Enquanto eu aguardava para ser atendido, duas coisas me chamaram a atenção: seu equilíbrio tonal mesmo a volumes de música ambiente e seu acabamento e design. Nada de plástico ou gabinete simples para tornar o produto competitivo.

Atento ao seu peso, seu gabinete curvo, verniz brilhante, que lhe dava um ar de produto extremamente refinado e muito mais caro, lá fui eu fazer o de habitual: bater com o nó dos dedos no gabinete, para sentir sua solidez e passar as mãos para contemplar seu fino acaba-

mento sem rebarbas. Em resumo: saí de lá com a certeza que deveríamos testar esta bookshelf, ainda que seja um produto com mais de seis anos no mercado!

Com as caixas já em nossa sala de testes, foi possível apreciar em detalhes todas as suas qualidades. O gabinete tem 25 mm de espessura, as paredes laterais são laminadas a partir de uma lâmina única, assim como a parede traseira. O falante de médio grave de 130mm utiliza cone de alumínio, como nos modelos superiores, e seu comportamento pistônico foi estudado em 3D para que não se tenha perda mesmo a volumes altos e por longo período. O tweeter de alumínio de 25mm, possui uma lente acústica para servir como guia de onda, controlando a dispersão e fazendo com que a passagem do médio alto para os agudos sejam o mais suave possível. A lente também ajuda a distribuir a energia fora do eixo, permitindo um ponto de escuta menos fechado.

Dizem que a diferença está nos detalhes, e no caso das M105 estão mesmo! Os números técnicos não são nada excepcionais, como resposta nos graves a partir de 60Hz e sensibilidade de 86dB. Mas esses dados técnicos serão totalmente esquecidos a partir das 300 horas de amaciamento mínimo, quando elas finalmente desabrocham e nos presenteiam com audições plenas de conforto auditivo e inteligibilidade!

Mas, para atingir sua máxima performance, serão necessários alguns cuidados, como um amplificador de no mínimo 50 Watts com boa corrente, bom fator de amortecimento e disposição para pegar as pequenas M105 e regê-las com autoridade.

Os cabos de caixa também serão muito importantes. Usamos o Nordost Heimdall 2, com excelente resultado.

E o cuidado mais imprescindível: o pedestal! Este, meu amigo, deverá ser minuciosamente estudado para, em termos de soundstage, você obter um palco grandioso, uniforme e, nas três dimensões, homogêneo.

O ideal é que o ouvinte esteja na altura entre o tweeter e o falante de médio-grave. Nesta posição dois fenômenos ocorrem: primeiro a caixa parece ter apenas um falante concêntrico e, segundo, o foco e recorte serão de uma precisão estonteante. Essas duas qualidades são tão impactantes que você irá desejar explorá-las ao limite.

Com um tamanho tão modesto, será preciso que o posicionamento das caixas em relação ao ouvinte seja equacionado da melhor maneira possível.

As M105 são ideais para ambientes de até 12 m². Em salas maiores os graves ficarão comprometidos, mas respeitando esses limites sua

resposta e seu equilíbrio tonal são tão planos que, independente do volume, sempre o prazer de ouvir será pleno.

Em nossa sala de home, as M105 ficaram a 2,00m entre elas (do centro do tweeter ao outro), 0,50m das paredes laterais e apenas 1,20m na parede às costas das caixas. Com um ângulo de 20 graus apontado para o ponto ideal de audição (uma das pontas do triângulo equilátero).

Na nossa sala principal, diminuimos a distância para 1,80m entre as caixas, e da parede de trás das caixas 1m apenas.

O comportamento das M105 muda a cada 50 horas. Então o ouvinte terá que ser paciente e aceitar todas as alterações de equilíbrio que fatalmente irão apresentar nas 300 horas de queima. Com 100 horas (foi assim que ela veio para teste), parece que a caixa não tem grave é magra no médio-grave e os agudos parece que estão com um chumaço de algodão na frente. Diria ser uma das caixas mais difíceis de escutar nas duzentas horas iniciais.

Você duvidará se aquela caixa, de tão belo acabamento e tantos cuidados na sua construção e topologia de falantes e crossover, não veio com defeito. É assim mesmo: esta não será a primeira nem a última caixa acústica por nós testada que vai 'de patinho feio à cisne'!

Qual a razão de algumas caixas serem assim? Nem eu com toda a rotação sei a resposta. Mas sei que, se o ouvinte for paciente, acreditar nos reviews já escritos e confiar no seu feeling, no final haverá um final feliz.

O que eu indico nesta fase é paciência, e evite ficar sentado torturando suas orelhas e aumentando seu desespero. Coloque uma caixa de frente para outra, inverta a polaridade de uma das caixas, cubra com um edredom, e 'pau na caixa'. São 15 dias de tortura com a porta fechada e pressão sonora de ao menos 78 a 82dB. Duas semanas passam em um piscar de olhos!

Ai volte-as à posição ideal de audição, coloque uma voz feminina ou um piano solo, relaxe e aprecie. Se você tomou todos os cuidados acima relacionados, você irá se encantar com seu equilíbrio tonal de cima embaixo, pois não haverá luz adicional em nenhuma parte do espectro audível e nem tão pouco falta de clareza, mesmo em passagens mais complexas.

Seu soundstage é exemplar, assim como a apresentação de planos, tanto em largura, como altura e profundidade. E as M105 'herdaram' da Salon 2 o silêncio em volta dos instrumentos, proporcionando um foco e recorte dignos de caixas Estado da Arte.

Suas texturas são palpáveis, repletas de refinamento e apresentação de intencionalidade, que nos permite avaliar se o músico possui um bom instrumento, e se sua performance também está à altura da obra!

Velocidade para acompanhar ritmo e tempo é outra das graciosidades desta bookshelf. Você ficará surpreso como ela consegue apresentar variações de velocidade de vários instrumentos soando juntos, e só perceberá seus pés batendo no andamento da melodia, após alguns acordes.

Como a passagem do médio-alto para o tweeter é impecável, vozes, instrumentos de sopro, piano, etc, soam com enorme conforto auditivo, mesmo a curtas distâncias (2 metros entre o ouvinte e as caixas), mesmo em volumes mais próximos do limite da gravação. Observei esta qualidade ao ouvir o saxofonista Jan Garbarek tocando sax soprano a apenas 2 metros das caixas em um volume considerável, e a fadiga auditiva foi zero. Acredito que este mérito seja justamente da lente colocada no tweeter para melhor dispersão da energia dos agudos: mostrou ser de enorme valia para audições que são mais próximas das caixas.

A microdinâmica das M105 é excepcional, pois sua região média ainda que não seja ultra transparente, possui tão bom silêncio de fundo que possibilita acompanhar todos os mais sutis decaimentos e planos de um singelo triângulo no meio de uma obra sinfônica. Já da macrodinâmica não dá para esperar milagres em uma caixa tão compacta e com um falante de médio-grave de 5 polegadas.

Mas a pequenina é valente, pois seu corpo harmônico nos médios-baixos lhe dá peso e energia para nos fazer expressar pura satisfação de como uma book tão pequena é tão audaz com a macro. Mas, sejam moderados meus amigos, não se empolguem muito, pois do contrário correm o risco de danificar a caixa. O truque aqui é deixar as M105 mais próximas da parede de fundo (talvez menos de 0,80m) e ver como os graves se comportam. Se não embolarem e nem se tornarem um grave de uma nota só, a resposta para órgão de tubo, tímpano e bumbo, ganharão mais corpo e impacto.

Mas lembre-se: tudo é uma questão de equilíbrio, pois não adianta ganhar de um lado e perder do outro.

O corpo harmônico é semelhante à macrodinâmica: terá que haver um estudo da melhor posição na sala para conseguir instrumentos mais coerentes em termos de tamanho.

Mas é na Organicidade (presença física do acontecimento musical), que as M105 se transformam em gigantes! Seu cérebro realmente acredita que o acontecimento musical está à sua frente, em carne e osso! José Cura, no disco Anheleto, estava a alguns palmos à nossa frente. Esta capacidade da pequenina Ravel é um dos aspectos que mais nos agradaram, pois ela o faz com total graciosidade e leveza!

Some as todos estes atributos, um belo conforto auditivo e a musicalidade será mais um prêmio que ela oferece aos seus ouvintes. Você ficará horas ouvindo e reouvindo suas gravações favoritas e sairá dessas audições com o frescor de quando chegou.

ÁUDIO

CONCLUSÃO

A quantidade de caixas bookshelf no mercado é enorme. De todos os preços e para todos os gostos, então escolher o modelo que atenda às suas expectativas e necessidades tornou-se uma tarefa mais delicada, porém muito prazerosa (se você não for desesperado e gostar de garimpar e ouvir tudo que esteja no seu orçamento).

Para aqueles que possuem uma sala de até 12 m², um gosto musical eclético e um sistema Diamante beirando um Estado da Arte, não colocar na lista de opções as M105 será imperdoável, pois seus atributos vão desde a qualidade dos componentes, histórico do fabricante até, claro, a performance! O que, se não é garantia de 100% de acerto, é de pelo menos 75%.

Se você está nessa encruzilhada, na busca da bookshelf ideal para o seu sistema, ouça as Revel Performa3 M105: são senhoras bookshelves, capazes de lhe proporcionar anos e mais anos de total prazer auditivo.



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=0ZQFC9C8VBI](https://www.youtube.com/watch?v=0ZQFC9C8VBI)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JT6P429QNR4](https://www.youtube.com/watch?v=JT6P429QNR4)

AVMAG #251
 AV Group
 (11) 3034.2954
 R\$ 13.280

NOTA: 80,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



Para quem deseja extrair o melhor do seu sistema analógico.

A AAM presta consultorias em áudio e é especializada em instalação e ajustes de equipamentos analógicos - toca-discos e gravadores open reel.

andremaltese@yahoo.com.br - (11) 99611.2257



A Impel, importadora oficial da marca Dynaudio no Brasil, trouxe a mais nova linha de caixas acústicas da marca, a Evoke. A linha Evoke é composta por cinco caixas: as bookshelf Evoke 10 e 20, as duas torres 30 e 50, além do central 25C. A linha utiliza tecnologia avançada herdada das caixas topo de linha, bem como seu acabamento primoroso.

Cada parte foi analisada a partir do zero. Todos os drivers foram otimizados na sala de medições Jupiter, de última geração, da Dynaudio. Este laboratório merecia fazer parte das locações da série de Star Trek, de tão futurista que é!

O primeiro contato que tivemos foi com a Evoke 10. Uma caixa de pequeno porte, como toda book de entrada - mas não se engane, ela possui muito poder de fogo. O acabamento em preto alto brilho tem a delicadeza e a profundidade de preto das caixas topo de linha da marca, sem jamais roubar a cena ou chamar tanto a atenção ao ponto de admirarem-na mais como uma peça de decoração do que a caixa acústica competente que é.

As Evoke vieram para amparar os órfãos das Focus que, por algum tempo, observaram a gama ser canibalizada por outros modelos da marca. Devo dizer que as Evoke não apenas substituem as Focus com dignidade, elas nos fazem esquecer-se do prefixo 200x da antiga Focus como uma modelo capa de revista nos faz esquecer o próprio nome, e nos faz até gostar da simplicidade do novo numeral adotado pela marca.

A Dynaudio desenvolveu um novo tweeter Cerotar com domo interno Hexis, já utilizado também na Special 40. Baseado nos tweeters da linha Confidence, este novo tweeter de 28mm com bobina de alumínio e ferrite de carbonato de estrôncio, possui um sistema de difusor que melhora o fluxo de ar trazendo uma resposta de frequência mais equilibrada, melhorando significativamente a transição entre ele e o woofer de 14 cm. O novo woofer ESOTEC+, feito em MSP (Polímero de Silicato de Magnésio), uma tecnologia proprietária da marca, possui bobina de alumínio e ferrite de carbonato de estrôncio e ímã de cerâmica. ►

ÁUDIO

A linha Evoke possui acabamento em preto, branco - ambos em verniz alto brilho - walnut e Blonde Wood.

Para o Teste utilizamos os seguintes equipamentos e acessórios. Fontes: toca-discos de vinil Technics SP10 com braço Linn e cápsula 2M Bronze, Pré de phono The Phonostage (interno do Sunrise Lab V8), CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Amplificação: PS Audio S300, Sunrise Lab V8 Mk4. Cabos de força: Transparent MM 2, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, Sunrise Lab Premium, Sunrise Lab Quintessence Magic Scope. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA e Coaxial digital, Sunrise Lab Quintessence RCA e Coaxial digital, Sax Soul Zafira III XLR. Cabos de Caixa: Transparent Reference XL, Sunrise Lab Reference II Magic Scope, e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope.

A queima ou amaciamento da Evoke 10 levou 360 horas. Neste período ela sai de um grave engessado e pouco articulado, com médios proeminentes e agudos tímidos, para uma caixa realmente exuberante. A única coisa que, de cara, chama muito atenção é o tamanho dos instrumentos e vozes reproduzidos por este pequeno presente dinamarquês. É uma caixa que não se intimida com salas médias, e tem um poder de deslocamento de ar digno de uma torre.

A região média é última parte a se encaixar ao final do amaciamento, e é no final dos '45 do segundo tempo', mesmo. Até lá você tem a nítida sensação de que a caixa será azeda nos médios. A caixa é ótima, tem um baita palco enorme, extensão de agudos corretos até demais para o seu nível - mas que não vai ter jeito, parece que vai ter de conviver com os médios que destoam do resto. Até que um belo dia, já acostumado com aquela aspereza que dá um nó no cérebro, pois todo o resto é fabuloso e você cansou de xingar a Dynaudio por ter 'comido bola', tudo se encaixa e o sorriso vai de orelha a orelha, quase chegando à nuca!

Com a maior disposição do mundo, voltamos a ouvir todos os discos que, até aquele momento, não passavam de horas de audição, mas que agora seriam momentos de puro prazer!

A compatibilidade da Evoke 10 com cabos e amplificadores é de tirar o chapéu. Por ela ser bastante neutra, não teve trabalho com posicionamento nem com o cabeamento que a acompanhava. Esta é, sem dúvida, uma ótima qualidade desta pequenina, pois as chances de comprar às cegas e se dar mal são quase nulas. Ela vai muitíssimo bem em sistemas quentes, ao mesmo tempo em que tolera sistemas mais abertos, pois seu equilíbrio tonal é realmente diferenciado. Ela não permite que um amplificador ou cabo gritalhão deturpem sua docilidade, nem permite que o inverso aconteça, que um amplificador fechado tire sua vivacidade e velocidade.

A Evoke 10 casou muito bem com o integrado S300, que possui uma gostosura e gordurinhas que a fizeram aceitar melhor cabeamentos de patamares mais baixos, sem comprometer o equilíbrio tonal de forma a estragar a audição.

O palco sonoro produzido por ela é gigante. A lateralidade e a localização dos instrumentos são de cair o queixo. Ela é de um foco e recorte que nos faz esquecer que ali toca uma bookshelf.

Querendo ou não, a linha Excite acabou por assumir o papel de padrasto da linha Focus, pois daí para cima os valores, para subir de nível dentro da marca, exigiam um pouco mais de disposição. Como tinha à mão um par de Excite X14, não me contive e coloquei lado a lado para comparação. Caro leitor, imagine a surra que o Rocky Balboa levou do grandalhão russo sem a virada triunfante no final - esta é a imagem que me veio ao comparar as duas caixas acústicas.

A Excite perto da Evoke sequer parece ser Dynaudio, de tão distante que ficaram. Graves duros sem extensão e sem timbragem, agudos que passam do ponto e desaparecem antes do tempo ao decair. Os médios são parecidos com os da Evoke (quando as Evoke ainda estavam nos '45 do segundo tempo'), só neste período é que elas tinham algo de semelhante. Fora este momento, parecem caixas de fabricantes diferentes de tão distantes.

É com muita segurança que digo que a linha Evoke marca uma nova era para os audiófilos e melômanos. A era da paixão, do entusiasmo e do prazer em ouvir música, sem aquelas preocupações típicas de quem nunca teve uma dynaudio. Digo isto por que por aqui a Dynaudio sempre teve um merecido status de 'caixas de quem está um nível acima dos demais mortais, no hobby'. Sabe-se lá porque algumas pessoas achavam que Dynaudio era para os 'audiófilos' - ou você tinha bagagem, experiência no hobby, ou era melhor ficar nas marcas mais populares. A Evoke 10 acaba com este estigma, e te apresenta uma caixa refinada e fácil de tocar, uma caixa acústica que te permitirá usufruir de suas qualidades sem a preocupação de sair trocando todo o sistema para que ela se mostre. Ela te apresenta o prazer de ir removendo os gargalos do sistema e redescobrimos seus discos a cada novo upgrade, até igualar o sistema ao nível dela e se tornar mais um apaixonado pela marca. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1GW0TKLW_5S](https://www.youtube.com/watch?v=1GW0TKLW_5S)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=KZZIFWC-1LQ](https://www.youtube.com/watch?v=KZZIFWC-1LQ)

AVMAG #253
 Impel
 (11) 3582.3994
 R\$ 12.096

NOTA: 81,0



DIAMANTE REFERÊNCIA



O AV Group traz ao Brasil a URC, uma das indústrias pioneiras em sistemas de controle e automação. Completo com controladoras, touchpanels, controles remotos Wi-Fi, sensores e sistemas de multi-room por IP a URC oferece uma solução completa para residências dos mais diversos padrões.

Todos os sistemas se integram nativamente com os sistemas de comando por voz Amazon Alexa e Google Assistant e com as mais respeitadas marcas do segmento como Lutron, Cool Automation, Sonos, Arcam, Emotiva, Lexicon, Zektor dentre outras.

AV GROUP

Novo Contato:

+55 11 3034-2954

contato@avgroup.com.br

avgroup.com.br

Entre em contato e conheça mais sobre essa e outras marcas do nosso portfólio.

OLUTRON.

DEL STEREO

Cool Automation

WOLF CINEMA

mark Levinson

REVEL

Metra HOME THEATER GROUP

SI.

EMOTIVA

ZEKTOR

REL ACOUSTICS LTD.

ARCAM

NÖRDOST MAKING THE CONNECTION

lexicon

ÁUDIO

CAIXA DEVORE FIDELITY ORANGUTAN O/96

Fernando Andrette



Lembro-me da dificuldade que era conseguir, na década de 90 e no começo do novo século, uma caixa compatível com amplificadores valvulados de 8 a 25 Watts, no Brasil. Era uma peregrinação sem nenhum resultado eficaz! Pois a maioria das caixas importadas neste período possuíam sensibilidade incompatível com esses amplificadores. Uma caixa com 90 dB de sensibilidade era como achar um oásis no deserto!

A primeira Living Voice que chegou ao país, em 2002 (testada por nós), com os seus 90 dB de sensibilidade, foi saudada com todas as honras possíveis. E ela só aterrissou por aqui pelo fato do importador também ter fechado a representação de um amplificador de topologia OTL que necessitava, para tocar decentemente, de uma caixa de melhor sensibilidade.

Os tempos mudaram, felizmente, e atualmente os amantes de amplificadores valvulados 300B, com a 4 a 8 Watts de potência, já

podem sorrir pois a DeVore Fidelity, um renomado fabricante de caixas do Brooklyn, em Nova York, está de volta ao Brasil pelas mãos do Fernando Kawabe.

Aqui mesmo já testamos a bookshelf modelo Gibbon 3XL, na edição 238, e a torre modelo Gibbon 88 na edição 241 - que nos surpreendeu pela performance e pela sua alta compatibilidade com diversos amplificadores. John DeVore, antes de construir suas próprias caixas, trabalhou em lojas de som hi-end em Nova York, além de ser baixista. E nesse tempo foi consolidando suas ideias e observações, chegando à conclusão que as caixas hi-end que comercializava poderiam ser divididas em duas classes: as que soavam bem por algum par de horas e depois cansavam, e as que eram musicais porém não eram muito precisas em termos de timbre (claro que simplifiquei as coisas, pois certamente essas conclusões não foram extraídas da noite para o dia). John DeVore então começou a pensar que as caixas hi-end ideais ►

deveriam soar como um instrumento acústico, com todo o seu gabinete, trabalhando em conjunto com os falantes e não um gabinete morto e sem nenhuma relação com os drivers. John sempre repete em suas entrevistas que cada um de seus projetos é criado de uma folha em branco, começando do zero, tentando imaginar como podem ser úteis aos seus numerosos clientes. Isso declina longos períodos de maturação, antes de um novo produto ser considerado viável.

Tudo é pensado por John minuciosamente, a tal ponto que até a escolha do pano da tela da caixa que deve, quando utilizada pelo cliente, não comprometer de maneira alguma a performance da caixa. DeVore chegou à conclusão que o tecido das telas de suas caixas não poderia ser como as de seus concorrentes (fios peludos e longos, quando se olha em um microscópio), e sim de fios de fibra de vidro finos - muito finos - envolvidos em vinil. Pois ele não desejaria que, se o usuário ouvir com a tela de proteção, os agudos sejam atenuados.

Perfeccionismos? Sim John leva seus projetos ao limite do que imaginou em termos de performance, e no seu conceito de que caixas devem soar por inteiras e não apenas a sonoridade dos falantes e do crossover. A beleza do hi-end está justamente (no meu modo de ver) em ter múltiplas escolhas e caminhos, pois o ser humano é justamente assim. Essa pluralidade é que nos permite ir sempre mais além.

No desenvolvimento da DeVore O/96 (permitam-me abreviar), além de sua alta eficiência (96dB), ele desejava uma caixa que fosse bastante amigável e que nunca descesse abaixo de 8 ohms em toda a faixa de frequência. Definido todo o projeto, John apresentou aos seus dealers a caixa, e a resposta de muitos foi: "Nunca conseguirei vender esta caixa, com este design". John então fez um acordo com eles, que se as caixas não vendessem, ele as receberia de volta! Nenhuma voltou e, em apenas 8 meses, a O/96 tornou-se a caixa mais vendida da DeVore!

Todo leitor que participou de nossos Cursos de Percepção Auditiva irá se lembrar da primeira dica que dou para quem quer se aventurar em montar um sistema hi-end: a escolha deve começar pelas caixas acústicas! Pois elas serão a assinatura sônica de seu sistema. Independente da escolha dos cabos e eletrônica, o sistema terá a identidade final das caixas acústicas. E não me venham com a história de que o ideal é escolher uma caixa de sonoridade neutra, pois essa caixa ainda não foi fabricada e provavelmente nunca será! Então a escolha das caixas que mais lhe agradam é o passo inicial correto para quem começará do zero. E é óbvio que a escolha será trabalhosa e necessitará de perseverança e enorme paciência.

E um pormenor essencial, quando achar a caixa ideal: ouça-a com um sistema compatível com o seu orçamento. Pois de nada adianta ouvir a caixa que o seduziu com uma eletrônica muito acima do valor dela!

Quando desembalei a caixa, junto com o Fernando Kawabe (na verdade, com a minha mão no estado atual, só consigo emprestar a mão e o braço esquerdo - então todo o trabalho pesado foi feito pelo Kawabe), o design da O/96 me lembrou de cara as caixas da Audio Note. Muito semelhantes, inclusive no falante de médio-grave de cone azul de ambas. Porém, ao contrário das caixas da Audio Note, que trabalham sempre encostadas à parede, as DeVore precisam de respiro à sua volta para terem a melhor performance possível.

E depois de ouvir a DeVore, diria que as semelhanças entre ambas acabam realmente no design! O seu criador descreve sua criatura da seguinte maneira: " Uma caixa em que o essencial é a musicalidade e precisão para amantes de amplificadores valvulados de baixa potência. Um falante de 10 polegadas com cone de papel faz o trabalho no médio-grave e um tweeter de cúpula de seda com um poderoso sistema de motor de ímã duplo trabalha as altas frequências". Defensor de um par de plugues apenas, a DeVore tem as seguintes especificações, segundo o fabricante: 96 dB de sensibilidade (há controvérsias em relação a esta sensibilidade, pois John Atkinson da revista Stereophile não a confirmou, para ele ficando mais próximo de 92 dB - eu concordo com ele, pois em todos os amplificadores que utilizei, em comparação com a minha Kharma que tem uma sensibilidade de 91 dB, segundo a Kharma, os volumes foram muito próximos, e isso não ocorreria se a DeVore tivesse realmente 96 dB) e a resposta de frequência é de 25 Hz a 31 kHz.

Seu gabinete utiliza uma placa defletora de bétula (onde estão afixados seus falantes) e dois tipos de MDF são usados para o restante, sendo um para o painel traseiro e outro para a parte superior e inferior e laterais. Os plugs são Cardas de puro cobre e o crossover (não especificado pelo fabricante) é baseado no circuito da Gibbon, e é proprietário da DeVore. As caixas são ligadas por baixo, por isto a necessidade dos pedestais proprietários para a realização da ligação, e no painel traseiro dois dutos em paralelo, na parte de baixo do gabinete, foram colocados. O gabinete, com o simples toque do nó dos dedos, nos permite ver que realmente as densidades do MDF e do painel frontal, soam diferentes. A frente soa mais seca, atrás um pouco menos, e nas laterais mais vivo.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos. Amplificadores: power Air Tight 300B, Cambridge Audio Edge e Hegel H30. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino e Edge da Cambridge Audio. Fontes digitais: MSB Select DAC, dCS Vivaldi (clock e DAC) e nosso sistema dCS Scarlatti. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2, Frey 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão RCA: Nordost Frey 2, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 1. Cabos XLR: Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2. Fonte analógica: pré de phono Boulder 508, toca-discos Basis debut IV, braço SME Series V, e cápsulas Clearaudio Stradivarius Mk2 e Transfiguration Protheus.

ÁUDIO

A DeVore O/96 veio com apenas 50 horas de amaciamento. Em todos os fóruns falam em, no mínimo, 480 horas para se começar a colocar a caixa em ordem para audição, alguns falam em 800 horas! Então, assim que fizemos nossa primeira audição, começou o longo processo de queima inicial de 250 horas para então realizarmos as primeiras anotações.

Com 50 horas, o palco é baixo como se os músicos estivessem tocando sentados, os graves são engessados e os agudos não possuem nenhuma extensão. É uma chuva de médios bidimensionais na sua cara. Então qualquer desavisado que ouvir esta caixa com 50 horas de queima, irá fatalmente descartá-la de imediato. Os seus fãs (que estão em todos os continentes) irão lembrar que, como um bom vinho, quanto mais velho melhor! E posso garantir que eles estão certos, com instrumentos musicais ocorre o mesmo fenômeno - aqui em casa meu filho tem um violão Fender e um Di Giorgio, e ambos mudaram muito quando amadureceram (felizmente para melhor).

O Fender, por mais de um ano possuía um som embotado que parecia não melhorar, nem com a escolha de cordas mais caras. Já o Di Giorgio tinha um som mais aberto e projetado desde quando chegou. E fosse com qualquer encordoamento, esta característica sempre se mostrou presente. Com quase dez anos de vida, ambos possuem uma assinatura sônica muito mais próxima. O Di Giorgio pouco mudou e o Fender cresceu exponencialmente! Abriu, ganhou corpo, maior presença mesmo em pianíssimo e tornou-se o violão da casa (todos preferem sua sonoridade, mais equilibrada e quente!). Boas caixas acústicas sofrem o mesmo processo, então é preciso que os desavisados ou os 'desesperados.com' levem isto em consideração ao escolher uma caixa zero, pois como diz o ditado popular: "quem tem pressa, come cru".

Com 250 horas, quase nada mudou. Um pouco mais de profundidade, largura no palco mas, nada dos músicos tocarem em pé! Os graves começaram a encorpar, mas não o suficiente para ouvir obras com baixo elétrico ou órgãos. Os agudos começaram a apresentar maior extensão, porém nada que animasse a ouvir obras sinfônicas. Tomei então uma atitude radical, e deixei as DeVore queimando por 400 horas. Enquanto isso, finalizei o teste do Select, pois o tempo com este aparelho tinha data e hora para terminar.

Finalmente, com o Air Tight 300B também já devidamente amaciado, coloquei-os para tocar em conjunto (o vídeo da DeVore foi feito exatamente com 408 horas de queima). Finalmente a altura veio, as extensões nas duas pontas apareceram e pude iniciar o teste do 300B e começar a entender as características sonoras da O/96. É uma caixa que requer muito cuidado com o posicionamento, e concordo com muitos de seus usuários que lembram que é uma caixa que necessita de respiro a sua volta para soar corretamente. Na nossa sala, dependendo do amplificador ligado à ela, as distâncias

entre as mesmas e as paredes laterais e as costas da caixa, mudaram substancialmente. Com o 300B, o melhor resultado foi com elas a 3 metros uma da outra (de tweeter à tweeter), e 1,90 m da parede às costas das caixas, e com um pequeno toe-in apontado para o centro da sala. Com o Edge, de 100 Watts por canal em 8 Ohms, foi possível deixar as caixas mais distantes entre si (3,40 m) e com menos direcionamento para o centro da sala e 1,70 m da parede às costas delas. E com o H30 foi possível reposicionar a caixa abrindo mais, apontando menos para o centro, e a mais distante da parede às costas (1,95 m). Porém, a caixa se mostrou merecedora da queima bem mais longa, 'florescendo' totalmente após 600 horas de queima! Aí sim, pudemos conhecer todos os seus atributos sonoros.

É uma caixa que possui uma transparência invejável, e capaz de reconstruir todo tipo de microdinâmica existente na gravação. Sua região média é de uma apresentação física impressionante, e cantores e solos de instrumentos se materializam com enorme facilidade, seja nas gravações tecnicamente mais produzidas ou naquelas em que o engenheiro de gravação não comprimiu ou equalizou. Os graves, depois da caixa integralmente amaciada, possuem velocidade, peso e muito bom corpo. Falta-lhe aquela energia visceral, capaz de sentirmos o deslocamento de ar mas, convenhamos, nenhum amplificador de 8 Watts de potência oferece essa possibilidade.

Mas, para tirar a prova dos nove, tirei o 300B de 9 Watts e coloquei o Edge de estado sólido de 100 Watts. O grave está lá, mas nas passagens macrodinâmicas ele é muito mais comedido que em nossa caixa de referência, que desce a 22 Hz. A região alta é bem apresentada, com excelente extensão, naturalidade e decaimento. Senti pouco de corpo nos pratos de condução, mas nada que desabone a performance da O/96. Entendo o motivo do seus fãs sempre lembrarem de seu alto grau de musicalidade. E certamente parte dessa performance se encontra na apresentação das texturas, que são sempre muito naturais e precisas. Dá para observar tranquilamente a qualidade do instrumento, a captação e a virtuosidade do músico. Ouvi diversas obras de quartetos de cordas, música à capela e obras com instrumentos de época, e a O/96 se mostrou magistral na apresentação destes exemplos.

Você pode passar horas e mais horas sem nenhum resquício de fadiga auditiva! Os transientes também são excelentes, com enorme precisão e ritmo. Ouvi diversas obras de piano solo e percussão e a DeVore se saiu muitíssimo bem. O soundstage, tanto em relação a foco e recorte como os planos, dependerá muito do posicionamento das mesmas na sala. E quanto mais próximas entre si, menor será a sensação de planos entre os naipes, altura e profundidade. E, ao contrário, se elas puderem trabalhar mais distantes, os planos, foco e recorte serão muito mais precisos. O mais delicado será sempre conseguir a altura correta e, mesmo depois de inúmeras tentativas com

os três amplificadores e com os cabos de caixa, a altura foi sempre ligeiramente mais baixa do que estou acostumado tanto com a Kharma (que não é uma coluna alta) como com a Dynaudio Evoke 50 que estamos testando. Isso parece um detalhe de gente chata, mas em audições com voz a altura pode fazer uma grande diferença em sistemas Estado da Arte em que desejamos enganar nosso cérebro.

A macrodinâmica da DeVore será uma com um amplificador valvulado de baixa potência e outra bem diferente com um amplificador de maior potência. Para ser honesto com você leitor, para este quesito, montei o power Audio Research VT80SE que está entrando em teste, mas que já está amaciado ou quase que completamente (280 horas), que dá 75 Watts. No quesito macrodinâmica, tivemos um comportamento da DeVore com o 300B e outro completamente distinto com o VT80SE. Para o meu gosto, se tivesse esta caixa, e minha opção fosse por um valvulado, escolheria sem pestanejar o VT80SE com válvulas KT150. Principalmente pelo meu gosto musical ser tão eclético.

Fica aqui a dica. Se gostas de audições com volumes mais próximos do real, e tens uma vasta coleção de obras clássicas ou de Big Bands, a DeVore se sentirá muito mais à vontade com um valvulado de mais potência.

O corpo harmônico dos instrumentos é muito bem apresentado na DeVore, principalmente em analógico. Ouvi uma dezena de gravações de jazz dos anos 50 e 60 e fiquei muito impressionado com a capacidade da O/96 reproduzir de forma fidedigna saxofone, contrabaixo, vozes, trombone, etc.

E a organicidade (materialização física do acontecimento musical) se deu de forma exemplar nas gravações tecnicamente bem produzidas.

CONCLUSÃO

A DeVore Orangutan O/96 é um sucesso desde o seu lançamento, e conquistou diversos prêmios internacionais e segue sendo uma das caixas preferidas de quem tem eletrônica Shindo, Audio Note, Ongaku, Air Tight etc. Suas virtudes e compatibilidade confirmam que as caixas da DeVore Fidelity foram feitas sob medida para os usuários dessas marcas. Com o Air Tight 300B pudemos ter uma ideia do motivo deste sucesso, com audições intimistas, repletas de calor, naturalidade e musicalidade.

Porém a DeVore fica refém das limitações desses amplificadores de baixa potência, não podendo (na minha opinião) mostrar todo seu arsenal de qualidades. Com amplificadores de ao menos 50 Watts por canal, creio que muitos descobrirão mais virtude ainda, como uma maior veracidade nas escalas dinâmicas, maior peso em gravações que exigem maior energia e deslocamento de ar como: órgão de tubo, solos de bateria, as duas últimas oitavas da mão esquerda no piano, etc. Pois com a melhora estrondosa na captação de uma nova

geração de microfones, esta é uma realidade já revelada nas gravações mais contemporâneas e que todo audiófilo e melômano deseja ouvir.

Pegue, por exemplo, as mais recentes gravações do saxofonista James Carter e o leitor terá uma ideia exata do que estou afirmando. E a DeVore O/96 possui condições de reproduzir essas gravações com méritos, desde que esteja ligada a um amplificador mais musculoso! Com um ar retrô, acredito que a DeVore não faz reféns: ou você ama ou odeia. E isso faz parte (cada vez mais) do universo hi-end.

Para quem deseja um som intimista, quente, sedutor e natural, a DeVore é uma das candidatas mais desejadas.

Se você se enquadra neste grupo, não deixe de escutá-la. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=90N-ZCZVUKW](https://www.youtube.com/watch?v=90N-ZCZVUKW)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=M3MBYOK0APY](https://www.youtube.com/watch?v=M3MBYOK0APY)

AVMAG #253
KW Hi-Fi
(48) 3236.3385
US\$ 18.000

NOTA: 83,0

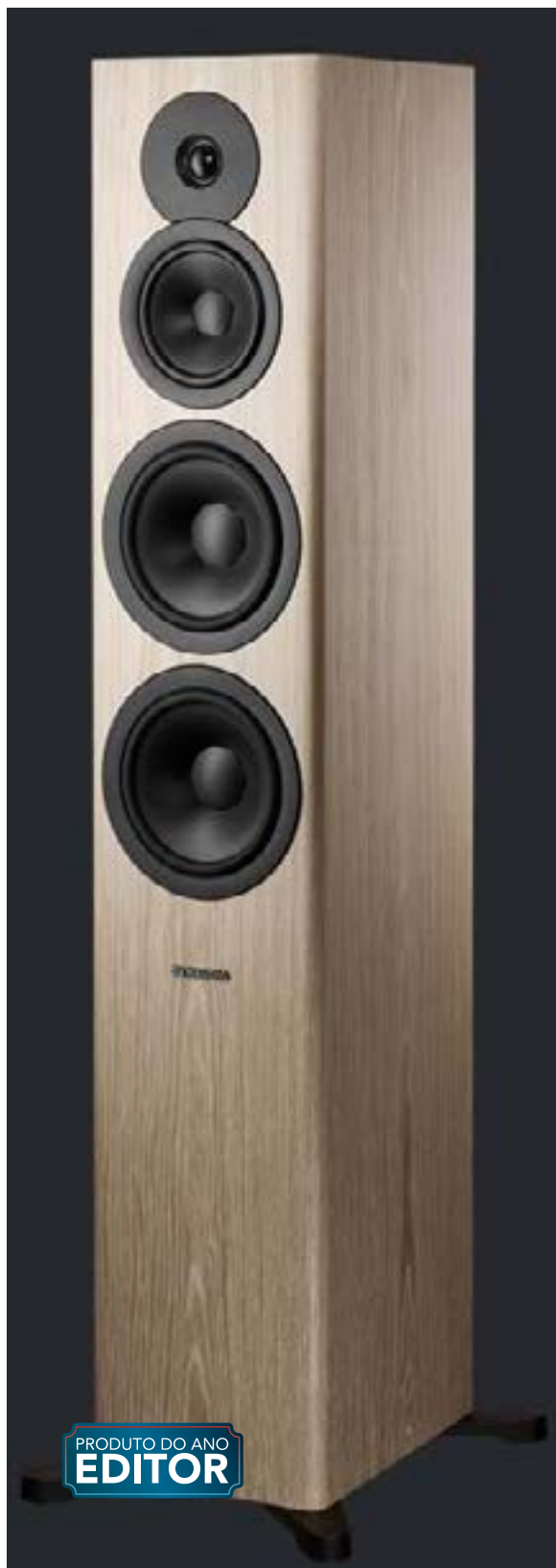


ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS DYNAUDIO EVOKE 50

Fernando Andrette



A Dynaudio, nesses últimos dez anos, produziu profundas modificações na suas linhas de caixas, eliminou algumas, lançou toda uma linha de novos falantes e apostou forte em um design mais próximo das tendências com linhas curvas, abandonando aquele conceito de caixas quase que produzidas de forma artesanal por experientes marceneiros dinamarqueses, do início de sua bela trajetória.

Há quem aprecie esta modernização, e outros não. O importante é que a 'fila ande', como dizem os mais jovens, e que os avanços tecnológicos justifiquem as mudanças.

Pelo jeito, a aposta da Dynaudio nessa modernização vem dando bons frutos, já que as novas linhas Contour e Confidence têm recebido mundo afora excelentes elogios e críticas muito positivas. E com tantas mudanças em tão pouco tempo, era de se esperar que a linha Focus, com mais de uma década de excelentes modelos lançados, seria a próxima bola da vez, a ser totalmente revista.

Para os que apostaram em uma linha Focus repaginada, o lançamento da linha Evoke em substituição à Focus deve ter sido uma enorme surpresa. Para os que acompanham de perto os novos passos estratégicos da Dynaudio, não!

A Dynaudio, em cada novo avanço tecnológico de seus falantes nas séries superiores, à medida em que conseguia volume de vendas, utilizava esses avanços também em suas linhas de entrada. Foi o caso dos famosos tweeters Esotar 1 e 2, que foram sendo incorporados às séries abaixo e deram à Dynaudio a fama e o respeito que ela desfruta hoje.

A Dynaudio aposta muito que a nova linha Evoke não só substituirá com méritos a Focus, mas vai atender a um mercado muito mais amplo que a linha anterior atendia. Mas essa minha afirmação tentarei explicar mais à frente.

Sugiro que os interessados na linha Evoke leiam também o teste da Evoke 10, pois o nosso colaborador Juan Lourenço passou muitos detalhes interessantes do desenvolvimento tecnológico dos novos falantes.

A Evoke 50 é uma coluna de três vias muito esguia, com 1,16 metros de altura. O fabricante disponibiliza os seguintes acabamentos: nogueira mate, carvalho claro, preto e branco de alto brilho. A frente é ligeiramente arredondada, e como na Dynaudio 40 Anos, a traseira é mais estreita. Os novos falantes agora possuem um anel plástico que impede de vermos os parafusos de fixação, e as telas são fixadas por imã.

Os novos falantes são os mesmos utilizados na linha acima, Contour. Os dois woofers de 6 polegadas mantém o cone MSP usado

pela Dynaudio há mais de duas décadas, porém, por trás do cone foram completamente modificados. O guarda-pó é bem menor, sendo parte integrante do cone. O fabricante afirma que este cuidado torna toda a construção dos cones mais rígida, sem aumentar o peso ou mudar a sonoridade do cone.

A bobina também sofreu alteração, diminuindo de tamanho mas ampliando a excursão do cone em mais um centímetro. Tudo em vista de diminuir a distorção, dar resposta mais linear e maior precisão nos transientes. As novas bobinas são enroladas em fio de cobre nos woofers, e no falante de médio em fio de alumínio banhado a cobre. Tudo para a diminuição do peso do falante de médio, com melhora (segundo o fabricante) no nível de distorção e em uma resposta ainda mais linear.

Com os fios de cobre, o woofer ficou mais pesado e então, para manter tudo sob controle, o fabricante investiu no desenvolvimento de novos imãs feitos de uma mistura de carbonato de estrôncio e Ferrita+, compactados em uma espécie de cerâmica para suportar altas temperaturas sem fadiga e sem distorção.

O falante de médio, além da nova bobina, também recebeu um imã de neodímio grande, extremamente mais caro que as versões anteriores da linha Focus, e mais resistente.

Mas a maior mudança está no novo tweeter, o Cerotar (que substituiu a linha Esotar na série Contour). O Cerotar (Carbonato de estrôncio, ferrite e cerâmica) baseia-se no tweeter da nova série Confidence (Esotar 3), com uma nova forma de imã (com menor refração na sua traseira) e um novo material magnético que foram desenvolvidos na Dynaudio para o domo batizado de Hexis.

O Hexis é um disco de plástico pequeno e curvo (convexo) que é fixado atrás do tweeter de cúpula de seda e segue a forma de uma membrana. Possui um padrão sofisticado de buracos que se assemelha à superfície de uma bola de golfe. Com isto, as ondas sonoras irradiadas para trás são desviadas mais rapidamente, fornecendo uma limpeza audível nas altas frequências e melhora da dispersão no eixo lateral e horizontal.

O desenvolvimento deste disco de plástico de tamanho tão reduzido custou tempo e dinheiro, mas sua tecnologia será utilizada nas futuras séries de falantes, reduzindo seus custos.

Uma coisa que a Dynaudio não abre mão é que todas as suas caixas não aceitem bi-amplificação ou bi-wire. Pois eles sempre lembraram que o melhor é investir em apenas 1 bom cabo de caixa para extrair todo o potencial de uma Dynaudio.

O crossover da Evoke 50 é de segunda ordem para os graves, e terceira ordem para os médios e agudos. Os spikes são fornecidos e devem ser montados com muito cuidado as caixas - o fabricante fornece a chave para a fixação das bases para os pés.

Feita toda a montagem, e instalada no lugar da Kharma Exquisite Midi, anotamos as primeiras impressões. Na maior parte do tempo o sistema utilizado foi o nosso de referência, e também utilizamos o power Cambridge Edge W, o integrado Hegel H590 e o power valvulado AL-KTx2-KT 150, do projetista André de Lima, de Lins, interior de São Paulo.

Os cabos de caixa foram: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. De interconexão: Sunrise Lab Quintessence, Sax Soul Ágata 2, Transparent Opus G5 e Nordost Tyr 2.

A boa notícia é que mesmo quando sai da embalagem zerada, a Evoke 50 pode tranquilamente ser ouvida enquanto amacia. Claro que não dá para querer que saia já com a mesma performance que desfrutamos após 300 horas de queima, mas o consumidor pode tranquilamente desfrutar de duas a três horas diárias enquanto vai ouvindo sua evolução no amaciamento.

Minha última experiência com a linha Focus foi com a 360 de um amigo e leitor da revista para quem prestei consultoria. Tocava muito bem, com excelente equilíbrio tonal, ótimo controle dinâmico e um palco e corpo muito corretos para o seu preço e tamanho!

A Evoke 50, além de todas essas virtudes, é mais refinada (principalmente nas altas) e possui uma região média translúcida! Os graves, até o amaciamento, pareciam ser da mesma 'forma' que a Focus 360, com excelente velocidade e extensão, mas com um médio-grave um pouco mais recuado e com menor corpo.

Mas, pelas qualidades da Contour 60 testada por nós na edição 240, descobri que se teve uma característica que a Dynaudio mudou em termos de assinatura sônica foi justamente no corpo dos médios-graves. Então achei por bem esperar toda a queima antes de sair tirando conclusões.

A primeira mudança auditiva se deu com 80 horas de queima. O palco recuou, levantou a altura e alargou para mais de 1 metro para fora das caixas. A altura se mostrou essencial para as audições de cantores/cantoras e para a percepção dos ambientes em que as gravações foram realizadas. Os graves, ainda que engessados, com 80 horas já estão soltos e com velocidade suficiente para nos fazer acompanhar tempo e ritmo com precisão. Os médios se tornam tão orgânicos que são praticamente 'palpáveis', e os transientes fazem justiça à este fabricante, pois estão entre os melhores e mais naturais possíveis. Dá gosto ouvir pianos solo, percussões e violões na Evoke 50.

Com 150 horas a mudança mais significativa, para o meu gosto pessoal, foi o recuo da região média-alta e o encaixe perfeito com os agudos. Esse ajuste é imprescindível para começarmos a escolher o posicionamento ideal das caixas na sala de audição. Pois fazer este ajuste, antes deste encaixe, é outra perda de tempo, porque se recuamos as caixas do ponto de audição antes do encaixe, mudamos todo

ÁUDIO

o equilíbrio tonal da mesma, hora sentindo que os agudos estão com pouca extensão, hora sentindo que os médios estão projetados em demasia para frente. Então o melhor é esperar.

Alguém aí do outro lado deve estar se perguntando: como eu sei que encaixou? Ouvindo instrumentos que tenham extensão para trabalhar com a primeira oitava no médio e a segunda ou terceira oitava nos agudos (tweeter). Piano, sax soprano, flautim, violino, trompete com surdina, são ótimos exemplos. Se você sentir que estes instrumentos solo, quando passam de um falante para o outro, perdem o foco (como se tivessem a mudar de posição em relação ao microfone - e não for problema de fase no setup), a região média ainda não encaixou com os agudos. Geralmente quem encaixa é o falante de médio, recuando a partir do amaciamento, mas também ocorre o contrário, com o tweeter começando muito à frente e só à medida que amacia recua para encaixar perfeitamente (os tweeters tipo corneta, alguns projetos com tweeters de berílio ou titânio, se comportam desta maneira - mais frontais e só depois de totalmente amaciados, recuam).

Ainda que na Evoke este encaixe tenha acontecido com 150 horas, minha experiência achou melhor esperarmos um pouco mais (220 horas) para iniciar o ajuste de posicionamento em nossa sala. A razão para adiar este processo foi exatamente para aguardar a outra ponta (graves e médios-graves) também se equilibrar tonalmente para, aí sim, fazer o ajuste e começar a avaliação auditiva.

Aqui também vai uma dica, para saber se estabilizou o corpo dos graves e médios-graves: pegue alguma gravação que tenha um contrabaixo acústico e um cello. Observe como se comportam ambos instrumentos nas suas oitavas, subindo e descendo. Está evidente que o contrabaixo tem maior corpo que o cello, ou às vezes os dois instrumentos parecem ter o mesmo tamanho? Se, mesmo depois de todo o amaciamento, os corpos forem similares, aí é provavelmente uma limitação de resposta na última oitava do grave (as boas bookshelves conseguem, mesmo com a apresentação de corpos diminutos, ainda assim, manter uma proporção entre o tamanho do contrabaixo em relação ao cello), ou também pode ser um problema de projeto da caixa se for uma coluna e esta tiver uma resposta linear de 30 Hz para cima, ou problema da sala ou do equipamento.

Não é o caso da Evoke 50. Ainda que ela não tenha o mesmo corpo da Contour 60 (e nem poderia, pois os woofers da Evoke são menores) a proporção de corpo é totalmente audível. Com 220 horas finalmente posicionamos a caixa em nossa sala, com 3,50 m entre elas (de tweeter a tweeter), 1,90 m da parede atrás delas, e um leve toe-in para o centro de apenas 15 graus.

O resultado foi espetacular, para a reprodução de música clássica e grandes big bands! Palco amplo, camadas e mais camadas, com

excepcional recorte, foco e localização 3D dos solistas. Arejamento perfeito, sensação muito precisa dos ambientes e um silêncio de fundo em torno dos solistas perfeito.

Para os apaixonados por soundstage, a Evoke 50 é uma caixa com preço intermediário e com performance de caixas top neste quesito. Fácil de instalar, graças ao seu design slim, a Evoke 50 some na sala assim que a música surge!

Seu equilíbrio tonal é excelente, e se o ouvinte quiser mais energia entre as caixas nos médios e nos graves, basta fechar um pouco mais a distância entre elas. Respondem imediatamente a tudo que você faz em seu benefício, como melhoria de cabos, troca de eletrônica e posicionamento.

Sua região média tem o equilíbrio perfeito entre transparência e musicalidade, permitindo que as texturas sejam realçadas com enorme precisão. Tanto na qualidade do instrumento, virtuosidade, como na captação e na intencionalidade da composição.

A dinâmica - tanto a macro como a micro - são espetaculares e fica difícil acreditar que suportem e controlem com tanta eficácia gravações complexas como a Sagração da Primavera de Stravinsky, o Concerto para Piano e Orquestra de Bela Bartok, ou a Sinfonia Fantástica de Berlioz. Sua macro possui folga suficiente para permitir ao ouvinte escutar essas obras em volume adequado, sem sustos com distorção, endurecimento ou frontalização.

O corpo harmônico não possui a mesma precisão e tamanho realístico da Contour 60 e da Platinum, porém na sua faixa de preço faz verdadeiro milagre neste quesito! Escutei alguns tambores japoneses, de sentir o deslocamento de ar no peito, sem nenhum descontrolo das caixas! E olha que nossa sala de referência tem 50 m²! O que poderia ser uma barreira para os woofers de 6 polegadas da Evoke 50, mas ela não se intimidou de forma alguma.

A materialização física do acontecimento musical (organicidade) é um 'fato consumado' para a Evoke 50. Não precisam ser gravações impecáveis tecnicamente. Basta que sejam corretas, para você ter o acontecimento musical todos os dias ali à sua frente!

E a musicalidade só dependerá do setup ligado à ela, do seu tratamento acústico e elétrico. Tudo correto e coerente e a música fluirá com uma clareza sem fim!

CONCLUSÃO

A série Evoke da Dynaudio mirou no público alvo da Focus e atingiu o coração também dos que têm ou tiveram as antigas Contour 3.0, 5.8 etc... São caixas adaptadas aos dias de hoje (salas menores e com a necessidade de ter aprovação da família), que atendem a uma faixa muito ampla de audiófilos e melômanos.

É capaz de presentear a todos apaixonados por música com audições precisas, cristalinas e com grande prazer auditivo. São extremamente compatíveis com inúmeros amplificadores (até com o valvulado tocou extremamente bem, algo inimaginável nas Dynaudios de uma geração atrás) e muito fáceis de serem posicionadas em até salas grandes como a nossa, sem nenhum problema. Basta ler os inúmeros reviews já publicados desta nova série, para se ter uma ideia do impacto causado pela sua relação custo/performance.

Se você sonha em ter uma Dynaudio, possui um sistema Estado da Arte montado com enorme sacrifício e deseja fechar este ciclo com uma caixa exuberante e com um valor que cabe no seu orçamento, ouça a Dynaudio Evoke 50.

Uma caixa, que certamente terá uma trajetória de sucesso vertiginosa!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=OZVI0YPRKFA](https://www.youtube.com/watch?v=OZVI0YPRKFA)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=ACGCZA0QNC8](https://www.youtube.com/watch?v=ACGCZA0QNC8)

AVMAG #254

Impel
(11) 3582.3994
R\$ 38.030

NOTA: 89,5



ESTADO DA ARTE

Calibração de TVs e Projetores

Quer ver aquela imagem de Cinema em sua casa?

Comprou a TV dos seus sonhos e está decepcionado com a imagem de fábrica? Foi ao cinema e está se perguntando por que a qualidade da imagem é muito melhor?

Faça uma calibração profissional de vídeo e deixe sua TV ou projetor nos mesmos padrões dos estúdios de cinema! Assista seus filmes preferidos com cores mais vibrantes e naturais, menor fadiga visual, muito mais contraste e percepção de detalhes. Afinal, sua imagem também merece ser hi-end.

NAO CALIBRADO



CALIBRADO



Mais informações (11) 98311.8811
e agendamentos: jlrot2020@gmail.com

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS Q ACOUSTICS CONCEPT 500

Juan Lourenço

Atenta ao que acontece na cena audiófila nacional a Mediagear, importadora oficial da inglesa Q Acoustics no Brasil, trouxe a caixa acústica Concept 500, modelo topo de linha da marca.

Prêmios de 2017 e 2018, concedidos pela imprensa especializada internacional, foram abocanhados pela empresa Q Acoustics - foi um prêmio atrás do outro. Começando justamente pela caixa objeto deste teste, a Concept 500, que recebeu o prêmio EISA 2017 / 18, um das mais importantes premiações da indústria eletrônica. E logo em seguida o modelo 3050i, que recebeu grande parte dos avanços da sua irmã maior, também ganhou o mesmo prêmio: EISA 2018 / 2019. Particularmente considero hoje a Q Acoustics uma das empresas mais promissoras dentre as fabricantes de caixa acústica da atualidade. Não é a toa que seus produtos chamam atenção da mídia especializada e dos audiófilos que descobriram nela uma marca robusta, madura e confiável para crescer dentro do hobby e assim chegar mais perto do topo do pinheiro.

A vinda da Concept 500 é uma grande novidade para o mercado nacional, que carece de produtos de alto nível com preços mais competitivos, custando até metade do valor de algumas de suas concorrentes, ainda mais tendo em seu cartão de visitas estampado o importante prêmio EISA de melhor caixa acústica 2017/2018 - esta é sem dúvida uma baita pechincha.

A Q Acoustics Concept 500 é um modelo de 2 vias bass-reflex, sensibilidade de 90 dB, impedância de 6 Ohms (mínimo de 3,7 Ohms) e resposta de frequência de 41 Hz a 30 kHz (+/- 9 dB). Seu gabinete possui parede tripla de MDF de 10 mm cada, recheadas com a tecnologia anti-ressonância Gelcore entre elas. Este gel absorve as vibrações e dissipa na forma de calor.

O sistema de travamento ponto a ponto P2P, proprietário da marca, aumenta a rigidez do gabinete. Como a tripla camada de MDF e o sistema de travamento ponto a ponto conferem ao gabinete uma rigidez bastante efetiva, o que sobra para o Gelcore dissipar é uma pequena parte dessa vibração, portanto, as temperaturas acumuladas pelo Gelcore são baixas e irrelevantes para a estrutura da caixa acústica.

Dentro do gabinete, na parte mais baixa, está uma das sacadas mais engenhosas da Q Acoustics: dois absorvedores de Helmholtz perfeitamente sintonizados. Estes dois absorvedores na forma de cilindro podem ser vistos através da grande saída de ar localizada na parte traseira da caixa. Uma curiosidade a mais para os amantes de projetos acústicos se divertirem observando. Além dos dois absorvedores, o ajuste fino da caixa é feito com uma variedade de espuma e lã em partes estratégicas do gabinete.



Os bornes de caixa são uma maravilha. São grandes e também recebem a tecnologia Gelcore, além de serem banhados à ródio e, o melhor de tudo, não são ferromagnéticos!

Na parte de cima existem três orifícios acompanhado de jumper de metal que, dependendo da posição, modifica a resposta do tweeter. Posicionado à esquerda o tweeter estará funcionando de forma original, para a direita aumenta em 0,5dB, e sem o jumper atenua em 0,5dB. Para algumas salas sem tratamento acústico, fechadas ou muito vivas, este artifício pode ser de grande valia, mas eu tenho lá minhas dúvidas se não é um perde-e-ganha.

Como em toda Q Acoustics, a primeira coisa que nos chama atenção são os cantos superiores e inferiores da caixa com seus longos raios arredondados que suavizam as feições sisudas dos alto-falantes em preto acetinado, feitos de papel, cobertos por uma fina camada de borracha, em formação D'Appolito MTM (midwoofer-tweeter-midwoofer). O tweeter também recebe uma camada de Gelcore em volta do anel que o une ao painel frontal, melhorando ainda mais sua eficiência.

Para completar o conjunto e tornar a Concept 500 ainda mais elegante, a base da caixa tem formato de anel que se projeta para fora das dimensões da caixa. Uma ótima notícia é que esta base de alumínio fundido, com acabamento em cromo, já vem de fábrica acoplada ao gabinete, e com dois tipos de spikes(!), pontiagudo ou arredondado, sendo possível escolher o melhor resultado para cada tipo de piso. Já o acabamento do gabinete vai do Gloss Black & White ao acabamento duplo Gloss Black / Rosewood e Gloss White / Light Oak, com inserção de madeira italiana na parte traseira, dando um toque de requinte e exclusividade ao conjunto.

Sem mais delongas, para o teste utilizamos os seguintes equipamentos: Amplificador integrado Sunrise Lab V8 MkIV. Fontes: CD-Player Luxman D-06, DAC Hegel HD30. Cabos de força: Transparent PowerLink MM2, Sunrise Lab Reference Magic Scope e Timeless Audio Maggini. Cabos de interconexão: Sunrise Lab Reference Magic Scope RCA, Sax Soul Cables Zafira III XLR. Cabos de caixa: Transparent Reference XL MM2, Timeless Audio Maggini, Sunrise Lab Reference Magic Scope e Sunrise Lab Quintessence Magic Scope (simples, e em biwire).

Tenho tido sorte com amaciamentos. Ainda não me deparei com aquele produto que nos faz chorar por longos dias de amaciamento até que tudo se encaixe no lugar. Dentre os aparelhos eletrônicos e caixas acústicas que já testei, a Concept 500 foi a que mais me deu prazer em acompanhar sua evolução. É uma caixa que já sai tocando em muito bom nível. O sistema D'Appolito ajuda bastante neste momento, já que as frequências chegam com uma linearidade muito boa. Após 100 horas a caixa já mostra graves bastante profundos, tão profundos que tiram 'luz' da região médio-grave, e isto incomoda um

pouco, principalmente quando ouvimos música instrumental. O que ajudou a equilibrar as coisas foi ter utilizado o recurso do jumper para o tweeter - escurecendo um pouco a região média-alta trouxe uma breve sensação de que o médio-grave estava um pouco mais equilibrado. Pena que foi muito breve, logo a caixa equilibrou e aquele meio dB perdido sem o jumper, passou a fazer falta.

Com o jumper na direita, eu não gostei: ficou desequilibrado, os pratos ficaram com pouca textura e uma extensão exagerada. Como estava para testá-la bicablando, com um cabo de caixa para cada terminal, retirei o jumper do tweeter original da caixa, peguei os jumpers que utilizava nos bornes de baixo e fui ouvir as diferenças provocadas pela mudança. E como fez diferença! O salto foi grande em todos os sentidos. Os tamanhos dos pratos ficaram maravilhosos, os decaimentos ainda mais progressivos e com uma suavidade na medida certa, favorecendo as micro-dinâmicas que surgiam com muita naturalidade.

Logo removi o segundo cabo, deixando apenas um cabo de caixa e jumper para as altas, como fazem quase todos os mortais. A Concept 500 não escolhe gênero musical, ela manda bem em tudo! Do jazz ao folk e indie, do erudito para música eletrônica, sem fazer cara feia, é uma caixa extremamente musical. Ela despeja tudo o que vem dos amplificadores como uma grande adutora aberta! É uma enxurrada de detalhes e timbres em um palco estupidamente largo e profundo. E o melhor de tudo é que toda esta lateralidade vem acompanhada de um silêncio de fundo e detalhamento tão bons quanto o da nossa referência, que custa o dobro!

Com o cabo de caixa Maggini, da Timeless Audio, ela ganhou uma gostosura quase imbatível: detalhes de micro-dinâmica, doçura e calor que fariam qualquer amante de valvulado ir às nuvens! Os 'crescendos' subiam com uma linearidade fabulosa, as notas agudas do piano, tocado por Eduardo Delgado na faixa 17 do disco Anheleto Argentinian Songs, chegavam com uma dinâmica muito boa, quando eu já esperava aquela endurecida nas marteladas que o pianista dá nas teclas, vinha a Concept 500 e me surpreendia, tratando as dinâmicas da música com uma retidão espantosa para seu preço. Já com o cabo Reference na mesma música, o que mudou foi a pegada: tudo soava visceral, com boa energia em toda a faixa do espectro audível - para ouvir Mahler era um deleite só. Mas não tinha a mesma suavidade do Maggini na hora de reproduzir Villa-Lobos, por exemplo. Provando assim, ser uma caixa extremamente refinada e de uma neutralidade acima da média de muitas de suas concorrentes.

Ela não é uma caixa quente ou com sobras, muito menos é analítica - é bastante correta e por isto não aceita casamentos excêntricos. Por exemplo, quem tem um sistema que foi montado para contornar os buracos e lombadas provocados pela caixa acústica atual, e isto é bastante comum em caixas acústica antigas, por exemplo, e pensa em

ÁUDIO



adquirir a Concept 500, pode ir sem medo, ela aceita alguns deslizes, mas precisará rever tudo isto e, aos poucos corrigir estes desníveis. Como toda caixa refinada, ela só se mostra quando há um mínimo de compromisso entre todos os elos do sistema, isto faz toda a diferença na apresentação da caixa.

Com o cabo de caixas Transparent Reference XL MM2, e com os dois pares de Sunrise Lab Quintessence em biwire, a caixa deu um verdadeiro salto. Aí, meu amigo e minha amiga, as audições se transformaram em espetáculos particulares. Tudo o que ouvi até então ganhou uma dimensão ainda maior: corpo maior, extensão de graves, agudos ainda mais limpos e corretos, profundidade de palco e uma correção tímbrica de ótimo nível. É uma caixa que vai muito bem com bicablagem - nem todas que fazem uso deste artifício vão, mas ela vai! Se puder fazer uma forcinha para adquirir dois cabos de caixa, terá uma ótima recompensa. Fica realmente espetacular!

CONCLUSÃO

A Q Acoustics Concept 500 é uma caixa de alto nível, podendo fazer par com sistemas realmente Estado da Arte. Para os amantes da música que sonhavam com uma caixa acústica com o pé no superlativo sem custar um rim, eu lhes apresento a Concept 500. Por menos que uma bookshelf superlativa, você consegue uma torre generosa em graves e com equilíbrio tonal fora da curva. ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=JJFRTU2ROTS](https://www.youtube.com/watch?v=JJFRTU2ROTS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=3NYSW5BPIBE](https://www.youtube.com/watch?v=3NYSW5BPIBE)

AVMAG #249
 Mediagear
 (16) 3621.7699
 R\$ 40.470

NOTA: 93,0



ESTADO DA ARTE

DYNAMIQUE

www.dynamiqueaudio.com



Cabos de áudio de alta performance, desenvolvidos e construídos no Reino Unido.



PRODUTO DO ANO
EDITOR

DISTRIBUIÇÃO OFICIAL

comercial@germanaudio.com.br - contato@germanaudio.com.br

german
Audio
www.germanaudio.com.br

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA YVETTE DA WILSON AUDIO

Fernando Andrette



Nossa última experiência em nossa sala de testes com uma caixa Wilson Audio ocorreu na edição 191, quando tivemos a honra de realizar o primeiro teste mundial da Alexia. De lá para cá muita coisa ocorreu com um dos mais prestigiados fabricantes de caixas acústicas do mundo, e então tentar fazer um paralelo entre as minhas observações pessoais que ainda tenho guardado da Alexia, para a nova geração de caixas Wilson Audio, acreditem, não irá ajudar muito.

Nem a mim e nem tão pouco a vocês leitores, que estão chegando agora a este universo da audiofilia. As novas caixas Sabrina (agora o novo modelo de entrada), Yvette (que muitos acharam que substituiria a antiga linha Sophia, que por uma década foi a porta de entrada para quem desejava ter uma caixa Wilson Audio) e a nova Sasha DAW (em homenagem ao David Wilson e que também já se encontra em teste em nossa sala) - são todas obras de Daryl, filho de David Wilson, o novo CEO da empresa.

E quando já tinha escrito este teste, me chegou a notícia da mais nova criação de Daryl, a Chronosonic XVX, que se posicionará entre a Alexandria XLF e a WAMM (que foi a última obra prima de David Wilson), e que na próxima edição iremos dar em novidades de mercado.

Daryl, desde muito cedo, acompanhou seu pai e compartilhou da paixão em buscar sempre ir além em cada novo projeto. Dos 57 produtos lançados em quatro décadas, Daryl esteve de alguma forma participando em 37 deles! O que certamente explica tanto o seu DNA de projetista, herdado do pai, como também sua incansável busca por soluções e melhoramentos constantes.

Então quando você ouvir que Daryl está absolutamente preparado para levar a Wilson Audio à vãos ainda maiores, acredite meu amigo, pois ele está preparadíssimo!

A Yvette é uma caixa que, em termos de tamanho, está entre a WATT/Puppy e a Sophia, mas as semelhanças param por aí, pois a Yvette incorpora muitos conceitos de caixas como a Alexandria XLF (talvez daí tenha surgido a ideia para alguns articulistas chamarem a Yvette de "Mini Alexandria"). Mas já que a Yvette veio a substituir a linha Sophia, é natural que façamos comparativos para dar uma ideia exata de toda a evolução desta nova Wilson Audio. Em termos de design, as duas são muito distintas, já que o defletor frontal com mais ângulos da Yvette confirma que Daryl quis levar ao limite em um único gabinete o conceito desenvolvido por seu pai, do alinhamento de tempo - em que o som de todos os falantes chegam ao mesmo tempo aos nossos ouvidos. Uma coisa é realizar este alinhamento de tempo com caixas como Sasha, Alexia, Alexx e Alexandria, em que os falantes são dispostos em gabinetes separados, com suporte e variação de ângulo, ►

próprios para este preciso alinhamento de tempo. Outra coisa é conseguir este mesmo resultado em um único gabinete, como no caso da Sabrina e da Yvette!

E, acreditem, o resultado alcançado foi primoroso. Como estamos também com a Sasha DAW, pudemos fazer em aXb muito crítico, e a capacidade da Yvette em termos de inteligibilidade e conforto auditivo é absurda. Mas a diferença entre a Yvette e a Sophia não param no gabinete. Os falantes são todos novos, desenvolvidos para também serem usados nas linhas superiores. Novo tweeter da terceira geração Convergent Synergy Tweeter, de 1 polegada, com domo de seda também utilizado nas Sasha 2 e Alexx.

O woofer de cone de alumínio da Sophia 3 foi substituído por um novo woofer de 10 polegadas de polpa de papel, desenvolvido para a Alexia e a Alexx. E o falante de médio de 7 polegadas é o mesmo utilizado na Alexandria XLF. O gabinete, ainda que único, possui internamente três caixas separadas com sua respectiva câmara interna para cada falante e com ventilação também separadas. A preocupação com a eliminação de vibrações no gabinete é a mesma dedicada a todos os seus produtos. E o uso do interferômetro de laser para estudar as ressonâncias de gabinete e sua relação com os falantes, foi utilizado para definir as estruturas internas e a escolha do material ideal para este projeto. Depois de inúmeros testes, chegou-se à conclusão que a construção seria no material X (material proprietário da Wilson Audio e que já se encontra em sua quarta geração), também utilizado nas linhas superiores. Como toda caixa Wilson Audio, a Yvette não aceita bi-wire, pois o fabricante compartilha a ideia de que é muito mais conveniente e com resultados mais satisfatórios o usuário desembolsar seu suado dinheiro em apenas um bom par de cabos do que em dois pares (o que faz sentido).

Agora, os bornes usinados a cobre possuem um torque melhor, possibilitando o usuário fazer o aperto com os dedos - antes, nos modelos anteriores, este procedimento era impossível, tendo sempre que recorrer a uma chave para apertar os bornes de caixa. Como todas as Wilson Audio que testamos, jamais abro mão das rodinhas que vêm de fábrica com as caixas, para justamente facilitar o manuseio, antes da queima total das mesmas (que nunca foi menos de 200 horas). Claro que depois de totalmente amaciadas, e já colocadas na posição ideal, as rodinhas devem ser substituídas pelos spikes - mas o que facilita ter as rodinhas no período de queima poderia ser estendido a todos os fabricantes de caixas que pesem mais de 30 kg! Fazendo um trocadilho infame: “É uma mão na roda!”.

Como já testamos a Sophia 2, antes de iniciar as primeiras audições lá fui eu buscar minhas anotações e a lista de discos que usei naquela ocasião. Separada a pilha de discos, fui selecionar os produtos que participariam deste teste. Amplificadores: integrado

Hegel 590 e Cambridge Audio Edge. Powers: Hegel H30 e amplificador AL-KT x2-150 do projetista de Lins, André Luiz Lima. Pré-amplificador: Dan D’Agostino. Sistema analógico: toca-discos AVM 5.3. Cápsulas: Transfiguration Protheus, Ortofon Quintet Black e SoundSmith Hyperion Mk2. Pré de Phono: Boulder 508. Cabos de caixa: Nordost Tyr 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Nordost Tyr 2 e Frey 2, Sax Soul Ágata 2, Sunrise Lab Quintessence (RCA e XLR), e Transparent Opus G5 (XLR). Cabos de força: Sunrise Lab Quintessence e Transparent PowerLink MM2.

David Wilson, ao desenvolver a Sophia, disse com todas as letras que era seu projeto mais “amigável” em termos de compatibilidade com amplificadores e salas. E pelos números ele acertou em cheio, pois a Sophia, em suas três séries, foi um sucesso de crítica e público. Mas como escrevi nas primeiras linhas deste teste, comparar a Sophia com a Yvette me pareceu, desde o primeiro momento, impossível. Pois são de tempos distintos em basicamente tudo.

A Yvette possui uma assinatura sônica tão equilibrada que a sensação é que qualquer estilo musical (independente da qualidade técnica) irá sempre soar muito bem. É um convite de casamento à primeira audição. Você custa a acreditar que já saia de um patamar tão alto, assim que soam os primeiros acordes. O que o faz querer, de imediato, buscar a posição ideal da caixa na sala. Esta mágica, arrisco dizer, ser muito de seus médios, que materializam o acontecimento musical mesmo em variações dinâmicas mínimas. Tudo é inteligível, palpável e ali a poucos metros de nós!

A música flui, literalmente, sem perturbação, estranhamento ou qualquer tipo de dureza (isto independente do power que estivesse ligado). Os agudos, ainda que engessados e tímidos, possuem bom corpo de imediato, com velocidade e precisão (lembraram muito os agudos nas horas iniciais no teste da Alexia). Os graves são bastante controversos nas primeiras 50 horas, pois ao contrário de inúmeras caixas de alto padrão, o que sobressai é o corpo já presente no momento em que se liga pela primeira vez. No entanto, parecem ainda sonolentos e se preparando para sair da hibernação.

Por isso, eu aconselho esperar pelo menos 150 horas antes de trocar as rodinhas pelo spike - a não ser que um profissional gabaritado do distribuidor já venha fazer a instalação e faça todas as medições com o usuário sentado em sua cadeira preferida, aí já é mais conveniente colocar os spikes. Mas, se você gosta de acompanhar a evolução de uma queima de um produto de nível superlativo, e adora perceber que as suas melhores gravações estão soando ainda mais convincentes, então deixe as rodinhas e só faça a troca quando a caixa estiver inteiramente amaciada.

É gratificante tirar da embalagem um produto que tanto desejamos, e este já sair tocando bem. Além de ser motivador, a sensação, é que o

ÁUDIO

amaciamento é mais rápido! Nas primeiras 100 horas a Yvette mudou muito, mas a mudança mais significativa foi no encaixe do woofer com os médios. A fundação dos graves na primeira oitava, quando surge, é arrebatadora! Um amigo que estava presente exclamou: “Santa ignorrância!” Pois estávamos justamente a ouvir um órgão de tubo.

Dá para frente, as únicas mudanças nos graves foram em termos de velocidade, nada mais. Os graves não impressionam apenas pelo corpo, peso e velocidade, mas sobretudo pela inteligibilidade de tempo e ritmo. Às vezes pegamos certas passagens de solo de contrabaixo em que parece que o baixista falhou na digitação, ou fez rápido demais, o que dificulta a inteligibilidade. A Yvette entrega absolutamente tudo. Não tem erro ou fez bem feito, ou terá que pagar este mico para a eternidade. O mesmo ocorre com a marcação de tempo em bumbo, quando o baterista passa do pedal simples para o duplo. Aí é que separamos o ‘joio do trigo’ em termos de técnica e bom gosto do batera. Se for apenas pirotecnia, novamente a Yvette estará lá para apontar o problema.

Os agudos, para ganhar extensão e decaimento correto, levaram quase 180 horas. Mas, quando amaciaram, é um deleite tanto em termos de conforto auditivo, como em apresentação. Você pode escolher qualquer instrumento em que a última oitava é ‘encardida’, como piano, violino, sax soprano, flautim, pratos. E a Yvette não ‘espirra’ nunca. E se engana se alguém julgar se tratar de algum corte nas altas para propiciar este conforto auditivo, pois não é este o caso. Este resultado, meu amigo, deve-se ao correto alinhamento de tempo dos três falantes, em que nada chega antes ou atrasado. Quando você finalmente saca a importância deste alinhamento temporal, meu amigo, você não vai querer ouvir de outra maneira - acredite!

O som é holográfico, 3D. Você escuta o silêncio em volta de cada um dos instrumentos solistas, mesmo em complexas variações de música sinfônica, e seu cérebro quer ficar ali, sentindo aquelas emoções tão desejadas e tão raras!

Finalmente, quando tive a certeza que o amaciamento estava completo, substituí as rodinhas pelos spikes e comecei, antes do pessoal da Ferrari vir realizar o ajuste fino, a buscar meu posicionamento ideal (sempre minha escolha e o ajuste orientado pela Wilson Audio não batem, mas gosto desse desafio, pois aprendo cada vez mais com a questão do alinhamento temporal). Do último ajuste feito, com as rodinhas para o spike, foi questão de quase 1 metro para a frente em relação a parede atrás das caixas, e mais 30 cm de abertura entre as caixas.

A angulação, como toda Wilson Audio, é maior com a frente das caixas bem viradas para o ponto ideal de audição. Com este ajuste eu já me daria inteiramente por satisfeito, mas o Fernando da Ferrari conseguiu um ajuste ainda mais preciso (como sempre). Voltou as caixas 50 cm para trás, diminuiu 24 cm entre elas e deixou mais 5 graus

para o centro o ângulo das caixas para o centro de audição. Com este ajuste ‘matemático’ e milimétrico, ganhei ainda mais profundidade, maior largura e uma altura que ainda não tinha conseguido. O que foi perfeito para grandes orquestras (de qualquer gênero musical). As Yvettes gostam de serem testadas com os volumes próximos ao ideal de cada gravação, e não se intimidam com nada. Se o power acompanhar, meu amigo você estará em perigo, rs! Como o grau de fadiga é zero, ela te convida a explorar volumes que você provavelmente jamais ousou colocar em suas caixas. E o legal é que ela mostra com precisão o volume correto de cada gravação, pois quando você passa do ponto a holografia some imediatamente, como se você tivesse deixado o som ‘transbordar’. Aí basta voltar ao volume correto e tudo volta ser puro deleite.

Um leitor outro dia me perguntou como fazer para não achar sem graça a audição de uma gravação que passamos do ponto, quando precisamos reduzir o volume. Duas coisas precisam ser observadas: primeiro que um sistema com excelente equilíbrio tonal dificilmente você irá passar do ponto, pois o conforto é tão bom que não há nenhuma necessidade de subir ainda mais o volume. Pelo contrário, você fica é surpreso e satisfeito de saber que seu sistema reproduz com total conforto auditivo e energia o disco que você tanto gosta.

Mas, se você se empolgar e tiver que voltar atrás, para não ser decepcionante esta volta, basta pausar, baixar o volume para o ideal, levantar e ir beber uma água, e voltar em 10 minutos. Você irá se surpreender e ainda achará que o volume pode ser um nadinha mais baixo ainda!

Equilíbrio tonal e soundstage são ‘pontos fora da curva’ nesta caixa, mas suas qualidades não se resumem a estes quesitos. Claro que a soma de todas essas qualidades dos oito quesitos define a pontuação de um produto e em qual esfera ele se enquadra, mas alguns produtos conseguem a artimanha de ainda assim se sobressair em algum quesito com tamanho destaque que entram no hall de produtos realmente especiais e que nos marcam para sempre.

A Yvette para mim se destacou de forma inigualável na apresentação de texturas! Sua capacidade de recriar com fidelidade a paleta de cores e nuances, e sua maneira de nos apresentar as ‘intencionalidades’ em todas as suas vertentes, a coloca em uma classe totalmente rara e à parte! Ouvi gravações difíceis de conseguir extrair do todas nuances, que parecem triviais ou sem importância, que nas mãos da Yvette se tornaram cruciais para se notar o grau de preciosismo do solista no ‘sustain’ final de um acorde, ou na delicadeza do ataque de uma nota, ou a técnica de digitação de dois virtuosos como os violonistas Paco de Lucia e Al Di Meola.

Compreender o glissando de um solo do trombonista J.J Johnson, e sua forma incomparável de manter a sustentação da nota até o pianíssimo, como se o homem e o instrumento fossem uma extensão do outro.

Se você almeja ter um sistema digno em termos de fidelidade e não usufruir dessas qualidades, você simplesmente está jogando dinheiro fora, pois o que separa o produto Estado da Arte superlativo do restante dos bons sistemas hi-end, meu amigo, são os detalhes - que nesta caixa brotam como flores de Ypê na primavera!

E só tenho uma justificativa para tamanho preciosismo na apresentação tão exuberante das texturas: sua translúcida região média. É capaz de nos fazer prender a respiração assim que ouvimos vozes e qualquer instrumento acústico bem captado e bem mixado. Os transientes são de primeira grandeza, assim como a dinâmica, tanto a micro quanto a macro.

E buscando resposta para uma micro-dinâmica tão detalhada, duas veem à mente: a qualidade do gabinete, rígido o suficiente para matar ondas espúrias e colorações indevidas, mas sem ser amorfo ou secar o corpo harmônico e, claro, a escolha dos falantes e do crossover aliados sempre ao alinhamento temporal! Essa soma das partes nos remete ao clímax final: organicidade e musicalidade! Poucas caixas conseguem materializar com tamanha desenvoltura o acontecimento musical à nossa frente. Mas esqueçam uma imagem chapada e bidimensional no meio das caixas. Se os solistas se movimentaram em volta do microfone, você verá este movimento - que eu chamo de 'ver o que ouvimos'. Sim, meu amigo, é isto que realmente ocorre quando estamos diante de um sistema superlativo.

Outro dia recebemos em nossa sala um amigo do engenheiro Ulisses da Sunrise e do nosso colaborador Juan (como não pedi autorização ao visitante, omitirei seu nome). Ele, em determinado momento, virou para o Ulisses e relatou estar vendo o saxofonista se movimentar em frente ao microfone. Fatos assim parecem corriqueiros, mas não são - é preciso que tudo esteja absolutamente ajustado para que este momento mágico ocorra.

E a Yvette necessita de todos esses cuidados e dará em troca, por anos a fio, audições inesquecíveis, acredite! Tão inesquecíveis que fará você querer seguir adiante ajustando mais e mais o seu sistema, a elétrica e a acústica, para ver o teto desta magnífica caixa.

Tudo isto você pode simplificar no último quesito de nossa metodologia: musicalidade! Sim, a Yvette extrapola seu conceito de musicalidade, levando-o a revisitar toda a sua discoteca e a voltar a comprar discos novamente, e até se aventurar em novas mídias como streamer e LPs. Acredite, sua musicalidade é contagiante ou, melhor seria, desafiante.

Uma caixa que, por muito tempo, irá figurar entre as melhores caixas que este velho articulista com mais de 40 anos nesta estrada escutou. Se sempre desejou ter uma Wilson Audio, não poderia lhe dar melhor sugestão: comece pela Yvette, provavelmente você se dará por satisfeito pelo resto de seus dias! ■



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=RY24HLKFTS](https://www.youtube.com/watch?v=RY24HLKFTS)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=K3RV5ROC398](https://www.youtube.com/watch?v=K3RV5ROC398)

AVMAG #255
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 51.900

NOTA: 97,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXA ACÚSTICA ROCKPORT AVIOR II

Fernando Andrette


**PRODUTO DO ANO
EDITOR**

Comecei a acompanhar os produtos deste fabricante americano de caixas mais recentemente (para ser exato, no final de 2017) ao ler algumas resenhas de suas participações em feiras, com excelente repercussão de público e crítica especializada.

Naquelas felizes coincidências, ao receber o toca-discos Acoustic Signature Storm, o importador também nos enviou as caixas Rockport modelo Avior II, para conhecermos (sem a obrigação de testá-las). Olhei para aquelas radiantes caixas de formas imponentes, e pensei: “uma caixa de 150 kg não pode entrar em nossa Sala de Testes apenas para conhecer, embalar novamente e agradecer todo o esforço do importador”. Assim, ainda que estivéssemos em uma maratona de testes, para encaixar todos os produtos que chegaram no último trimestre, dei um jeito de também ouvir a Rockport e colocá-la nesta última edição de 2019.

A sorte é que a Avior II veio inteiramente amaciada, pois estava tocando no showroom do importador. O que viabilizou totalmente o teste.

A Avior II é uma imponente coluna de três vias com dois woofers de 9 polegadas, um falante de médio de 6 polegadas e um tweeter de 1 polegada de berílio. Seu projetista e fundador, Andy Payor, é que cuida de todo o desenvolvimento dos projetos e supervisiona no chão da fábrica a montagem de uma a uma de suas crias, desde a marcenaria, fabricação dos falantes e montagem dos crossovers de todos os modelos da Rockport - já que todos os crossovers são feitos ponto-a-ponto, sem placas em série.

Andy Payor afirma que a grande mudança do modelo original para a versão MkII foi a adição do guia de ondas, no qual está inserido o tweeter de berílio. A grande sacada é que o tweeter é parte integrante desta unidade, e não apenas encaixado em seu centro. Segundo Andy, as melhorias foram tão significativas que passou a ser utilizado em todos os modelos do fabricante.

O guia de ondas possui dois propósitos, esclarece Payor: “Ele restringe a dispersão do tweeter na parte inferior da banda passante, para torná-lo mais parecido com a dispersão do falante de médio (que corta em 2000 Hz) melhorando a transição acústica entre o intervalo do médio e o tweeter. E este guia de ondas aumenta a sensibilidade do tweeter em cerca de 5 dB na parte mais baixa de sua faixa de operação, com isto o tweeter precisa de menos energia do amplificador para produzir um determinado nível de saída, e os benefícios se traduzem em: maior extensão com muito menor distorção, pois o guia de ondas melhora a correspondência de impedância acústica do tweeter na extremidade baixa de sua faixa e permite maior expressão dinâmica do próprio tweeter”.

Os falantes de médios e graves foram integralmente projetados pelo Andy Payor. Seus cones são de pele de tecido de fibra de carbono, pré impregnadas com uma resina epóxi endurecida, formulado sob encomenda, e consolidadas em um núcleo Rohacell, sob alta pressão e calor. O objetivo de Andy foi dar a maior proporção de rigidez por peso, com a maior extensão possível a cada cone, com baixo estresse mecânico.

O falante de 6 polegadas possui uma estrutura de alumínio fundido, uma aranha de tamanho grande, uma bobina de titânio, anéis em cobre e ventilação, sempre objetivando o menor índice de distorção para que, sonicamente, esses enormes cuidados se traduzam na capacidade de reproduzir nuances da música que outras caixas acústicas não conseguem.

Os woofers de 9 polegadas, são muito semelhantes ao driver de médio, tanto em conceito como em execução. As bobinas são de 2 polegadas, extremamente potentes e com uma ampla dispersão de calor, mesmo em volumes acentuados.

Andy também sempre foi um 'perfeccionista' no desenvolvimento de seus crossovers. Cada componente é soldado ponto-a-ponto para evitar problemas com as construções em placa de circuito impresso. Andy só utiliza capacitores de filme fabricados com exclusividade para a Rockport, assim como indutores e resistores Caddock - todos medidos e com tolerância de 1%. Depois de montado, todo crossover é selado em uma câmara na base do gabinete.

Feito de MDF, o gabinete da Avior II possui um defletor frontal de 6 polegadas de espessura, as paredes laterais são feitas em laminação tripla, amortecidas em pontos estratégicos, painéis laterais curvados e a tampa superior com uma superfície ascendente - em que a traseira é mais alta que a parte frontal. Andy explica que embora a Avior II utilize um gabinete de MDF, sua rigidez é enorme devido a sua grande espessura de seção.

Segundo o fabricante, a resposta de frequência da Avior II é de 25 Hz a 30 kHz (3 dB), sensibilidade de 88 dB/2,83 V, e sua impedância de 4 Ohms. O fabricante recomenda potência mínima de 50 Watts.

Para o teste disponibilizamos um arsenal de opções, como os powers Nagra Classic Amp, Hegel H30 e integrado Sunrise Lab V8 SS. Prés de linha: Nagra HD e Dan D'Agostino. Fonte digital: dCS Scarlatti. Fonte Analógica: toca-discos Acoustic Signature Storm MkII, cápsula Soundsmith Hyperion 2, pré de phono Boulder 500. Cabos de caixa: Sunrise Lab Quintessence e Dynamique Audio Halo 2. Cabos de interconexão: Transparent Opus G5 XLR, Dynamique Apex XLR, Sax Soul Ágata 2 XLR, Sunrise Quintessence (RCA e XLR) e Dynamique Halo 2 (XLR e RCA). Cabos de força: Transparent Audio PowerLink MM2, Sunrise Lab Quintessence e Dynamique Halo 2. Cabos digitais: Transparent Reference XL.

A Avior II é uma caixa que precisa de respiro para dar o seu melhor. Então nada de a confinar em salas pequenas, em que ela não tenha no mínimo 1 m de distância da parede a suas costas, 2,80 entre elas e pelo menos 1 m das paredes laterais. Com este cuidado, o usuário terá um soundstage magnífico em largura, altura e profundidade. E com uma maior abertura entre as caixas: um recorte e foco de nível cirúrgico! Elas realmente encantam por esse seu grau de holografia sonora e materialização física do acontecimento musical à nossa frente (Organicidade).

Eu sempre lembro aos nossos leitores, em nossos Cursos de Percepção Auditiva, que caixas são como instrumentos musicais e, por este motivo, deveriam ser a primeira escolha em qualquer setup. Existem caixas que trazem o acontecimento musical à nossa sala, e outras, ao contrário, nos transportam até o ambiente da gravação.

Pode parecer sutil demais a diferença destas duas possibilidades, descrevendo aqui no papel, mas de fácil observação auditiva quando se tem a possibilidade de estar frente à frente com ambas opções. Qual irá te agradar mais? Só você poderá responder meu amigo. Pois depende de inúmeros fatores como: estilo de música que você mais gosta, tamanho e qualidade acústica de sua sala, sinergia do seu sistema com a caixa escolhida e a pressão sonora na qual você gosta de ouvir seus discos. Então, esta escolha diria estar na esfera das subjetividades pela cultura e gosto de cada um.

O que posso lhe dizer é que a Avior II se sentirá em casa e dona total da situação em uma sala de dimensões corretas para o seu porte e, claro, um sistema à altura de suas inúmeras qualidades. Pois como todo produto de ponta, necessita totalmente de condições para justificar seu investimento.

Em nossa sala, para extrairmos todo seu arsenal de qualidades, perdemos quase uma semana testando posições - mas todo o tempo e paciência valeram pelo resultado alcançado. No final as Avior II ficaram a 3,20 m entre elas (medido do centro do tweeter), 1,89 m da parede às costas das caixas, 1,10 m das paredes laterais, com um toe-in de 25 graus apontando para a posição ideal de audição. Nesta posição, ganhamos a possibilidade de escutar as caixas com maior pressão sonora, sem nenhum grau de fadiga auditiva mesmo a picos de 95 dB (algo raro, e que poucas vezes me dou o direito de fazer, afinal tenho que preservar ao máximo minha ferramenta de trabalho).

A Avior II, permite esses 'arroubos' se assim você desejar e seus vizinhos não se incomodarem. Mas o que mais apreciei nessas caixas foi que em volumes mais 'sensatos' (com picos de 80 a 85 dB), você ouve absolutamente tudo com um grau de transparência e inteligibilidade impressionantes.

Em termos de Equilíbrio Tonal, a Avior II se comporta de maneira muito correta e segura. Você realmente não escuta os pontos de ►

ÁUDIO

transição de um falante para o outro, tudo ocorrendo de forma muito natural. Os graves possuem peso, autoridade e velocidade que nos fazem acompanhar tudo que ocorre sem esforço adicional algum.

A região média é de uma finesse que nos seduz pela facilidade que reconstrói as mais sutis nuances e nos joga a luz necessária em passagens que, em muitas outras caixas, parecem imprecisas.

Aos amantes de total transparência, a Avior II deve ser ouvida com esmero e cuidado! Os agudos, possuem enorme extensão, decaimento suave e uma capacidade de dispersão impressionante. Gravações em que os engenheiros abriram 100% o panpot (recurso panorâmico, para distribuir os instrumentos entre as duas caixas na hora da mixagem) para um dos canais, tudo que esteja na região aguda na Avior II, soa a mais de 1 metro para fora das caixas. Isto dá um arejamento espacial e de proporção da sala de gravação espetaculares!

Outra excelente característica é a capacidade dessa caixa de ser bastante coerente na apresentação do corpo nos agudos. Em gravações em que o baterista utiliza inúmeros pratos de tamanhos distintos, muitas caixas tem a limitação em mostrar essas diferenças de corpo de cada um deles. Este não é o caso desta Rockport - escutando vários discos do trio de Keith Jarrett com o baterista Jack DeJohnette, é possível observar o arsenal de pratos de tamanhos distintos que Jack utiliza. Pode, para muitos de vocês, parecer mero preciosismo citar esses detalhes, mas são nos detalhes, meu amigo, que nosso cérebro pode ser enganado e esquecer que o que estamos a ouvir é reprodução eletrônica! E como já escrevi centenas de vezes, seu cérebro não se engana facilmente (principalmente se sua referência for música ao vivo não amplificada).

E não adianta nada ter enorme naturalidade (Equilíbrio Tonal), texturas precisas, transientes corretos, boa micro e macrodinâmica, se o corpo de todos os instrumentos soarem a sua frente como pizzas brotinhos!

Seu cérebro não irá cair nesta! Sistemas hi-end Estado da Arte possuem esta denominação, justamente por terem atingido este grau de performance. E quando você escuta pela primeira vez um sistema com todos esses 'predicados', você nunca mais irá esquecer ou se equivocar com o que falta em relação a todos os outros sistemas que não chegaram a este nível de performance.

As texturas são apresentadas na Avior II de forma muito contundente, porém mais pelo lado da intencionalidade e qualidade dos instrumentos, virtuosidade e complexidade da execução da obra do que pela timbragem. Nos inúmeros quartetos de cordas que utilizo para avaliação deste quesito de nossa Metodologia, observei muito mais as nuances técnicas de execução do que a timbragem dos instrumentos (se mais quentes, sedosos, rugosos, etc.). Arrisco dizer que talvez esta sensação tenha derivado do grau absurdo de transparência que esta caixa permite ao ouvinte. O que me levou a escrever em minhas

anotações pessoais, que o nível de observação e precaução com a escolha da eletrônica deva ser muito criteriosa, pois se o audiófilo optar por uma eletrônica que também tenha essas características de integral transparência, muitas gravações tecnicamente mais limitadas poderão ser excluídas. No entanto, as gravações de ótimo nível técnico soarão gloriosas!

Esta é uma escolha que sempre teremos que fazer, mas é sempre bom estar prevenido, afinal, imagino que todos que se aventurem a adquirir uma caixa deste valor, encarem o investimento como definitivo (pois subir deste patamar para o próximo é opção apenas para milionários). Então toda dica é extremamente válida.

A Avior II, em termos de resposta de transientes, é excepcional. Nada parece letárgico em termos de andamento, a sensação é que os músicos estavam realmente ligados e o que ouvimos foi realmente a melhor gravação executada. O tempo e ritmo são precisos milimetricamente, permitindo audições regadas a bater os pés e abrir aquele sorriso de orelha a orelha!

Sua apresentação de microdinâmica é espetacular, e nuances sutis são apresentadas com enorme inteligibilidade. Algumas surpresas irão fatalmente ocorrer, como ouvir ruídos de vazamento de canais em gravações multipista, vazamento pelo fone de ouvido do cantor (foi o caso de um CD do Ben Harper, em que escutei a faixa guia com o andamento, para marcar a entrada do cantor no tempo certo). Ou barulhos estranhos, como tosses vindas de um músico no meio da orquestra e não da plateia. Cito esses fatos bizarros para você ter uma ideia fidedigna do que a Avior II será capaz de lhe proporcionar em termos de transparência.

Já na macrodinâmica suas qualidades foram reveladas quando escrevi que me permiti 'arroubos sonoros' de picos de 94dB (algo que dá para contar nos dedos ao ano). Sua capacidade de trabalhar com complexas variações dinâmicas é surpreendente, pois não houve qualquer resquício de endurecimento ou agressividade (que nos levaria a baixar o volume imediatamente).

Outro quesito que já dei uma boa adiantada é o Corpo Harmônico. Aqui encontra-se, na minha opinião, uma das maiores virtudes da Avior II. Todos os instrumentos (quando devidamente captados na distância certa) soam muito próximos ao corpo do instrumento ao vivo. Com destaque para gravações de piano solo e contrabaixo acústico, piccolo, chimbau, cravo (todos instrumentos fáceis de reconhecer os seus tamanhos reais). Com uma apresentação tão boa do corpo harmônico, fica muito mais fácil seu cérebro acreditar que está frente a frente com os músicos!

A materialização física do acontecimento musical, também não é nenhum problema para a Avior II. Dê a ela uma excelente gravação, e os músicos estarão sempre à sua disposição!



Em relação à musicalidade, tudo irá depender do quanto você deseja dosar entre transparência e calor. Então só depende de você e não da caixa. Eu gostei muito da Avior II com o sistema Nagra, muito mais que o nosso de Referência, ou o nosso pré Dan D'Agostino com os powers da Nagra. Achei com os Nagra's o sistema mais musical, com uma sonoridade mais natural para as minhas referências de música ao vivo não amplificada. Mas aqui, novamente, entramos na subjetividade, então o que importa realmente será única e exclusivamente seu gosto e suas expectativas!

CONCLUSÃO

Trata-se de uma caixa Estado da Arte com todos os atributos superlativos, de construção, projeto, conhecimento e performance. Os cuidados, como com todos os produtos deste nível (principalmente caixas) será a assinatura sônica de todo o sistema, a qualidade acústica e elétrica da sala mas, principalmente, usá-las em salas com, no mínimo, 28 a 30 metros quadrados. Colocar esta caixa em um ambiente menor, é subtrair delas um dos seus maiores atributos: arejamento e holografia sonora!

Dê a ela todas as condições para render seu enorme potencial e terá sua caixa definitiva!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=SE4JTC8ABYO](https://www.youtube.com/watch?v=SE4JTC8ABYO)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=_DWNJ3WLL08](https://www.youtube.com/watch?v=_DWNJ3WLL08)

AVMAG #258
 Performance AV Systems Ltda
 (11) 5103.0033
 US\$ 59.960

NOTA: 101,0



ESTADO DA ARTE

ÁUDIO

CAIXAS ACÚSTICAS WILSON AUDIO SASHA DAW

Fernando Andrette

Caixas acústicas são como instrumentos musicais! Ouvi pela primeira vez esta frase quando tinha apenas 7 anos de idade. Meu pai a dizia a todos os seus clientes e amigos. Com o passar dos anos e acompanhando seu trabalho, fui assimilando que seu ponto de vista além de correto, era um apelo para que os audiófilos e melômanos levassem aquele alerta à sério. Afinal, grande parte da assinatura sônica de qualquer sistema será a soma das duas pontas (caixas acústicas e fonte). E, se queremos que todo nosso esforço e investimento tenham um final feliz, cuidemos para que essas duas pontas trabalhem em conjunto e não se degladiando.

Caixas acústicas foi o produto que mais testei nesta vida de articulista. Já ouvi de tudo, tudo mesmo. Dos projetos mais exóticos aos mais simples e singelos (como a pequena coluna da JVC com cone de madeira) e se tem algum produto no áudio que não tem uma única receita, este produto são as caixas acústicas.

Aqueles que defendem que os gabinetes precisam soar como instrumentos musicais têm exemplos de sucesso. Assim como os que defendem que o gabinete tem que ser o mais inerte possível. O mesmo podemos dizer em relação ao material utilizado nos tweeters de domo: seda, diamante, berílio, titânio, etc. Então, meu amigo, se quiser uma dica: esqueça os 'prés conceitos' que você possa ter, e ouça-as antes de julgar se é bom ou ruim.

Agora, uma coisa é fato incontestável: são exigentes ao extremo. Não existe nem um componente de áudio mais exigente do que caixas acústicas. Pois necessitam de cuidados extremos, com a colocação na sala, amplificação, cabeamento e, como já disse, a fonte inevitavelmente precisa remar na mesma direção em termos de assinatura sônica.

Sem esses 'esmeros', você pode ter uma jóia rara sendo tratada como bijuteria barata!

Em nossos Cursos de Percepção Auditiva, no nível básico, muitos leitores se espantam quando afirmo que um sistema deveria começar a ser definido pelas caixas e depois a fonte. E que para definir a caixa, o consumidor deveria fazer um pente fino no seu gosto musical e nas deficiências do ambiente em que o sistema será usado. Pois o que já vi de 'bode' enfiado no meio da sala de audiófilo, daria para escrever um livro de mais de 200 páginas.



E o audiófilo é um bicho que deveria ser estudado a fundo, pois em vez do 'mea culpa', está sempre botando a culpa no equipamento, e as pobres caixas são as que mais levam chumbo.

Gosto muito de ouvir caixas (ainda que seja o produto que dê mais trabalho para o amaciamento), pois ouvi muitas que me encantaram pela sua sonoridade, equilíbrio e musicalidade. Sim, as caixas possuem uma magia, totalmente distinta de qualquer outro produto. Podem nos fazer repensar até mesmo como ouvimos nossa música preferida (principalmente se o seu equilíbrio tonal for de alto nível), pois aquela música que tínhamos que ouvir em volume mais acentuado, pode dar o mesmo prazer em volumes mais baixos.

Outras nos levam a descobrir camadas e camadas de informações que estavam 'opacas' ou submersas em informações com maior dinâmica. É uma qualidade que todo audiófilo adora: uma apresentação exuberante de um grandioso soundstage, com foco, recorte, planos e ambiência que dissolvem as paredes laterais e a dos fundos de nossa sala de audição! Por todas essas qualidades, é que as caixas também carregam nas costas tantas responsabilidades e expectativas.

Testei oito caixas da Wilson Audio em 23 anos da revista. Começando pela CUB em 1998 e tendo a honra de sermos a primeira revista no mundo a testar a Alexia. Tive a CUB por três anos como referência em caixas bookshelf e depois nunca mais tive nenhuma caixa deste fabricante. Mas alguns modelos me balançaram (como a Alexandria XLF), porém muito longe da minha capacidade financeira.

Então, ainda que tivesse a oportunidade de ouvir em nossa sala de testes os modelos mais recentes deste fabricante, sempre soube que por mais impressionante que fosse a impressão deixada, elas tinham dia e hora para partirem.

Percebi que a Wilson estava em processo de 'transformações' ao ouvir a Alexandria XLF, com o novo tweeter de seda e logo em seguida a Alexia, já com este novo tweeter. Escrevi no teste da Alexia que achei um salto e tanto em termos de equilíbrio tonal de ambas as caixas, e que aquela direção me agradava e muito, tanto como articulista, como consumidor.

Lembro, ao mostrar a caixa Alexia para o nosso colaborador Christian Pruks, dele ter virado para mim e dito: "Um dos melhores médios que ouvi em toda a minha vida". E balancei a cabeça, concordando integralmente com ele.

A Alexia tinha uma magia difícil de traduzir em palavras, mas muito fácil de reconhecer auditivamente. Com a morte do fundador David Wilson, no final de 2018, seu filho Daryl, o novo CEO da empresa que já havia finalizado os projetos da Sabrina e Yvette, resolveu prestar sua homenagem ao pai e definiu que o ideal seria desenvolver uma nova Sasha, e a batizou de Sasha DAW (as iniciais de David Andrew Wilson). Ainda que muitos possam pensar que se trata de uma Sasha 3, a ideia é manter a Sasha 2 em linha.

O projeto da Sasha DAW teve a colaboração direta de Vern Credille (responsável pelo projeto da Alexia 2). Definida a equipe, Daryl deu as coordenadas do que tinha em mente em termos deste novo projeto: nenhuma restrição orçamentária e uso de todo o conhecimento adquirido com a WAMM e as novas caixas Alexx e Alexia 2, tanto em termos de uso de componentes como de tecnologia.

Ainda que em termos estéticos a DAW seja muito semelhante à Sasha 2, as modificações e o resultado distanciaram muito uma da outra. Tudo é novo: os woofers de 8 polegadas, que foram redesenhados para ter uma maior linearidade nas baixas frequências com a nova câmara com 13% a mais de volume, o painel frontal que acopla os woofers agora possui uma inclinação de 3 graus para trás, para uma perfeita integração temporal com o cabeçote em que o médio e o tweeter se alojam.

As paredes internas do gabinete de graves utiliza o Material X, mas agora ainda mais reforçado (como na caixa WAMM). A base que suporta o cabeçote também foi redesenhada e recebeu reforço para evitar que a interferência de vibração do módulo de graves passe para o cabeçote, além do desenvolvimento de um novo mecanismo de degraus para o apoio do cabeçote e sua facilitação no ajuste do módulo superior.

O cabeçote também foi completamente redesenhado, as paredes mais espessas ganharam um novo padrão interno de recorte para diminuir ainda mais (em relação à Sasha 2) as reflexões internas, e houve um aumento de volume em 10%. O falante de médio e o tweeter são os mesmos utilizados na WAMM. O gabinete foi construído com o Material S (proprietário da Wilson Audio).

O crossover também é completamente novo, assim como o pórtico em que estão instaladas as resistências de agudos para ajuste fino em relação à sala de audição. Na Yvette, este tampo do pórtico é de metal e precisa ser desaparafusado para se ter acesso às resistências. Na DAW, foi colocada uma tampa de acrílico e esta pode ser retirada manualmente.

A equipe de engenharia também melhorou toda a cabeção que vai do módulo de graves para o cabeçote, e 'finalmente' mudaram os terminais de cabo, que agora aceitam plugue banana.

Mas o que mais me chamou a atenção foi o novo degrau para determinar o ângulo de alinhamento temporal do cabeçote. Agora muito mais prático e preciso, e com um erro máximo de 8 milissegundos. Esta precisão permite um ajuste temporal perfeito para que a caixa soe na sala como um único falante full-range. Foi um dos maiores acertos (na minha opinião) da Sasha DAW, pois pude ouvir, na prática, a diferença que faz quando encontramos o ponto exato para a audição.

Em termos de resposta, a Sasha DAW, segundo o fabricante, responde de 20 Hz a 30 kHz (+/- 3 dB). Possui uma impedância nominal

ÁUDIO

de 4 Ohms (sendo o mínimo 2,48 Ohms em 85 Hz), e sua sensibilidade é de 91 dB/w/m. Montada, a Sasha DAW pesa 107 kg.

Para o teste utilizamos os seguintes equipamentos:

Sistema analógico: toca-discos Storm da Acoustic Signature, cápsula SoundSmith Hyperion 2, braço SME Series V. Pré de fono: Boulder 500 com cabos de interconexão Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2. Fontes digitais: dCS Vivaldi e Scarlatti. Pré-amplificadores: Dan D'Agostino Momentum Reference, e Nagra HD. Powers: Hegel H30 e Nagra monoblocos Classic Amp. Cabos de caixa: Dynamique Audio Halo 2 e Sunrise Lab Quintessence. Cabos de interconexão: Dynamique Audio Apex, Transparent Opus G5, Sunrise Lab Quintessence e Sax Soul Ágata 2. Cabos de Força: Transparent PowerLink MM2, Sunrise Lab Quintessence e Dynamique Audio Halo 2.

Enquanto testávamos a Yvette, fomos amaciando a DAW com o Hegel H590. Foi um aprendizado e tanto, ter as duas Wilson Audio ao mesmo tempo em nossa sala de teste. Acho que isto jamais voltará a ocorrer. É que nem o cometa Halley: acontece uma vez por século! E ainda desfrutamos por uma semana, antes da Yvette ir para o seu dono, de ambas amaciadas, para poder fechar a nota da Sasha DAW.

Foram mais de 20 páginas de anotações pessoais, para quando estivesse a escrever este teste, tivesse a mão todos os detalhes observados desde a queima inicial até às 300 horas de amaciamento, quando ela finalmente entrou em teste.

Como sempre faço com toda Wilson Audio, só tirei as 'benditas' rodinhas quando tive a certeza que nada mais havia para amaciar. E, ao contrário da Yvette, que já sai tocando bonito, a DAW precisa de pelo menos 100 horas de rodagem para começar a mostrar suas 'impressionantes' qualidades.

E o fato da Yvette ser um único gabinete, o ajuste desta na sala é muito mais simples e amigável. A Sasha DAW, ao contrário, é preciso esperar toda a queima antes de realizar todos os ajustes de posicionamento, e o do cabeçote para o alinhamento de tempo.

Sabendo desses macetes desde o teste da Sasha 2, resolvi fazer as primeiras impressões bem curtas (apenas 4 horas), e a coloquei junto com o Hegel H590, para ambos amaciarem simultaneamente.

Fiquei tão impressionado com a Yvette, que achei que a Sasha DAW teria apenas maior poder dinâmico, maior refinamento nas altas e maior peso e energia nos graves. Voltei a ouvir a DAW com 100 horas e percebi que estava completamente errado nas minhas expectativas iniciais, pois sua sonoridade tinha algo ainda mais cativante que a Yvette. A música parecia brotar de um silêncio ainda mais intenso, sem esforço ou qualquer tensão.

Tudo fluía com tamanha naturalidade que o que era para ser uma audição de apenas 6 faixas, se estendeu por quase 7 horas. Como a Yvette tinha apenas mais duas semanas antes de ser devolvida, tratei

de acelerar o amaciamento, pois não poderia perder a oportunidade de compará-las. Estipulei, então, o próximo encontro para as 250 horas. E tratei de encerrar o teste da Yvette, já sabendo que viria 'chumbo grosso' mais adiante.

Com as melhoras audíveis com as 250 horas, decidi retirar as rodinhas e colocar os spikes e tentar o primeiro ajuste de alinhamento temporal na DAW, e depois esperar a visita do querido amigo Fred Ribeiro para realizar o ajuste final. O único detalhe é que a posição da DAW, já com os spikes, era muito semelhante com a Yvette, então o trabalho de colocar uma e tirar a outra, impediu aquela audição aXb como eu desejava. Então remarquei para o último final de semana em que a Yvette estaria conosco.

Foi muito elucidativa esta audição, pois permitiu entender claramente as diferenças e semelhanças entre as caixas e para mim ficou bem claro a direção que os novos projetos deste fabricante querem imprimir e mostrar ao mercado.

Ambas as caixas possuem um grau de musicalidade que só tinha visto (em tamanha proporção) na Alexandria XLF. E quando falo em musicalidade, estou inserindo neste contexto os nossos 7 quesitos da metodologia (equilíbrio tonal, soundstage, textura, transientes, corpo harmônico, organicidade e dinâmica).

A DAW vai muito além da correção e conforto auditivo da Yvette, pois possui performance de caixas Wilson Audio muito maiores (como a Alexia 2 e a Alexx). Ela não se intimida com absolutamente nada, nenhum gênero musical, mesmo com obras de inteira complexidade dinâmica.

Mesmo em nossa sala de 50 m², em que já tivemos e testamos caixas de maior gabinete, a Sasha DAW se comportou como 'gente grande' de verdade. Certamente grande parte desta incrível performance se deve aos detalhes que foram muito pontuais e assertivos.

Busquei nas minhas anotações as faixas que mais trabalho deram para a Sasha 2 e para a Alexia, e lá fui eu repassar todas essas faixas, com o mesmo SPL, nas DAW. E para meu espanto e surpresa, o comportamento foi primoroso. Total controle dinâmico e tonal, nenhuma 'rusga' ou qualquer tipo de endurecimento no sinal. Impávidas e sempre prontas para o próximo desafio.

Seu equilíbrio tonal nos faz repensar muitas coisas, pois é difícil deduzir como essa nova Wilson Audio consegue ter tamanha extensão e corpo nas altas e nunca endurecer o sinal, mesmo em gravações que tecnicamente falharam na escolha do microfone adequado. Ouvi dezenas de gravações em que a última oitava da mão direita do pianista quase endurece, retirando todo o feltro do martelo e nos 'brindando' com um som de vidro. Na DAW, a reprodução ainda que não seja correta, não nos agride e nem tão pouco diminui a intensidade do ataque, extensão e decaimento.

É absolutamente incrível o que este novo tweeter da Wilson Audio é capaz de nos mostrar em termos de correção e precisão. Achei que os agudos da minha Kharma Exquisite Midi eram o 'suprassumo' em termos de clareza e conforto auditivo, e agora essa ganhou um concorrente à altura. E com uma vantagem: o corpo dos pratos, a embocadura de instrumentos de sopro como sax soprano, flauta e trompete, são ainda mais corretos!

A região média tem muito do realismo da Alexia, mas achei que alguma coisa foi ainda mais aprimorada em relação à primeira Alexia, pois a velocidade, ambiência, textura e organicidade, são ainda mais verossímeis. O acontecimento musical se materializa a nossa frente de forma tão palpável, que nosso cérebro demora um lapso de segundos para entender o que está ocorrendo. Algo nos avisa, interiormente, que estamos recebendo sensações auditivas que ainda não haviam sido escutadas e depuradas!

Minha única esperança de que vocês entendam o que aqui escrevo, é que possam um dia escutar esta espantosa caixa em um setup e sala adequados. E se tiverem essa oportunidade, tenho absoluta certeza que suas referências a respeito de caixas acústicas sofrerão alguns abalos, pois tocam como caixas muito maiores, possuem um controle dinâmico inimaginável e o fazem com uma 'finesse' inacreditável!

Um amigo, ao escutar, teceu o seguinte comentário: "Possuem a energia de PA, com o refinamento de caixas Hi-End Estado da Arte!". Esta observação foi compartilhada depois de ouvirmos a faixa 8, *Dangerous Curves*, do disco do King Crimson - *The Power To Believe*. Quem conhece esta gravação, sabe o quanto é difícil estabelecer um volume e não ter que diminuir quando a música atinge seu clímax final. O sistema, e principalmente a caixa, precisam ter 'muita folga' para transmitir o que os engenheiros captaram nesta difícil gravação. Mas, a DAW vai mais adiante que sua irmã Yvette e que a minha caixa de referência, ao nos mostrar detalhes quase que subterrâneos nos riffs e na condução de tempo do baterista. Robert Fripp nos brinda com sutis variações no tempo forte, que passam completamente despercebidas em todas as outras caixas em que já ouvimos este disco. Essas micro variações aparecem no meio de uma parede de distorções em um crescendo semelhante ao do Bolero de Ravel, versão eletrônica.

É isto que denominamos com entender a intencionalidade por trás da obra, da virtuosidade do músico, do arranjo, etc. E os graves da Sasha DAW, para decifrar como conseguem com dois falantes de oito tamanha precisão, velocidade e deslocamento de ar, recorri de novo as anotações dos testes da Sasha 2 e da Alexia. E posso garantir que ambas não tinham este grau de requinte e emoção. Mesmo a Alexia com um woofer de 8 e um de 10 polegadas!

O que os engenheiros da Wilson conseguiram neste projeto é um assombro de avanço tecnológico de quebrar com paradigmas da

física em relação ao tamanho dos falantes e área do gabinete. Mas esqueçam aquele grave balofo, que você sai da sala e quando volta ele ainda está soando. Nada disso! É um grave incisivo e cirúrgico, que não embola, não colore e não ofusca o médio-grave. Está ali pelo tempo em que o engenheiro de gravação e os músicos queriam que estivesse.

Seu soundstage só não será impressionante se não foi feito o alinhamento temporal correto, ou a sala tiver problemas sérios de acústica, como por exemplo não dar o espaço mínimo necessário para as caixas respirarem. É preciso entender que é uma caixa de porte médio, mas que resulta em uma sonoridade de caixa grande. Então são essenciais as mínimas condições necessárias de arejamento entre elas, entre as paredes laterais e às suas costas.

Dadas as condições, o ouvinte terá um palco monumental, tanto em largura, como altura e profundidade. Seu foco, recorte e reprodução de ambiência eu só havia escutado na Alexandria XLF, com tanto respiro e silêncio entre os instrumentos. Um foco e recorte tão preciso que é possível 'ver' enquanto ouvimos que no CD *The Civil Wars - Barton Hollow*, a voz masculina é alguns centímetros mais alta que a voz



ÁUDIO

feminina (veja a foto na contracapa do disco, e terão uma ideia do que estou dizendo). A DAW é capaz de nos mostrar em detalhes até essas sutis diferenças de altura nas vozes.

Agora transporte essa preciosidade para reprodução de música sinfônica e você terá em sua sala todos os planos dispostos como foram captados pelos microfones, todos os naipes devidamente apresentados, tanto em largura, como altura e profundidade! Agora vá somando todos esses atributos, e imagine como seu cérebro se sente depois de se acostumar com tamanha interação e conforto auditivo! Você não quer de forma alguma voltar a nada inferior a isto. Este é o problema! (ou a solução, dirão outros!).

Agora falemos da apresentação de texturas: geralmente as grandes caixas e os projetos mais corretos apresentam texturas sublimes na região média (onde está concentrada 70% de toda informação da música). Difilmente notamos as variações de pele de instrumentos de percussão (não falo de afinação), a qualidade das peles, a qualidade dos músicos, dos microfones escolhidos, enfim de informações que muitas vezes nos passam batido. Para a DAW tudo é muito relevante para ficar em segundo plano, tão relevante que obras que escutamos centenas de vezes como *Música para Cordas*, *Percussão e Celesta* de Bartok, ganham uma dimensão em termos de apresentação dos solos que você pensa estar ouvindo uma nova versão daquela obra. Tudo é mais presente, refinado. A sensação é que os músicos estão tocando com maior atenção e precisão (claro que parte deste efeito é consequência da qualidade dos transientes, mas ambos se juntam nesta obra de maneira a nos fazer perceber um mar de nuances, nunca antes observadas), e a tonalidade e a paleta de cores nos diversos instrumentos utilizados nesta obra, ganham enorme evidência.

O mesmo fenômeno ocorreu com todos os exemplos de gravações de quartetos de cordas. É possível perceber até mesmo se a crina do arco dos instrumento está muito velha ou se é ainda muito nova (os músicos dizem que o ideal é quando a crina está com alguns dias de uso, assim a sonoridade, além de mais viva, exprime melhor as qualidades do instrumento).

Parecem apenas detalhes certo? Mas são detalhes que, se somados, exprimem exatamente o 'caráter' sônico da Sasha DAW. Como já adiantei, os transientes são irrefutáveis. Aliás isto talvez explique o fato de todos os articulistas que tiveram o prazer de testar esta caixa, escrevem que sua reprodução de instrumentos de percussão são as mais corretas, precisas e naturais que já tiveram o prazer de escutar.

E que melhores exemplos do que instrumentos de percussão para se testar transientes? E quando falamos de instrumentos de percussão, estamos incluindo, é claro, o piano. E as apresentações de pianos nesta caixa são de nos fazer, literalmente, prender a respiração. Você escuta em detalhes o corpo do instrumento, a digitação e técnica nos

pedais do pianista, a qualidade do piano, a qualidade da captação e até o respirar do músico enquanto executa a obra solo. Achava que a respiração evidente do pianista só aparecia nas gravações da Philips do Claudio Arrau. Para minha surpresa, na esmagadora maioria das gravações solistas que escutei na Sasha DAW, é possível escutar a respiração de todos eles! O que torna a sensação de materialização física do acontecimento musical ainda mais realista, pois temos o corpo exato do piano a nossa frente, a precisão na apresentação das texturas e transientes, o mais perfeito equilíbrio tonal em todas as oitavas do instrumento, e ainda ouvimos o pianista respirando enquanto executa a obra!

O que mais nosso cérebro e nossos ouvidos podem desejar? Foi esta a pergunta que um amigo me fez, depois de ouvir Claudio Arrau, Nelson Freire e Hélène Grimaud. Só pude balançar a cabeça positivamente e concordar que ouvir nossos discos desta maneira vai muito além de ter um sistema perfeitamente ajustado, pois extrapola nossas expectativas e nos apresenta uma nova 'realidade virtual'.

Sim entramos em uma nova era em que 'vemos' o que ouvimos, e isto fará uma mudança significativa em como serão trabalhado, daqui para a frente, os sistemas Estado da Arte de padrão superlativo.

Como o sistema da Nagra que estamos testando também se encontra neste mesmo patamar das caixas DAW, resolvi descer o nível e às liguei no nosso sistema de referência (Pré Dan D'Agostino e power Hegel), e para minha surpresa o comportamento da DAW em todos os quesitos da nossa Metodologia não sofreram grandes alterações. Claro que, com os Nagras, a DAW se sente muito mais confortável, pois são do mesmo nível. Mas com o Hegel, por ter o dobro de potência que os monoblocos da Nagra, a Sasha DAW pôde mostrar sua capacidade de tocar nos volumes das gravações sem mostrar nenhum tipo de saturação.

CONCLUSÃO

O nosso leitor assíduo deve estar se perguntando: se a Yvette já foi tão impressionante, o que a Sasha DAW pode ter de tão melhor? Eu também me fiz esta mesma pergunta, meu caro. E algumas respostas são dadas como um soco capaz de nos levar à lona no primeiro segundo ao soar o gongo.

As Yvette são caixas com enorme apelo, e que conseguem mostrar o que uma caixa acústica pode realizar com as suas músicas preferidas. Mas a Sasha DAW vai muito além, ao mostrar o que existe na música e que ainda não foi apresentado com tanto requinte e precisão. Ela não se intimida em ser comparada com nenhuma outra grande caixa, seja da própria Wilson Audio ou de outros fabricantes também altamente conceituados. E pode acreditar, se você der essa chance a ela, de ser comparada com a caixa que você julga ser de um nível também superlativo, ela não fará feio de maneira alguma.

Para mim é de todas as caixas da Wilson Audio que testei, de longe, a que achei mais impressionante. Claro que tenho que deixar de lado a Alexandria XLF, pois está fora das minhas possibilidades totalmente, mas se formos avaliar apenas por custo e performance, é a melhor caixa da Wilson Audio que podemos sonhar em ter (desde que este seja o objetivo, a melhor caixa Estado da Arte pelo menor valor). Se o critério for performance, a Sasha DAW me parece imbatível em sua faixa de preço.

Suas qualidades se mostram por todos os ângulos: construção, tecnologia, capacidade de ajuste para diversas salas e, claro, sua performance de caixas muito mais caras e maiores. Ela me convenceu completamente e depois de 4 anos e meio com a Kharma Exquisite Midi, passa a ser nossa nova caixa de Referência.

Veja que estamos falando de uma caixa que custa, nos Estados Unidos (Exquisite Midi), mais que o dobro da Sasha DAW, e ainda assim este modelo da Wilson Audio se mostrou inteiramente superior. Se eu não tivesse ouvido, eu não acreditaria isto ser possível!



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=EOU9ZDAKD24](https://www.youtube.com/watch?v=EOU9ZDAKD24)



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=HSJR-EXXS00](https://www.youtube.com/watch?v=HSJR-EXXS00)

AVMAG #256
Ferrari Technologies
(11) 5102.2902
US\$ 76.000

NOTA: 103,0



ESTADO DA ARTE

**Nossa nova série de cabos não recebeu esse nome por acaso.
Ele realmente é uma referência e sua sonoridade é mágica!**



**Cabo de Interconexão
Reference Magic Scope**



**Cabo de caixa acústica
Reference Magic Scope**



**Cabo Digital
Reference Magic Scope**

*A Sunrise Lab ao desenvolver sua nova linha Reference Magic Scope, tinha como objetivo primordial possibilitar a todos um cabo Estado da Arte de alta compatibilidade e com um custo justo e acessível a todos.
Se você deseja um upgrade seguro e definitivo para o seu sistema, ouça-os.*

Setup & Upgrade de Toca-Discos de Vinil • Upgrades & MODs • Acessórios • Consultoria • Assistência Técnica

VÍDEO

TV SAMSUNG 55RU7100

Jean Rothman



A TV RU7100 faz parte da linha de entrada da Samsung, mas isso não a torna limitada ou carente de recursos. Oferecendo o controle remoto único, bluetooth, HDR, Apple iTunes e Airplay, a RU7100 rivaliza com modelos muito superiores de outras marcas, e com vantagens. Está disponível em 7 tamanhos de 43 a 75 polegadas e o modelo testado foi o de 55 polegadas.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O design da RU7100 segue o conceito slim da Samsung, com bordas finas e acabamento em plástico preto, moderno e discreto. Possui dois pés com canaletas internas que ajudam a esconder os cabos. Os pés estão posicionados próximos às extremidades do painel, o que exige um móvel ou bancada de dimensões consideráveis para acomodá-la. A TV possui furações em sua parte posterior, permitindo fixação em paredes.

O painel é um 4K LCD LED com suporte a HDR10. Em sua parte traseira há um painel com todas as seguintes conexões: 3 entradas

HDMI, sendo uma com ARC (Audio Return Channel); 2 portas USB; 1 entrada Video Componente; 1 entrada Video RCA; porta Ethernet RJ45; 1 saída de áudio óptica digital; 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi 2.4 GHz. A linha 2019 ganhou o Controle Remoto Único, que anteriormente só estava disponível nas TVs topo de linha. Ele possui 3 teclas para acesso direto ao Netflix, Amazon Prime e Navegador Web. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder, Blu-ray, Apple TV e Soundbar.

RECURSOS

O sistema operacional é o Tizen, rápido e eficiente, tornando a navegação dentro do conteúdo Smart muito fácil e intuitiva. A abertura dos aplicativos e troca de fontes de sinal é sempre muito rápida. A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, Youtube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros.



A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Ainda temos a parceria Samsung com a Apple que disponibiliza um aplicativo iTunes dentro das TVs, permitindo aluguel de filmes diretamente na plataforma Apple sem necessidade de instalar um Apple TV. Também será possível enviar vídeos e músicas do iPhone para a TV Samsung diretamente através da função Airplay. Por enquanto o app iTunes é uma exclusividade Samsung e um tremendo diferencial sobre outras marcas.

A RU7100 é capaz de exibir conteúdo HDR, porém sem a mesma intensidade de brilho dos modelos superiores como as QLED. Mas aliado à gama de cores expandida e aumento do contraste que o conteúdo HDR proporciona, apresenta imagens bonitas e cativantes.

Uma boa notícia para quem utiliza a TV para videogames é o modo Game com baixíssimo tempo de resposta, 6,8 milissegundos.

ÁUDIO

A RU7100 possui 2 falantes na parte inferior com 20 W de potência e o áudio possui boa inteligibilidade. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter uma melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

Se compararmos a RU7100 com TVs de 2 ou 3 gerações passadas, ela seria considerada um produto Estado da Arte. Cores belíssimas, bom nível de contraste e preto. Resolução 4k com detalhamento que salta aos olhos. E quando vemos que o modelo 55RU7100 com 55 polegadas está à venda no varejo por menos de R\$ 2.300 (Novembro/2019), aí temos um produto de custo-benefício virtualmente imbatível e um campeão de vendas no próximo Natal. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- iTunes: trechos diversos de filmes e trailers

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=26XQEQ4IKQG](https://www.youtube.com/watch?v=26XQEQ4IKQG)

AVMAG #257

Samsung
www.samsung.com.br
 Preços sugeridos:
 43RU7100: R\$ 1.999
 49RU7100: R\$ 2.199
 50RU7100: R\$ 2.799
 55RU7100: R\$ 3.399
 58RU7100: R\$ 3.699
 65RU7100: R\$ 4.999
 75RU7100: R\$ 7.999

NOTA: 88,0



DIAMANTE RECOMENDADO

VÍDEO

TV SAMSUNG 55Q70

Jean Rothman



A Samsung Q70 é uma TV que utiliza pontos quânticos oferecendo excelente reposta de cores. Faz parte da linha QLED do fabricante coreano, ao lado dos modelos Q60, Q80 e Q90. A Q70 está disponível em 55 (modelo testado) e 65 polegadas.

Graças ao novo painel com iluminação direta (full array) e dimerização local por zonas, apresenta excelente taxa de contraste e pretos bastante profundos, além de altos níveis de brilho, ótima opção para ambientes muito iluminados. A grande novidade deste ano é a parceria da Samsung com a Apple, disponibilizando um aplicativo Apple TV que permite alugar filmes sem necessidade de adquirir um hardware separado. Além de oferecer suporte ao protocolo Airplay 2, permitindo enviar músicas e conteúdo diretamente de celulares Apple para a TV.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

O design da Q70 segue a tendência atual, com bordas pretas bem finas e discretas que praticamente não são notadas. A parte traseira segue o Design 360 graus da Samsung com acabamento texturizado.

A Q70 possui um painel com iluminação direta (Full Array Local Dimming ou FALD), aproximadamente 50 zonas de dimerização local e 1.000 nits de pico de brilho máximo em HDR, segundo o fabricante.

A TV fica apoiada sobre um par de pés metálicos que são fixados sem a necessidade de parafusos. Os pés estão posicionados próximos às extremidades do painel, o que exige um móvel ou bancada de dimensões consideráveis para acomodá-la. Logicamente a Q70 possui furações em sua parte posterior, permitindo fixação em paredes.

Em sua parte traseira há um painel com todas as conexões disponíveis: 4 entradas HDMI, sendo uma com ARC (Audio Return Channel); 2 portas USB; 1 entrada Video Componente; 1 entrada Video RCA; porta Ethernet RJ45; 1 saída de áudio óptica digital; 1 entrada RF para antena. A conexão com Internet também pode ser feita por wi-fi.

O controle remoto único possui 3 teclas para acesso direto ao Netflix, Amazon Prime e Navegador Web. Consegue controlar praticamente ►

todos os equipamentos conectados à TV, como decoder, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung. A novidade deste ano é que o Bixby já reconhece comandos falados em português e também pode ser acionado sem a necessidade de pressionar o botão de microfone no controle remoto. Achei muito prático ligar a TV usando comandos de voz sem a necessidade de estar com o controle na mão.

RECURSOS

O cérebro da Q70 é o processador Quantum 4K com Inteligência Artificial (IA) que faz o upscale de conteúdo, analisa e processa dinamicamente a imagem, corrigindo cores e detalhes para uma apresentação mais viva e realista, graças também à utilização de pontos quânticos.

Outra novidade interessante é o Modo Ambiente. Ao desligar a TV, ao invés da tela preta, a TV apresenta obras de arte, texturas e até mesmo fotos familiares, simulando um quadro na parede.

O sistema operacional continua muito rápido e eficiente, tornando a navegação dentro do conteúdo Smart muito prazerosa. A abertura dos aplicativos e troca de fontes de sinal é sempre muito rápida. A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, Youtube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Outra grande novidade é a parceria da Samsung com a Apple disponibiliza um aplicativo iTunes dentro das TVs, permitindo aluguel de filmes diretamente na plataforma Apple sem necessidade de instalar um Apple TV. Também será possível enviar vídeos e músicas do iPhone para a TV Samsung diretamente através da função Airplay.

A Samsung Q70 é capaz de exibir conteúdo HDR com 1.000 nits de intensidade de brilho, além de da gama de cores expandida e aumento do contraste que o conteúdo HDR proporciona.

Uma boa notícia para quem utiliza a TV para videogames é o modo Game com baixíssimo tempo de resposta, 6,8 milissegundos.

ÁUDIO

A Q70 possui falantes na parte inferior e o áudio possui boa inteligibilidade. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter a melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

A Q70 exibem imagens com ótimos níveis de preto e muito bom detalhamento. A dimerização local contribui muito para minimizar os halos nas transições entre partes claras e escuras da imagem.

Os níveis de preto são bastante profundos e após a calibração os detalhes nas sombras e altas luzes ficam bem aparentes.

O seriado Jack Ryan, exibido na Amazon Prime em 4K HDR ficou excelente na Q70, graças também ao HDR10+ que possui metadados dinâmicos. O processador Quantum analisa cada quadro da imagem e faz um mapeamento dinâmico de tom, afinando os limites máximos e mínimos de sombras e luzes.

A Samsung Q70 é uma TV com altíssima tecnologia, pontos quânticos, repleta de recursos e bom custo-benefício. ■

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil – HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível – Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet – An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas – 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 – 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray player Samsung
- Blu-Ray player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=A-0UHHXN7RK](https://www.youtube.com/watch?v=A-0UHHXN7RK)

AVMAG #255

Samsung
www.samsung.com.br
Preços sugeridos:
QLED Q70 55": R\$ 5.599
QLED Q70 65": R\$ 8.719

NOTA: 98,0



ESTADO DA ARTE

VÍDEO

TV SAMSUNG 8K 65Q900

Jean Rothman



Começo o teste falando um pouco sobre tecnologia, citando uma frase que gosto muito, mas infelizmente desconheço o autor: “Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia”.

Quando as primeiras TVs UHD 4K foram lançadas, os comentários mais comuns eram: “Full HD já é muito bom, não vai fazer diferença” ou “para que comprar uma TV 4K se não há conteúdo disponível?”. E hoje em dia temos uma grande disponibilidade de mídias e serviços de streaming em 4K e vemos que a maioria dos consumidores que vão às lojas adquirir uma TV nem quer mais saber de TVs Full HD, só querem modelos 4K.

Há alguns anos a emissora de TV NHK do Japão começou a fazer testes com câmeras e TVs 8K, que lá é chamado de Super Hi-Vision. E eis que a Samsung, de forma pioneira, lança uma linha completa de TVs 8K. De imediato estarão disponíveis nas lojas os modelos Q900 em tamanhos de 65, 75 e 82 polegadas. E no 2º semestre está prevista a chegada da 98 polegadas.

A Q900 8K foi apresentada como o topo de linha das TVs QLED, que ainda conta com os modelos Q80, Q70 e Q60, estes 3 últimos UHD 4K.

TVs Full HD possuem 2 milhões de pixels (1920 x 1080) e TVs 4K UHD possuem 8 milhões de pixels (3840 x 2160). A Q900 8K possui 33 milhões de pixels (7680 x 4320) e levando em conta que cada pixel é composto de 3 subpixels (R, G e B), temos um total aproximado de 100 milhões de minúsculas janelinhas de cristal líquido (LCD)! E cada janelinha LCD tem um par de fios conduzindo uma pequena carga elétrica que escurece ou clareia a janela, permitindo a passagem de luz, e consequentemente formando as cores do display. Portanto, na periferia do painel 8K temos 200 milhões de fios conectados ao processador de imagens da TV. Fico imaginando a enorme tecnologia envolvida e a complexidade de manufatura destes painéis. Parece ou não magia? Até caberia um daqueles emojis com a carinha de espanto.

DESIGN, CONEXÕES E CONTROLE

A Samsung Q900 tem um design bonito e sóbrio. A moldura é feita de metal e possui 2 pés bem robustos que suportam bem o peso do aparelho e garantem boa estabilidade. Há duas opções de montagem dos pés, próximo às extremidades ou mais perto do centro, conforme o tamanho do móvel onde ficará apoiado. A TV pode ser montada na parede usando um suporte padrão VESA ou o suporte exclusivo No-Gap vendido separadamente que deixa a TV praticamente “grudada” na parede. A parte posterior da TV possui duas reentrâncias para encaixar e guardar os pés quando não estiverem sendo usados. A qualidade geral da construção e acabamento são excelentes.

A Q900 possui um painel com iluminação direta (Full Array Local Dimming ou FALD) e 3.000 nits de pico de brilho máximo em HDR ou 4.000 nits nos modelos 75 e 82 polegadas, segundo o fabricante. Há um sistema de micro dimerização local com aproximadamente 480 zonas, permitindo controle bastante preciso de iluminação.

Em sua parte traseira, há uma única conexão para o cabo de fibra óptica de 5m que liga a TV ao One Connect. Trata-se de uma central de conexões externa à TV, que inclui 4 HDMI, 3 portas USB, Ethernet RJ45, wi-fi, antena RF coaxial e saída de áudio óptica digital. Nesta central são conectados todos os dispositivos que antes eram conectados diretamente na TV. Opcionalmente pode-se adquirir um cabo de fibra óptica maior com 15m, permitindo que o One Connect e outros equipamentos fiquem escondidos longe da TV e acabando com o problema de vários cabos aparentes.

O controle remoto único é praticamente igual à linha 2018. Foram acrescentadas 3 teclas para acesso direto ao Netflix, Amazon Prime e Navegador Web. Construído em alumínio, é muito bonito e robusto. Consegue controlar praticamente todos os equipamentos conectados à TV, como decoder, Blu-ray e Apple TV. Também possui acionamento através de comandos de voz através do Bixby, assistente de voz da Samsung, além de ser compatível com Google Assistant e Alexa (Amazon). A novidade deste ano é que o Bixby já reconhece comandos falados em português.

RECURSOS

A Samsung utiliza na Q900 um processador com Inteligência Artificial (IA) que faz o upscaling das imagens para 8K. Ele reconhece partes individuais da imagem, compara com um imenso banco de dados interno e aprimora a imagem transformando-a em qualidade próxima a 8K.

O Direct Full Array permite pretos profundos, minimizando a presença de halos na imagem. Lembrando que a Q900 utiliza pontos quânticos, oferecendo excelente volume e níveis de cores.

A proteção anti-reflexo foi melhorada e é muito mais eficiente que todas as TVs testadas por nós. Outra enorme melhoria refere-se ao

ângulo de visão, eterna queixa em relação aos painéis LCD LED convencionais. Na Q900 as cores e contraste permanecem inalterados, independente do ângulo que o espectador esteja em relação à tela.

A Q900 possui o modo ambiente 2.0. Ao desligar a TV, ao invés de uma tela preta, você pode ativar o modo ambiente fazendo a TV combinar com o seu espaço através de texturas pré-definidas ou tirando uma foto da parede de sua sala e a TV irá se adequar à sua decoração.

O sistema operacional continua muito rápido e eficiente, tornando a navegação dentro do conteúdo Smart muito prazerosa. A abertura dos aplicativos e troca de fontes de sinal é sempre muito rápida. A lista de aplicativos disponíveis é bem grande, incluindo Netflix, Youtube, Amazon Prime, Globoplay, Tune In, Spotify e Deezer, entre tantos outros.

A integração com smartphones e dispositivos móveis é muito simples. Basta instalar o aplicativo SmartThings e você poderá configurar e controlar a TV a partir de seu celular.

Além disso, o app SmartThings permite controlar diversos dispositivos da casa, como luzes, lavadoras, ar-condicionado e fechaduras compatíveis com o sistema.

Outra grande novidade é a parceria da Samsung com a Apple que irá disponibilizar um aplicativo iTunes dentro das TVs. Previsto para o 2º semestre através de uma atualização de firmware, o iTunes permitirá aluguel de filmes diretamente na plataforma Apple sem necessidade de instalar um Apple TV. Também será possível enviar vídeos do iPhone para a TV Samsung diretamente através da função Airplay.

ÁUDIO

A Q900 possui falantes na parte inferior e o áudio é aceitável com boa inteligibilidade, mas ainda assim abaixo do nível da imagem. É sempre recomendável um bom sistema de áudio ou no mínimo um soundbar para ter a melhor experiência com sua TV.

QUALIDADE DE IMAGEM

Podemos notar a diferença entre 4K e 8K em uma tela de 65 polegadas?

Os críticos debateram se o olho humano pode ver a diferença entre HD e 4K em tamanhos de tela abaixo de 65 polegadas, e as apostas são ainda maiores para 8K. O 8K realmente pode oferecer uma diferença visível em uma tela menor que 85 polegadas? A Sociedade de Engenheiros de Cinema e Televisão (SMPTE) e a emissora japonesa NHK dizem que podemos. De acordo com um relatório do SMPTE, a resolução de 8K é onde a TV atende às limitações do olho humano, e não 4K, como muitos sugerem.

A NHK apóia essa afirmação, apontando para um estudo conduzido em que os espectadores analisaram as mesmas imagens em uma TV 4K e 8K do mesmo tamanho e em tamanhos variados. As imagens ►

VÍDEO

eram de objetos cotidianos, como um vaso com flores, e os participantes foram convidados a identificar qual imagem se parecia mais com o que eles vêem na vida real. A evidência foi esmagadoramente em favor do 8K. Os participantes escolheram a versão 8K todas as vezes.

O painel 8K da Samsung Q900 mostra pixels realmente minúsculos. É necessário aproximar o rosto a um palmo para notá-los. São 4 vezes mais pontos que as TVs 4K e 16 vezes mais que Full HD. Os clips gravados em 8K são de um detalhamento e riqueza de detalhes estonteantes. É a natureza vista com uma enorme lupa, formigas parecem andar sobre a tela e não dentro dela, tamanha a sensação de profundidade.

Conteúdo Full HD apresenta também grande detalhamento, graças ao excelente processamento de upscaling, melhor que qualquer outra TV da atualidade devido aos 33 milhões de pixels. Imaginem a dificuldade em preencher 30 milhões de pixels inexistentes no conteúdo original com resultado perfeito, sem parecer artificial ou granuloso.

Filmes 4K HDR realmente se sobressaem na Q900. Pretos profundos sem halos visíveis e picos de branco com brilho extremo, graças aos 4000 nits de brilho. Tudo isso mantendo enorme contraste e percepção de todos os detalhes, nas áreas de sombra e nas mais claras. Após a calibração apresentou cores saturadas e vívidas, mas sem exagero e mantendo uma naturalidade incrível.

A Samsung Q900 8K é a nova referência em TV LCD LED do mercado atualmente e a melhor TV que já testamos. Mais um sonho de consumo aos apaixonados por imagem e tecnologia.

MÍDIAS UTILIZADAS NO TESTE

- Clips 8K: Pendrive fornecido pela Samsung
- Blu-Ray: Advanced Calibration Disc
- HDR10 Test Pattern Suite
- Blu-Ray: Spears and Munsil - HD Benchmark 2nd Edition
- Blu-Ray: O Quinto Elemento
- Blu-Ray: Missão: Impossível - Protocolo Fantasma
- Blu-Ray: DTS Demo Disc 2013
- Blu-Ray: Tony Bennet - An American Classic
- Mpeg: Ligações Perigosas - 4k HDR
- UHD Blu-Ray: Os Mercenários 3 - 4k HDR
- Netflix 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries
- Amazon Prime 4K e HDR: diversos trechos de filmes e séries

EQUIPAMENTOS

- UHD Blu-Ray Player Samsung
- Blu-Ray Player Sony
- Colorímetro X-Rite
- Luxímetro Digital



ASSISTA AO VÍDEO DO PRODUTO, CLICANDO NO LINK ABAIXO:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=GVQJRDHRBWQ](https://www.youtube.com/watch?v=GVQJRDHRBWQ)

AVMAG #250

Samsung
www.samsung.com.br
 QLED 8K Q900 65" - R\$ 24.999
 QLED 8K Q900 75" - R\$ 38.999
 QLED 8K Q900 82" - R\$ 89.999

NOTA: 110,0



ESTADO DA ARTE

CAIXA ESPECIAL VILLA-LOBOS



Confira o mais novo lançamento da OSESP, em parceria com a Naxos e Movieplay, em comemoração ao encerramento das gravações da integral *Sinfonias de Villa-Lobos*. Foram sete anos de trabalho, que incluiu resgate e revisão das partituras, ensaios e gravação para o lançamento em CD.

Heitor VILLA-LOBOS - Sinfonia nº1 e 2



Um método característico de construção sinfônica já está aqui em operação: o ornamentado acorde inicial dá a largada para motivos principais e um ostinato, que provavelmente veio da imaginação do compositor, mas que "registra" em nossos ouvidos como ritmo folclórico, serve de pano de fundo a uma sucessão de novas ideias, reunidas em grupos temáticos bem delineados, que alternam contemplação, lirismo e atividade frenética.

OUÇA TRINTA SEGUNDOS DE CADA FAIXA, DO NOVO CD HEITOR VILLA-LOBOS, SINFONIAS Nº 1 E 2:

- ▶ Faixa 01
- ▶ Faixa 02
- ▶ Faixa 03
- ▶ Faixa 04
- ▶ Faixa 05
- ▶ Faixa 06
- ▶ Faixa 07
- ▶ Faixa 08

www.movieplay.com.br
movieplay@movieplay.com.br

f /movieplaydigital
t @movieplaybrasil
m "movieplaydigital"

(11) 3115-6833

movieplay
DIGITAL MUSIC

Já disponível nas melhores lojas do Brasil.



VENDAS E TROCAS

VENDO

- Nakamichi Power amplifier PA5E II –
Stasis by Nelson Pass.

- 220V 50 - 60 Hz
- 450W de consumo
- 150W por canal (8 ohms)
- Frequencia de resposta: 20 - 20.000 Hz
- Input sensitivity / impedance: 1.4 V / 75 kOhms (rated powew)
- 10 transistors por canal
- Output current capability 12 A contínuos, 35 A peak (por canal)

Peso: 16Kg

Equipamento em ótimo estado de conservação, 220V

R\$ 3.500

- Yaquin MC-100B Tube amplifier.

Output power:

- 30 Wx2 (8 Ohms) triodo (TR)
- 60 Wx2 (8 Ohms) ultralinear (UL)
- Frequencia de resposta: 5hz - 80Khz (-2 db)
- Distorção: 1,5%
- Signal noise ratio: 90 db(A)
- Packed mode: 0,25V

Input sensitivity:

- Pro mode: 0,6V
- Válvulas: KT88 Svetlana + 4 originais chinesas 6sn7 12ax7

Caixa e manuais originais

OBS: up grade de trafos de saída e componentes

R\$ 5.200

Reginaldo Schiavini

(21) 97199 9898

ergos@terra.com.br



VENDO / TROCO

- DAC Gryphon Kalliope.

Em estado de novo, na caixa. Um dos mais acalmados DACs da Atualidade.

Conversão 32bit/384KHz assíncrono baseado no conversor ESS SABRE ES9018. Conversão DSD e PCM até 32bit/384 KHz. Controle de fase, mute, seleção de entradas e seleção de filtro digital via controle remoto. R\$ 52.000

André A. Maltese - AAM

(11) 99611.2257



VENDO

Toca discos J.A. Michell GYRO SE MKII, com: 01 J.A. Michell Armboard (base) para braços Rega, 01 J.A. Michell 3 Point VTA Adjuster, 01 J.A. Michell Record Clamp, 01 J.A. Michell De-Coupler Kit (desacoplador do braço), 01 J.A. Michell HR DC Never Connected Power Suply (bivolt), 01 braço Rega RB 303 com contrapeso original, 01 contrapeso de braço Isokinetic Isoweight Off Centre, 01 cápsula MC Ortofon Rondo Blue. Uma obra de arte sonora e de design. R\$ 20.000.

Rodrigo Moraes

rodrigopomarico@gmail.com



VENDO

- Set de válvulas casados e calibradas pela Air Tight, para os monoblocos ATM-3. Lacradas e sem nenhum uso. R\$ 4.000 (o pacote completo para os monoblocos).

- 2 cabos Transparent Audio - Power Link MM 2, de 1,5 m
R\$ 4.700 (cada)

Fernando Andrette

fernando@clubedoaudio.com.br

VENDO

AMPLIFICADOR INTEGRADO MCINTOSH MODELO MA7000

Adquiri este equipamento diretamente com o distribuidor oficial no Brasil e sou o único dono, inclusive tenho as embalagens originais, manuais e controle remoto. Estado de conservação 9/10, em perfeito estado visual e operacional.

- Potência 250 watts por canal
- Impedância saída caixas: 2, 4 ou 8 Ohms (Autoformer)
- Resposta de Frequência: de 20 Hz até 20.000 Hz
- Distorção Harmônica Total: 0,005%
- Pré de Phono
- Duas (2) Entradas Balanceadas
- Sete (7) Entradas RCA
- Uma (1) Entrada para Phono Vinil
- Sistema de proteção patenteado: Power Guard
- Saída para Pré Amplificador Externo
- Opções Stereo ou Mono
- Alimentação: 220 Volts / 60 Hz (pode ser modificado)
- Peso: 44 kg

R\$ 38.000.

Equipamento maravilhoso que proporciona uma audição muito agradável.

Paulo Guilherme

(11) 98326.0290

paulo.gcorrea@yahoo.com.br

fernando@coneaudio.com.br

Manual:

http://www.berniers.ch/McIntosh/Downloads/MA7000_own.pdf



VENDO

Sistema de som Grimm Audio LS1 - sem a primeira via, (sub-woofer).
R\$70.000

Fernando Alvim Richard

Tel.: (21) 9.9898.0566

coneaudio.far@gmail.com

fernando@coneaudio.com.br



VENDAS E TROCAS

VENDO

Toca-discos REGA P3 (Planar 3), com braço original Rega RB330.

Pouquíssimo uso, comprado novo há menos de 1 ano! Acompanha a caixa original e o manual.

Sobre o toca-discos:

O Planar 3 (P3) possui um novo braço, base e muitas outras revisões em relação à versão anterior (RP3).

Isso resultou em performance sonora marcante, além de ficar muito mais bonito. Ele tem apenas duas peças do RP3 anterior, o resto é tudo novo!

Especificações:

- novo braço RB330
- nova base de vidro Optiwhite 12 mm
- reforço de feixe mais espesso
- acabamento acrílico de alto brilho em preto ou branco
- subplastro redesenhado
- carcaça de rolamento principal redesenhada
- motor de 24V com novo PCB de controle de motor
- pode ser feito upgrade com o controlador de velocidade externo TT-PSU
- pés redesenhados
- contrapeso redesenhado

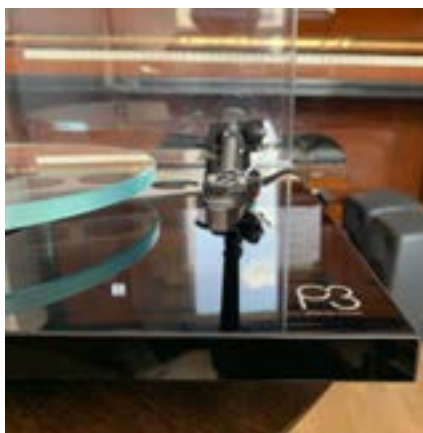
"Não é difícil perceber que o desenvolvimento de dois anos da Planar 3 valeu a pena. Para os nossos ouvidos, ele soa consideravelmente mais limpo e claro do que seu antecessor - o RP3. Há mais transparência aqui e mais resolução de detalhes também." (Whathifi)
<https://www.whathifi.com/regaplanar-3-elys-2/review#J5ecLu4iSB5r71Zu.99>

Obs: Não inclui a cápsula (Transfiguration Phoenix S)

Valor: R\$ 4.500

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com



VENDO

Cápsula Transfiguration Phoenix S

Motivo da venda: por ser tão boa, vou fazer o upgrade para o modelo topo da marca, a Proteus. Mesmo custando uma fração do valor da Proteus, a Phoenix é muito, muito próxima de sua "irmã mais velha" - uma barganha se compararmos performance X custo. A agulha é exatamente a mesma (Ogura PA) montada no mesmo cantilêver de bóro.

Trata-se de uma cápsula de bobina móvel (MC) de baixa saída (~0.4mV) e com 4 Ohms de impedância interna. Casa perfeitamente com a grande maioria dos prês de Phono MC. Na casa de um amigo - que também comprou essa cápsula por minha indicação - casou magnificamente bem com o setor de Phono interno do integrado Luxman L-590AX, com 100 ohm de impedância. A Phoenix S possui uma transparência única, excelente foco e recorte, muita velocidade e muita musicalidade. Assinatura Transfiguration. Muito mais próxima da Proteus do que diferença de preço possa indicar, acredite. Possui cerca de 150 horas de uso, sempre usada em toca-discos extremamente bem ajustado e sempre com discos limpos por meio de máquina com sucção a vácuo.

- Acompanha a caixa, manual e o conjunto de parafusos originais.

O valor pedido (US\$ 3.000) está bem abaixo do valor dessa cápsula, que é de US\$ 4.500 nos EUA. Faça os cálculos (frete, impostos, riscos).

Valor: R\$ 11.500

<https://www.soundstageultra.com/index.php/equipment-menu/500-transfiguration-phoenix-s-phono-cartridge>

Samy

(11) 98181.8585
waitzberg@gmail.com

SEU ENTRETENIMENTO GARANTIDO COM A UPSAI



Condicionador



Condicionador
Estabilizado



Módulo
Isolador



Imagens ilustrativas

criação: msdesigner@hotmail.com

 @upsai.official
www.upsai.com.br

vendas@upsai.com.br
11 - 2606.4100

